UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

MARIANA CHIRICO MACHADO HOLMS

"Um palestrante narrando slides": o sujeito autobiográfico esquivo em *Die Welt von Gestern* de Stefan Zweig

Versão Corrigida

São Paulo
2019

MARIANA CHIRICO MACHADO HOLMS

"Um palestrante narrando slides": o sujeito autobiográfico esquivo em *Die Welt von Gestern* de Stefan Zweig

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à área de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares
Coorientador: Prof. Dr. Helmut Paul Erich Galle

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço da Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

H747" Holms, Mariana Chirico Machado
"Um palestrante narrando slides": o sujeito autobiográfico esquivo em Die Welt von Gestern de Stefan Zweig / Mariana Chirico Machado Holms ; orientador Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares. - São Paulo, 2019.
154 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. Literatura alemã. 2. Autobiografia. 3. Memória. 4. Identidade 5. Exílio. I. Tavares, Pedro Heliodoro de Moraes Branco, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Mariana Chirico Machado Holms

Data da defesa: 26/03/2019

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Pedro Heliodoro de
Moraes Branco Tavares**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/09/2019

Nome: Holms, Mariana Chirico Machado

Título: “Um palestrante narrando slides”: o sujeito autobiográfico esquivo em *Die*

Welt von Gestern, de Stefan Zweig

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Ao meu irmão Eduardo,
que nunca nos falte coragem.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, pela escuta e paciência, pelas críticas sempre construtivas.

Ao Klemens Renoldner, que também me orientou nos meses intensivos de trabalho no Centro Stefan Zweig Salzburg e proporcionou a oportunidade inspiradora de vivenciar essa atmosfera de debate sobre a cultura e a literatura austríaca. À querida Eva Alteneder e aos pesquisadores e professores que me acolheram e estimularam no estágio de pesquisa, ao Prof. Arturo Larcati, à Elisabeth Erdem e à Martina Wörgötter, do Centro Stefan Zweig. À Anna Estermann, ao Clemens Peck, à Deborah Holmes e ao Prof. Werner Michler, da Universität Salzburg. À Verena Braschel, da Stadt:Salzburg Magistrat, Kultur, Bildung und Wissen.

À Profa. Juliana Perez e ao Prof. Jorge de Almeida, que me incentivaram a seguir o caminho da pesquisa.

Ao Sérgio Franco, sem o qual eu não poderia ouvir minha própria voz e realizar este trabalho de identificação e distanciamento com relação ao objeto de estudo, e à querida Esther Carrenho, cuja generosidade e sabedoria tocam sensivelmente a minha forma de ver a vida.

Aos amigos Gabriel Ruiz, Isabella Martino, Matheus Barreto, Patrícia Cretti e Yonara Dantas, pelo carinho e companheirismo e por me desafiarem sempre.

Aos meus pais e irmão, cujo amor e apoio eu reconheço com profunda gratidão.

A Deus, pelo ânimo, apesar do temor pelo mundo de hoje.

Canto de dissolução

*Sepultadas no tempo
deitam-se as coisas todas,
que já nem coisas são,
mas memória de coisas.*

*Sepultados no tempo
afundam-se os rostos
todos, ou quase todos,
e as datas, risos, gostos.*

*Sepultadas no tempo
jazem as nossas vidas,
num tempo em que não são
nem gozo nem ferida.*

*Sepultados, enfim,
no tempo, todos nós.*

*Onde não há nem feito,
nem pessoa, nem voz.*

Matheus Guménin Barreto (2017, p. 15)

RESUMO

HOLMS, Mariana Chirico Machado. “Um palestrante narrando slides”: o sujeito autobiográfico em *Die Welt von Gestern*, de Stefan Zweig. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa é dedicada ao livro *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers* (Póstumo 1942; *O mundo de ontem: memórias de um europeu*), do escritor austríaco Stefan Zweig. Com base no “pacto autobiográfico” (Lejeune), considera-se a obra um livro de memórias, em que são analisadas particularmente as afirmações feitas pelo autor no prólogo e a maneira como elas se realizam ao longo da narrativa. Será dada ênfase especial à oposição entre o princípio autobiográfico e a intenção do autor de retratar a época em vez de sua vida pessoal. A constituição do sujeito autobiográfico é comparada às concepções do sujeito de contemporâneos vienenses como S. Freud, A. Schnitzler e H. Bahr. Outros aspectos discutidos, a partir do livro memorialístico e das cartas de Zweig aos amigos, são a identidade como escritor, judeu, austríaco e europeu, a representatividade da sua vida, seu contexto geracional e os paralelos entre sua coleção de manuscritos e as pessoas incluídas na narrativa autobiográfica. De forma geral, a dissertação pretende fazer uma contribuição crítica para essa importante autobiografia da literatura do exílio.

Palavras-chave: Stefan Zweig; autobiografia; sujeito autobiográfico; memória cultural; identidade; exílio; século XX.

ABSTRACT

This research is dedicated to the book *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers* (Post 1942; *The World of Yesterday: Memories of a European*), by the Austrian writer Stefan Zweig. Based on the "autobiographical pact" (Lejeune) the work will be considered as a memoir, and the analysis will focus particularly on the author's statements in the prologue and the way they are performed by the narrative. Special attention will be paid to the opposition between the autobiographical principle and the intention of the author to portray his time instead of his private life. The constitution of the autobiographical subject will be compared with the subject conceptions of Viennese contemporaries such as S. Freud, A. Schnitzler and H. Bahr. Other aspects to be discussed, from the book and Zweig's letters to his friends, are the identity as a writer, Jew, Austrian and European, the representativeness of his life, his generational context, and the parallels between his collection of autographs and the persons included in the autobiographical narrative. In general, the dissertation intends to make a critical contribution to this important autobiography of exile literature.

Keywords: Stefan Zweig; autobiography; autobiographical subject; cultural memory; identity; exile; 20th Century.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Análise do Prólogo de <i>Die Welt von Gestern</i>	16
2.1 “Eu nunca atribuí tanta importância à minha pessoa que isso me seduzisse a contar aos outros as histórias da minha vida.”	17
2.2 “O tempo dá as imagens”	26
2.3 “O destino de uma geração inteira – nossa geração ímpar”	30
2.4 “Onde esses terremotos incidiram mais ferozes	42
2.5 “Contra a minha vontade eu fui feito testemunha”	58
2.6 “Tudo o que alguém esquece de sua própria vida, foi no fundo sentenciado por um instinto interior a ser esquecido.”	72
2.7 “Fragmento de verdade” (<i>Splitter Wahrheit</i>)	86
3. O sujeito autobiográfico esquivo	91
3.1 Subjetividade segundo os intelectuais anteriores a Zweig	91
3.2 Tensões pessoais: carreira, família, mídia e origem judaica	97
3.3 Natureza anfíbia: Joyce, Busoni e Schickele	117
3.4 Memórias de um autor-colecionador	128
4. Considerações finais ou “Por que se esconde?”	137
Referências	146

1. INTRODUÇÃO

O escritor austríaco Stefan Zweig, nascido em 28 de novembro de 1881 em Viena, é responsável por uma vasta obra amplamente lida até hoje e foi um dos escritores mais traduzidos de sua época. Quase oito décadas após seu suicídio em 23 de fevereiro de 1942 no exílio brasileiro em Petrópolis, Zweig permanece uma importante referência literária de expressão alemã do século XX.

Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers,¹ seu livro de memórias, foi publicado postumamente em 1942. Ainda hoje, trata-se de uma obra amplamente lida, traduzida em vários idiomas, e conta com reedições consecutivas. Um sinal do interesse que este livro suscita foi o lançamento da edição comentada pelo historiador Oliver Matuschek em 2017, que oferece ao leitor dados biográficos e bibliográficos que confirmam e complementam as afirmações de Zweig ao longo da obra ou divergem delas. A tradução mais recente da obra no Brasil, feita por Kristina Michahelles, recebeu o título “*Autobiografia: O mundo de ontem: memórias de um europeu*” (2014), com o acréscimo da classificação literária. A primeira tradução desta obra em português, feita por Odilon Gallotti, levava um título muito distante do original, conferindo ao relato um caráter mais pessoal do que o projeto memorialístico expressa: *O mundo que eu vi: minhas memórias* (1947).

No prefácio da última edição brasileira, Alberto Dines (2014a, p. 11), biógrafo de Zweig e fundador da Casa Stefan Zweig no Brasil, chama o sucesso atual do escritor de “‘zweigmania’ global” e “*revival*” no mercado literário e cultural. Dines ainda aponta como justificativa para a reedição do livro o fato da “autobiografia” oferecer ao leitor “os atributos essenciais” do seu autor. A capacidade de absorver o olhar do leitor e estimular infintas recriações que se valem dos registros e da atuação intelectual e artística desse homem é um dos aspectos mais marcantes para estudar a obra autobiográfica de Zweig. As últimas considerações de Zweig sobre sua trajetória de vida são um objeto de estudo que rende diálogos mais sofisticados sobre a personalidade do escritor e releituras sobre outros textos. Pois, segundo Philippe Lejeune (2014, p. 286), “ler a autobiografia de um escritor traz informações novas sobre ele como homem e como artista, abrindo um novo espaço de interpretação para uma leitura ou para uma releitura de seus outros textos”.

¹ Reproduzimos o título do livro segundo a grafia da edição comentada por Oliver Matuschek, lançada pela editora S. Fischer em 2017, em que a palavra “*gestern*” apresenta a primeira letra maiúscula.

Partimos, assim, do questionamento acerca da função que Zweig assume na tessitura de suas próprias memórias para investigar os aspectos relativos ao sujeito autobiográfico. Desde a abertura de seu livro de memórias, Zweig recusa abertamente o papel de protagonista dos episódios narrados. Embora o livro seja apresentado como uma autobiografia, o escritor deseja preservar sua intimidade e expõe, apenas indiretamente, aspectos pessoais de sua vida. Sua postura pode ser considerada esquiva, ao passo que o autor privilegia outras personalidades do âmbito cultural de sua época. Assim, analisaremos as personagens e os episódios apresentados pelo autor, no sentido de depreender como essa seleção contribui para o conhecimento acerca da sua perspectiva e posicionamento particulares. Interessam-nos, sobretudo, os momentos em que o escritor se refere a outras personalidades de seu tempo, em quem ele projeta seus ideais artísticos e valores morais, pois elas norteiam a confecção da obra memorialística.

No primeiro capítulo analisaremos sistematicamente o Prólogo da perspectiva do pacto autobiográfico (Lejeune, 2014), segundo a ordenação do texto e os pontos que consideramos mais relevantes na estruturação do projeto autobiográfico de Zweig. Procuramos depreender deste paratexto quais seriam os objetivos declarados pelo autor e as orientações que ele presta ao leitor sobre o restante do livro. Verificamos ainda a relação do prólogo com desenvolvimento do livro e com seu processo de confecção, evidenciado nas cartas do escritor entre 1939 e 1941.

Na primeira frase do Prólogo, o autor declara qual seria a relação dele consigo mesmo. Ele inicia o livro negando sua importância pessoal, que poderia ser considerada a razão pela qual um livro autobiográfico é escrito. Vamos problematizar a visão de Zweig sobre si mesmo no livro e contrastá-la com dois textos de caráter autobiográfico, uma carta que marca o início de sua carreira literária em 1901 e um relato publicado em jornal em 1914, logo antes do escritor alcançar o auge de sua fama (2.1). Neste trabalho trataremos do efeito suscitado pela retórica de Zweig em relação ao tempo, designado por Claudia Metzler (2012, p. 78) de “entendimento mítico da história” [*“mythisches Geschichtsverständnis”*], envolvendo os conceitos de “história” e ao “destino” (2.2). O destino seria, de acordo com o autor, o objeto da sua narrativa, mas o destino coletivo, não pessoal do escritor. Elaboramos, assim, um levantamento das referências artísticas e intelectuais citadas no livro para ponderarmos qual seria a geração retratada pelo escritor (2.3). Zweig atribui a si uma posição de responsabilidade e de representação de determinadas características, funções e ideais, a saber, “austríaco, judeu, escritor, humanista e pacifista” (ZWEIG, 2014, p. 13); tais traços de identificação faziam dele uma

pessoa odiada e perseguida pelo governo nazista. Antes do início do regime nazista, os diferentes aspectos da identidade do escritor quanto à sua origem e nacionalidade não representavam um problema; a partir do exílio, Zweig se sente desenraizado e não encontra uma forma de adaptação possível em sua condição. Assim, por exemplo, o escritor que se considerava não apenas um representante da cultura austríaca, mas sobretudo da cultura europeia, passa a ser visto no seu exílio inglês como “inimigo”; por outro lado, o judeu que se identifica com a burguesia cosmopolita, agora se torna um refugiado, mas não se vê como tal. Nesse sentido, apontaremos os abalos que o exílio causou à sua identidade (2.4). O escritor assume também a responsabilidade de narrar sua história com o intuito de deixar um testemunho para as gerações futuras. Com base nas questões formais da situação que envolve um testemunho, analisamos se esta classificação seria apropriada com relação aos episódios narrados na obra (2.5). Associada à questão do testemunho, está a forma como Zweig trata suas memórias. Memórias ou recordações [*Erinnerungen*] são um termo contido no subtítulo da obra, consideramos sua importância e propomos neste trabalho uma análise da atitude do autor diante do que ele considera passível de ser rememorado ou esquecido e indagamos qual seria o papel das memórias na garantia da autenticidade de um relato autobiográfico (2.6). Ao fim do Prólogo, Zweig utiliza uma expressão retórica de humildade: a possibilidade de transmitir ao menos um “fragmento de verdade” que daria sentido à vida de Zweig e de sua geração (ZWEIG, 2017a, p. 14; 2014, p. 17). Esse fragmento, comparado à amplitude do título, consiste na tensão principal da narrativa memorialística: uma partícula pessoal (um relato) que reconstituiria e revelaria uma realidade totalizante, um mundo complexo e multifacetado. Consideramos a ideia de fragmento como uma metáfora do empreendimento autobiográfico de Zweig, quando aproximado de uma cena bastante poética e significativa: a coleta dos fragmentos do palco destruído do antigo Burgtheater vienense pelos seus frequentadores (2.7).

Die Welt von Gestern, além de ser um livro que resgata as lembranças do autor acerca de seu tempo e de sua identidade, também quer preservar uma imagem ideal de Stefan Zweig como escritor. Por isso, apresentaremos no segundo capítulo aspectos relativos à postura e à construção da carreira literária.

Passaremos por uma breve contextualização do debate fomentado por contemporâneos de Zweig entorno da noção de sujeito. Observaremos em que medida Zweig se distancia das ideias de Sigmund Freud, Arthur Schnitzler e Hermann Bahr, intelectuais admirados e citados pelo escritor (3.1). Trataremos das colocações de Zweig

acerca da busca por conquistar uma posição de prestígio social, refletindo sobre o relato da família, do público consumidor e dos veículos de autopromoção que havia na sociedade em que ele estava inserido (3.2). Salientamos a escolha de Zweig por retratar brevemente três artistas de seu tempo que lhe causaram comoção e com os quais o escritor se identifica. Zweig congrega esses três (e a si mesmo) dentro da natureza que ele chama de “anfíbia”. São personalidades que habitam e se expressam em um entre-lugar, nutrem determinada cultura e se alimentam de outra, sem que fosse possível separá-las. A qualidade de “anfíbio” complementa a questão dos traços de identificação apontados na análise do Prólogo (3.3). Por fim, propomos uma análise de um ideal de composição muito peculiar de Zweig: a coleção. A configuração de uma coleção, a composição de um todo a partir de itens menores com singular importância, é um modo que guarda semelhanças com a configuração da rede de amigos do escritor e com sua obra autobiográfica. Sobretudo o ensaio de Zweig “*Die Autographensammlung als Kunstwerk*” (1959) nos mostra que a ideia de composição de uma coleção serviria como modelo de autoria no caso do livro de memórias, pois o colecionador seria o artista que expressa, por meio da seleção e aquisição de determinados itens, sua personalidade e sua visão de mundo (3.4).

Este trabalho baseia-se nas proposições teóricas de Philippe Lejeune (2014) acerca do *Pacto autobiográfico* (2014), que trata das tensões entre identidade, autenticidade e semelhança na autoria de uma obra autobiográfica. A tese *O gênero autobiográfico: Possibilidade(s), particularidades e interfaces* (2011) e o artigo “*Die Welt von Gestern als Autobiographie, Memoirenwerk und Zeugnis*” (2018), ambos de Helmut Galle, são fundamento para a discussão da problemática do enquadramento de *Die Welt von Gestern* dentro dos gêneros literários autobiográfico, testemunhal ou memorialístico.

As biografias que auxiliaram no processo de compreensão das características e contradições pessoais de Stefan Zweig foram as obras *Stefan Zweig. Drei Leben – Eine Biographie* (2006), de Oliver Matuschek, e *Morte no Paraíso: a tragédia de Stefan Zweig* (2012), de Alberto Dines. Quanto às reações de intelectuais, próximos ou distantes, contemporâneos de Zweig, as coletâneas de relatos e cartas organizadas por Hanns Arens (1956) e Erich Fitzbauer (1959) foram essenciais, assim como as coletâneas de cartas organizadas por Richard Friedenthal (1984) e Knut Beck (1995; 2005) que tornaram acessíveis os comentários de Zweig acerca do processo de composição do livro, seus títulos e a forma como o escritor apresentava seu projeto autobiográfico aos amigos. Carl Schorske (1981; 2000) e Jacques Le Rider (1992; 2018) são importantes referências

quanto à investigação do panorama vienense na virada do século XIX para o XX. Além deles, Leo Spitzer (2001) fornece uma análise detalhada sobre a história da família Zweig como paradigma do processo de assimilação vivido pelas famílias burguesas de origem judaica em Viena.

*

O desenvolvimento deste trabalho foi beneficiado grandemente com a iniciativa dos Profs. Drs. Juliana Perez e Pedro Heliodoro Tavares, ao organizarem um Congresso Internacional intitulado *Stefan Zweig: Projeto do Exílio*, realizado em outubro de 2017 na Universidade de São Paulo, em parceria com a Casa Stefan Zweig (Petrópolis), o Stefan Zweig Centre Salzburg, a Embaixada Austríaca e o DAAD. A multiplicidade de pesquisas, tanto de acadêmicos brasileiros quanto da comissão austríaca vinculada às universidades de Salzburg e de Viena, proporcionou uma ampliação da perspectiva de condução desta pesquisa. Decorrente da colaboração entre os docentes da USP e os pesquisadores do Stefan Zweig Centre, ter sido contemplada com a Bolsa Stefan Zweig 2018 foi algo absolutamente decisivo para a pesquisa devido à possibilidade de coleta de material, de diálogo com pesquisadores experientes e acesso aos debates acerca de intelectuais contemporâneos de Zweig. Tudo isso ofereceu uma visão mais ampla e, especialmente, mais crítica sobre a obra do escritor. Também as publicações realizadas pela Stefan Zweig Centre foram fundamentais, sobretudo, o *Stefan-Zweig-Handbuch*, cujos artigos oferecem ancoragem e uma mapa de referências e temas fundamentais na obra de Zweig, particularmente os textos de Klemens Renoldner, Alexandra Millner, Deborah Holmes e Helmut Galle. Os textos deste manual, certamente, repercutirão novas pesquisas na área.

Eu não poderia deixar de mencionar aqui a oportunidade inspiradora de encontrar Alberto Dines, em 2015, para uma conversa tão generosa e rica em dados e impressões sobre a vida de Stefan Zweig. Ao final da entrevista, concedida a Bárbara Barroso e a mim, ele nos disse “levem isso adiante”. Estas palavras me motivaram desde então.

2. ANÁLISE DO PRÓLOGO DE *DIE WELT VON GESTERN*

Em Londres, 20 de junho de 1939, Stefan Zweig envia uma carta ao seu amigo Felix Braun, indicando que logo começaria a fazer anotações para um livro de memórias. Zweig o caracteriza como *Abgesang* (a última estrofe de um poema, também chamada em francês de “*adieu*”). Este canto de adeus tematizaria, segundo a intenção do autor, o ápice da “cultura burguesa-austriaco-judaica” marcada por Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler e Freud.² Dois anos depois, em 17 de setembro de 1941, Zweig registra a conclusão do livro na carta enviada de Petrópolis à sua primeira esposa, Friderike Maria Zweig,³ mas informa que levaria mais um mês para corrigir e intensificar o que ele chamou, por fim, de *Autobiographie*. Em 20 de outubro do mesmo ano, Zweig escreve e anuncia a finalização do livro a Victor Wittkowski.⁴

O período de escrita dos capítulos do livro memorialístico, do corpo do texto, se deu entre junho de 1939 e setembro de 1941, coincidindo com os primeiros anos da Segunda Guerra. O Prólogo (*Vorwort*) de *Die Welt von Gestern* foi escrito provavelmente entre setembro e outubro de 1941, junto da revisão da obra. Stefan Zweig estabeleceu como o final da narrativa de seu livro memorialístico o primeiro dia da Segunda Guerra. Justamente neste período, ele começou a desenvolver seu projeto autobiográfico. O livro começou a ser escrito a partir do evento que marca o fim da narrativa e foi concluído cinco meses antes do duplo suicídio cometido pelo escritor junto de Charlotte Altmann, sua segunda esposa, em 22 de fevereiro de 1942. As memórias foram publicadas postumamente, no mesmo ano da morte do escritor.⁵

Neste capítulo da dissertação, analisaremos as colocações do Prólogo com relação ao desenvolvimento e à finalidade do livro. A função do Prólogo é orientar o leitor sobre os pressupostos, as intenções do autor e o propósito do livro. Tais declarações, contudo,

² “Ich will selbst einmal ein solches Buch schreiben, nicht als Autobiographie, sondern als Abgesang jener österreichisch-jüdisch-bürgerlichen Kultur, die in Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler, Freud kulminierte” (ZWEIG, 2005a, p. 250) [“Eu mesmo desejo escrever um livro assim, não uma autobiografia, mas uma estrofe de adeus à cultura burguesa-austriaco-judaica que culminou em Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler, Freud. (Tradução nossa)"].

³ Ibidem, p. 315.

⁴ Ibidem, p. 318.

⁵ *Die Welt von Gestern* foi simultaneamente publicada em português, inglês, espanhol e alemão em 1942, respectivamente pelas editoras Guanabara (Brasil), Viking Press (Estados Unidos), Editorial Claridad (Argentina) e Bermann-Fischer Verlag (Suécia). Esta última se encontrava sediada em Estocolmo entre 1942 e 1948 (LETTNER, 2018, p. 909) por conta do contexto político alemão e austriaco e da Segunda Guerra Mundial (BUCHINGER, 2018, p. 899).

precisam ser verificadas.⁶ Em primeiro lugar, será questionado o papel que Zweig pretende assumir na sua narrativa memorialística (2.1). Depois investigaremos a ideia que Zweig cultiva acerca do “tempo” neste prólogo (2.2). Relacionados aos conceitos de história e época, os conceitos-chave de destino e geração serão analisados, a partir da configuração peculiar de Zweig no livro (2.3). Além disso, será colocada em questão a autoridade com a qual o escritor pretende falar sobre a sucessão de eventos históricos e representar determinados grupos (2.4). Atrelada a este aspecto está a pergunta do gênero testemunhal, que discutiremos em seguida (2.5). Também serão problematizadas as colocações do autor acerca da memória e a sua noção de esquecimento na obra (2.6). Ao final deste capítulo, tomaremos a expressão retórica “fragmento de verdade” do Prólogo como metáfora para interpretar a composição da obra memorialística (2.7).

2.1 “Eu nunca atribuí tanta importância à minha pessoa que isso me seduzisse a contar aos outros as histórias da minha vida.”⁷

Stefan Zweig inicia a apresentação de seu livro de memórias com a relativização de sua importância pessoal, indicando ao leitor que ele jamais teria considerado fazer da sua história de vida um objeto literário. “Ich habe meiner Person niemals so viel Wichtigkeit beigemessen, daß es mich verlockt hätte, anderen die Geschichten meines Lebens zu erzählen” (ZWEIG, 2017a, p. 9).⁸ Com a primeira frase do livro memorialístico, o escritor chama a atenção do leitor para a mudança circunstancial que teria feito Zweig tomar sua biografia como base para uma obra extensa.

O contraste radical entre o mundo anterior, considerado positivo, e o mundo atual, marcado pela destruição da guerra, é um importante aspecto que motivaria o escritor a iniciar um projeto autobiográfico. Este hiato acarretou a necessidade de um relato pessoal, que seria urgente e provocado por força maior:

⁶ Lejeune discute seu ensaio fundador, de 1975, no texto *O pacto autobiográfico (bis)* (1986). Nele, aponta-se a influência sedutora do Prólogo na leitura da autobiografia e consta um alerta sobre o duplo processo deste contrato: “Sucumbindo ao charme dos prólogos de autobiografias, imaginei sob a forma de um contrato único um duplo processo: o compromisso e o sistema de apresentação escolhido pelo autor e o modo de leitura escolhido pelo leitor.” (LEJEUNE, 2014, p. 66). Na revisão da sua proposta, Lejeune indica três pontos para que a descrição desta relação entre autor e leitor seja mais refinada: 1. a possibilidade da autobiografia pertencer a dois sistemas, ao referencial real e ao sistema literário, que simula o primeiro sistema; 2. a possível defasagem entre a intenção inicial do autor e a intenção atribuída pelo leitor; 3. a coexistência de diferentes leituras e interpretações do contrato (Ibid., p. 67).

⁷ ZWEIG, 2017a, p. 9 (Tradução nossa)

⁸ “Nunca atribuí tanta importância a mim mesmo a ponto de ficar tentado a contar a outros as histórias da minha vida.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

[...] Viel mußte sich ereignen, unendlich viel mehr, als sonst einer einzelnen Generation an Geschehnissen, Katastrophen und Prüfungen zugeteilt ist, ehe ich den Mut fand, ein Buch zu beginnen, das mein Ich zur Hauptperson hat oder – besser gesagt – zum Mittelpunkt. (ZWEIG, 2017a, p. 9).⁹

Como se vê, Zweig considerou imperioso o caráter do contexto histórico em que estava inserido, de modo que teria sido impelido a elaborar um projeto autobiográfico. O verbo “*müssen*” (repetido mais de 270 vezes no livro) não significa simplesmente “precisar”. Na língua alemã, ele indica que uma ação é mandatória, imprescindível e, em outras palavras, a colocação do escritor significa “muita coisa teve que acontecer”, “muita coisa precisou acontecer” para que ele se propusesse a contar a sua história. Nesse excerto, os acontecimentos históricos são mencionados de forma muito vaga, tampouco o escritor cogita refletir sobre as suas causas. Além disso, a colocação também dá a entender que estes fenômenos seriam independentes das ações humanas, incontornáveis e impossíveis de serem evitados. Assim, Stefan Zweig trata os acontecimentos de sua época como se fossem produto de uma força determinante superior e, aparentemente, externa aos processos históricos e sociais.

Mesmo sem compreender esses acontecimentos, como o escritor admite em outro texto da mesma época,¹⁰ somente ao vivenciar “eventos, catástrofes e provações”, Zweig teria reconhecido a importância de escrever sobre si e sobre sua geração. A palavra “provação”, de cunho religioso, reforça a ideia da arbitrariedade das circunstâncias, da ação divina sobre alguém ou um grupo, para que a fidelidade deste seja testada nas condições adversas. Isso está tão presente na escrita memorialística zweiguiana que, em setembro de 1941, um dos títulos cogitados pelo autor chegou a ser “*Gepüfte*

⁹ “Foi preciso acontecer muita coisa, infinitamente mais do que costuma ocorrer numa única geração em termos de eventos, catástrofes e provações, para que eu encontrasse coragem para começar um livro cujo protagonista – ou menor, centro – sou eu mesmo. (ZWEIG, 2014, p. 13)

¹⁰ Após concluir o projeto autobiográfico, Stefan Zweig se dedicou a alguns projetos paralelos: especialmente, o perfil biográfico de *Montaigne* e a novela *Xadrez*. Os dois textos possuem aspectos autobiográficos. Zweig justifica sua escolha por retratar Montaigne, referindo-se várias vezes à sua clarividência em relação à época em que vivera. O autor sugere que Montaigne transmitia uma melhor compreensão do tempo que serviria e explicaria com mais clareza o que se passava no século XX do que ele próprio seria capaz de compreender. No manuscrito que se encontra no *Literaturarchiv* da Universidade de Salzburg, há um comentário suprimido na edição publicada: “hier. [in Montaigne] ist gesagt und gedacht, besser als ich sagen und denken konnte, was mich in meiner Zeit bewegt.” (ZWEIG, 1942, p. 8) [“aqui [em Montaigne] se diz e se pensa, melhor do que eu pude dizer e pensar, o que me sensibiliza no meu tempo” (Tradução nossa)]. Já no texto publicado pela Fischer Verlag, permaneceu outra citação semelhante: “Hundertmal, von Blatt zu Blatt, wenn man Montaigne aufschlägt, hat man das Gefühl nostra res agitur [unsere Sache wird verhandelt], das Gefühl, hier ist gedacht, besser und klarer, als ich es selbst sagen, und deutlicher, als ich es denken konnte, was die innerste Sorge meiner Seele ist in dieser Zeit.” (ZWEIG, 2005a, p. 16). [“Centenas de vezes, quando se folheia Montaigne, temos a sensação *nostra res agitur*, trata-se de nós; a sensação de que ali se pensou muito melhor do que eu próprio poderia dizer sobre o que é a preocupação mais íntima da minha alma nesse tempo.” (ZWEIG, 2013, p. 24)].

Generation".¹¹ Esta alternativa para o título manifesta a perplexidade de Zweig e reforça seus questionamentos pessoais presentes no último capítulo do livro, em que o autor compara seu destino ao de Jó, personagem bíblico marcado pela privação completa de todos seus bens e seres amados.¹²

Ao longo de sua vida, Zweig escrevera outros textos autobiográficos menores, tematizando sua vida de forma positiva. Eles esboçam diferentes fases em que o escritor precisava se introduzir ou se afirmar no meio literário, apresentando aspectos afins à obra memorialística: uma carta escrita aos vinte anos de idade (1901) e um artigo de jornal publicado antes de Zweig completar trinta e dois anos (1914). No primeiro texto, por exemplo, Zweig enfatiza sua expectativa e sua dúvida com relação ao futuro profissional na literatura, já no segundo, ele expressa satisfação com sua opção pela carreira de escritor, pois começa a se estabelecer e cativar a fidelidade dos leitores.

A carta fora escrita em 10 de dezembro de 1901, endereçada a Karl Emil Franzos, escritor, poeta e também um importante jornalista austríaco que ajudou Zweig a publicar seus primeiros poemas e aforismos nos *feuilleton* de Viena. Na carta, Zweig agradece o interesse do poeta por sua pessoa e diz ter vinte e um anos quando, na verdade, teria acabado de completar vinte anos. A idade incompatível com a sua ilustra algo que o próprio Zweig comenta em *Die Welt von Gestern*: o grande esforço dos jovens para serem considerados ou aparentarem ser mais velhos e, conseqüentemente, mais respeitáveis na sociedade vienense.

Ich muss Ihnen heute aus vollem Herzen danken für das lebhafteste Interesse, das Sie an meiner Person und meinem Schaffen nehmen. [...] Ob darin [in Literaturgeschichte] aber meine Zukunft liegen wird, weiß ich noch nicht; jedenfalls werde ich auf einen frühen Gelderwerb nie angewiesen sein. Aber auch in der Literatur sehe ich keine rechte Zukunft. Journalismus in der Form, wie er in Wien ausgeprägt ist, ist mir verhaßt, die Litteraten selbst sind nicht allzu sympathisch, obzwar ich mit dem meisten sehr gut bin. [...] Ich sehe noch kein rechtes Licht für meine Zukunft und bemühe mich nicht allzu sehr [...] aber wenn ich von Wien weggehe, so spielt bei mir eben die Furcht mit, zu tief in die Literatur zu kommen. Und ich bezweifle, daß ich Talent genug habe, um einen so entscheidenden Sprung wie ins Nurlitteratenthum wagen zu können. Günstige Kritiker über mein Buch hätte ich ja genug,

¹¹ Cf. Carta de Stefan Zweig a Alfredo Cahn, exilado na Argentina, tradutor dos livros de Zweig, escrita em 19 de setembro de 1941, enviada de Petrópolis: "Was mir hauptsächlich fehlt, ist ein Titel, ich denke an 'Geprüfte Generation' oder einfach 'Wir' oder 'Ein Leben für Europa' oder 'Vida de un Europeo'. Fast scheint mir das letzte das Beste." (ZWEIG, 2005a, p. 317) ["O que me falta principalmente é um título, eu penso em 'Geração provada' ou simplesmente 'Nós' ou 'Uma vida pela Europa' ou 'Vida de um europeu'. O último quase me parece o melhor." (Tradução nossa)].

¹² Seria interessante comparar a ideia de provação com outros textos de Zweig, como a peça teatral *Jeremias* (1917), e até com textos de outros autores da época, como Joseph Roth, no entanto, isso fugiria ao escopo deste trabalho.

aber ich traue dem nicht. Und dann – mein ewiger Refrain – ich habe dazu noch immer Zeit. (ZWEIG, 1959, p. 19-20).¹³

Na carta, o jovem hesita em decidir-se pela carreira de escritor por não ver “futuro certo” nem “luz certa” na literatura. Ele expressa também seu aborrecimento com o jornalismo vienense e despreza os escritores, chamando-os de “*Litteraten*” (algo como amadores, diletantes ou de menor qualidade). Isto demonstra uma postura, a princípio, audaciosa da parte de Zweig, já que seu interlocutor era jornalista e escritor, no entanto, Zweig reitera seu apreço em relação a Franzos, criando uma distinção entre seu interlocutor e os jornalistas e escritores que o jovem desdenha na carta. Zweig confessa seu pavor [*Furcht*] de deixar Viena para mergulhar na atividade literária. Na carta, observamos que Zweig considera a literatura algo incerto e que deixar sua cidade natal em função da carreira seria algo inconcebível para ele naquela época. Os comentários negativos em relação à literatura também demonstram a ansiedade do jovem Zweig e estariam ligados à expectativa de status elevado que sua família burguesa pudesse alimentar com relação aos filhos.

Em 15 de novembro de 1914, Stefan Zweig publica no jornal *Das literarische Echo*, de Berlim, um “Esboço autobiográfico” [*Autobiographische Skizze*]. Nele, o autor apresenta uma imagem positiva do momento de vida e manifesta absoluta satisfação com sua carreira. A partir disso, o escritor começa seu percurso de ascensão profissional, alcançando grande sucesso na década seguinte com o lançamento das coletâneas *Amok* (1922) e *Verwirrung der Gefühle* (1927).¹⁴ Neste esboço autobiográfico, Zweig fala de

¹³ “Eu preciso agradecê-lo de todo o coração pelo vivo interesse que o senhor demonstrou pela minha pessoa e pelos meus feitos. [...] Se nisso [na história de literatura], porém, estará o meu futuro, eu ainda não sei; em todo caso, eu jamais me encarregarei de um ganho monetário precoce. Mas também na literatura eu não vejo nenhum futuro certo. O jornalismo, na forma como é manifesto em Viena, me é odioso, os literatos mesmo não são de todo simpáticos, apesar de eu seja muito bom com a maioria deles. [...] Eu não vejo uma luz certa para o meu futuro e não me esforço muito para isso [...] mas, se eu fosse embora de Viena, então age em mim justamente um pavor de chegar muito fundo na literatura. E eu duvido que eu tenha talento o suficiente para eu poder ousar um salto decisivo no fazer exclusivamente literário. Eu teria críticos favoráveis ao meu livro, mas eu não confio nisso. E depois – meu eterno refrão – eu ainda tenho muito tempo.” (Tradução nossa).

¹⁴ “Die beiden Novellenbände *Amok* und *Verwirrung der Gefühle* sorgen für sensationelle Auflagen und für eine enorme Zahl von ebenso erfolgreichen Übersetzungen. Dass Zweig in der zweiten Hälfte der 1920er Jahre zu den meistübersetzten deutschsprachigen Schriftstellern zählt, hat insbesondere mit diesen beiden Novellen-Bänden zu tun, in der Folge aber auch mit den *Sternstunden der Menschheit* und den historischbiografischen Studien über Joseph Fouché und Marie Antoinette, die ebenfalls in mehreren Sprachen große Erfolge feiern.” (RENOLDNER, 2018, p. 23) [Ambos volumes de novelas *Amok* e *Confusão de sentimentos* renderam tiragens sensacionais e um número enorme de traduções igualmente bem-sucedidas. Que Zweig na segunda metade da década de 1920 contava entre os escritores mais traduzidos de língua alemã, isso teve especialmente a ver com as duas coletâneas de novelas, seguidas também pelo *Horas estelares da humanidade* e os estudos histórico-biográficos sobre Joseph Fouché e Maria Antonieta, que também celebraram grande sucesso em mais idiomas. (Tradução nossa)].

sua produção como tradutor e comenta sua dedicação à obra do poeta belga Émile Verhaeren. Sua escolha teria sido motivada por uma convicção pessoal “religiosa”, pois Zweig enxergava no poeta um exemplo a ser seguido. Para Zweig, a conduta e os valores morais de um escritor seriam determinantes na apreciação de sua obra e até mais importantes do que a qualidade estética dos seus escritos:

Verhaeren war für mich eine Entscheidung. Ich meine damit nicht, daß ich seinen Vers nachahmte oder den Stil seiner Dichtung: er war mir wie Dehmel und Rilke viel bedeutsamer als moralisches Vorbild denn als literarisches und meine Übertragung, mein Eintreten für ihn dann eigentlich ein Akt religiöser Überzeugung. (ZWEIG, 1914, p. 200-201).¹⁵

A avaliação de Zweig é idiossincrática e revela sua idealização acerca da função que, na sua opinião, o escritor deveria desempenhar. Assim, desde o início de sua carreira até o fim dela, Zweig seleciona, recomenda e elogia poetas e intelectuais de seu tempo por sua atitude ética pessoal em detrimento daqueles que eram mais destacados apenas no âmbito estético. A admiração de Zweig por Rilke, por exemplo, se sustentou ao longo de toda a vida; de acordo com o *Esboço autobiográfico*, ela viria de uma consideração, a princípio, mais moral do que estética. A forma como o memorialista caracteriza Rilke mescla aspectos estéticos e morais, enfatizados pelo efeito que o poeta provocava no ambiente. Na composição de Zweig, o comportamento de Rilke expressa “esteticamente” a sua moral elevada, cuja presença chegaria até a transformar as pessoas que entravam em contato com ele. Em *Die Welt von Gestern*, Zweig descreve os gestos e a voz de Rilke, como se estes aspectos físicos refletissem as qualidades morais e estéticas do escritor.

Denn sein Verhaltensein schwang aus als eine geheimnisvoll fortwirkende, eine erziehlche, eine moralische Kraft. Nach jedem längeren Gespräch mit ihm war man für Stunden oder sogar Tage unfähig irgendeiner Vulgarität. Freilich setzte anderseits diese ständige Temperiertheit seines Wesens, dieses Nie-sich-voll-geben-Wollens jeder besonderen Herzlichkeit eine frühe Grenze; ich glaube, daß nur wenige Menschen sich rühmen dürfen, Rilkes ›Freunde‹ gewesen zu sein. (ZWEIG, 2017a, p. 161-162).¹⁶

Zweig comenta aqui a distância que Rilke impunha às pessoas ao seu redor e a ênfase no restrito número de pessoas que poderiam se dizer “amigas” do poeta. Este

¹⁵ “Verhaeren foi para mim uma decisão. Eu não pretendia com isso imitar os seus versos ou o seu estilo de composição: ele era para mim como Dehmel e Rilke, muito mais significativo como modelo moral do que literário e minha tradução, minha opção por ele foi então praticamente um ato de convicção religiosa.” (Tradução nossa).

¹⁶ “Sua moderação atuava como uma força moral e educativa que continuava a agir misteriosamente. Depois de cada conversa com Rilke, uma pessoa se tornava incapaz de qualquer vulgaridade durante horas ou até dias. Claro, essa constante temperança do seu ser, esse nunca-querer-se-doar-inteira, logo impunha uma barreira a qualquer cordialidade; acredito que poucas pessoas podem se vangloriar de ter sido amigas de Rilke.” (ZWEIG, 2014, p. 137).

comentário induz o leitor a considerar Zweig um integrante desse grupo seletivo, já que o memorialista teria observado Rilke perto o suficiente para descrevê-lo com detalhes. Esta estratégia retórica de Zweig é essencial no funcionamento do livro de memórias, pois ela se repete na descrição da maioria das personalidades que, como Rilke, exercem um papel de representante do ideal artístico e moral que Zweig associa ao ápice da cultura europeia.

Nas memórias, os elogios de Zweig aos escritores Verhaeren e Rilke não objetivavam apenas incentivar o público leitor a conhecer suas obras, pois eles haviam sido difundidos nas décadas anteriores. Mas, o autor se preocupa especialmente com a permanência dessas referências no cânone literário e questiona se elas continuarão a ser valorizadas apesar da hostilização decorrente das guerras.¹⁷ Zweig contrasta a forma de vida e a moral elevada de outrora com a intolerância e o ódio do período que levou à Segunda Guerra. O memorialista manifesta sua preocupação íntima (*heimliche[] Sorge*) acerca da possibilidade das épocas futuras voltarem a produzir escritores como aqueles.

Ich frage mich deshalb auch immer wieder in einer Art heimlicher Sorge: werden auch in unseren Zeiten, in unseren neuen Lebensformen, die den Menschen aus jeder inneren Sammlung mörderisch hinausjagen wie ein Waldbrand die Tiere aus ihren verborgensten Verstecken, solche völlig der lyrischen Kunst verschworenen Seelen möglich sein?" (ZWEIG, 2017a, p. 158).¹⁸

Com isso, Zweig mostra que a menção destes nomes tem a função de reiterar seu juízo estético e de evitar que tais nomes sejam apagados e esquecidos. Quando Zweig escreve o Prólogo, meses antes de completar 60 anos, vemos que o escritor se incumbe novamente da tarefa de mediar (como na tradução) a experiência de uma geração passada, que já havia morrido ou se encontrava idosa e exilada, e a experiência dos jovens no tempo presente, bem como das gerações futuras. Além disso, dar reconhecimento às pessoas que passaram por sua vida é uma forma de cumprir com o compromisso firmado no início do Prólogo: não se colocar no centro na narrativa, mas se tornar um mediador entre o leitor contemporâneo e futuro e a cultura europeia pré-guerras, que o autor

¹⁷ "Ich weiß nicht, wieviel alle diese Dichter, Valéry, Verhaeren, Rilke, Pascoli, Francis Jammes, heute noch gelten, wieviel sie einer Generation sind, der statt dieser zarten Musik durch Jahre und Jahre das klappernde Mühlrad der Propaganda und zweimal der Donner der Kanonen die Ohren durchdröhnt." (ZWEIG, 2017a, p. 158-159). "Não sei quanto todos esses poetas, Valéry, Verhaeren, Rilke, Pascoli, Francis Jammes, ainda valem hoje, quanto valem para uma geração em cujos ouvidos ecoou por vários anos, em vez dessa suave música, o ruído da rosa do moinho da propaganda e duas vezes o troar dos canhões." (ZWEIG, 2014, p. 135).

¹⁸ "Não cesso de me perguntar também numa espécie de inquietação interior: será que nos nossos tempos, nas nossas novas maneiras de vida, que expulsam o ser humano criminosamente de qualquer recolhimento interior como o incêndio numa floresta expulsa os animais de seus esconderijos mais recônditos, poderão existir essas almas totalmente devotadas à arte lírica?" (ZWEIG, 2014, p. 134-135).

considera positiva, elevada e digna de ser preservada. No entanto, valorizar os amigos também serve como um recurso indireto de autovalorização, como veremos em 2.3.

É preciso salientar a tendência de Zweig à comparação com outras pessoas e à busca de equiparação com essas figuras superiores e idolatradas. Outro exemplo desta atitude é a passagem em que Zweig, quando jovem, compara seus primeiros versos com os poemas juvenis de Hofmannsthal e de Rilke. Segundo o julgamento de Zweig, o contraste com Hofmannsthal seria (*wäre*) humilhante, enquanto a justaposição dos seus versos com os de Rilke, que eram (*waren*) juvenis, produziam alguma esperança nos adolescentes aspirantes a poetas.

Rilke wiederum bedeutete uns eine Ermutigung anderer Art, die jene durch Hofmannsthal in einer beruhigenden Weise ergänzte. Denn mit Hofmannsthal zu rivalisieren, wäre selbst dem Verwegensten unter uns blasphemisch erschienen. [...] Rilke dagegen hatte zwar gleichfalls früh, mit siebzehn oder achtzehn Jahren, begonnen, Verse zu schreiben und zu veröffentlichen. Aber diese frühen Verse Rilkes waren im Vergleich zu jenen Hofmannsthals und sogar im absoluten Sinne unreife, kindliche und naive Verse, in denen man nur mit Nachsicht ein paar dünne Goldspuren Talent wahrnehmen konnte. (ZWEIG, 2017a, p. 70).¹⁹

Vale notar que Zweig utiliza o coletivo, a primeira pessoa do plural, “nós”, embora a fantasia de estar à altura dos grandes poetas possa ser considerada própria de Zweig, já que a postura de comparação é recorrente na narrativa memorialística. Ainda que Zweig se colocasse como inferior às referências mencionadas por ele, a comparação reforça um determinado sistema hierárquico de valores dentro do qual Zweig esperava ser visto pelo público.

A ideia de uma vida estética, visível no exemplo de Rilke, reflete a postura distante e elevada do escritor no seu livro de memórias. Não faltam especulações sobre o que teria levado Zweig a não expor sua vida pessoal ao público leitor em hipótese alguma em suas memórias. Segundo Ulrich Weinzierl (2015), haveria fatos potencialmente escandalosos na biografia do escritor que deviam permanecer ocultos: a sua orientação bissexual e a prática de exibicionismo quando jovem nos parques de Viena.²⁰ Isto, para Weinzierl,

¹⁹ “Já Rilke proporcionou-nos um encorajamento de outro tipo, que completava aquele de Hofmannsthal de um modo tranquilizador. Pois rivalizar com Hofmannsthal teria sido uma blasfêmia mesmo para o mais ousado entre nós. [...] Rilke, por sua vez, também começou a escrever e publicar cedo, aos dezessete ou dezoito. Mas em comparação com os de Hofmannsthal, e mesmo no sentido absoluto, esses primeiros poemas de Rilke eram imaturos, pueris e ingênuos, versos em que só por complacência podia-se perceber alguns traços dourados de talento. Foi só pouco a pouco, aos 22 e 23 anos, que esse poeta maravilhoso, idolatrado por nós, começou a ganhar personalidade; isso, para nós, representava um enorme consolo.” (ZWEIG, 2014, p. 63).

²⁰ Apenas Benno Geiger, nas suas memórias pessoais, escritas em 1958, registrou que Zweig, nos anos que antecederam a Primeira Guerra, teria revelado ao amigo uma “pequena perversão” sexual e praticava o exibicionismo. Aspectos que dificultam a comprovação disso são: a falta de mais documentos que reiterem

explicaria a postura discreta e esquiva de Zweig. Contudo, esta hipótese não seria suficiente para justificar a omissão completa das suas relações heterossexuais conjugais com Friderike von Winternitz e Charlotte Altmann, já que a informação sobre os casamentos teria servido para se reafirmar socialmente em face da moral sexual da época. Não teria sido necessário omitir todos os casos amorosos, a menos que houvesse outros motivos. Alberto Dines (2012) apontou o intrincado cenário de escrita do livro autobiográfico. A omissão destes relacionamentos viria da tensão do triângulo amoroso formado por Stefan Zweig, Lotte (sua segunda companheira, estenógrafa e secretária do escritor) e Friderike (sua primeira companheira, que teria ajudado o ex-marido a recordar os acontecimentos de 1919 a 1934, enquanto durou o casamento). Na perspectiva de Dines, Zweig encontrava-se em uma situação de escrita delicada na colaboração com as duas mulheres.²¹

Dois contemporâneos de Zweig, Hermann Kesten e Hannah Arendt observam a reserva do escritor, mas se atêm a fazer constatações em relação à sua postura no livro. Kesten (1956, p. 169) comenta:

Es ist ein stummes Buch seine Autobiographie mit dem verschwiegenen Privatleben. „Anonymität in jedem Betracht des Lebens ist für mich eine Notwendigkeit.“ Seine Autobiographie enthält keine Liebesgeschichte, keine Ehegeschichte, kaum ein paar verstreute Anmerkungen zu seinem Werk oder ein paar persönliche Anekdoten.²²

Kesten evidencia o “mutismo” do livro em relação à vida amorosa e conjugal de Zweig, citando uma frase da obra (ZWEIG, 2017a, p. 209; 2014, p. 176). Com o conhecimento pessoal que teve de escritor, Kesten (1956, p. 169) toma a liberdade de fazer uma especulação genérica, mas curiosa: “Allzu schamhaft fürchtete er sich vor dem Nackten. So hat er vielleicht nie ein wirklich nacktes, ganz aufrichtiges Wort geschrieben”.²³ Esta colocação marcaria o oposto da proposta ensaística de Michel de Montaigne,²⁴ a quem Zweig dedicou uma biografia logo após concluir a escrita do livro

as experiências exibicionistas de Zweig; a confecção tardia das memórias de Geiger, publicadas exclusivamente em italiano, e a presença ocasional de detalhes fantásticos e poemas integrados na sua narrativa. (MATUSCHEK, 2006, p. 284).

²¹ “[Stefan Zweig] Precisa da assessoria de Friderike para avivar lembranças, voltar ao Brasil para concluí-la e...” (DINES, 2012, p.431). “Friderike ao lado, triângulo remontado – equilátero, estável. Começam a trabalhar, a quatro mãos, nessa estranha autobiografia em que o autobiografado pouco aparece e o mundo em torno dele parece encerrado.” (DINES, 2012, p. 435).

²² “Sua autobiografia, com a vida privada silenciosa, é um livro mudo. ‘O anonimato em cada aspecto da vida é, para mim, uma necessidade.’ Sua autobiografia não contém qualquer história amorosa, conjugal, mal algumas anotações esparsas sobre a sua obra ou algumas anedotas pessoais.” (Tradução nossa).

²³ “Demasiado acanhado, ele se acovardava diante do nu. Assim, ele talvez nunca escreveu uma palavra verdadeiramente nua, completamente sincera.” (Tradução nossa).

²⁴ No Prólogo, Montaigne escreve ao leitor: “asseguro-te que teria com muito gosto me pintado por inteiro e totalmente nu.” (MONTAIGNE, 2010, p. 37).

de memórias. Kesten menciona ainda uma “*geheime Prüderie*” (pudicícia secreta) própria de Zweig, contrastando-o com o autor da biografia picante de Maria Antonieta.

Hannah Arendt, por sua vez, não teve contato direto com Zweig. Apesar disso, sua resenha crítica *Die Juden in der Welt von Gestern*²⁵ apresenta observações perspicazes (e duras) a respeito da personalidade do escritor baseadas na obra memorialística do austríaco. Ela reconhece a “modéstia pessoal” do autor, cuja discrição excessiva e desinteressante seria um disfarce de sua vaidade:

Gerade weil Zweig eine echte persönliche Bescheidenheit besaß und in seiner Autobiographie alles nur Persönliche diskret als uninteressant übergeht, wirken jene wiederholten Aufzählungen von berühmten Männern [...] besonders auffällig, ja wie eine Art exakten Beweises, daß selbst die besten unter diesen kultivierten Juden dem Fluch ihrer Zeit, der Anbetung des alles nivellierenden Götzen Erfolg nicht haben entgehen können. Alles differenzierte Empfinden [...] konnte jener komischen Eitelkeit nichts anhaben, welche alle bekannten Namen wahllos und ohne jedes Empfinden für Niveaudifferenzen zusammenstellte. (ARENDDT, 1976, p. 83).²⁶

A filósofa identifica a ambiguidade da escrita autobiográfica de Zweig: poupar o leitor de detalhes pessoais sobre si próprio, com a prerrogativa de discrição e modéstia pessoais, enquanto se congregam personalidades ilustres em primeiro plano, mas que só são mencionadas porque Zweig se relacionou com elas. Na visão de Arendt, o autor opta por um modo indireto de autopromoção, em que a falta de expressividade de Zweig, tanto da sua intimidade quanto de seu “nível” artístico, é compensada pelas anedotas e pela relevância estética e intelectual dos grandes nomes que ele cita ao redor de si. Desse modo, o relato no livro, visando à demonstração da importância dos judeus exemplares nas artes e nas ciências desenvolvidas da Áustria, asseguraria também a importância do escritor neste mesmo panorama. Ao equiparar-se aos ídolos mencionados no livro, o autor adota uma postura nostálgica e conservadora, compatível com a atmosfera cultural vienense estabelecida. Sua atitude esquiva e impessoal confere uma forma ensaística aos assuntos polêmicos, referindo-se à experiência da juventude em geral em vez da sua própria. Isto ocorre, por exemplo, com a caracterização da burguesia judaica em Viena, no capítulo “Die Welt der Sicherheit”, e os comentários acerca da prostituição e da

²⁵ Este texto de Arendt foi publicado em 1943 na revista *Aufbau*, periódico em língua alemã dirigido aos judeus exilados.

²⁶ “Justamente porque Zweig possuía uma verdadeira modéstia pessoal e, em sua autobiografia, tudo o que fosse estritamente pessoal se passa por desinteressante, as repetidas enumerações de homens famosos [...] criam um efeito particularmente extravagante, mesmo como um modo de comprovação exata de que os melhores entre os judeus cultos não puderam escapar da maldição do tempo, da adoração do sucesso nivelador de todos ídolos. Todo o sentido diferenciado pôde camuflar nada de tal estranha vaidade, que combinou nomes famosos aleatoriamente e sem qualquer sentido de diferença de nível.” (Tradução nossa).

homossexualidade, no capítulo “Eros Matutinus”, que desviam de associações com a experiência individual do escritor.

Sugerindo, na primeira frase das memórias, que sua vida não era, a princípio, tão importante para se tornar livro, o autor reafirma seu prestígio pessoal ao enumerar a quantidade de personalidades ilustres participantes de seus círculos sociais e pessoais.

2.2 “O tempo dá as imagens”²⁷

“Tu materia es el tiempo, el incesante
Tiempo. Eres cada solitario instante.”
(BORGES, 1983, p. 505)

A fala de Zweig no Prólogo, sugerindo que ele não seria protagonista da narrativa de sua vida afeta diretamente a forma como o autor representa o tempo, como ele revê o desenvolvimento cronológico de sua biografia. Nas memórias, ele afirma que seria “um palestrante narrando slides”, como indica o título desta dissertação: “Nichts liegt mir ferner, als mich damit voranzustellen, es sei denn im Sinne des Erklärers bei einem Lichtbildervortrag; die Zeit gibt die Bilder, ich spreche nur die Worte dazu” (ZWEIG, 2017a, p. 9).²⁸ Optando por não se autorretratar numa autobiografia, Zweig afirma que apresentaria imagens, “diapositivos” [*Lichtbildervortrag*], fornecidas pelo “tempo”. Sua tarefa como autor seria, nesse sentido, apenas legendar essas imagens. No excerto, o advérbio “*nur*” (somente) diminui o impacto da atividade autoral na escrita memorialística: “ich gebe nur die Worte dazu”, “eu apenas dou as palavras”. Assim, para o escritor, narrar suas memórias seria o mesmo que narrar imagens – algo paradoxal, pois tais imagens são, de antemão, concebidas e configuradas pelo próprio escritor. Ele sugere ao leitor que seu procedimento de escrita teria sido apenas uma reconstrução verbal de fotos preexistentes, como uma écfrase. Essas imagens, por sua vez, serviriam de evidência dos acontecimentos presentes no livro, capturas de instantes concretos e objetivos. Segundo seu apelo retórico, o tempo, na condição de uma “entidade” abstrata e superior, as teria criado, selecionado e fornecido ao autor para confeccionar seu livro.

No início do Prólogo, o tempo é a entidade abstrata que configura a palestra, enquanto o orador exerce o papel de mediador. O autor promete não expor de opiniões ou

²⁷ ZWEIG, 2017a, p. 9 (Tradução nossa).

²⁸ “Nada mais distante de mim do que me colocar em primeiro lugar, salvo como um palestrante que faz uma apresentação com dispositivos [*recte*: diapositivos. M.H]; o tempo fornece as imagens, eu me encarrego das palavras.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

percepções meramente subjetivas. Contudo, a distância objetiva do autor e a isenção de seu juízo de valor na composição desta obra são ideais impossíveis de serem seguidos pelo escritor na execução do seu projeto.

Em *Die Welt von Gestern*, o tempo não aparece só como fonte de dados para o relato memorialístico, mas também como uma força que age diretamente sobre o destino dos seres humanos. A epígrafe escolhida por Zweig simboliza a decisão do indivíduo de enfrentar esta entidade: “Begegnen wir der Zeit, wie sie uns sucht” (ZWEIG, 2017a, p. 8).²⁹ Este trecho fora extraído da tragicomédia shakespeariana *Cimbelyne*, nesta obra o protagonista da peça, o rei bretão Cimbelino, tem os filhos sequestrados e a filha desaparecida. Sofrendo em uma trama de perdas, usurpação do trono e guerra da Inglaterra contra Roma,³⁰ o monarca diz: “Let’s withdraw; and meet the time as it seeks us. We fear not [...]” (SHAKESPEARE, 1996, p. 1090). Zweig utiliza o drama elisabetano para expressar a sua necessidade pessoal de enfrentar o momento histórico, uma percepção diretamente ligada com a iniciativa de escrever uma obra memorialística. O tempo seria o antagonista do sujeito que para evitar o presente de guerra, violência e perdas, decide escrever sobre isso. Contudo, como discutiremos adiante, a escrita memorialística também é pautada pelo desejo de relembrar o refúgio e a segurança do passado. No último capítulo do livro, a epígrafe reaparece incorporada ao texto na voz de Zweig, citando Shakespeare para si mesmo.

»Begegnen wir der Zeit, wie sie uns sucht«, sagte ich mir mit Shakespeare. Will sie dich, so wehre dich, nahe dem sechzigsten Jahre, nicht länger gegen sie! Dein Bestes, dein gelebtes Leben, erfaßt sie doch nicht mehr. So blieb ich. Immerhin wollte ich meine äußere bürgerliche Existenz zuvor noch möglichst in Ordnung bringen, und da ich die Absicht hatte, eine zweite Ehe zu schließen, keinen Augenblick verlieren, um von meiner zukünftigen Lebensgefährtin nicht durch Internierung oder andere unberechenbare Maßnahmen für lange getrennt zu werden. (ZWEIG, 2017a, p. 459-450).³¹

Tomando a fala de Cimbelino, o escritor austríaco exclama a si mesmo que assuma sua desproteção e se deixe encontrar pelo destino, pois sua vida estaria acabada e não

²⁹ “Urge enfrentar o tempo como ele nos procura” (ZWEIG, 2014, p. 7). Ato IV, Cena III; tradução de Carlos Alberto Nunes.

³⁰ Na mesma cena, antes da fala selecionada por Zweig para sua epígrafe, Cimbelino expressa a circunstância que lhe causa angústia: “Imogen,/ The great part of my comfort, gone; my queen/ Upon a desperate bed, and in a time/ When fearful wars point at me; her son gone,/ So needful for this present: it strikes me, past/ The hope of comfort.” (SHAKESPEARE, 1996, p. 1090).

³¹ ““Urge enfrentar o tempo como ele nos procura”, disse a mim mesmo, citando Shakespeare. Se ele quer você, não se defenda mais contra ele e, perto dos sessenta anos! O que você tem de melhor, sua vida já vivida, ele já não pode tomar de você. Assim, fiquei. Em todo caso, ainda queria colocar em ordem a minha existência burguesa externa, e como tinha a intenção de me casar pela segunda vez, não queria perder um minuto sequer, para não ter que ficar separado muito tempo da minha futura companheira, fosse internado em algum campo ou por outras medidas imprevisíveis.” (ZWEIG, 2014, p. 382).

ofereceria nenhuma felicidade a mais pela frente. Buscando consolar-se disso, Zweig refugia-se na constatação de que os melhores anos de sua vida estariam a salvo do tempo e da destruição e nada poderia tirá-los dele. A partir do momento em que Zweig identifica a guerra como um marco em sua vida pessoal, o escritor teria começado a fazer anotações para uma obra autobiográfica, justamente para proteger seus melhores anos, registrando-os em um livro que permaneceria (e permanece) após a sua morte.

Zweig recria um cenário em que ele se encontra desprotegido e sujeito à ação do tempo. Este, por sua vez, assume o papel de uma entidade sobrenatural e onipotente, mas, em outras passagens, não passa da dimensão em que os indivíduos estão inseridos: “Wer immer durch diese Zeit ging oder vielmehr gejagt und gehetzt wurde [...], hat mehr Geschichte miterlebt als irgendeiner seiner Ahnen.” (ZWEIG, 2017a, p. 14).³² Aqui, o autor utiliza a voz passiva, focalizando um indivíduo genérico que sofre a ação de um agente não explicitado no texto. Zweig usa termos abstratos, ao se referir às guerras e à perseguição dos judeus pelo nazismo, optando pelas palavras “acontecimentos”, “eventos” e por palavras que caracterizam catástrofes naturais, prescindindo da ação humana. Como em outros trechos da obra e entrevistas concedidas no exílio, o escritor se abstém de nomear as ações dos nazistas, opta por não criticar ou responsabilizar os indivíduos com poder de influência. Mesmo as personalidades citadas no livro que foram ligadas ao antissemitismo e ao nazismo são mencionadas com ressalvas a respeito de seu caráter, de sua convicção e suas intenções.

Nesta configuração abstrata, Zweig não analisa a sociedade em que cresceu em relação aos problemas de sua época, especialmente no tocante à ascensão do antissemitismo e do totalitarismo. Isto não se deve apenas ao retrato do tempo como aquela força soberana, mas também à percepção do autor, para quem os tempos de ontem, anteontem e hoje pareceriam dissociados um do outro.³³

Para Hannah Arendt, a segmentação do tempo no livro entre anteontem (vida antes da Primeira Guerra), ontem (vida a partir da Primeira Guerra até o início da Segunda

³² “Quem quer tenha atravessado esse tempo, ou melhor, tenha sido perseguido e acossado através dele” (ZWEIG, 2014, p. 17).

³³ “So verschieden ist mein Heute von jedem meiner Gestern, meine Aufstiege und meine Abstürze, daß mich manchmal dünkt, ich hätte nicht bloß eine, sondern mehrere, völlig voneinander verschiedene Existenzen gelebt. Denn es geschieht mir oft, daß, wenn ich achtlos erwähne: ›Mein Leben‹, ich mich unwillkürlich frage: ›Welches Leben?‹ Das vor dem Weltkrieg, das vor dem ersten oder das vor dem zweiten oder das Leben von heute?” (ZWEIG, 2017a, p. 10-11) [“Tão diferente é meu hoje de qualquer dos meus ontens, minhas ascensões e minhas quedas, que às vezes me parece que não vivi uma única existência, mas várias, inteiramente diferentes entre si. Pois muitas vezes, quando digo, desatento, ‘minha vida’, sem querer me questiono: ‘Qual vida?’ A de antes da Guerra Mundial, a de antes da Primeira, a de antes da Segunda ou a vida de hoje?” (ZWEIG, 2014, p. 14)].

Guerra) e hoje (após o início da Segunda Guerra) distancia o sujeito da observação da continuidade histórica e suas implicações e prescindiria uma análise das causas e consequências nos processos históricos. Arendt (1976, p. 86) aponta o modo como Zweig representa o tempo: “Besser als dieser Fürsprecher [Zweig], der sich zeit seines Lebens um ihr [der Juden] politisches Schicksal nicht gekümmert hat, wußten sie, daß das Gestern mit dem Heute nicht so unverbunden ist.”.³⁴ E vê o desinteresse de Zweig pela política como algo presente na burguesia judaica, rica e aculturada, em geral.³⁵ Quanto a este grupo, Zweig critica brevemente o contexto em que nasceu, ele reconhece que a segurança, a estabilidade e a integração da burguesia judaica na cultura vienense não passava de um “castelo de sonho”, “sonho infantil” e “ilusão” (ZWEIG, 2017a, p. 21 e 44), como veremos sobretudo em 3.2.

Na obra, essas duas formas de representação temporal, tanto o tempo como agente ou o tempo segmentado em três fases, obscurecem a análise da relação entre as ações humanas e os “acontecimentos” da guerra. Em outras palavras, a falta de clareza na representação dos nexos causais existentes entre as diversas fases históricas isenta o sujeito autobiográfico de responsabilizar a própria geração pelas atitudes e decisões que tomaram.

A ideia de tempo no prólogo não é bem definida na obra. O próprio escritor constatou uma mudança da perspectiva temporal ao longo do processo de confecção do livro que diferia da sua ideia inicial de segmentação em três tempos, na carta ao seu editor da Viking Press, Benjamin W. Huebsch, escrita em Ossining (EUA), aproximadamente no final de julho de 1941. O plano do escritor era chamar a obra de “Minhas três vidas”, em que sua biografia seria narrada na forma de um tríptico, assim como o autor sugere no Prólogo. Segundo a carta de Zweig a Huebsch, a tendência do autor, na prática, foi narrar sua época criando uma continuidade:

I have dropped the title and idea of “Three lives”[.] *The book is now a single continuity* and it stops at the first day of the war. That means to find a new title and I rely a little on your qualities as “baptist”. I thought vaguely on “Europe was my life” or [a] somewhat similar [title]. (ZWEIG, 2005a, p. 310, grifo nosso).

³⁴ “Melhor que esse defensor [Zweig], que não se importou com o destino político deles [dos judeus], eles sabiam que o ontem não estava tão dissociado do hoje.” (Tradução nossa).

³⁵ “Hätten Juden jener West- und zentraleuropäischen Länder sich auch nur im mindesten um die politischen Realitäten gekümmert, sie hätten allen Grund gehabt, sich nicht gerade sicher zu fühlen.” (ARENDR, 1976, p. 79) [“Se os judeus dos países da Europa Ocidental e Central tivessem se importado o mínimo com a realidade política, eles teriam tido todo o motivo para não se sentirem seguros.” (Tradução nossa)].

Como o próprio Zweig nota, optando por um outro título definitivo, não é a sua própria vida (ou vidas) que está em jogo nas memórias e o tempo predominante no livro não é um tempo fragmentado, mas um tempo corrente. O recorte temporal do livro será o período específico em que o sujeito ainda podia se identificar com a Europa (de acordo com o título proposto também na carta, “Europe was my life”). Este período foi condensado em um enquadramento único chamado “ontem”, enquanto a Europa ganhou no título definitivo uma dimensão mundial: *Die Welt von Gestern, O mundo de ontem*.

2.3 “O destino de uma geração inteira – nossa geração ímpar”³⁶

“No te habrá de salvar lo que dejaron
Escrito aquellos que tu miedo implora”
(BORGES, 1983, p. 505)

Stefan Zweig manifesta no Prólogo que irá relatar experiências coletivas do seu contexto cultural. Para reforçar isso, ele se vale da primeira pessoa no plural no seu discurso. O autor destaca que, em vez do seu destino pessoal, sua obra trataria do destino coletivo, “de toda uma geração”, que teria crescido nas últimas décadas do século XIX e vivenciado a virada de século e as duas guerras mundiais: “und es wird eigentlich nicht so sehr mein Schicksal sein, das ich erzähle, sondern das einer ganzen Generation – unserer einmaligen Generation, die wie kaum eine im Laufe der Geschichte mit Schicksal beladen war.” (ZWEIG, 2017a, p. 9).³⁷ Zweig também frisa a sua unicidade dessa geração pela vivência das duas guerras mundiais e de uma efervescência artística, científica e intelectual da época, sugerindo que uma geração, tão complexa e multifacetada, fosse passível de ser representada em sua totalidade.

Nessa colocação de Zweig, o destino é um fardo que a sua geração teve de carregar (*beladen*). Mas, assim como o tempo, o destino surgirá como uma força arbitrária terrível, atuando sobre a vida dos indivíduos e reduzindo-os a objetos de um “jogo insaciável”, do qual não se consegue escapar. Zweig escreve: “Es gab kein Land, in das man flüchten, keine Stille, die man kaufen konnte, immer und überall griff uns die Hand des Schicksals und zerrte uns zurück in sein unersättliches Spiel.” (ZWEIG, 2017a, p. 13).³⁸ Com a

³⁶ ZWEIG, 2017a, p. 9 (Tradução nossa).

³⁷ “e nem será tanto a *minha* trajetória que pretendo contar, e sim a de uma geração inteira – nossa geração única, carregada de vicissitudes como poucas outras no curso da história.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

³⁸ “Não havia país onde pudéssemos nos refugiar, nenhuma tranquilidade que pudesse ser comprada, sempre e por toda parte a mão do destino nos agarrava e nos puxava de volta para o seu jogo insaciável.” (ZWEIG, 2014, p. 17).

imagem sádica do destino, Zweig sugere que haveria uma vontade superior, um impulso lúdico e incessante que manipula e atormenta os indivíduos.

A ideia de destino é também atrelada à de história, tematizada por Zweig na palestra *Die Geschichte als Dichterin* [A História como poeta],³⁹ de 1939. Nela, o autor alude ao jogo, comparando a imprevisibilidade do curso da história com a de uma “roleta” de cassino. Aqui, a história novamente seria uma entidade que conduz eventos e processos, manipulando a vida e as emoções de quem está imerso nela, de modo que a tensão narrativa se mantenha até o último momento.

Die Geschichte läßt sich nicht voraus erraten, denn sie ist zu reich, um sich zu wiederholen, und zu vielfältig, um sich errechnen lassen, sie meistert den erhabenen Kunstgriff des wahren Dichters, der wenn er einen Roman oder eine Tragödie gestaltet, bis zum letzten Augenblick den Leser oder der Hörer im unklaren läßt über den Ausgang, der das Unwahrscheinlichste zum Wirklichen macht und jede Erwartung immer wieder auf das großartigste überrascht und übertrifft. Der Ablauf der Geschichte ist unberechenbar und kennt Systeme ebensowenig wie das *Roulette oder irgendein Glückspiel*, denn ihre Geschehnisse rollen in so ungeheuren Dimensionen und innerhalb so unglaublichen *Zufallsmöglichkeiten* ab, daß unsere begrenzte irdische Vernunft nie ausreicht, sie zu antizipieren. Nie wird es also gelingen, aus Vergangenheit das Zukünftige zu errechnen. (ZWEIG, 1946, p. 347, grifo nosso).⁴⁰

Zweig compara a tessitura da história a “um romance ou uma tragédia” que o leitor e o espectador acompanham inadvertidamente. Aqui observamos o contraste entre a representação que, em 1939, Zweig faz da história como força inventiva, imprevisível e “grandiosa”, e a representação do destino terrível e sádico, elaborada entre 1940 e 1941. Seriam duas faces da mesma concepção, uma negativa, outra positiva. A palestra consiste em um texto laudatório, em que o orador expressa sua confiança no curso da história e no fim das tribulações daquele momento, pois elas seriam partes de um enredo, de um plano maior e desconhecido, e chegariam a uma resolução. É bastante irônico que este discurso tenha sido escrito para ser proferido no XVII Congresso P.E.N. Club Internacional em

³⁹ Cf. ZWEIG, Stefan. *Die Geschichte als Dichterin*. In: *Zeit und Welt*. Stockholm: Bermann-Fischer, 1946. p. 337-360 [Id., A História como poeta. In: *O mundo insone*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 255-271].

⁴⁰ “A História não pode ser adivinhada antecipadamente: é por demais rica para se repetir e por demais diversificada para poder ser calculada, ela domina o solene golpe artístico do verdadeiro poeta que, ao criar um romance ou uma tragédia, deixa o leitor ou o ouvinte até o último momento sem saber como será o desfecho, que consegue transformar o mais improvável em realidade e sempre volta a surpreender, superando qualquer expectativa. O transcurso da História, tal como a *roleta ou qualquer outro jogo de azar*, é imprevisível e desconhece sistemas, pois seus eventos se desenrolam em dimensões tão imensas e dentro de *possibilidades de acaso* tão inacreditáveis que a nossa razão terrena limitada jamais basta para antecipá-la. Portanto, jamais será possível calcular como será o futuro a partir do passado.” (ZWEIG, 2013, p. 262, grifos nossos).

setembro de 1939, em Estocolmo, cancelado devido à instabilidade política e à eclosão da Segunda Guerra Mundial (ZWEIG, 1946, p. 337; ZWEIG, 2017a, p. 459).⁴¹

Para se discutir a perspectiva de Zweig acerca do destino é relevante notarmos a separação que o escritor sugere entre a admiração pela história (a partir de uma distância segura entre passado e presente) e os sentimentos negativos de confusão e temor em relação ao presente (que se tornariam história e, conseqüentemente, se tornariam mais claros somente a partir do distanciamento do indivíduo em relação aos acontecimentos do presente).⁴² Além disso, Zweig enfatiza na palestra que a perspectiva sobre o próprio momento histórico mudaria, porque, quando os eventos daquele momento se tornassem passado, os feitos de sua geração se provariam significativos e seriam eternizados. Este tipo de compensação moral pelo sofrimento do presente e a esperança de não ser esquecido na história são fortes componentes também da escrita memorialística de Zweig.

No caso das memórias, esse “excesso” de destino é uma forma exagerada de se referir às guerras e transformações políticas no percurso de vida. Zweig promete ao leitor que tratará de vivências geracionais e não de experiências próprias, mas ele o faz assumindo que sua condição de vida particular e da sua experiência como escritor pudessem representar um coletivo, a cultura e a sociedade da sua época. Ele tanto almejava representar uma geração inteira de escritores e intelectuais que, em carta a Benjamin Huebsch, em Ossining, julho de 1941, cogitou o título “*Our Generation*” (ZWEIG, 2005, p. 309) para sua obra memorialística. Se o centro da narrativa é o destino

⁴¹ Em carta a Felix Braun, de Bath, provavelmente em início de agosto de 1939: “Eine Einladung als Ehrengast nach Stockholm zum Penclub zu fahren, hat ziemlich viel Verlockendes (nicht die "Ehre" sondern die Möglichkeit Schweden zu sehen.)” (ZWEIG, 2005a, p. 253). [“Um convite de ir para Estocolmo ao Penclub como convidado de honra tem algo de muito tentador (não a ‘honra’, mas a possibilidade de ver a Suécia).” (Tradução nossa)]. Em carta a Paul Frischauer, de Bath, provavelmente em 15 de setembro de 1939: “Es war wirklich ein Zufall, daß mich der Krieg hier noch antraf, ich war schon auf dem schwedischen Consulat für den P.E.N. Congreß; zwei Tage später und ich hätte dies alles von ferne mitangesehen. Aber wer weiß, was besser ist oder weniger schlecht. Wir sind in ein falsches Jahrhundert gerutscht [...]” (ZWEIG, 2005a, p. 260). [“Foi realmente um acaso que a guerra tenha me encontrado ainda aqui, eu já estava no consulado sueco para o Congresso P.E.N.; dois dias mais tarde e eu teria visto tudo de longe. Mas quem sabe, o melhor é o menos pior. Nós entramos no século errado [...]” (Tradução nossa).]

⁴² Na carta a Hermann Broch, enviada de Bath, em 7 de maio de 1939, verifica-se que Zweig realmente tinha a vontade do escritor de observar os acontecimentos do seu presente com uma perspectiva temporal distanciada: “Ich habe manchmal Lust, systematisch zu versuchen, Zeitung so zu lesen wie Geschichte von vor 100 Jahren. Der Begriff, daß etwas wahrer und wichtiger ist weil es heute geschieht, müßte zerstört werden - das scheint mir unsere innerste Rettung, oder die Geschehnisse in eine Formel fassen, sie mathematisch und methodisch anzusehen statt als Actualitäten (und dies versuchen Sie ja) – gewissermaßen wie bei einem Erdbeben der Wissenschaftler Schwingungen misst, statt auf die Toten zu blicken.” (ZWEIG, 1984, p. 297) [“Eu de vez em quando tenho vontade de ler sistematicamente o jornal como história de 100 anos atrás. A ideia de que é algo mais verdadeiro e importante porque aconteceu hoje deveria ser destruída – essa me parece a nossa salvação interior, ou dispor os acontecimentos em uma fórmula, para que eles pareçam matemático e metódicos em vez de atualidades (e tente isso sim) – por assim dizer como um cientista mede a oscilação dos terremotos, em vez de olhar para os mortos.” (Tradução nossa).]

de sua geração, faz-se necessário indagar como Zweig teria estabelecido este recorte geracional.

Stefan Zweig, como já abordado, elege uma série de pessoas mencionadas como modelos em seu livro autobiográfico, criando a impressão de que, por terem sido contemporâneas, elas integrariam a mesma geração. Contudo, isso não necessariamente corresponde à realidade, pois muitas delas pertenciam à geração anterior, como Klemens Renoldner (2018, p. 13) observa: “In *Die Welt von Gestern* weist Zweig verklärend darauf hin, dass sie [Alban Berg, Béla Bartok, Maurice Ravel, Klimt, Schiele und Kokoschka] damals – in seiner Erinnerung – alle jung gewesen seien, auch Dichter, Musiker und Maler, die de facto einer früheren Generation angehörten”.⁴³

Zweig se refere aos intelectuais de sua época, omitindo a diferença de idade entre ele e as demais pessoas que constam no relato memorialístico, como no caso de Rainer Maria Rilke. Uma das poucas passagens em que a diferença geracional fica explícita é na reconstrução do último diálogo de Zweig com Berta von Suttner, em que a escritora teria enfatizado sua idade avançada em relação aos jovens (referindo-se a si como parte de “*ein paar alte Frauen*”, “um punhado de velhinhas”).⁴⁴ Nos casos de Theodor Herzl, Émile Verhaeren, Romain Rolland e Sigmund Freud, a diferença de idade é evidente por conta da reverência com que Zweig os descreve, com veneração quase religiosa, cujos ideais e caráter elevados seriam inspiradores para ele.

Renoldner salienta o valor simbólico dos intelectuais e escritores mais influentes na vida de Zweig. A maioria deles nasceu na década de 1860 e assume um papel de ídolos-paternos, nos quais Zweig procura intensamente apoio, amizade e reconhecimento profissional.⁴⁵ O autor de *Die Welt von Gestern* incorpora essas figuras da história de seu

⁴³ “Em *O mundo de ontem*, Zweig indica o modo transfigurado como se eles [Alban Berg, Béla Bartok, Maurice Ravel, Klimt, Schiele und Kokoschka] – nas suas memórias – fossem todos jovens, também poetas, músicas e pintores que de fato pertenciam a uma geração anterior.” (Tradução nossa).

⁴⁴ “‘Warum tut ihr nichts, ihr jungen Leute? Euch geht es vor allem an! Wehrt euch doch, schließt euch zusammen! Laßt nicht immer alles uns paar alte Frauen tun, auf die niemand hört.’” (ZWEIG, 2017a, p. 228) [“Por que vocês, jovens, não fazem nada? Isso diz respeito a vocês. Resistam, unam-se! Não deixem tudo para um punhado de velhinhas a quem ninguém dá ouvidos.”] (ZWEIG, 2014, p. 192)].

⁴⁵ “Zweig hat um die Anerkennung durch seine Väter-Idole gerungen, allen voran sind hier erneut der belgische Schriftsteller Verhaeren (26 Jahre älter als Zweig) und der französische Kollege Rolland (15 Jahre älter) zu nennen. Nur so wird dieser schwärmerische Einsatz verständlich, den Stefan Zweig über viele Jahre aufgebracht hat, um seinen beiden ‚Meistern‘, wie er sie etwa in zahlreichen seiner Briefe nannte, in der Rolle des ‚Schülers‘ nahe sein, ihnen dienen zu dürfen und ihr Werk mit Übersetzungen, Biografien, Vorträgen und Aufsätzen landauf, landab zu propagieren. Von diesen ‚Erwachsenen‘ wurde der junge Mann nicht abgewiesen, diese Väter konnte man lieben. Da es sich hier um ein Paradigma in Zweigs Leben handelt, könnte man noch einige Weitere nennen, die Zweig – in abgemilderter Form – als väterliche Vorbild-Figuren erwählt hatte und für die er auf vielfältige Weise tätig war, man denke etwa an Sigmund Freud (25 Jahre älter), Gerhart Hauptmann (19 Jahre älter), Ferruccio Busoni (15 Jahre älter) u. a. Auch eine Frau könnte dieser Reihe der Vorbilder hinzugefügt werden: die dänische Reformpädagogin Ellen Key

tempo, entremeando-as na sua vida pessoal, de modo que o leitor tem a impressão de que Zweig fora muito próximo delas. Por meio dos diálogos reconstruídos nas memórias e por meio da omissão de conflitos com tais pessoas, o autor transmite a ideia de que ele era estimado por todos e não se envolvia em dissensões. A divergência com Romain Rolland a respeito do envolvimento deste com o socialismo é um exemplo do apagamento dos atritos pessoais. Mais tarde, Rolland, ao saber da notícia da morte de Zweig, aponta o esforço do amigo austríaco em manter este vínculo, apesar da amizade entre eles ter arrefecido muitos anos antes.⁴⁶ Segundo Renoldner (2018, p. 9), “Stefan Zweig war eben nicht gleichaltrig, der Abstand zu seinen Vorbildern war enorm. Man kann an den genannten Beispielen sehen, wie sehr sich Zweig nachträglich ins Zentrum dieser Literatur-Epoche ‚hineinzuschreiben‘ versucht”.⁴⁷

Para se verificar como Zweig dispõe as suas referências contemporâneas para configurar uma ideia da sua geração, organizamos uma seleção de nomes ligados à cultura, segundo os respectivos anos de nascimento e agrupados por décadas (de 1840 até 1910). Devido à pluralidade do território o Império Austro-húngaro e às mudanças geopolíticas, as personalidades foram distribuídas em dois grupos abrangentes que diferenciam apenas intelectuais “germanófonos” e “internacionais”. Esta seleção não se baseia no grau de intimidade dessas pessoas com Zweig ou na admiração que ele expressa por elas no livro.

(32 Jahre älter).” (RENOLDNER, 2018, p. 6) [“Zweig batalhava pelo reconhecimento de seus ‘ídolos-pais’, de todos aqui menciona-se novamente o escritor belga Verhaeren (26 anos mais velho que Zweig) e o colega francês Rolland (15 anos mais velho). Só assim este empenho apaixonado se torna compreensível, ao que Stefan Zweig juntou por muito anos, de ambos os ‘mestres’, como ele os chamava nas numerosas cartas, estando no papel do ‘aluno’, poder servir a eles e à sua obra com traduções, biografias, palestras e artigos para propagá-los dentro e fora do país. Por esses ‘adultos’ o jovem não fora rejeitado, esses pais se podia amar. Que isso se trate de um paradigma na vida de Zweig, se poderia acrescentar que Zweig - de uma forma compensatória - escolhia figuras-exemplo paternas que para as quais ele atuou de diversas maneiras, pode-se pensar em Sigmund Freud (25 anos mais velho), Gerhart Hauptmann (19 anos mais velho), Ferruccio Busoni (15 anos mais velho) e assim por diante. Também uma mulher poderia ser inserida nessa linda de exemplos: a dinamarquesa reformadora da pedagogia Ellen Key (32 anos mais velha).” (Tradução nossa)].

⁴⁶ A entrada de Romain Rolland em seu diário, ao saber da morte de Stefan Zweig, expõe a visão que o pacifista francês tivera do compromisso de Zweig com suas amizades, sugerindo uma veneração religiosa que não permitia ao indivíduo se desmistificar: “Nossa amizade esfriou nos anos 1928-1931, depois que eu me aproximara da URSS e principalmente depois do meu casamento. Assim como outros amigos, ele também se sentiu rejeitado. Ele me ‘construía’ ideologicamente [...]. *Ele não podia admitir que eu sáísse da imagem que ele fizera de mim.* [...] Fizera da amizade uma religião – para ele, era mais uma questão de honra do que uma necessidade de conexão afetiva. Manteve-se fiel a essa amizade – sem grande cordialidade, mas também sem ter que apagar a última chama, por mais fraca que fosse.” (ROLLAND apud RENOLDNER, 2014, p. 23, grifo nosso).

⁴⁷ “Stefan Zweig não era justamente coetâneo, a distância de seus modelos era enorme. Pode-se ver nos exemplos mencionados, o quanto Zweig tentava de ‘inscrever’ posteriormente no centro dessa época literária.” (Tradução nossa).

Tabela – Personalidades citadas em *Die Welt von Gestern* separadas por décadas, segundo a data de nascimento

	Germanófonos	Internacionais
Contemporâneos de Stefan Zweig nascidos até a década de 1860	Berta von Suttner (1843-1914) Moriz Benedikt (1849-1920) Victor Adler (1852-1918) Sigmund Freud (1856-1939) Adalbert Matkovsky (1858-1909) Josef Kainz (1858-1910) Peter Altenberg (1859-1919) Hugo Wolf (1860-1903) Theodor Herzl (1860-1904) Gustav Mahler (1860-1911) Maximilian Harden (1861-1927) Charles Martin Loeffler (1861-1935) Arthur Schnitzler (1862-1931) Gerhart Hauptmann (1862-1946) Hermann Bahr (1863-1909) Richard Dehmel (1863-1920) Frank Wedekind (1864-1918) Richard Strauss (1864-1949) Aby Warburg (1866-1929) Richard Beer-Hofmann (1866-1945) Walther Rathenau (1867-1922) Ludwig Jakobowski (1868-1900) Alfred Reucker (1868-1958) Stefan George (1868-1933)	Lev Tolstói (1828-1910) Émile Zola (1840-1902) Auguste Rodin (1840-1917) Auguste Renoir (1841-1950) Georg Brandes (1842-1927) Paul Verlaine (1844-1896) Anatole France (1844-1924) August Strindberg (1849-1912) Ellen Key (1849-1926) Arthur Rimbaud (1854-1891) Émile Verhaeren (1855-1916) George Bernhard Shaw (1856-1950) James Ensor (1860-1949) Charles Van Lerberghe (1861-1907) Maurice Maeterlinck (1862-1949) Edvard Munch (1863-1944) Edith Cavell (1865-1915) Dimitri Sergejewitsch Mereschkowski (1865-1941) Arthur Symons (1865-1945) Ferruccio Busoni (1866-1924) George Minne (1866-1941) Romain Rolland (1866-1944) H. G. Wells (1866-1946) Benedetto Croce (1866-1952) John Galsworthy (1867-1933) Luigi Pirandello (1867-1936) Arturo Toscanini (1867-1957) Edmond Rostand (1868-1918) Maxim Gorki (1868-1936) Francis Jammes (1868-1938) Andrés Suarès (1868-1948) Paul Claudel (1868-1955) Laurence Binyon (1869-1943) André Gide (1869-1951)
Contemporâneos nascidos na década de 1870	Oscar Straus (1870-1954) Oskar Fried (1871-1942) Georg Hermann (1871-1943) Heinrich Mann (1871-1959) Alfred Mombert (1872-1942) Max Reger (1873-1916) Leo Fall (1873-1925) Jakob Wassermann (1873-1934) Max Reinhardt (1873-1943) Ephraim Moses Lilien (1874-1925) Hugo von Hofmannsthal (1874-1929) Karl Kraus (1874-1936) Arnold Schönberg (1874-1951) Anton Kippenberg (1876-1950) Rainer Maria Rilke (1875-1926)	Giovanni Cena (1870-1917) Marcel Proust (1871-1922) Paul Valery (1871-1945) Charles Puéguy (1873-1914) Léon Balzalette (1873-1928) Henri Barbusse (1873-1935) Charles-Louis Philippe (1874-1909) Anatoli Wassiljewitch Lunatscharski (1875-1933) Maurice Ravel (1875-1937) Benjamin Huebsch (1876-1964) Isadora Duncan (1877-1927)

	Thomas Mann (1875-1955) Andreas Latzko (1876-1943) Bruno Walter (1876-1962) Hermann Hesse (1877-1962) Alfred Walter Heymel (1878-1914) Paul Adler (1878-1946) Erwin Guido Kolbenheyer (1878-1962) Alexander Moissi (1879-1935) Albert Einstein (1879-1955)	
Contemporâneos nascidos na década de 1880	Graf Hermann Keyserling (1880-1946) Schalom Asch (1880-1957) Emil Ludwig (1881-1948) Ernst Lissauer (1882-1937) Leonhard Frank (1882-1961) Benno Geiger (1882-1965) Robert Faesi (1883-1972) René Schickele (1883-1940) Alban Berg (1885-1935) Fritz von Unruh (1885-1970) Siegfried Sassoon (1886-1967) Erhard Buschbeck (1889-1960)	Alberto Stringa (1880-1931) Norbert Jacques (1880-1954) René Arcos (1880-1959) Roger Martin Du Gard (1881-1958) Luc Durtain (1881-1959) Béla Bartók (1881-1945) John Drinkwater (1882-1937) James Joyce (1882-1941) Hendrik Willem van Loon (1882-1944) Giuseppe Antonio Borgese (1882-1952) Marie Bonaparte (1882-1962) Charles Vildrac (1882-1971) Panaït Istrati (1884-1935) Henri Guilbeaux (1884-1938) Hugh Walpole (1884-1941) Jean Richard Bloch (1884-1947) Georges Duhamel (1884-1966) Jules Romains (1885-1972) Tamara Karsawina (1885-1978) Fernand Crommelynck (1886-1970) Pierre Jean Jouve (1887-1976) Frans Masereel (1889-1972)
Contemporâneos nascidos na década de 1890 em diante	Franz Werfel (1890-1945) Ernst Toller (1893-1939) Alfred Lunt (1892-1977) Hermann Kesten (1900-1996) Margarete Wallmann (1904-1992)	Vaclav Nijinski (aprox. 1890-1950) Maria Ignatievna Budberg (1892-1974) Salvador Dalí (1904-1989)

Esta relação de personalidades segundo o ano de nascimento evidencia que o autor privilegiou a menção de personalidades nascidas nas décadas anteriores a 1880. De acordo com o desenvolvimento do conceito de geração, é possível inferir que Zweig tenha sido mais influenciado pela compreensão romântico-histórica desenvolvida por Wilhelm Dilthey. A sua definição baseia-se na intersecção do tempo pessoal em relação ao tempo social, no sentido qualitativo, ou seja, a coexistência de pessoas em eventos históricos, independentemente da diferença de idade, poderia ser considerada uma geração de acordo com a intensidade da relação entre elas. Além disso, de acordo com o conceito positivista de August Comte, que considera o intervalo 30 anos entre uma geração e outra, a “geração” à qual Zweig se refere ao mencionar uma lista de referências de sua época não

estaria fora dos padrões estabelecidos por Comte e Dilthey.⁴⁸ Entretanto, é pertinente observar o aspecto simbólico da diferença de idade da perspectiva proposta por Renoldner (2018).

A partir da disposição dos dados na tabela, são observáveis outros aspectos da constelação configurada pelo escritor para representar os seus contemporâneos no livro de memórias. A maioria dos nomes de importância no contexto de expressão alemã pertence à geração que nasceu nas décadas de 1870, 1860 e anteriores, sendo que, somente na relação dos contemporâneos nascidos na década de 1870, o número de “germanófonos” ultrapassaria a quantidade de “internacionais”. Vemos também que a maioria das pessoas nascidas na década de 1880, a mesma de Zweig, são de nacionalidades cuja língua oficial não era o alemão, assim, o autor teria dado mais importância ao registro dos intelectuais e artistas internacionais da mesma faixa etária do que aqueles que compartilhavam a língua germânica. Quanto a isso, haveria duas hipóteses: ou Zweig omitira deliberadamente os nomes de seus amigos germanófonos nascidos na década de 1880 ou o escritor teria se distanciado circunstancialmente destas pessoas ao longo da vida. Vale ressaltar também que o número de nomes listados entre os “internacionais” é, ao todo, maior que o número de germanófonos. A ênfase de Zweig nas conexões internacionais é coerente com a caracterização cosmopolita que ele faz de si, com a intenção de promover nas suas memórias uma representação supranacional da Europa pré-guerra, que fosse conciliadora das diferenças.

Seria problemática a tentativa de apontar, dentre as pessoas mencionadas em *Die Welt von Gestern*, aqueles que seriam mais íntimos de Zweig. No livro, amigos íntimos como Viktor Fleischer (1882-1951), Felix Braun (1885-1973) e, especialmente, Joseph Roth (1894-1939) sequer são mencionados, ao passo que Zweig descreve como próximas pessoas com quem ele tinha uma relação distante, ainda que cordial. Esse é o caso da amizade com Rainer Maria Rilke e da relação controversa com Hugo von Hofmannsthal.⁴⁹ Segundo Mark H. Gelber (1995), o escritor pretendia apresentar na sua

⁴⁸ FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Soc. estado.*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, Aug. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2018. doi:10.1590/S0102-69922010000200003.

⁴⁹ “Ein anderes Verhältnis zu Hugo von Hofmannsthal präsentiert Zweig in *Die Welt von Gestern*. Hofmannsthal wird in den Erinnerungen als Lichtgestalt von Zweigs Jugend dargestellt. Das ist insofern erstaunlich, als Zweig bis zum Tode des Kollegen im Jahr 1929 eine distanzierte, schwierige Beziehung zu ihm hatte, ja in Bezug auf mehrere Projekte im Insel Verlag sogar eine veritable Rivalität unterhalten sollte.” (RENOLDNER, 2018, p. 8) “Bei der Abfassung der *Welt von Gestern* sind die Komplikationen, Rivalitäten und auch die Salzburger Animositäten zwischen den beiden jedenfalls vergessen, und Zweig präsentiert seinen Lesern ein Genie der Dichtkunst.” (Ibid., p. 9) [“Zweig apresenta em *O mundo de ontem* uma atitude

obra somente referências intelectuais e morais que fossem reconhecíveis para um público internacional no contexto de exílio. O autor esperava alcançar as futuras gerações europeias, levando em conta a possibilidade de que os nomes perdessem sua importância e fossem esquecidos no pós-guerra. Isso é verificável, porque, na época da escrita memorialística, Zweig expressa repetidas vezes sua preocupação com a perda de seu público regular e, quanto à publicação de sua autobiografia, mencionou um outro contexto linguístico na carta a Richard Friedenthal, enviada em janeiro de 1942:

Bei meiner eignen Arbeit bin ich ziemlich behindert durch das unbewußte Gefühl, daß ich kein richtiges Publikum mehr besitze. Wenn ich bei meiner Autobiographie zum Beispiel über Hofmannsthal oder Beer-Hofmann etwas sagen wollte, so mußte ich mich daran erinnern, daß *in dem Sprachbereich, in dem das Buch erscheinen soll*, niemand von den Beiden etwas weiß. (ZWEIG, 1984, p. 340, grifo nosso).⁵⁰

Zweig comenta a falta de conhecimento que seu novo público teria dos nomes de Hofmannsthal e Beer-Hofmann, provavelmente se referindo aos leitores na América do Norte ou do Sul, pois seu livro teria, a princípio, mais alcance em inglês, espanhol, português com os lançamentos nos Estados Unidos, Argentina e Brasil do que em língua alemã com o lançamento na Suécia em plena Segunda Guerra. Por isso, seria necessário fornecer explicações sobre as referências literárias de sua época, já que o público estimado de língua alemã se encontraria refugiado fora da Europa. Hannah Arendt (1976), por exemplo, cita em seu ensaio “Juden in der Welt von gestern” passagens da edição inglesa *The World of Yesterday, an Autobiography*, publicada pela Viking Press em 1943. Zweig, portanto, considerou citar em seu livro somente referências cujos nomes seriam identificáveis pela geração de leitores fora do mundo germanófono e que pudessem fazer sentido também às futuras gerações europeias. Em Petrópolis, 30 de janeiro de 1942 – menos de um mês antes do suicídio, Zweig escreve a Berthold Viertel:

“Das Leben unserer Generation ist besiegelt, wir haben keine Macht, den Gang der Ereignisse zu beeinflussen, und kein Recht, der nächsten Generation Ratschläge zu geben, nachdem wir in der unsern versagt haben. Sicher erinnern Sie sich noch an unsere Gespräche: alles, was jetzt geschieht wird vielleicht für den Rest der übernächsten

diferente em relação à Hugo von Hofmannsthal. Hofmannsthal é representado nas memórias como a estrela da juventude de Zweig. Isso é tão surpreendente que, até a morte do colega no ano de 1929, Zweig mantinha com ele uma relação distanciada e difícil, acerca de vários projetos na editora Insel, se poderia falar até mesmo de uma verdadeira rivalidade.” “Na composição de *O mundo de ontem*, as complicações, rivalidades e também animosidades de Salzburgo entre os dois [Zweig e Hofmannsthal] são esquecidas e Zweig apresenta aos seus leitores um gênio da arte lírica.” (Traduções nossas)].

⁵⁰ “Estou realmente bloqueado no meu próprio trabalho pelo sentimento inconsciente de não ter mais nenhum público certo. Toda vez que em minha autobiografia eu desejava falar algo, por exemplo, de Hofmannsthal ou de Beer-Hofmann, então eu precisava me lembrar que, *no campo linguístico em que o livro deve ser publicado*, ninguém conhece nada dos dois.” (Tradução e grifo nossos).

Generation von Hilfe sein, nicht aber mehr für die unsere [...]” (ZWEIG, 1984, p. 345).⁵¹

Uma passagem que ilustra a escolha de personalidades e de episódios presentes nas memórias é um comentário digressivo do autor ao apresentar Walther Rathenau (1867-1922). Estadista e ministro das Relações Exteriores na República de Weimar, Rathenau fora assassinado por um grupo de extrema-direita em 1922. Antes de introduzi-lo, Zweig manifesta sua preferência por narrar histórias ligadas à cultura, apesar de compreender que o momento histórico exigisse que o autor relatasse episódios da esfera política. A seleção dos episódios presentes na obra deveria ser coerente com o desfecho planejado para o livro: a declaração da Segunda Guerra Mundial. Para isso, haveria temas incontornáveis dentro do projeto memorialístico, ainda que indesejáveis para o autor: a arbitrariedade da guerra, o antissemitismo e o valor intelectual e cultural de determinadas figuras políticas.

Hätte ich vor einigen Jahren dies Buch begonnen, ich würde erzählt haben von Gesprächen mit Gerhart Hauptmann, mit Arthur Schnitzler, Beer-Hofmann, Dehmel, Pirandello, Wassermann, Schalom Asch und Anatole France [...] Aber alles, was nicht mehr Bindungen zu den Problemen unserer heutigen Zeit hat, bleibt verfallen vor unserem strengerem Maß für Wesentliches. Heute erscheinen mir längst jene Männer meiner Jugend, die meinen Blick auf das Literarische hinlenkten, weniger wichtig als jene, die ihn weglenkten zur Wirklichkeit. (ZWEIG, 2017a, p. 197).⁵²

Neste excerto, o autor reconhece não ser possível ignorar a situação política e social de seu tempo e aponta a necessidade de reavaliar a relevância de episódios artísticos que não estivessem ligados ao contexto de 1939. Além disso, Zweig utiliza a expressão “homens da minha juventude” [*Männer meiner Jugend*], destacando predominantemente indivíduos adultos do gênero masculino,⁵³ isto fica evidente na tabela anterior e também reforça o conceito de ídolos paternos.

⁵¹ “A vida de nossa geração está liquidada, nós não temos nenhum poder de influenciar o curso dos eventos, e nenhum direito de dar conselhos à próxima geração depois de nós termos falhado com a nossa. Com certeza o senhor ainda se lembra de nossas conversas: tudo o que acontece agora pode ser de alguma ajuda para o resto da geração depois da próxima, mas, não mais para a nossa [...]” (Tradução nossa).

⁵² “Tivesse eu começado este livro há alguns anos, teria falado de conversas com Gerhart Hauptmann, com Arthur Schnitzler, com Beer-Hofmann, Dehmel, Pirandello, Wassermann, Schalom Asch e Anatole France [...]. Mas tudo o que já não tem mais relação com os problemas da nossa época se torna sem importância em face de nossos parâmetros mais rígidos para coisas essenciais. Hoje, aqueles homens que na minha juventude guiaram o meu olhar para as coisas literárias me parecem menos importantes do que aqueles que o desviaram para a realidade.” (ZWEIG, 2014, p. 166).

⁵³ Especialmente, pelo livro de memórias ser dedicado em sua maior parte a lembranças da infância até a Primeira Guerra, compreende-se que a maioria dos nomes mencionados sejam os artistas mais velhos diante dos quais Zweig se sentira motivado a tornar-se escritor. Não só Zweig valorizava estes homens, como ele também, já como escritor estabelecido, interessava-se em estimular jovens escritores e artistas, reunindo-se com eles para conhecê-los, motivá-los e, assim podia, aos olhos de Oskar Maurus Fontana, renovar sua ligação com a vida, lidar com a profunda solidão que ele percebera em Zweig. Fontana era um dos jovens à mesa de Zweig nos cafés vienenses, comentando também a predominância masculina: “er ließ jungen

Dentre os nomes ausentes no livro, um caso intrigante é o de Joseph Roth. As relações íntimas de Zweig que não apresentassem um vínculo claro com a carreira literária do autor não convinham ser mencionadas no projeto memorialístico. No entanto, Roth não era apenas um amigo íntimo, era também um expressivo escritor austríaco, de origem judaica e da geração de Zweig, por quem este nutria além de grande admiração pessoal, também afeto e preocupação com a saúde e o bem-estar do amigo, não somente com as publicações. Gelber interpreta da seguinte forma:

Also ist Zweigs Versäumnis, Roth in *Die Welt von Gestern* mit einzubeziehen, ein Zeichen seiner Unfähigkeit, den vehement intimen Charakter dieser Beziehung in sein dargestelltes Selbstbild des moralisch handelnden, gerechten und am Nationalsozialismus leidenden Exilanten zu integrieren, der einen sicheren Weg zum Überleben und neuer Hoffnung findet. (GELBER, 1995, p. 152).⁵⁴

Avaliar como “descaso” [*Versäumnis*] pode não ser a forma ideal de qualificar a omissão de Roth nas memórias de Zweig. Porém, esta análise é de fato relevante, porque tangencia a questão da identificação de Zweig com os demais exilados e com o sofrimento da perseguição dos judeus. Do contrário, Roth teria sido mencionado como um escritor, jornalista e ensaísta austríaco, cuja importância o próprio Zweig ressaltou em cartas e na homenagem a Roth em 27 de maio de 1939, dia em que o amigo falecera. O valor de Roth é reforçado por Zweig neste texto tanto como amigo quanto como intelectual: “Ein solcher unersetzlicher Mensch war unser lieber Joseph Roth, unvergeßbar als Mensch und für alle Zeiten durch kein Dekret als Dichter auszubürgern aus den Annalen der deutschen Kunst.” (ZWEIG, 1939).⁵⁵ Roth não seria uma personalidade indiferente no círculo pessoal e literário de Zweig a ponto de sua menção ser dispensável nas memórias. Não obstante, a relação dos dois seria algo delicado de registrar, pois tangencia discussões sobre o nazismo, a guerra, a exasperação e o desespero do exílio. Além disso, a lembrança da morte de Roth seria algo evidentemente doloroso para Zweig, como se vê na continuação de seu texto:

Menschen sprechen – lauter Männer, Frauen habe ich nie an seinem Tische gesehen. Er ermunterte sie von dem zu erzählen, woher sie kamen, wie sie dem Weg zum Geist und zur Kunst gefunden hatten, was sie pflanzen.“ (FONTANA, 1956, p. 99) [“Ele deixava pessoas jovens falarem – somente homens, nunca vira mulheres à mesa dele. Ele os encorajava a contar sobre eles, de onde vinham, como tinham encontrado o caminho ao espírito e à cultura, o que eles planejavam.” (Tradução nossa)].

⁵⁴ “Pois é um descaso de Zweig com Roth em *O mundo de ontem*, um sinal de sua incapacidade de lidar com o caráter veemente e íntimo desta relação no seu autorretrato construído, equilibrado, e de integrar um exilado que sofreu com o nacional-socialismo, que encontrou um caminho mais definido para a sobrevivência e uma nova esperança.” (Tradução nossa).

⁵⁵ ZWEIG, Stefan. Joseph Roth: Ansprache zur Trauerfeier (1939). In: *Über Schriftsteller*. Disponível em: <<https://gutenberg.spiegel.de/buch/uber-schriftsteller-7359/26>>. Acessado em: 20 nov. 2018. [“Nosso querido Roth era uma dessas pessoas insubstituíveis, inesquecível enquanto ser humano e que, enquanto poeta, decreto algum jamais poderá eliminar dos anais da arte alemã” (ZWEIG, 2013, p. 164)].

Furchtbar schon, einen geliebten, einen verehrten Menschen neben sich hinsiechen zu sehen und ohnmächtig dem übermächtigen Verhängnis nicht wehren zu können und dem immer näher andrängenden Tod. Aber wie grauenhaft erst, mitansehen zu müssen, wenn solcher Zerfall nicht Schuld des äußeren Schicksals ist, sondern bei einem geliebten Menschen von innen her gewollt, wenn man einen innigsten Freund sich selber morden mitansehen muß, ohne ihn zurückreißen zu können! Ach, wir sahen ihn, diesen herrlichen Künstler, diesen gütigen Menschen, äußerlich wie innerlich in Nachlässigkeit fallen, deutlich und immer deutlicher stand schon das endgültige Fatum in seinen verlöschenden Zügen. Es wurde ein unaufhaltsamer Niedergang und Untergang. Aber wenn ich dieser seiner schrecklichen Selbstverheerung Erwähnung tue, geschieht es nicht, um ihm die Schuld zuzumessen – nein, Schuld trägt nur unsere Zeit an diesem Untergang, diese ruchlose und rechtlose Zeit, die Edelste in solche Verzweiflung stößt, daß sie aus Haß gegen diese Welt keine andere Rettung wissen, als sich selbst zu vernichten. (ZWEIG, 1939).⁵⁶

Neste excerto, Zweig destaca a vontade autodestrutiva de Roth. A ênfase na ruína interior e exterior do amigo ganha força quando Zweig culpabiliza o destino e tempo pela morte do amigo. Essa passagem ilustra a relação do autor com destino e com o tempo como responsáveis pelo fim trágico de sua geração. Como vimos anteriormente na tabela, certa distância pessoal entre o autor e as personalidades citadas parece mesmo ser uma medida de segurança do escritor para resguardar sua intimidade.⁵⁷ Pois, o impacto da amizade de Roth na biografia de Zweig, especialmente nos anos do exílio londrino é inegável. Sendo assim, a identificação e o afeto de Zweig pelo amigo poderiam representar um empecilho para a “imparcialidade” pretendida pelo autor em *Die Welt von Gestern*.

⁵⁶ “Já é bastante terrível ver uma pessoa amada, respeitada, acabando-se a seu lado e, impotente, não conseguir impedir o destino poderoso e a morte que se aproxima cada vez mais. Mas como é terrível ter que assistir quando tal decadência não é culpa do destino exterior, mas algo desejado por dentro pela pessoa querida, quando temos que ver um amigo íntimo se matando sem poder detê-lo! Ah, nós vimos como esse maravilhoso artista, esse homem bondoso foi ruindo por fora e por dentro, e o destino final estava escrito cada vez mais nítido em seus traços que se apagavam. Foi um declínio e fim impossível de ser detido. Mas quando menciono essa terrível autodestruição não é para atribuir-lhe a culpa – não, a culpa dessa derrocada é unicamente do nosso tempo, esse tempo nefasto e injusto que lança os mais nobres em tal desespero que, por ódio contra o mundo, não veem outra salvação senão se autoaniquilar.” (ZWEIG, 2013, p. 172).

⁵⁷ Segundo o relato de Oskar Maurus Fontana, a postura de Zweig teria sido geralmente muito reservada quando este se reunia regularmente com jovens escritores nos cafés. Na percepção de Fontana, Zweig seria um homem solitário, mas que apreciava estar ligado às pessoas: “Er war ein Mensch, der aus einer großen Einsamkeit und einer intensiven Arbeit kam – fühlte ich –, aber einer, der nicht allein und nicht bloß am Schreibtisch sein wollte, sondern der das Leben auf allen seinen Wegen suchte – auch auf denen der Jugend. Sich dem Leben immer neu und in jeder Art zu verbinden, diese Sehnsucht merkte ich ihm an diesem Tisch mit den Jungen ganz besonders an.” (FONTANA, 1956, p. 98) “Des öfteren erzählte er uns von Belgien, seinen Städten und Landschaften, dem Meer, das er sehr liebte, und von seinem Freund Verhaeren. Von Literatur sprach er wenig, nur zögernd, von sich selbst und seinem Schaffen nie.” (Ibid., p. 100) [“Ele era uma pessoa que vinha de uma grande solidão e um trabalho intensivo - eu sentia -, mas uma pessoa, que não desejava estar sozinho e na sua escrivaninha, mas que procurava a vida em todos os seus caminhos - também nos da juventude. Vincular-se sempre de novo à vida e de todos os jeitos, esse anseio eu notei nele especialmente na mesa com os jovens.” “Ele nos contava mais frequentemente da Bélgica, suas cidades e paisagens, do mar, que ele tanto amava, e do seu amigo Verhaeren. De literatura ele falava pouco, só hesitante, nunca de si mesmo e de sua produção.” (Traduções nossas)].

No excerto anterior, fica evidente a carga de identificação de Zweig com Roth. Zweig também ruiu e tomou uma decisão autodestrutiva por desespero e depressão. No dia do seu suicídio, o escritor menciona o nome de Roth na carta de despedida endereçada a Friderike, pedindo à ex-esposa que não se lamente, mas se lembre do “bom Joseph Roth”.⁵⁸ Diante disso, simplesmente não podemos considerar que Roth foi esquecido por um lapso, e compreendemos que, independentemente do motivo, a omissão de seu nome teria sido intencional. Assim como são intencionais a omissão da família e dos amigos íntimos e a menção de amigos não muito próximos ou amigos da geração posterior à dele.

Hofmannsthal, Rolland e Roth são exemplos intrincados de como o escritor procurou exercer controle sobre a representação da sua geração, preocupando-se com a recepção dos leitores tanto das referências de seu tempo como da personalidade de Zweig, que ele configura segundo os nomes que ele evoca e aos quais se associa.

2.4 “Onde esses terremotos incidiram mais ferozes”⁵⁹

As experiências que constam na obra memorialística asseguram a importância da voz do autor e reforçam a autoridade com a qual ele fala. Zweig reclama essa autoridade por conta do “lugar” onde ele se diz colocado pelo destino.

Quando Zweig trata dos eventos históricos, ele, tendencialmente, atribui sua perspectiva e suas emoções à geração como um todo. Vemos isso no seguinte excerto do Prólogo: “Jeder von uns, auch der Kleinste und Geringste, ist in seiner innersten Existenz aufgewühlt worden von den fast pausenlosen vulkanischen Erschütterungen unserer europäischen Erde” (ZWEIG, 2017a, p. 9).⁶⁰ Neste trecho, observa-se que o escritor enfatiza os “menores e mais insignificantes”. Essa forma de classificar a importância dos indivíduos de sua geração é bastante problemática para um escritor que inicia seu Prólogo procurando convencer o leitor da sua modéstia e humildade. Aqui, pode-se ver que Stefan Zweig não se identifica com estes “menores”, estabelecendo um padrão hierárquico: ao apresentar personalidades ilustres como seus pares e ao diferenciá-las dos indivíduos que se encontrariam na camada inferior da sociedade, Zweig exprime uma ideia de

⁵⁸ “[...] beklage mich nicht – denke an den guten Joseph Roth und Rieger, wie froh ich immer war, dass sie diese Prüfungen nicht zu überstehen hatten.” (ZWEIG, 1984, p. 351) [“não chore por mim – pense nos bons Joseph Roth e Rieger, como eu sempre estive contente que eles não tivessem que suportar essas provas.” (Tradução nossa)].

⁵⁹ ZWEIG, 2017a, p. 9 (Tradução nossa).

⁶⁰ “Cada um de nós, mesmo o menor e o mais insignificante, foi revolido no seu íntimo pelos abalos sísmicos quase ininterruptos” (ZWEIG, 2014, p. 13).

superioridade em relação aos demais. Mesmo que o autor tivesse mencionado os cidadãos comuns com o intuito de demonstrar que a experiência das guerras mundiais marcou a todos de sua geração, a fala do escritor é ambígua. Pode-se observar isso na oscilação entre a ênfase demasiada na distinção sociocultural e a generalização da sua experiência pessoal.

No caso da generalização, Stefan Zweig utiliza a metáfora de abalos sísmicos para ilustrar a perturbação existencial de cada ser humano, que seria causada unicamente por ações externas: “*pausenlosen vulkanischen Erschütterungen*” (Id. 2017a, p. 9) [“abalos sísmicos ininterruptos”, (ZWEIG, 2014, p. 13)], “*Erdstöße*” (Id., 2017a, p. 9) [“abalos”, (Id., 2014, p. 13)], “*die Welle der Zeit*” (Id., 2017a, p. 11) [“a onda do tempo” (Id., 2014, p. 15)], “*Orkanen des Schicksals*” (Id., 2017a, p. 157) [“furacões do destino” (Id., 2014, p. 134)], entre outros exemplos. Essas metáforas dos fenômenos da natureza são criticadas por Hannah Arendt (1976, p. 75):

Besorgt um die Würde der eigenen Person, hatte er von Politik sich vornehm ferngehalten und dies in einem solchen Maß, daß ihm noch rückblickend die Katastrophe der letzten zehn Jahre wie ein Blitz aus heiterem Himmel erscheint, wie eine ungeheuerliche, unbegreifliche Naturkatastrophe.⁶¹

Segundo a filósofa, o autor se vale da representação de catástrofes naturais como um subterfúgio para se esquivar de assuntos políticos, preservando a imagem e o prestígio do escritor. Pois, os tremores vindos do subsolo são aquilo que não emerge até a superfície, mas pode ser percebido como uma sensação atordoadora, como um mal-estar, não sendo possível (para um leigo) identificar exatamente a origem disso. Desse modo, Zweig generaliza suas emoções e aflições aos indivíduos de diferentes “graus” de importância, sugerindo que sua disposição emocional pudesse representar e servir de medida para todos de sua geração.⁶² Este apelo retórico de Zweig soaria inadequado quando levamos em consideração a diferença entre as experiências da maioria dos refugiados da Segunda Guerra, daqueles que sofreram fisicamente pela perseguição nazista, e as experiências de um escritor que deixou a Europa em condições relativamente

⁶¹ “Preocupado com a dignidade da própria pessoa, ele manteve uma distância nobre da política e isso em tal medida, que, retrospectivamente, a catástrofe dos últimos dez anos ainda lhe parecia como um relâmpago em um céu claro, como uma catástrofe da natureza monstruosa e inconcebível.” (Tradução nossa).

⁶² “Die Referenz gleitet gewissermaßen von einem Kollektiv zum anderen, ohne dass immer klar wäre, welches gerade gemeint ist. Gemeinsam ist ihnen nur, dass der Protagonist Zweig jeweils Teil von ihnen ist. Das heißt aber auch: Zweig verallgemeinert sein persönliches Schicksal zum kollektiven. So erscheint die Individualbiografie als Biografie einer Epoche.” (GALLE, 2018, p. 359). [“A referência desliza, de certo modo, de um coletivo para o outro, sem ficar sempre claro, de qual exatamente se trata. Em comum entre elas é somente o protagonista Zweig que é respectivamente parte delas. Isso significa que: Zweig generaliza seu destino pessoal para o coletivo. Assim, a biografia individual fica parecendo biografia de uma época.” (Tradução nossa)].

superiores. Zweig se refere a um núcleo existencial que ele diz ser semelhante ao de todos os que enfrentaram aquele momento histórico (independentemente das diferenças entre os maiores e os “menores”, os mais relevantes e os “mais insignificantes”).

Zweig elenca cinco traços pessoais que o identificariam como uma pessoa autorizada a representar os respectivos coletivos. Fazendo parte dessas categorias, o escritor se diz no epicentro dos abalos de seu tempo: “und ich weiß mir inmitten der Unzähligen keinen anderen Vorrang zuzusprechen als den einen: als Österreicher, als Jude, als Schriftsteller, als Humanist und Pazifist jeweils just dort gestanden zu sein, wo diese Erdstöße am heftigsten sich auswirkten” (ZWEIG, 2017a, p. 9).⁶³ Assim, estar no ponto mais forte destes abalos figurativamente coincidiria com o ponto central da cisão, do desmembramento do solo: *austriaco*, cuja pátria deixara de existir após a anexação nazista e passou perseguir os judeus; *judeu* expulso de sua pátria e sem a possibilidade de ser acolhido no exílio porque sua língua remetia ao inimigo e, assim, teria sido identificado como “‘*enemy alien*’, *ein feindlicher Ausländer*” (Id., 2017a, p. 461);⁶⁴ *escritor*, cujos livros foram proibidos e queimados em praça pública nos países da língua em que os escrevera; *humanista*, que se julgava anacrônico e uma espécie em extinção; e *pacifista*, que evitava criticar abertamente a guerra, o fascismo, o antissemitismo. Zweig não podia falar apenas como austriaco, tampouco apenas como judeu, e assim por diante. Cada característica contém uma forte contradição. De fato, como Galle (2018, p. 359) aponta

Das ‚Wir‘ insinuiert, das Schicksal „einer ganzen Generation“ zu erzählen (S. 7), aber nichts außer seiner eigenen Überzeugung autorisiert Zweig, für seine Mitschüler, die pazifistischen Dichter, die Österreicher usw. zu sprechen. Er erweitert seine persönliche Sicht der Dinge auf Gruppen, denen er sich zugehörig fühlt, und behauptet, jedes Mitglied dieser Gruppen denke und empfinde wie er.⁶⁵

Se Zweig tivesse estabelecido essas categorias para falar por si, para se identificar e exprimir suas experiências pessoais decorrentes do envolvimento e do distanciamento com relação a cada grupo, sua atitude seria mais comedida e mais consequente, do que pretender falar por toda uma geração e pela intersecção desses grupos. O autor usa esses grupos para defender sua singularidade e a legitimidade do seu relato, abrindo mão de

⁶³ “[...] e eu, entre inúmeros tantos, não consigo me atribuir outra primazia senão a de que, como austriaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista, sempre estive justamente nos lugares onde esses abalos foram mais violentos.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

⁶⁴ “*Enemy alien*, um estranho [estrangeiro] inimigo” (ZWEIG, 2014, p. 383).

⁶⁵ “O ‘nós’ insinua que será contado o destino ‘de uma geração inteira’, mas nada além da própria convicção autoriza Zweig a falar por seus colegas, pelos escritores pacifistas, pelos austriacos e assim por diante. Ele estende sua visão pessoal sobre esses grupos, aos quais ele se sentia pertencente, e assume que cada integrante desses grupos pense e sinta como ele.” (Tradução nossa).

certa sensibilidade para com a realidade dos demais integrantes desses grupos e às experiências distintas das suas. Contudo, enquanto o autor das memórias reitera publicamente seu papel de porta-voz de sua geração, nas cartas, o escritor expõe as contradições que comentamos acima. De Bath, em 16 de outubro de 1939, por exemplo, Zweig escreve a Felix Braun que se encontrava em um não-lugar, em um impasse causado pelo contexto político, abalando as categorias em que ele ancorava sua identidade.

Wir haben zuviel erlebt! Zuviel, was uns nicht persönlich berühren sollte – Politik, Sociologie – ist in unser Leben eingedrungen und das innere Gleichgewicht wird, besonders bei uns Juden, lebenslänglich gestört bleiben[;] wir sind lebendige Anomalien, in einer Sprache schreibend und denkend, die uns entzogen wird, in einem Lande lebend und an dessen Schicksal gebunden, dem wir nicht ganz verbunden und in dem wir bloß geduldet sind, Juden ohne den religiösen Glauben und den Willen, Juden zu sein; Pacifisten, die nicht widersprechen dürfen, wenn man gegen das Untier rüstet und kämpft – wann war eine Generation innerhalb der Geschichte so dem Widersinn preisgegeben!?

(ZWEIG, 2005a, p. 263-264).⁶⁶

Como o início deste excerto indica, Zweig esperava que sua vida devesse permanecer intocada pelos âmbitos político e social de seu tempo. Ao manifestar esse pensamento, ele recupera uma ideia presente no *fin-de-siècle* em que “a cultura estética tornou-se o refúgio de uma realidade social desarmônica” (SCHORSKE, 2000, p. 151). No entanto, em 1939, tanto a cultura passou por diferentes movimentos, inclusive de aproximação do debate social e político, como não havia qualquer possibilidade de um intelectual ou artista manter-se apartado das incisões políticas na vida cotidiana.⁶⁷ Em *Die Welt von Gestern*, Zweig procura articular os aspectos de sua identificação com os grupos apontados na carta, de modo que ele pudesse restabelecer sua condição de integrante deles em meio às crises e contradições de um não-lugar enfrentadas no exílio.

Esta situação de desproteção e desorientação, inclusive subjetiva, está refletida nas considerações do escritor a respeito de sua “existência” e de sua “casa”: “sie [die Erdstöße] haben mir dreimal Haus und Existenz umgeworfen, mich von jedem Einstigen und Vergangenen gelöst und mit ihrer dramatischen Vehemenz ins Leere geschleudert, in

⁶⁶ “Nós vivemos coisas demais! Demais do que não deveria nos tocar pessoalmente - política e sociologia - tem invadido a nossa vida e o equilíbrio interior, especialmente entre os judeus, ficará abalado por toda a vida[;] nós somos anomalias viventes, que escrevem e pensam em uma língua que nos foi desautorizada, habitantes em um país e vinculados ao seu destino, ao qual nós não nos vinculamos completamente e em que somos meramente tolerados, judeus sem crença religiosa e sem desejo de ser judeus, pacifistas, que não deveriam se contradizer, quando se arma e se luta contra o monstro – quando uma geração em meio à história esteve tão exposta à contradição.” (Tradução nossa).

⁶⁷ Sobre a concepção e o comportamento de Zweig com relação à política, cf. RESCH, Stephan. Kunst und Politik. In: In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 702-707.

das mir schon wohlbekannte ›Ich weiß nicht wohin‹.” (ZWEIG, 2017a, p. 9).⁶⁸ Nesta colocação, observa-se também que a falta de segurança é associada à perda de direção, já que o indivíduo em vez de “livre” para se dirigir como bem entende, estaria desnortado e impossibilitado de retornar ou de se fixar novamente em qualquer lugar, pois se encontra lançado no vazio. Em uma carta escrita a Thomas Mann, em Nova York, 29 de julho de 1940, Zweig chama isso de “Complexo do Aonde” [“Complex des ‘Wohin’”].⁶⁹

Apresentando-se na intersecção de grupos conflitantes, Zweig se esforçará por conciliá-los na obra memorialística. Por isso, em *Die Welt von Gestern*, o autor reforça os privilégios de participar destes grupos, enfatizando os pontos positivos deles: o entusiasmo vienense pela arte, a intelectualidade e a moral judaica, o lirismo sublime e inspirador dos escritores, os princípios pacifistas e os valores humanistas. Porém, todos estes valores em que Zweig cria estavam sendo solapados pela guerra e pelo nazismo.

Ao contrário do tom pesaroso reincidente nas cartas, Zweig procura assumir no Prólogo de suas memórias uma postura que parece compensar as perdas decorrentes da condição de exilado: “aber ich beklagte das nicht; gerade der Heimatlose wird in einem neuen Sinne frei, und nur der mit nichts mehr Verbundene braucht auf nichts mehr Rücksicht zu nehmen.” (ZWEIG, 2017a, p. 9-10).⁷⁰ Embora Zweig se mostre otimista com esta frase, estabelecendo um contraponto à ideia dos abalos e da destruição, a perspectiva de liberdade em relação à época anterior não se sustenta. Pode-se dizer que o escritor claramente mascara a ideia de liberdade no exílio ou tenta, ao menos, consolar-se com ela, porque, em muitos momentos, tal liberdade foi descrita por ele como pífia e cheia de restrições. Como vemos nas imagens das rupturas e da separação da pátria, o

⁶⁸ “Três vezes eles [os abalos sísmicos] destruíram minha casa e minha vida, arrancando-me de tudo o que existiu antes, de todo o passado, e me arremessando com sua veemência dramática para o vazio, para o ‘não sei para onde ir’, que eu já conhecia.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

⁶⁹ “Sie sind so gütig, mich nach meinem Wohin zu fragen. Ich weiß es nicht. [...] Ich habe einfach nicht mehr Kraft, bei Consulaten, Ämtern um Erlaubnisse, Verlängerungen einzukommen. Ist es in England halbswegs möglich trotz deutscher Sprachzugehörigkeit und jüdischer Belastung zu leben in der Weise, wie ich immer lebte – so werde ich es tun. Kommt Mosley oder sonst eine Form des Fascismus, dann ist Amerika gleichfalls kein Hort für lange Dauer mehr. Ich suche zunächst, den ganzen Complex des ‘Wohin’ möglichst abzublenden und lasse mich treiben. Einmal muß entweder der Sturm enden, oder man endet selbst.” (ZWEIG, 1984, 318) [“O senhor é tão gentil em me perguntar para onde vou. Eu não sei. [...] eu simplesmente não tenho mais forças para me apresentar nos consulados, em repartições para pedir permissões e prorrogações. Se for razoavelmente possível na Inglaterra, apesar da nacionalidade alemã [do pertencimento à língua alemã. M. H] e o fardo judeu, viver da forma como eu sempre vivi – não publicamente, invisível – então assim o farei. Se Mosley ou outra forma de fascismo aparecer, então a América também não será mais um refúgio para um longo período. Busco primeiro apagar, tanto quanto possível, o grande complexo do ‘Para onde’ e me deixo levar. Algum dia ou acaba a tempestade ou a própria pessoa acaba.” (ZWEIG apud MOISES, 2013, p. 72-73, adaptado da tradução)].

⁷⁰ “Mas não lamentei, pois é justamente o apátrida que se torna livre em um novo sentido, e só quem não está mais preso a nada pode se dar ao luxo de não ter que levar mais nada em consideração.” (ZWEIG, 2014, p. 13).

exílio não consiste simplesmente em uma libertação positiva daquilo que impedia o escritor de exercer suas funções, mas, ao contrário, é justamente aquilo que o desestabiliza e tolhe sua autonomia. A expressão do autor evidencia o seu orgulho, não se apresentando como pessoa prejudicada e queixosa; é uma simulação de nobreza, força e resiliência que difere do escritor que expõe o cansaço de recomeçar, como consta na carta a Kayser.

É necessário contrastar, na afirmação do autor, a ausência genérica de preocupação [*Rücksicht*] e a preocupação excessiva com a descrição e a conduta moral expressas no livro memorialístico. Embora Zweig se diga “livre” de preocupações, ao menos uma permanece até o fim: o cuidado com sua reputação. Por mais que o escritor tenha experimentado a ruptura de muitos vínculos na sua vida pessoal, a preocupação mais marcante na obra se dirige à sua pessoa pública, ele pretende resguardá-la como exemplo moral (humanista e pacifista) durante e após a guerra. Esboçando uma imagem positiva de si, o autor reconstrói vínculos destruídos e busca preservar-se como peça-chave da memória cultural do seu tempo para as gerações futuras. Adiante no Prólogo, Zweig expõe a perplexidade devido à perda de identificação com seus conterrâneos, manifesta seu pesar por não se sentir mais integrado ao mundo:

daß ich ›bei uns‹ sage und erschrocken mich erinnern muß, daß ich für die Menschen meiner Heimat längst ebensowenig dazugehöre wie für die Engländer oder für die Amerikaner, dort nicht mehr organisch verbunden und hier wiederum niemals ganz eingegliedert (ZWEIG, 2017a, p. 11).⁷¹

A ideia de “vínculo” e “ligação” é fundamental no livro, já que, tematizando as rupturas, o autor revê a fragilidade dos vínculos que julgara inabaláveis e, ainda, reforça outros vínculos do passado que eram ainda mais frágeis do que o autor representa no fim da vida. Há duas abordagens distintas para a ideia de vínculo no discurso de Zweig: aquela de uma formulação pretensamente otimista, no sentido da liberdade advinda da sua quebra, e esta, no sentido de uma não-identificação com o entorno e com as pessoas que o cercam. Zweig escreve que nunca mais se integraria “aqui”, no exílio, no lugar onde o escritor se encontra quando confecciona sua obra. Este lugar de não-identificação é recorrente na fala do sujeito autobiográfico e, inclusive, poderia ser o fator que o motiva a escrever as memórias: visitar um lugar de junção com o mundo, com sua liberdade “exterior” para reforçar sua liberdade “interior” que lhe resta de sua experiência de vida.

⁷¹ “Ou então digo ‘na minha terra’ [*recte* ‘entre nós’, ‘no nosso país’ M.H.] e logo me assusto ao lembrar que, para as pessoas da minha pátria, faço tão pouco parte dela quanto para os ingleses ou os americanos – lá não estando mais organicamente ligado e jamais tendo sido inteiramente integrado aqui.” (ZWEIG, 2014, p. 14, adaptado da tradução).

Este relato serviria, então, de inventário cultural não daquilo que resta, mas daquilo que se perdeu, é um relato do despojamento. Zweig descreve a dificuldade de resistir à privação daquilo que lhe era mais valioso:

Wir mußten Freud recht geben, wenn er in unserer Kultur, unserer Zivilisation nur eine dünne Schicht sah, die jeden Augenblick von den destruktiven Kräften der Unterwelt durchstoßen werden kann, wir haben allmählich uns gewöhnen müssen, *ohne Boden unter unseren Füßen zu leben, ohne Recht, ohne Freiheit, ohne Sicherheit*. (ZWEIG, 2017a, p. 21, grifo nosso).⁷²

A repetição da palavra “sem” (*ohne*) tem a ver com a destituição do que seria afirmativo para o indivíduo, assim como é enfatizada a ideia de vazio (*ins Leere*), aonde o indivíduo se vê lançado como resultado do corte dos vínculos, o que está diretamente ligado com a perda da identidade do escritor. Além disso, a repetição da palavra “nenhum” (*kein*) sobre a confecção do livro de memórias como uma reconstrução sem apoio algum teria um efeito negativo semelhante, em que o escritor teria de elaborar seu relato sem que houvesse algo ou alguém para comprovar sua identidade, sua experiência de vida e seu lugar no mundo: “kein Exemplar meiner Bücher, keine Aufzeichnungen, keine Freundesbriefe sind mir in meinem Hotelzimmer zur Hand. Nirgends kann ich mir Auskunft holen, denn in der ganzen Welt ist die Post von Land zu Land abgerissen oder durch die Zensur gehemmt” (ZWEIG, 2017a, p. 14).⁷³ No Prólogo, também a palavra “nada” (*nichts*)⁷⁴ se repete, marcando o vazio, a eliminação dos vínculos e a impossibilidade de retorno.

A condição do exílio, que impõe ao escritor a separação dos seus bens, do seu material de trabalho e a separação dos seus amigos é visível nos dois momentos do Prólogo em que o autor fala de suas casas e de sua existência. Elas localizam a ruptura temporal entre três períodos que teriam se tornado desconexos, sendo que cada um deles inaugura uma configuração distinta. As casas marcam o lugar de ancoragem de cada fase

⁷² “Tivemos que dar razão a Freud, que viu na nossa cultura, na nossa civilização, apenas uma fina camada que a cada momento pode ser perfurada pelas forças destrutivas do submundo. Aos poucos, fomos obrigados a nos acostumar a viver sem chão sob nossos pés, sem direitos, sem liberdade, sem segurança.” (ZWEIG, 2014, p. 22).

⁷³ “nenhum exemplar dos meus livros, nada de notas ou cartas dos amigos. Em parte nenhuma posso buscar informações, pois no mundo inteiro a troca de correspondência entre um país e outro está interrompida.” (ZWEIG, 2014, p. 17).

⁷⁴ “Gerade der Heimatlose wird in einem neuen Sinne frei, und nur der mit nichts mehr Verbundene braucht auf nichts mehr Rücksicht zu nehmen” (ZWEIG, 2017a, p. 9-10); “Wir aber lebten alles ohne Wiederkehr, nichts blieb vom Früheren, nichts kam zurück” (Ibid., p. 12); “Von all meiner Vergangenheit habe ich also nichts mit mir” (Ibid., p. 14). [“Só quem não está mais preso a nada pode se dar ao luxo de não ter que levar mais nada em consideração” (ZWEIG., 2014, p. 13); “Nós, porém, vivemos tudo sem retorno, nada restou do passado, nada voltou” (Ibid., p. 15); “De todo o meu passado, portanto, [não tenho mais nada comigo]” (Ibid., p. 17, adaptado da tradução].

da vida de Zweig, assim como dos grupos aos quais ele pertencia. Juventude em Viena na burguesia judaica; sucesso e estabilidade em Salzburg com seus amigos e pares no âmbito artístico; meia-idade em Bath na solidão do exílio. A derrubada dessas casas pelos já citados “abalos sísmicos” é apenas figurativa, indicando que Zweig teria se sentido compelido a abandonar tudo o que tinha, embora as mudanças das casas não sejam exclusivamente justificadas pelas guerras.

So verschieden ist mein Heute von jedem meiner Gestern, meine Aufstiege und meine Abstürze, daß mich manchmal dünkt, ich hätte nicht bloß eine, sondern mehrere, völlig voneinander verschiedene Existenzen gelebt. Denn es geschieht mir oft, daß, wenn ich achtlos erwähne: ›Mein Leben‹, ich mich unwillkürlich frage: ›Welches Leben?‹ Das vor dem Weltkriege, das vor dem ersten oder das vor dem zweiten oder das Leben von heute? Dann wieder ertappe ich mich dabei, daß ich sage: ›Mein Haus‹ und nicht gleich weiß, welches der einstigen ich meinte, ob das in Bath oder in Salzburg oder das Elternhaus in Wien. (ZWEIG, 2017a, p. 10-11).⁷⁵

Trata-se de uma formulação esquemática das rupturas temporais que, ao longo do livro, não são efetivamente reconhecíveis – como o próprio escritor detectou em sua obra. Zweig também residiu em outros endereços e cidades além de Viena, Paris, Berlim, Londres, e teve períodos longos de viagem na Itália, Bélgica, Suíça, Rússia e Índia. No entanto, ele elenca três. A saída de Viena, da casa dos pais não consta no livro, tampouco se poderia associá-la a um acontecimento histórico específico, pois Zweig teve outros apartamentos em Viena após a saída da casa paterna e a mudança para Salzburg ocorre no ano seguinte ao fim da Primeira Guerra. No caso de Viena, é compreensível que a casa paterna seja a mais significativa para ser associada à cidade em que ele nasceu e cresceu. Os demais endereços, seja alugando um quarto de estudante ou um apartamento, todos orbitavam o apartamento dos pais na Rathausstrasse 17, e, Zweig comparecia todos os dias na hora do almoço, mantendo-se vinculado à rotina familiar. Segundo Renoldner, a decisão do escritor de deixar Viena para residir em Salzburg tem a ver com as tensões não explicitadas na obra memorialística, que seriam relativas ao círculo cultural e à resistência de Zweig adotar novas tendências estéticas:

die Erinnerungen an die Zeit vor 1914 (zwei Drittel der *Welt von Gestern* sind diesem Lebensabschnitt gewidmet) gelten ja weniger einer Utopie bzw. der Sehnsucht nach der politischen Wirklichkeit der Habsburger Monarchie, als vielmehr dem individuellen Lebensgefühl

⁷⁵ “Tão diferente é meu hoje de qualquer dos meus ontens, minhas ascensões e minhas quedas, que às vezes me parece que vivi não uma única existência, mas várias, inteiramente diferentes entre si. [...] Ou então me pego dizendo ‘minha casa’, sem saber a qual delas me refiro, à de Bath ou à de Salzburgo ou à casa paterna em Viena.” (ZWEIG, 2014, p. 14).

des jungen Autors und der nachträglichen Positionierung im Kunstgeschehen Wiens (RENOLDNER, 2018, p. 16).⁷⁶

As relações de Zweig em Viena se estremeceram com o “derrotismo” que ele professava como correspondente do *Neue Freie Presse* quando esteve ocupado com a estreia de *Jeremias* em Berna, com licença de seu posto no Arquivo Militar (*Kriegsarchiv*) durante a Primeira Guerra. Entretanto, bem antes disto, em 12 de agosto de 1905 em uma viagem à cidade italiana Tirano, Zweig envia uma carta à intelectual sueca Ellen Key: “ich reise durch die Welt, kümmere mich nicht um Litteratur, bin ja auch wenig bekannt und in Wien wenig beliebt, wie Sie leicht hatten sehen können” (ZWEIG, 1995, p. 104).⁷⁷ Este comentário de Zweig dá margem para se duvidar da sua experiência de harmonia e integração cultural na cidade de Viena descrita nos primeiros capítulos do livro de memórias.

A expressão metafórica das ruínas de suas casas tem algo de melancólico intimamente ligado à memória e à nostalgia de um tempo grandioso por suas construções, que se encontra distante e irrecuperável.⁷⁸ Quando Zweig relembra Viena, há um gesto bastante discreto de indagar a própria cegueira em relação à estabilidade daquela cidade como uma construção. Ao final do capítulo “Die Schule im vorigen Jahrhundert”, logo após os comentários de Zweig sobre o “belo Karl” Lueger. Neste ponto, Zweig contrasta o interesse restrito dos estudantes por literatura, enquanto a cidade fervia com as eleições,⁷⁹ expondo sua indiferença por política e a dificuldade deles enxergarem o gérmen do nacional-socialismo naquele momento: “erst als Jahrzehnte später Dach und Mauern über uns einstürzten, erkannten wir, daß die Fundamente längst unterhöhlt gewesen waren und mit dem neuen Jahrhundert zugleich der Untergang der individuellen Freiheit in Europa begonnen hatte”. (ZWEIG, 2017a, p. 82).⁸⁰ O fundamento já estava

⁷⁶ “Também as recordações da época anterior à 1914 (dois terços de *O mundo de ontem* são dedicadas a esta parte da vida) servem menos a uma utopia, respectivamente à nostalgia pela realidade política da monarquia habsburga, e muito mais ao estilo de vida individual do jovem autor e seu posicionamento tardio nos acontecimentos artísticos de Viena.” (Tradução nossa).

⁷⁷ “Eu viajo pelo mundo, não penso muito em literatura, também sou pouco conhecido mesmo e em Viena pouco benquisto, como a senhora facilmente pôde ver.” (Tradução nossa).

⁷⁸ Cf. STAROBINSKI, Jean. A melancolia das ruínas. In: *A invenção da liberdade 1700-1789*. Trad. Fulvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p. 200-209.

⁷⁹ “Die Stadt erregte sich bei den Wahlen, und wir gingen in die Bibliotheken. Die Massen standen auf, und wir schrieben und diskutierten Gedichte.” (ZWEIG, 2017a, p. 82) [“A cidade de agitava durante as eleições, nós frequentávamos as bibliotecas. As massas se levantavam, nós escrevíamos e discutíamos poesia.” (ZWEIG, 2014, p. 73)].

⁸⁰ “E só quando, décadas mais tarde, o telhado e as paredes desabaram sobre nós, reconhecemos que os alicerces há muito já estavam solapados e que com o novo século começara também o declínio da liberdade individual na Europa.” (ZWEIG, 2014, p. 73).

apodrecido quando Zweig, falando por sua geração, diz ter sido surpreendido pelo desabamento do edifício.

Apesar das expressões de surpresa em seu livro memorialístico diante dos horrores do seu tempo, Zweig compreendera as implicações pessoais do nazismo no mesmo ano em que Hitler assumira o cargo de chanceler. Em 30 de novembro de 1933, em Londres, Zweig envia uma carta a Rudolf Kayser, prevendo a condição de apátrida: “Dazu baldige Heimatlosigkeit. Ich kann in Salzburg... nicht bleiben, ohne innerlich gehemmt zu sein: so verliere ich mein Haus, meine Bücher, meine Sammlungen und muß ganz neu ein Leben beginnen, müde wie ich bin.” (ZWEIG, 1959, p. 75).⁸¹ A pausa reticente na frase é um suspiro melancólico diante da possibilidade de “internamente” ser “coagido” ou “impedido”, ele imagina que seria inevitável perder casa, livros, coleções, mas Zweig expressa que seria “preferível” deixar Salzburg. No relato de Max Brod (1959, p. 41), Zweig também parece antecipar a perda da biblioteca – algo que ele, de fato, lamentará incansavelmente nas cartas do exílio. Neste momento, ele parecia se despedir da sua casa em Salzburg, mesmo tudo ainda estando ao seu redor naquele momento:

Die Tage Hitlers kamen. In Salzburg geleitet mich Zweig durch die vielen Zimmer seiner schönen Wohnung auf dem Kapuzinerberg. Traurig klangen seine Worte, mit denen er mir all die Pracht vorführte: „Eine schöne Bibliothek habe ich gehabt. Eine schöne Wohnung habe ich gehabt.“ Alles stand noch da. Aber die prophetisch schattenhaften Sätze schweben heran, machten alles unwirklich.⁸²

O prenúncio da perda fez com que o presente fosse dado por encerrado enquanto este ainda vigorava. Esse sentimento que Zweig transmite a Brod em 1933 perdurou provavelmente até o fim da vida do escritor e, sem dúvida, impregnou seu livro de memórias. A metáfora de destruição a partir da instabilidade do solo e das casas derrubadas no chão é reforçada no Prólogo pela ideia de desenraizamento, em que as árvores são arrancadas do seu fundamento e se encontram expostas e sem sustentação, assim como sem nutrientes: “denn losgelöst von allen Wurzeln und selbst von der Erde, die diese Wurzeln nährte, – das bin ich wahrhaftig wie selten einer in den Zeiten.” (ZWEIG, 2017a, p. 10).⁸³ A impossibilidade de fixação em um novo lugar e a

⁸¹ “Em breve, expatriação. Em Salzburg eu não posso... permanecer sem estar intimamente coagido: então perco minha casa, meus livros, minhas coleções e preciso começar uma vida completamente nova, cansado como estou.” (Tradução nossa).

⁸² “Os dias de Hitler chegaram. Em Salzburg, Zweig me conduzia pelos muitos cômodos da sua linda casa no Kapuzinerberg. Suas palavras soavam tristes, com as quais ele me mostrava todo o esplendor: uma linda biblioteca, eu tive. Uma linda casa, eu tive. Tudo ainda estava ali. Mas as frases sombrias e proféticas que pairavam no ar tornavam tudo irreal.” (Tradução nossa).

⁸³ “Desprendido de todas as raízes e do solo que as alimenta: é assim que estou de fato, como raras vezes alguém esteve ao longo dos tempos.” (ZWEIG, 2014, p. 14).

impossibilidade de retorno são aspectos marcantes nos textos de Zweig da época. Isto levaria a outra imagem: a impossibilidade de mover-se como bem entende, de retorno à Europa e à terra natal, a necessidade de um passaporte concedido por um país que não era originalmente o seu.⁸⁴

O desenraizamento é uma violência em que o escritor é extraído do ambiente que o conecta à vida. Sem esse solo, o autor evoca outra metáfora para expressar o sentimento de deriva na correnteza marítima: “wir, gejagt durch alle Stromschnellen des Lebens, wir, gerissen aus allen Wurzeln unseres Verbundenseins” (ZWEIG, 2017a, p. 43-44).⁸⁵ Este trecho se encontra no final do primeiro capítulo do livro: “Die Welt der Sicherheit”, em que Zweig discorre sobre a integração harmônica e próspera que havia na chamada “boa burguesia judaica”. O autor enxerga nessas famílias o esforço por cumprir a missão de se adaptar à cultura hegemônica a ponto de aperfeiçoá-la com seus valores e sua contribuição intelectual. Só no capítulo seguinte, “Die Schule im vorigen Jahrhundert”, quando o escritor introduz o político antissemita Karl Lueger (presidente da Câmara de Viena entre 1897 a 1910) como uma pessoa inofensiva aos judeus,⁸⁶ só então o autor admite dúvida a

⁸⁴ “Wir konnten reisen ohne Paß und Erlaubnisschein, wohin es uns beliebte, niemand examinierte uns auf Gesinnung, auf Herkunft, Rasse und Religion. Wir hatten tatsächlich – ich leugne es keineswegs – unermesslich mehr individuelle Freiheit und haben sie nicht nur geliebt, sondern auch genutzt.” (ZWEIG, 2017a, p. 106-107); “Niemand fragte mich nach meiner Nationalität, meiner Religion, meiner Herkunft, und ich war ja – phantastisch für unsere heutige Welt der Fingerabdrücke, Visen und Polizeinachweise – ohne Paß gereist.” (Ibid., p. 209) [“Viajávamos sem passaporte ou licença para onde quiséssemos, ninguém nos inquiria sobre credo político, origem, raça e religião. Tínhamos de fato – eu não nego de forma alguma – muitíssimo mais liberdade individual, e não apenas a amamos como também a aproveitamos.” (Id., 2014, p. 92-93); “Ninguém me perguntou pela minha nacionalidade, minha religião, minha origem, sendo que eu viajara sem passaporte – coisa fantástica, comparando com o nosso mundo moderno de impressões digitais, vistos e autorizações policiais.” (Ibid., p. 176).] Em carta a Felix Braun, de Bath, do início de agosto de 1939: “Ich mag aber nicht in dieser Zeit mit einem bloßen travel paper reisen und der wirkliche Paß läßt auf sich warten. Ich habe längst eingereicht, bin aber zu zurückhaltend, um zu drängen – ich denke an die andern, die noch mehr Unsicher sind.” (ZWEIG, 2005a, p. 253) [“Eu, porém, não gosto de viajar nesse tempo só com a permissão de viagem, enquanto se espera pelo passaporte de verdade. Eu já o solicitei há tempos, mas sou muito contido para fazer pressão – eu penso nos outros que estão ainda mais inseguros.” (Tradução nossa)].

⁸⁵ “Nós, que fomos acossados por todas as correntezas da vida; nós, que fomos arrancados de todas as raízes que nos seguravam” (ZWEIG, 2014, p. 41).

⁸⁶ “Karl Lueger, mit seinem weichen, blonden Vollbart eine imposante Erscheinung – der ›schöne Karl‹ im Wiener Volksmund genannt –, hatte akademische Bildung und war nicht vergebens in einem Zeitalter, das geistige Kultur über alles stellte, zur Schule gegangen. Er konnte populär sprechen, war vehement und witzig, aber selbst in den heftigsten Reden – oder solchen, die man zu jener Zeit als heftig empfand – überschritt er nie den Anstand, und seinen Streicher, einen gewissen Mechaniker Schneider, der mit Ritualmordmärchen und ähnlichen Vulgaritäten operierte, hielt er sorgfältig im Zaum. Gegen seine Gegner bewahrte er – unanfechtbar und bescheiden in seinem Privatleben – immer eine gewisse Noblesse, und sein offizieller Antisemitismus hat ihn nie gehindert, seinen früheren jüdischen Freunden wohlgesinnt und gefällig zu bleiben.” (ZWEIG, 2017a, p. 80) [“Karl Lueger, uma aparência imponente com sua barba loura e macia – apelidado pelos vienenses de ‘o belo Karl’ –, tinha formação acadêmica e não por acaso frequentava a escola numa época que colocava a cultura intelectual acima de tudo. Sabia falar para o povo, era veemente e divertido, mas mesmo nos seus discursos mais violentos – ou aqueles que à época se considerava violentos – sempre guardou o decoro. E seu Streicher, um certo mecânico de nome Schneider,

respeito da integração dos judeus entre os demais grupos que compunham a população austríaca. Novamente, notamos a divergência entre a integração aparente e otimista e a cisão subterrânea que impedia o exercício pleno de sua cidadania:

Alle die unterirdischen Risse und Sprünge zwischen den Rassen und Klassen, die das Zeitalter der Konzilianz so mühsam verkleistert hatte, brachen auf und wurden Abgründe und Klüfte. In Wirklichkeit hatte in jenem letzten Jahrzehnt vor dem neuen Jahrhundert der Krieg aller gegen alle in Österreich schon begonnen. (ZWEIG, 2017a, p. 82).⁸⁷

Aqui, pode-se observar a ambiguidade do verbo “*verkleistern*” que pode significar tanto fechar ou tapar um buraco quanto encobrir uma falha, um erro, esconder algo. Por mais que a fala de Zweig seja positiva em relação ao processo de assimilação dos judeus em Viena, há na expressão utilizada por ele uma margem para se compreender o quanto esse esforço era inócuo.

Leo Spitzer (2001) dedicou, em 1989, um estudo às famílias assimiladas na Áustria, nos Estados Unidos e no Brasil; como exemplo de assimilação austríaco-judaica, ele tratou especificamente da família Zweig. Segundo o pesquisador, deve-se considerar que somente em 1870, com o Editto de Tolerância (*Freizügigkeit*), as famílias de origem judaica passaram a ter permissão de morar na zona central de Viena. Nas suas memórias, Zweig sugere que a intolerância entre raças e classes que culminaria nas Guerras Mundiais já fermentava na sua época de escola, nas últimas décadas do século XIX, sem se darem conta disso e sem que ele mesmo pudesse perceber o perigo do antissemitismo tolerado e institucionalizado na política. Dificilmente se poderia crer que, em 20 anos de edito (de 1870 a 1890) as famílias, mantidas à distância por tanto tempo, pudessem estar totalmente integradas como Zweig também descreve. Todavia, este mesmo escritor crescera em um ambiente protegido pelos pais que, na condição de tolerados, mantinham sua posição social privilegiada com extrema discrição, evitando envolvimento político e quaisquer conflitos. Esta configuração pode ter contribuído para amortecer o impacto do preconceito contra os judeus na infância e adolescência de Zweig. Spitzer (2001, p. 156) comenta a falta de consciência dos assimilados quanto à sua real condição:

os indivíduos em processo de assimilação numa “situação de marginalidade” não se percebiam automaticamente como marginalizados – não se viam, necessariamente, como aspirantes

que alegava histórias de assassinatos e rituais e outras vulgaridades, era cuidadosamente controlado por ele. Inatacável e modesto em sua vida privada, sempre guardou certa nobreza perante seus opositores, e seu antissemitismo oficial nunca o impediu de continuar ser amável e bem intencionado com seus antigos amigos judeus.” (ZWEIG, 2014, p. 71)].

⁸⁷ “Todas as fendas subterrâneas entre raças e classe que a era da conciliação fechara à custa de tanto esforço reabriram-se e se tornaram abismos e precipícios. Na realidade, a guerra de todos contra todos já começara na Áustria, naquela última década antes do novo século.” (ZWEIG, 2014, p. 73).

barrados, excluídos, rejeitados e inaceitáveis ao privilégio e ao poder do grupo dominante.

Diante disso, as leis antissemitas na Alemanha e na Áustria, a partir do regime nazista, escancararam a situação marginal dessas famílias e, no exílio, extinguiu-se a antiga crença na possibilidade de integração. Nos países em alcance dos nazistas, havia perseguição, deportação e extermínio, enquanto nos países que lutavam contra a Itália e a Alemanha, os refugiados de origem alemã e austríaca eram hostilizados por conta do sotaque que confundia os próprios judeus com seus perseguidores, com o inimigo. De Bath, no início de agosto de 1939, Zweig envia uma carta a Felix Braun: “Schade, daß Du so weit fort bist. Man brauchte doch ab und zu ein geistiges Gespräch. Manchmal habe ich Angst, als würde die deutsche Sprache mir fremder und die Feinheiten und Nuancen blättern ab im Wind der Fremde.” (ZWEIG, 2005a, p. 253).⁸⁸ O distanciamento da língua tem um efeito significativo na forma como Zweig lida com sua situação de exílio. O mais temerário para ele seria, no entanto, o estranhamento de uma língua antes familiar e que garantia a ele um lugar na cultura de expressão alemã, como se lê nas suas memórias:

Denn war eine absurdere Situation einem Menschen zu erdenken, der längst ausgestoßen war aus einem Deutschland, das ihn um seiner Rasse und Denkart willen als widerdeutsch gebrandmarkt, als nun in einem anderen Land auf Grund eines bürokratischen Dekrets einer Gemeinschaft zugezwungen zu werden, der er als Österreicher doch niemals zugehört? Mit einem Federstrich hatte der Sinn eines ganzen Lebens sich in Widersinn verwandelt; ich schrieb, ich dachte noch immer in deutscher Sprache, aber jeder Gedanke, den ich dachte, jeder Wunsch, den ich fühlte, gehörte den Ländern, die in Waffen standen für die Freiheit der Welt. (ZWEIG, 2017a, p. 461-462).⁸⁹

Aqui, de uma perspectiva pessoal, cognitiva (uso da língua e pensamento) e emocional (desejo), Zweig elucida a arbitrariedade da situação política e a aporia do exílio.⁹⁰ Quanto a isso, Hannah Arendt (1976) considera ainda o efeito de humilhação que

⁸⁸ “Pena que você esteja tão longe. De vez em quando é preciso uma conversa intelectual. Às vezes, eu tenho medo, como se a língua alemã fosse se tornar estranha para mim e as sutilezas e nuances se perdessem no vento do estrangeiro.” (Tradução nossa).

⁸⁹ “Poderia haver situação mais absurda para uma pessoa que já fora expulsa há muito tempo de uma Alemanha que a marcara como antialemã, por causa da sua raça e da maneira de pensar, do que agora ser obrigada em um outro país, por um decreto burocrático, a pertencer a uma comunidade à qual, como austríaca, jamais pertencera? Como uma penada, o sentido de uma vida inteira se transformava num contrassenso; eu escrevia e pensava ainda em língua alemã, mas cada pensamento que eu tinha, cada desejo que sentia, pertencia aos países que estavam em armas em prol da liberdade do mundo.” (ZWEIG, 2014, p. 384).

⁹⁰ No final de uma carta a Felix Braun, enviada provavelmente no início de 1940, de Bath, Zweig associa o isolamento pessoal – a indisposição para encontrar pessoas – à recusa de falar como estrangeiro ou hóspede e assina como “Dein alter Jeremias”, seu velho Jeremias, em referência à peça pacifista que escrevera: “Hier sehe ich niemanden, auch in London nicht, ich *will* nicht sprechen als Fremder, als Gast, nicht kritisieren, nicht prophezeien.” (ZWEIG, 1984, p. 308) [“Aqui eu não vejo ninguém, tampouco em

representava para Zweig a perda do lugar de prestígio como escritor de renome internacional, lugar que até então lhe conferira uma impressão de que sua liberdade pessoal estaria acima das questões políticas. A queixa do autor das memórias contra o seu rebaixamento a uma “categoria inferior” mostra isso.⁹¹ No entanto, mesmo com recursos para estar em segurança em outro continente e com a possibilidade de escrever suas obras e publicar simultaneamente várias traduções, Zweig reluta diante da ideia de adaptar-se no exílio, relacionando isso ao abandono de sua língua materna. Na carta a Felix Braun, escrita em Petrópolis, 21 de novembro de 1941, ele se compara com os demais exilados:

Ich finde die Identität mit meinem Ich nicht mehr, nirgends gehörig, nomadisch und dabei unfrei – meine Arbeit, meine Bücher sind drüben und ich lebe seit Jahren mit Koffern und Paketen, an ein Zurück ist doch auf zu lange nicht zu denken und es wäre auch kein richtiges Nachhause mehr. Die andern haben die Schiffe hinter sich verbrannt, sich amerikanisiert, gaben sogar ihre Sprache auf – ich bin für all dies zu alt. (ZWEIG, 1959, p. 93).⁹²

Esta carta expõe como Zweig concebe a relação íntima entre identidade, cultura e língua. Sendo que, nesta e em outras cartas mais próximas à data de suicídio, o escritor lamentava a falta de amigos e conhecidos com quem pudesse desenvolver uma conversa profunda na sua própria língua. Aqui, Zweig não se diz “livre” de vínculos como no Prólogo das memórias, mas o contrário: “*unfrei*”. O escritor se vê forçado a viajar constantemente com o mínimo de seus pertences, desprovido daquilo que para ele assegurava sua identidade (a língua, o vínculo com a Europa). A comparação dramática com os “outros” exilados demonstra a resistência do escritor em lidar com essas perdas.⁹³

Londres, eu não *quero* falar como estrangeiro, como hóspede, não criticar, não profetizar.” (Tradução nossa)].

⁹¹ “Über Nacht war ich abermals eine Stufe hinuntergeglitten. Gestern noch ausländischer Gast und gewissermaßen Gentleman, der hier sein internationales Einkommen verausgabte und seine Steuern bezahlte, war ich Emigrant geworden, ein ›Refugee‹. Ich war in eine mindere, wenn auch nicht unehrenhafte Kategorie hinabgedrückt.” (ZWEIG, 2017a, p. 435) [“Da noite para o dia, eu caíra um degrau, mais uma vez. Na véspera ainda um hóspede estrangeiro e, de certo modo, um *gentleman* que ali gastava o seu salário internacional e pagava impostos, eu me tornara emigrante, um *refugee*. Caíra para uma categoria inferior, embora não ignominiosa.” (ZWEIG, 2014, p. 362)].

⁹² “Eu não encontro mais a identidade do meu eu, não pertencente a nada, nômade e também retido – meu trabalho, meus livros estão do outro lado e eu vivo há anos com malas e pacotes, não se pensa em um retorno faz tempo e não haveria mais um lar para se ir mesmo. Os outros queimaram o navio atrás de si, se americanizaram, até desistiram da sua língua – eu estou muito velho para tudo isso.” (Tradução nossa).

⁹³ “So gehöre ich nirgends mehr hin, überall Fremder und bestenfalls Gast; auch die eigentliche Heimat, die mein Herz sich erwählt, Europa, ist mir verloren, seit es sich zum zweitenmal selbstmörderisch zerfleischt im Bruderkriege.” (ZWEIG, 2017a, p. 10) [“Assim, não pertenço a lugar algum, em toda parte sou estrangeiro ou, na melhor das hipóteses, hóspede; a própria pátria que o meu coração elegeu para si, a Europa, perdeu-se para mim, desde que se autodilacera pela segunda vez numa guerra fratricida.” (ZWEIG, 2014, p. 14)].

Nesse sentido, por mais que o compromisso do autor tenha sido fornecer um relato sincero e imparcial nas suas memórias,⁹⁴ é necessário levar em consideração a situação emocional do escritor no exílio e o limite de exposição tolerável para ele no livro. Apesar do comentário otimista a respeito da privação “libertadora” do exílio, é difícil julgar em que medida Zweig estava sendo “sincero” e “imparcial”.

Hannah Arendt, em sua crítica a *Die Welt von Gestern*, enfatiza ironicamente a coragem do escritor em expor “sem dissimular ou embelezar” a tolice da sociedade judaico-burguesa em que ele esteve inserido.⁹⁵ Segundo Arendt, existiria alguma sinceridade na forma como o autor apresenta seu ponto de vista, até por conta da falta de compreensão que a própria “boa burguesia judaica”, como ele a chama, pôde ter da relação entre seu sofrimento e sua tolerância ao antissemitismo que se manifestava politicamente desde a virada de século. Por mais que observemos sinceridade na expressão do sofrimento e da perplexidade diante da guerra, dificilmente se poderia dizer que haveria imparcialidade no relato de Zweig. Pois, o contexto socioeconômico em que o escritor se desenvolveu e a sua concepção de arte, que negava a influência política sobre si, condicionavam fortemente o ponto de vista do autor. A imparcialidade, com base na crítica Arendt (1976), seria uma manifestação da tolerância subserviente da burguesia judaica à sociedade elitista antissemita de Viena, à qual os judeus se submetiam em busca de uma projeção cultural para evitar a condição de párias. Por mais que Zweig tenha se empenhado em reforçar o *status* de “cidadão do mundo”, vemos, segundo Arendt, que *Die Welt von Gestern* expõe um mundo relativo apenas à circunscrição em que o escritor vivera.⁹⁶ Quando Zweig questiona abertamente sua identificação com os demais refugiados, ele revela sua dificuldade de se identificar com eles e postula questões

⁹⁴ “So hoffe ich, wenigstens eine Hauptbedingung jeder rechtschaffenen Zeitdarstellung erfüllen zu können: Aufrichtigkeit und Unbefangenheit.” (ZWEIG, 2017a, p. 10) [“Por isso, espero cumprir pelo menos uma das principais condições de qualquer descrição adequada da contemporaneidade: sinceridade e imparcialidade.” (ZWEIG, 2014, p. 13)].

⁹⁵ “Es ist auch wieder bewundernswert und dankenswert, daß wenigstens einer von ihnen [den Arrivierten] den Mut gehabt hat, alles genau, ohne zu verheimlichen oder zu beschönigen, wiederzugeben, und dies, obwohl Zweig sehr genau gewußt hat, welche Narren sie alle zusammen gewesen sind; wenn ihm auch schwerlich der Zusammenhang zwischen ihrem Unglück und ihrer Narrheit je klargeworden ist.” (ARENDR, 1976, p. 77) [“É também de se admirar e agradecer que pelo menos um deles [dos arrivistas] tivesse tido a coragem de reconstituir tudo exatamente, sem dissimular ou embelezar, e isto, mesmo que Zweig soubesse exatamente o quão tolos eles todos juntos tinham sido; se a ele também, dificilmente se esclareceu a relação entre a sua desgraça e a sua tolice.” (Tradução nossa)].

⁹⁶ “Natürlich ist die Welt, die Zweig schildert, alles andere als die Welt von gestern; natürlich lebte der Autor dieses Buches nicht eigentlich in der Welt, sondern nur an ihrem Rande.” (ARENDR, 1976, p. 77) [“Obviamente o mundo que Zweig retrata é tudo diferente do mundo de ontem; obviamente, o autor desse livro não vivia de fato no mundo, mas à sua margem.” (Tradução nossa)].

pertinentes à violência de reduzir indivíduos e grupos heterogêneos a uma única categoria arbitrária e externa:

Man trieb sie aus den Ländern und gab ihnen kein Land. Man sagte: lebt nicht mit uns, aber man sagte ihnen nicht, wo sie leben sollten. Man gab ihnen Schuld und verweigerte ihnen jedes Mittel, sie zu sühnen. Und so starrten sie sich an auf der Flucht mit brennenden Augen – warum ich? Warum du? Warum ich mit dir, den ich nicht kenne, dessen Sprache ich nicht verstehe, dessen Denkweise ich nicht fasse, mit dem nichts mich verbindet? Warum wir alle? Und keiner wußte Antwort. Selbst Freud, das klarste Ingenium dieser Zeit, mit dem ich oft in jenen Tagen sprach, wußte keinen Weg, keinen Sinn in diesem Widersinn. Aber vielleicht ist es gerade des Judentums letzter Sinn, durch seine rätselhaft überdauernde Existenz Hiobs ewige Frage an Gott immer wieder zu wiederholen, damit sie nicht völlig vergessen werde auf Erden. (ZWEIG, 2017a, p. 455).⁹⁷

Esta seria uma forma de expressar sua incompreensão, sua resistência ao enquadramento e, nesse ponto, o escritor se manifesta com relação à complexidade do mundo judaico, à impossibilidade de generalização e à diferença da sua própria condição socioeconômica e experiência linguística, estas que, no início do livro, parecem ser tomadas como realidade única. Quando o autor formula perguntas na primeira pessoa, referindo-se às pessoas se entreolhando, tais reflexões poderiam muito bem ser atribuídas ao próprio Zweig, já que essas questões advêm da interpretação do escritor diante do olhar perplexo dos judeus em busca de um refúgio no exílio: “por que eu? Por que você? Por que eu com você que eu não entendo?” (ZWEIG, 2014, p. 378).

Diante disso, é preciso olhar com desconfiança para a promessa de “sinceridade e imparcialidade” feita pelo autor, mas também deve-se ponderar as passagens em que o autor expõe sua fragilidade, sua desilusão e, inclusive, sua incompreensão acerca do mundo em que ele viveu. Na avaliação de Zweig, outros três adjetivos são usados para qualificar sua obra na carta a Benjamin Huebsch, seu editor nos Estados Unidos: interessante, colorida, honesta.⁹⁸ Trataremos, a seguir, do problema da confiabilidade do relato e dos episódios mencionados na obra, discutindo o caráter testemunhal que seu autor atribui a ela no Prólogo.

⁹⁷ “[Os judeus] eram expulsos dos seus países sem que se lhes desse um país. Diziam-lhes ‘não vivam conosco’, sem lhes dizer onde deviam viver. Culpavam-nos e lhes recusavam qualquer meio de expiar a culpa. E assim eles se olhavam fixamente na fuga com olhos ardentes – porque eu? Por que você? Por que eu com você, que eu não conheço, cuja língua não entendo, cuja maneira de pensar não compreendo? Por que todos nós? E ninguém tinha uma resposta. Nem Freud, a inteligência mais lúcida nesse tempo, com quem falei muito naqueles dias, sabia o caminho, via sentido nesse contrassenso. Mas talvez seja a razão última do judaísmo repetir, por meio de sua existência misteriosamente perene, sempre a eterna pergunta de Jó a Deus, para que ela não fique inteiramente esquecida na Terra.” (ZWEIG, 2014, p. 378).

⁹⁸ “I have the impression that is an interesting and colourful book and honest” (ZWEIG, 2005a, p. 310).

2.5 “Contra a minha vontade eu fui feito testemunha”⁹⁹

No início do Prólogo, a postura anunciada do autor era distanciada e neutra: um mediador. Mas, logo, ele passa a expressar seu sofrimento e sua perturbação pessoal diante dos acontecimentos que o afetam, ainda que de maneira abstrata.

Wider meinen Willen bin ich Zeuge geworden der furchtbarsten Niederlage der Vernunft und des wildesten Triumphes der Brutalität innerhalb der Chronik der Zeiten; nie – ich verzeichne dies keineswegs mit Stolz, sondern mit Beschämung – hat eine Generation einen solchen moralischen Rückfall aus solcher geistigen Höhe erlitten wie die unsere. (ZWEIG, 2017a, p. 10).¹⁰⁰

Neste excerto, Stefan Zweig se diz testemunha da queda da civilização que ele admirava. O tamanho dessa “derrota da razão” sem precedente é o que exige dele um testemunho pessoal. O contraste entre a altura conquistada pela civilização ocidental e a profundidade da sua queda “moral” teria sido experimentado por todos de sua geração, tanto que o autor adiante afirma “jeder war Zeuge dieser ungeheuren Verwandlungen, jeder war genötigt Zeuge zu sein” (ZWEIG, 2017a, p. 13).¹⁰¹ Zweig, desse modo, se coloca no lugar de representante singular da sua geração com direito a testemunhá-la.

O verbo *erleiden* pode significar “vivenciar de forma passiva” e contém o verbo “sofrer” (*-leiden*) como radical, transmitindo a ideia de vivenciar uma experiência pela qual outra pessoa está passando. Ter sofrido autoriza a vítima a dar testemunho, ainda que para Zweig se trate de um acontecimento abstrato (derrota da razão, triunfo da brutalidade, retrocesso moral). Para Zweig, o sofrimento está diretamente ligado à decadência de uma cultura de prestígio da qual ele se considerava participante. No argumento do memorialista, a discrepância entre o avanço cultural e o inaudito da barbárie programática o colocaria no lugar da testemunha autorizada. Mas, nesses termos, outros observadores contemporâneos poderiam ter apresentado um diagnóstico e um depoimento semelhantes. Helmut Galle, na sua análise de *Die Welt von Gestern*, cita Aleida Assmann para explicar a questão da autenticidade do relato testemunhal: “Wichtiger als die Wahrheit des historischen Details ist hier das subjektive Erleben, die Erfahrung und die moralische Autorität des Verfassers, der sich für die Authentizität der

⁹⁹ Cf. ZWEIG, 2017a, p. 10 (Tradução nossa).

¹⁰⁰ “Contra a minha vontade eu me tornei testemunha da mais terrível derrota da razão e do mais selvagem triunfo da brutalidade dentro da crônica dos tempos nunca – eu não registro isso de maneira alguma com orgulho, mas sim com vergonha – uma geração sofreu tamanho retrocesso moral, vindo de uma tal altura intelectual como a nossa.” (ZWEIG, 2014, p. 14).

¹⁰¹ “Cada um de nós foi testemunha dessas enormes transformações, cada um de nós foi forçado a testemunhá-las.” (ZWEIG, 2014, p. 16).

Darstellung verbürgt” (ASSMANN, 2011, p. 216 apud GALLE, 2018, p. 362).¹⁰² Nesse sentido, embora Zweig tenha sofrido com a perseguição aos judeus, tendo, por exemplo, seu nome colocado na lista de escritores censurados pelo regime nazista e sua casa de Salzburg invadida por oficiais à procura de documentos incriminadores, a autenticidade de várias partes do seu relato pode ser questionada, uma vez que ele não presenciou todas as cenas narradas em seu livro.

A testemunha histórica de uma catástrofe obviamente não escolhe presenciar um evento, ela é alguém que se encontrava no local do acontecimento e, como afirma Helmut Galle (2018), ela deve cumprir com a responsabilidade ética de tornar a verdade acessível a partir de seu relato.¹⁰³ Portanto, observaremos como Zweig qualifica esta condição e a si mesmo como testemunha de sua época.

No texto “Vier Grundtypen der Zeugenschaft” (2007), Aleida Assmann identifica e sistematiza quatro tipos de testemunho: 1) o *jurídico*, relativo a um processo penal ou civil (no primeiro, a vítima prestaria o depoimento sobre o que ela sofreu, no segundo, a testemunha convocada é a terceira pessoa na cena, ou seja, aquela viu uma ação do réu contra a vítima sem ter participação nisto e dela se espera neutralidade e objetividade no depoimento; importa nesta situação o acontecido e não o indivíduo); 2) o *testemunho religioso* consiste no relato de um ato de violência política em um contexto de perseguição religiosa, ainda que neste tipo de relato predomine um discurso que enaltece o caráter voluntário e sacrificial da morte da vítima em prol de uma confissão; 3) o *testemunho histórico* (um mensageiro, um repórter ou fotógrafo que esteve presente em uma zona de conflito e relata uma guerra, um desastre, um atentado e fornece registros do que viu no lugar, aqui é fundamental a ideia de transmissão das informações sobre o ocorrido); por último, 4) o *testemunho moral*, fornecido pelo sobreviventes que falam em nome das vítimas que morreram, desse relato não se espera imparcialidade como no jurídico, pois seu testemunho incorpora um apelo moral, apontando um trauma decorrente de injustiças sociais e assumindo uma missão contra o esquecimento político programático). Em todos os casos, é enfatizada a condição da testemunha sempre como testemunha ocular, que

¹⁰² “Mais importante que a verdade dos detalhes históricos é aqui a vivência subjetiva e a autoridade moral do relator, que se responsabiliza pela autenticidade da representação.” (Tradução nossa).

¹⁰³ “Zeugenschaft erfolgt nicht aus freier persönlicher Entscheidung – es ist eine ethische Verantwortung, die von der Gesellschaft auferlegt wird. [...] Das Zeugnis hat die Funktion, eine nur dem Bezeugenden zugängliche Wahrheit der gesamten Menschheit zu vermitteln.” (GALLE, 2018, p. 362). [“Testemunhar não resulta de uma decisão pessoal – é uma responsabilidade ética, que é imposta pela sociedade. [...] O testemunho tem a função de mediar à humanidade inteira a verdade acessível somente pela testemunha.” (Tradução nossa)].

esteve na cena e no momento exato de um acontecimento que precisa ser esclarecido e debatido.

Retomando o relato de Zweig, em seu discurso ele usa expressões que insinuam a sua condição observador direto dos acontecimentos:

Ich habe die großen Massenideologien unter meinen Augen wachsen und sich ausbreiten sehen, den Faschismus in Italien, den Nationalsozialismus in Deutschland, den Bolschewismus in Rußland und vor allem jene Erzpest, den Nationalismus, der die Blüte unserer europäischen Kultur vergiftet hat. (ZWEIG, 2017a, p. 12).¹⁰⁴

Neste trecho, os eventos mencionados são abstratos e a afirmação é apenas figurativa. “O crescimento das ideologias de massa” não é algo que ele podia ter visto com os próprios olhos, mas o resumo de processos complexos que aconteceram ao longo de décadas. “Sob os meus olhos” evoca a ideia de *Augenzeuge* (testemunha ocular) e a ascensão dos totalitarismos seria um fenômeno que não requer testemunhas oculares para sua comprovação. Seria interessante ainda contrastar esta afirmação da visão do autor com as expressões citadas anteriormente, em que ele mesmo indica não ter visto o desenvolvimento do processo político “subterrâneo” até que os conflitos irrompessem na superfície. Nesse sentido, o próprio Zweig reconhece que esteve cego para os primeiros sinais do processo sobre o qual ele se propõe a relatar. Sem tratar de acontecimentos objetivos, as expressões utilizadas para diferenciar as fases da primeira metade do século XX na Europa (*Blüte, vergiftet*) e a ideia de saúde e envenenamento estão novamente no nível metafórico e abstrato, representando mais um juízo geral ou uma sensação relativa ao momento do que um testemunho.

A questão do testemunho se mostra problemática também a partir de outro aspecto: muitas cenas são baseadas em informações noticiadas na mídia.

Wenn Bomben in Shanghai die Häuser zerschmetterten, wußten wir es in Europa in unseren Zimmern, ehe die Verwundeten aus ihren Häusern getragen waren. Was tausend Meilen über dem Meer sich ereignete, sprang uns leibhaftig im Bilde an. Es gab keinen Schutz, keine Sicherung gegen das ständige Verständigtwerden und Mitgezogensein. [...] Aber wenn wir mit unserem Zeugnis auch nur einen Splitter Wahrheit aus ihrem zerfallenen Gefüge der nächsten Generation übermitteln, so haben wir nicht ganz vergebens gewirkt. (ZWEIG, 2017a, p. 13).¹⁰⁵

¹⁰⁴ “Sob os meus olhos, vi as grandes ideologias de massa crescendo e se disseminando, o fascismo na Itália, o nacional-socialismo na Alemanha, o bolchevismo na Rússia e, sobretudo, a pior de todas as pestes, o nacionalismo, que envenenou o florescimento da nossa civilização europeia.” (ZWEIG, 2014, p. 16).

¹⁰⁵ “Quando as bombas destroçaram as casas em Xangai, na Europa o soubemos em nossas salas antes que os feridos fossem retirados de suas casas. Fomos assaltados pelas imagens daquilo que acontecia em além-mar, a milhares de milhas de distância. Não havia proteção, nenhuma proteção contra a permanente comunicação e integração aos fatos.” (ZWEIG, 2014, p. 17).

É verdade que a mídia no início do século XX já tem um efeito globalizante, de maneira que as informações de lugares distantes do mundo chegam à Europa e aos outros centros, e Zweig tampouco pretendia testemunhar as bombas sobre Xangai. Mas, a ênfase do autor recai, de forma generalizante, sobre todas as pessoas na Europa, indicando o impacto das notícias das bombas, que, numa tradução literal, “atacou-nos em carne e osso” (“*sprang uns leibhaftig [...] an*”). Enquanto havia pessoas cujo teto das casas de fato desabava sobre elas, o escritor lamentava encontrar-se desprotegido contra o que é “informado e difundido” (“*Verständigtwerden und Mitgezogensein*”). Com isso, Zweig converte retoricamente algo cognitivo e psíquico em efeito físico e corpóreo. Sem desacreditar o sofrimento do escritor ao tomar conhecimento dos tristes acontecimentos de sua época, percebe-se que a ênfase recai mais sobre o efeito da notícia nos leitores dos jornais do que sobre o sofrimento das vítimas. Após mencionar as bombas, o memorialista as relaciona com a ideia de um destino que arrasta a todos inevitavelmente, menciona a situação de pessoas acoissadas e perseguidas, para assim justificar a sua condição de testemunha. Porém, ao colocar muitos eventos noticiados num mesmo nível, Zweig acaba por fragilizar o seu próprio depoimento, uma vez que ele deixa de narrar as cenas que teria realmente visto para tratar a acontecimentos transmitidos pelos meios de comunicação.

Como observamos, Zweig diz estar no epicentro dos abalos mundiais e se considera habilitado a falar pelos grupos que eram alvo de perseguição, mesmo estando no exílio e, assim, mais distante das situações enfrentadas pela maioria dos refugiados. O escritor considera suficiente o fato de receber jornais para prestar um testemunho daquele momento histórico. Uma estratégia que o escritor utiliza para se apresentar como observador de cenas que ele teria visto só nos jornais é a narração de um encontro antecedente entre ele e a pessoa envolvida no evento histórico noticiado. Ao descrever personalidades e seus encontros com elas, Zweig sugere que conhecia bem determinado cenário e leva o leitor a imaginar que o escritor poderia ter estado lá no momento do acontecimento em questão. Um exemplo disso é uma passagem do capítulo “Über Europa hinaus”, em que o memorialista relata a conversa que ele e o estadista Walther Rathenau tiveram em um trajeto de carro, o mesmo trajeto em que, tempos mais tarde, Rathenau fora assassinado. No relato do atentado contra a vida de Rathenau, o autor enfatiza o carro e o trajeto, projetando-se na cena do crime. Assim, ele induz o leitor a imaginar a situação, já que por “mera coincidência” o próprio Zweig não teria presenciado o acontecimento.

A menção das fotografias, na condição de registros midiáticos, tem apelo de veracidade para o leitor, permitindo que este recrie visualmente a cena no carro.

Und später erkannte ich auf den Photographien, daß die Straße, auf der wir gemeinsam gefahren, dieselbe war, wo kurz darauf die Mörder dem gleichen Auto aufgelauert: eigentlich war es nur Zufall, daß ich nicht Zeuge dieser historisch verhängnisvollen Szene gewesen. So konnte ich noch bewegter und sinnlich eindrucksvoller die tragische Episode nachfühlen, mit der das Unglück Deutschlands, das Unglück Europas begann. (ZWEIG, 2017a, p. 334).¹⁰⁶

A coincidência pela qual Zweig não presencia o atentado, na realidade, nega sua qualidade de testemunha. Ele, porém, a considera justamente uma causa (“so”) para “sentir o episódio trágico, *a posteriori*, de forma ainda mais vívida e sensorialmente impressionante”. Na lógica do autor, mesmo ele não tendo presenciado o ocorrido, ter estado naquele cenário e veículo permitiria que ele recebesse o episódio de forma *mais* intensa. O escritor opta pelo comparativo (“*bewegter*” e “*ausdrucksvoller*”), porém, não esclarece o termo de comparação: “mais comovido e impressionado” em relação a quem? Tendo percorrido aquele trajeto no mesmo carro, o impacto que o escritor sentira, ao ver a notícia e a foto, só poderia ser comparável a uma pessoa que recebeu a mesma notícia e foto nos jornais sem ter tido essa experiência prévia singular ao lado de Rathenau. Ainda assim, não presenciar o assassinato não poderia significar o mesmo que vivenciar aquele o episódio (em qualquer intensidade que seja) só por ter conhecido o cenário e o veículo de antemão.

Também sem presenciar a cena, Zweig descreve a cena em que professores universitários judeus são obrigados a limpar as ruas de Viena, esfregando-as com as mãos (ZWEIG, 2017a, p. 431; 2014, p. 358) por conta de fotos publicadas na mídia. Zweig encontrava-se em Londres durante a invasão nazista e o início da humilhação explícita aos judeus na Áustria. Portanto, a base do relato aparentemente testemunhal do autor das memórias teria sido as fotos divulgadas na época.

Como aponta Galle (2018, p. 363):

Zweig hat also ein klares Bewusstsein von der medialen Vermitteltheit von Information und eben auch von Erfahrung in der Moderne, aber er zieht daraus keine Rückschlüsse auf die Konstitution seines Zeugnisses. Denn seine gesamte Darstellung dieser Epoche, die er miterlebte, basiert ja zu einem guten Teil auf dem Lesen von Zeitungen,

¹⁰⁶ “E mais tarde vi nas fotografias que a estrada que havíamos percorrido juntos era a mesma em que pouco depois seus assassinos espreitaram o mesmo carro que nos levou: na realidade, foi por acaso que não fui testemunha dessa cena fatídica para a história. Assim, pude sentir ainda mais comovido e impressionado o trágico episódio com que teve início a desgraça da Alemanha, a desgraça da Europa.” (ZWEIG, 2014, p. 279).

dem Radiohören und den Gesprächen mit tatsächlichen Augenzeugen.¹⁰⁷

Considerando-se que Zweig se diz autorizado a narrar episódios extraídos de fontes midiáticas ou compartilhados por outras pessoas, uma indagação que se impõe é qual seria o critério adotado pelo escritor para incorporar determinados eventos no relato em detrimento de outros. O austríaco cosmopolita se sente afetado por bombas em Xangai (1937), mas comenta a indiferença de seus pais pelas Guerras dos Bôeres (1880-1881 e 1899-1902), a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e a Guerra dos Balcãs (1912-1913).¹⁰⁸ A princípio, parece que Zweig incorpora a atitude burguesa da geração de seus pais de ignorar o que acontecia relativamente longe da Europa Central, no que ele chamou de “*Weltperipherie*” (periferia do mundo). Posteriormente, o escritor aponta o quanto as notícias catastróficas envolvendo as Guerras Mundiais afetavam a população, por mais que elas informassem sobre o que ocorrera em outro continente. Então, seria impossível manter-se completamente alienado. Além disso, as guerras ditas menores aconteceram na idealizada fase do “mundo da segurança”, período em que os conflitos do globo competiam nos jornais com os escândalos teatrais vienenses. Perto disso, essas guerras pareciam assuntos marginais, e, retrospectivamente, Zweig ironiza a postura dos pais e da burguesia em geral.

Immer darum, wenn mir der Zufall eine alte Zeitung aus jenen Tagen in die Hände spielt und ich die aufgeregten Artikel lese über eine kleine Gemeinderatswahl, wenn ich die Burgtheaterstücke mit ihren winzigen Problemchen mir zurückzuerinnern suche oder die unproportionierte Erregung unserer jugendlichen Diskussionen über im Grund belanglose Dinge, muß ich unwillkürlich lächeln. Wie liliputanisch waren alle diese Sorgen, wie windstill jene Zeit! (ZWEIG, 2017a, p. 43).¹⁰⁹

¹⁰⁷ “Zweig tinha então uma clara consciência de mediação midiática de informação e também da experiência da modernidade, mas ele extrai não disso qualquer conclusão sobre a constituição do seu testemunho. Pois, sua representação completa dessa época, que ele vivenciou indiretamente [*miterlebt*], está baseada, em uma boa parte, na leitura de jornais, na audição do rádio e nas conversas com testemunhas visuais genuínas.” (Tradução nossa).

¹⁰⁸ “Was von Katastrophen sich allenfalls draußen an der Weltperipherie ereignete, drang nicht durch die gut gefütterte Wand des ›gesicherten‹ Lebens. Der Burenkrieg, der japanisch-russische Krieg, selbst der Balkankrieg reichten nicht einen Zoll tief in die Existenz meiner Eltern hinein. Sie überschlugen alle Schlachtberichte in der Zeitung ebenso gleichgültig wie die Sportrubrik.” (ZWEIG, 2017a, p. 42) [“As catástrofes que aconteciam lá fora, na periferia do mundo, não penetravam pelas paredes bem-revestidas da vida ‘segura’. A Guerra dos Bôeres, a Guerra Russo-Japonesa, mesmo a Guerra dos Balcãs não penetravam um centímetro na existência dos meus pais. Na leitura do jornal, eles saltavam o noticiário bélico com a mesma indiferença com que saltavam a seção esportiva.” (Id., 2014, p. 40)].

¹⁰⁹ “Por isso, sempre que o acaso me põe nas mãos um jornal velho daqueles dias e eu leio os artigos exaltados sobre uma pequena eleição do Conselho Municipal, quando procuro evocar as peças do Burgtheater com seus minúsculos problemas, ou a exaltação desmesurada das nossas discussões juvenis sobre coisas no fundo irrisórias, sorrio involuntariamente. Como eram liliputianas todas essas preocupações, como eram calmos aqueles tempos!” (ZWEIG, 2014, p. 41).

A dimensão das guerras da virada do século e das Guerras Mundiais não é comparável, no entanto, à capacidade dos indivíduos se sentirem afetados ou não depende apenas da publicação dos jornais, mas também da postura e do interesse dos leitores quanto aos assuntos divulgados. Invariavelmente, o escritor comenta a importância e o impacto dos acontecimentos não testemunhados segundo o seu ponto de vista e seu juízo de valor, ao incorporá-los nas próprias memórias como se fossem testemunho.

Não estamos discutindo aqui uma comparação entre as proporções da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais e tais guerras locais, mas Zweig evidencia a desconsideração da complexidade e do contexto destas guerras no início do século, inclusive como um sinal de desestabilidade política, de insatisfação, de perigo naquele mesmo período. Ele próprio também desconsidera os conflitos do restante do mundo como um sinal da crise futura, porque, quando aconteceram as guerras, ele se mostrou absolutamente surpreendido pela catástrofe. O escritor cita três guerras simultâneas que aconteceram quando ele tinha aproximadamente 20 anos, sem se sentir afetado por elas e sem considerar as tensões políticas e econômicas em questão. Todavia, ele se sentirá mais atacado pela notícia das bombas em Xangai, tão distantes geograficamente, do que por outros conflitos também noticiados. Observamos então que os episódios seriam relevantes somente quando se referissem à cultura da Europa Central, às Guerras Mundiais e, principalmente, de acordo com a sensibilização de Zweig com as notícias – sendo esta última a condição mais problemática do seu relato como testemunho.

Além disso, Zweig caracteriza a sua vivência histórica e a de sua geração utilizando o verbo *miterleben*. Este verbo possui três nuances de significação: experienciar, ter uma vivência compartilhada (participar de algo) e assistir a um acontecimento (inclusive pela mídia):

Wir aber, die wir heute sechzig Jahre alt sind und de jure noch eigentlich ein Stück Zeit vor uns hätten, was haben wir nicht gesehen, nicht gelitten, nicht *miterlebt*? Wir haben den Katalog aller nur denkbaren Katastrophen durchgeackert von einem zum anderen Ende (und sind noch immer nicht beim letzten Blatt). (ZWEIG, 2017a, p. 12, grifo nosso).¹¹⁰

Este fragmento evidencia que o autor atrela a sua idade à vivência de todas as desgraças possíveis a um ser humano, embora a idade não seja a característica que garante a condição de testemunha das catástrofes, como quando se pensa também nos jovens que

¹¹⁰ “Mas nós, que hoje temos sessenta anos, e *de jure* ainda teríamos um tempo de vida à frente: o que nós não vimos, não sofremos, não experimentamos com agruras? Percorremos do início ao fim o catálogo de todas as catástrofes imagináveis (e ainda não chegamos à última página).” (ZWEIG, 2014, p. 15).

vivenciaram a Segunda Guerra e suas atrocidades de perto. As ações *ver, sofrer, vivenciar* (*sehen, leiden, miterleben*) são relacionadas à leitura de um catálogo, uma leitura árdua com a mesma intensidade de um lavrador ao arar a terra (*durchackern*), ao que o escritor conclui o alerta de que em 1942 não se estaria ainda no fim do horror gerado pela guerra e pelos nacionalismos.

Em seguida, o escritor insiste novamente que ele, enquanto indivíduo, seria suficiente como amostra de todas as experiências de seus contemporâneos, a experiência das guerras mundiais, em cada qual ele teria adotado diferentes perspectivas.

Ich allein bin Zeitgenosse der beiden größten Kriege der Menschheit gewesen und habe sogar jeden erlebt auf einer anderen Front, den einen auf der deutschen, den anderen auf der antideutschen. (ZWEIG, 2017a, p. 12).¹¹¹

Uma guerra mundial é um acontecimento complexo e Zweig, de fato, foi contemporâneo das duas. Contudo, com a palavra *front* surge a ideia de que ele teria ocupado uma posição no campo de batalha, no lugar mais exposto à destruição e à morte. Em nenhum momento, este foi o caso de Zweig.¹¹² Ele simplifica (e intensifica) o fato de que ele se encontrava na Primeira Guerra, do lado austríaco, e na Segunda Guerra, no território inglês. Nos dois casos, ele esteve tão longe de ouvir os canhões quanto seus antepassados teriam ouvido os canhões das “guerrinhas” anteriores.¹¹³

Salta-nos ainda a ambiguidade da colocação inicial de Zweig: “*ich allein*”. Aqui, a formulação dá a entender que, partindo “apenas” da experiência individual, ele poderia considerar-se contemporâneo das duas guerras ou, então, que, no curto período de uma vida, ele “sozinho” teria sido o contemporâneo das duas guerras – uma leitura evidentemente equivocada, embora seja esse o significado literal da frase. Em qualquer uma das leituras, esta seria uma afirmação presunçosa em relação aos contemporâneos que igualmente teriam a possibilidade e a autoridade de falar sobre o que viram das duas guerras. O autor, quando trata da Primeira Guerra, por exemplo, relativiza o que ele teria visto da guerra antes de ser designado para coletar documentos russos para o Arquivo

¹¹¹ “Eu próprio fui contemporâneo das duas maiores guerras da humanidade e vivi cada uma delas de um lado – a primeira no front alemão, a outra no front antigermano.” (ZWEIG, 2014, p. 15-16).

¹¹² Stefan Zweig trabalhou durante a Primeira Guerra no Arquivo de Guerra [*Kriegsarchiv*], cuidando de livros, documentos e correspondências (MATUSCHEK, 2006 p. 136-153). No início da Segunda Guerra, Zweig encontrava-se no exílio, próximo aos 60 anos, pleiteando a cidadania britânica para deixar a Europa. (Ibidem, p. 322).

¹¹³ “Irgendein Krieg geschah wohl irgendwo in ihren Tagen, aber doch nur ein Kriegchen, gemessen an den Dimensionen von heute, und er spielte sich weit an der Grenze ab, man hörte nicht die Kanonen” (ZWEIG, 2017a, p. 11-12) [Uma ou outra guerra pode ter acontecido naqueles dias, mas não passava de uma guerrinha em comparação com as dimensões atuais, e se desenrolava longe, na fronteira, não se ouvia o troar dos canhões (ZWEIG, 2014, p. 15)].

Militar em cidades ocupadas. Ele não esteve exposto ao risco de morte e de danos físicos graves, ao contrário, hospedava-se em hotéis e dispunha de um salvo-conduto. O máximo que ele viu foram os trens-hospitais em sua realidade precária, insalubre e desesperadora, mas não o *front*.¹¹⁴

A intensificação da sua exposição às catástrofes do século está presente no Prólogo também por um jogo retórico de extremos, como se vê aqui:

Ich habe im Vorkrieg die höchste Stufe und Form individueller Freiheit und nachdem ihren tiefsten Stand seit Hunderten Jahren gekannt, ich bin gefeiert gewesen und geächtet, frei und unfrei, reich und arm. Alle die fahlen Rosse der Apokalypse sind durch mein Leben gestürmt, Revolution und Hungersnot, Geldentwertung und Terror, Epidemien und Emigration. (ZWEIG, 2017a, p. 12).¹¹⁵

As experiências radicalmente opostas que Zweig toma por coordenadas da sua vida são comparadas aos “cavaleiros do Apocalipse”, ou seja, o autor estaria se apresentando como mártir do fim do mundo de ontem. Esta fala de Zweig tem um caráter de afirmação de autoridade para ser considerado testemunha sobrevivente de diversas intempéries. A formulação lembra a atitude do apóstolo Paulo na segunda carta aos Coríntios¹¹⁶ ou na carta aos Filipenses,¹¹⁷ em que ele enumera as suas circunstâncias de vida pelas quais passou, bem como seus sofrimentos e provações, para que os leitores, membros das respectivas igrejas locais, confiassem em suas exortações a respeito do evangelho e da conduta cristã. Zweig diz ter estado livre e *unfrei*, mas, como ele mesmo escreve na obra, nunca esteve encarcerado ou detido em campo de refugiados. O empreendimento industrial de sua família e o sucesso da venda de seus livros conferiram a Zweig estabilidade econômica ao longo da vida, bem como possibilitaram que ele agisse com generosidade, apoiando financeiramente amigos intelectuais que se encontravam sem recursos. O escritor vivenciou um conflito de não ter recursos suficientes para ajudar a quantidade de pessoas que gostaria devido à redução dos seus bens durante a guerra,

¹¹⁴ Cf. ZWEIG, 2017a, p. 266-272; 2014, p. 223-227.

¹¹⁵ “Na época anterior à guerra, conheci a liberdade individual em seu grau e forma mais elevados, e, depois, em seu nível mais baixo em muitos séculos. Fui festejado e desprezado, livre e subjugado, rico e pobre. Minha vida foi invadida por todos os pálidos cavalos do Apocalipse, revolução e fome, inflação e terror, epidemias e emigração.” (ZWEIG, 2014, p. 15-16).

¹¹⁶ “Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez.” (2 Coríntios 11:24-27. BÍBLIA, 2003, p. 2000-2001).

¹¹⁷ “[...] aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade.” (Filipenses 4:11-12. BÍBLIA, 2003, p. 2038).

mas pobreza talvez não fosse a definição mais adequada para sua condição de vida no exílio. Importa aqui observar o uso que o memorialista faz da retórica testemunhal religiosa, embora a declaração em si suscite questões a se debater.

Como se vê em outro trecho do Prólogo, o autor enfatiza a quantidade de acontecimentos destrutivos, que geralmente ocorrem ao longo de muitas gerações, comprimidos no período de uma única vida.¹¹⁸ A ideia do excesso de experiências entre a maioridade e o envelhecimento também é reiterada a partir do crescimento da barba (aspecto mencionado também pelo autor no primeiro capítulo do livro como um sinal de respeitabilidade masculina na sociedade burguesa).

In dem einen kleinen Intervall, seit mir der Bart zu sprossen begann und seit er zu ergrauen beginnt, in diesem einen halben Jahrhundert hat sich mehr ereignet an radikalen Verwandlungen und Veränderungen als sonst in zehn Menschengeschlechtern, und jeder von uns fühlt: zu vieles fast! (ZWEIG, 2017a, p. 10).¹¹⁹

Neste excerto, as transformações do mundo e as mudanças radicais externas aconteceram em paralelo ao desenvolvimento do indivíduo e às mudanças de seu corpo, dentro de “meio século”, segundo a escala de Zweig. O autor chega a expressar o impacto dessa quantidade de acontecimentos com a frase “*zu vieles fast!*” (“quase demais!”), exclamando que sua situação de vida estaria chegando ao limite do suportável. Esta manifestação de dor, ainda que se pretenda comedida pelo *quase (fast)*, ilustra a repercussão das resenhas que presumem uma fraqueza e um desespero do autor no livro. Em cartas, diferentemente do livro, Zweig afirma ser demasiado o sofrimento e o peso das experiências pelas quais ele e seus contemporâneos, especialmente os de origem judaica, estavam passando. Relembrando a carta a Felix Braun, escrita em Bath, 16 de outubro de 1939: “Wir haben zuviel erlebt!”, “Nós vivenciamos coisa demais!” (ZWEIG, 2005a, p. 263).

O excesso de experiências negativas em tão curto período também se encontra no capítulo “Universitas vitae”, em que as lembranças negativas implicariam a dificuldade de se guardar uma boa memória do seu tempo: “Unsere Zeit erlebt zu rasch und zuviel, um sich ein gutes Gedächtnis zu bewahren, und ich weiß nicht, ob der Name Émile

¹¹⁸ Ich selbst kann nicht umhin, mich zu verwundern über die Fülle, die Vielfalt, die wir in den knappen Raum einer einzigen – freilich höchst unbequemen und gefährdeten – Existenz gepreßt haben, und schon gar, wenn ich sie mit der Lebensform meiner Vorfahren vergleiche. (ZWEIG, 2017a, p. 11) [“Eu próprio não posso deixar de me espantar com a multiplicidade, a diversidade que comprimimos no curto espaço de uma única existência – naturalmente, muito incômoda e ameaçada –, em especial quando comparada com a forma de vida de meus antepassados.” (ZWEIG, 2014, p. 15)].

¹¹⁹ “No pequeno intervalo desde que meus primeiros fios de barba cresceram até começarem a ficar grisalhos, nesse meio século aconteceram mais transformações e mudanças radicais do que normalmente em dez gerações, e cada um de nós sente: aconteceu [quase (*sic*)] demais!” (ZWEIG, 2014, p. 14).

Verhaerens noch heute etwas bedeutet.” (ZWEIG, 2017a, p. 138).¹²⁰ Nesta passagem, o autor atrela a quantidade e o ritmo acelerado do momento presente, à capacidade de se guardar acontecimentos e à sobrevivência de um nome artístico no contexto cultural. Pode-se entender com isso, que Zweig, ao citar dezenas de nomes em seu testemunho, estivesse tentando evitar que eles caíssem no esquecimento completo após as guerras.

Até aqui, discutimos o que Zweig considerava ser uma pessoa na condição de testemunha da sua época e como o autor elaborou seu discurso, enfatizando o caráter testemunhal de sua obra memorialística. Mas, um importante aspecto deste assunto tem a ver com o desgaste do tempo e o apagamento destes nomes, é o sentimento pessoal do autor de obsolescência, de anacronismo, do não pertencimento ao mundo que ele ainda habitava.

Jedesmal, wenn ich im Gespräch jüngeren Freunden Episoden aus der Zeit vor dem ersten Kriege erzähle, merke ich an ihren erstaunten Fragen, wieviel für sie schon historisch oder unvorstellbar von dem geworden ist, was für mich noch selbstverständliche Realität bedeutet. (ZWEIG, 2017a, p. 11).¹²¹

Este excerto contém uma chave de leitura importante da obra, pois a queixa do escritor permite que se localizem o público e a finalidade das memórias de Stefan Zweig. Vemos aqui a preocupação do escritor com o descompasso temporal e a dificuldade de transmissão das experiências pessoais do escritor para gerações mais jovens. Zweig indaga se sua narrativa seria concebível enquanto “realidade”, já que a circunstância e o ambiente de suas experiências anteriores à Primeira e à Segunda Guerras fariam com que os episódios de sua vida parecessem remotos e inventados. A falta de interlocutores que compreendessem a sua realidade é um fator que acentua o sentimento de deriva, de falta de lastro e acentuaria a crise decorrente da idade, do cansaço e da indisposição para recomeçar a vida, adaptando-se a um outro lugar, outra língua e cultura.

Marcando a distância entre o escritor de “ontem” e os leitores “de hoje”, Zweig usa 23 vezes a expressão “von heute” na obra, sempre se referindo aos jovens. Dentre elas, 15 ocorrências são só no capítulo “Eros Matutinus”.¹²² Ele o faz comparando a

¹²⁰ “Nosso tempo vive rápido demais e vive um excesso de fatos para poder conservar uma boa lembrança deles, e não sei se o nome de Émile Verhaeren ainda significa alguma coisa hoje.” (ZWEIG, 2014, p. 118).

¹²¹ “Toda vez que conto episódios dos tempos anteriores à Primeira Guerra em conversas com amigos mais jovens, percebo, pelas suas perguntas admiradas, o quanto de tudo aquilo que para mim continua sendo realidade óbvia para eles já é histórico ou então inimaginável.” (ZWEIG, 2014, p. 15).

¹²² É curioso que neste capítulo não se trate de arte e intelectualidade, paz, guerra, barbárie, como é o caso do direcionamento do Prólogo. Neste capítulo, trata-se da falta de liberdade sexual dos indivíduos no início do século e do controle exercido pelas famílias e pela sociedade em geral sobre a sexualidade dos jovens. Apesar desse aparente excursus temático, ao final do capítulo, o autor compara a falta de liberdade sexual dos jovens de sua época à falta de liberdade cívica dos jovens no período da Segunda Guerra.

experiência de sua geração e a experiência dos jovens em 1940. Essa distância entre o leitor do mundo atual e o autor de um mundo anterior serve como prerrogativa para Zweig reiterar a validade de seu relato como testemunho. Ao relativizar a recepção dos leitores, Zweig toma a liberdade de endossar um retrato tendencioso e idealizado do passado. A sutileza, neste caso, reside no gesto do escritor de apontar a sua própria dificuldade diante da expectativa do público; o que não deixa de ser uma orientação para que o leitor assuma como realidade um relato que parece irreal.

Es ist vielleicht schwer, der Generation von heute, die in Katastrophen, Niederbrüchen und Krisen aufgewachsen ist, denen Krieg eine ständige Möglichkeit und eine fast tägliche Erwartung gewesen, den Optimismus, das Weltvertrauen zu schildern, die uns junge Menschen seit jener Jahrhundertwende beseelten. (ZWEIG, 2017a, p. 211).¹²³

Zweig admite que as experiências positivas de sua juventude soariam inverossímeis aos jovens leitores da década de 1940. Poder se lembrar delas e registrá-las é um ponto crucial do contraste com as circunstâncias pessoais do escritor durante a redação do livro. Na carta de Zweig a Lavinia Mazzucchetti, em Bath, 9 de março de 1940, o próprio escritor considera o projeto autobiográfico um sinal de idade avançada, uma busca por contrastar o sofrimento do presente com a liberdade e o prazer de viver que ele experimentou na juventude e não voltaria a experimentar.

My dear Lavinia, I make now sometimes notes for an autobiografie [!] (sign of age, I know, sign that you expect not more much from the future) and there I will confess, that our generation has known till to 1914 the maximum of individual independence and freedom – that's it on the other hand why just [must] one suffer so much. (ZWEIG, 2005a, p. 272).

Neste trecho, a falta de perspectiva em relação ao futuro é explícita, mas é também reforçada pelo título das memórias obra e pelo fim estipulado no Prólogo. A confecção da obra consistiria em um processo de rememoração e revalorização do passado, em que o escritor poderia reafirmar uma atmosfera de liberdade e independência que talvez não tivesse valorizado até as mudanças radicais em sua vida decorrentes da Segunda Guerra. Zweig postula que aquilo tinha sido a sua realidade e este livro seria um registro que “provaria” a existência daquele mundo remoto. Isto fica explícito na carta a Thomas Mann, escrita em Nova York, 29 de julho de 1940:

Einmal muß entweder der Sturm enden, oder man endet selbst. Inzwischen versuche ich zu arbeiten und in einer Art Selbstdarstellung die Zeiten zu schildern, durch die ich gegangen – wir sind schließlich Zeugen einer der größten Weltverwandlungen, und solange ich nicht dichterisch zeugen kann (im Sinne der Schöpfung), will ich wenigstens

¹²³ “Talvez seja difícil descrever para a geração atual, que cresceu entre catástrofes, derrotas e crises, para quem a guerra foi uma possibilidade constante e uma expectativa quase diária, a confiança no mundo que animava a nós, jovens, desde a virada do século.” (ZWEIG, 2014, p. 178).

Zeugenschaft leisten im Dienst des Documentarischen. (ZWEIG, 1984, p. 318).¹²⁴

Nesta carta, o escritor opõe a representação que ele faz de sua época, das épocas em que ele viveu, de uma representação testemunhal literária (*dichterisch*). Zweig mostra aqui não considerar *Die Welt von Gestern* uma obra literária, pois sua intenção seria “documental” (*documentarisch*). Mas sabemos que o uso das metáforas, das generalizações e dos contrastes extremos comprometem a objetividade do seu relato. Zweig recusa a possibilidade de escrever um testemunho “literário” (*dichterisch*) e não considera o seu livro uma criação (*Schöpfung*) sua. Neste caso, o escritor parece julgar o material, os acontecimentos como concretos, as cenas precederiam ao livro e pertenceriam à realidade objetiva. A representação (apesar de subjetiva e discutível) dessas cenas, para o autor, não seria literatura, mas sim testemunho. Em paralelo à autobiografia, Zweig compôs duas obras ficcionais, *Schachnovelle* e o romance inacabado *Clarissa*, em que se encontrariam elementos da realidade objetiva,¹²⁵ e elementos autobiográficos como veremos adiante em 2.6.

No Prólogo, Zweig se refere às gerações de seu pai e seu avô e trata a experiência de seus antepassados como inabalável, segura, sem grandes convulsões e problemas sociais; ainda que houvesse guerras em outros países, estas não afetavam diretamente o seu cotidiano. Quando o escritor chama essas guerras locais de “*Kriegchen*” [“guerrinha”], ele utiliza o termo *Geschichte*, História, com uma acepção diferente. Ele se refere a algo desassociado da realidade daquelas pessoas, marcado pelo esquecimento. Como vemos a seguir:

Irgendein Krieg geschah wohl irgendwo in ihren Tagen, aber doch nur ein Kriegchen, gemessen an den Dimensionen von heute, und er spielte sich weit an der Grenze ab, man hörte nicht die Kanonen, und nach einem halben Jahre war er erloschen, vergessen, ein dürres Blatt Geschichte, und es begann wieder das alte, dasselbe Leben. (ZWEIG, 2017a, p. 11-12).¹²⁶

Quando Zweig se refere às gerações anteriores como se elas tivessem vivido uma realidade estável e previsível, vemos que o autor tende a reduzir o impacto e a duração

¹²⁴ “Ou a tempestade acaba de uma vez ou a gente mesmo se acaba. Enquanto isso, tento trabalhar e retratar em um tipo de autorrepresentação os tempos, pelos quais eu passei – nós somos as últimas testemunhas de uma das maiores transformações do mundo, e já que eu não posso testemunhar algo literariamente (no sentido da criação), quero ao menos prestar testemunho a serviço da documentação.” (Tradução nossa).

¹²⁵ Cf. Comentário de Klemens Renoldner (2013, p. 114) sobre o Hotel Metrópole na nota 39,3 da edição de *Schachnovelle*.

¹²⁶ “Uma ou outra guerra pode ter acontecido naqueles dias, mas não passava de uma guerrinha em comparação com as dimensões atuais, e se desenrolava longe, na fronteira, não se ouvia o troar dos canhões, e depois de meio ano ela já havia acabado e estava esquecida, página ressequida da história, enquanto se retomava a mesma velha rotina.” (ZWEIG, 2014, p. 15).

destas experiências na memória daqueles cidadãos, que logo se tornavam “história”. Tanto que, no trecho acima, a experiência sensorial (o barulho dos canhões) é esquecida e, na visão do escritor, se transformaria em um registro textual banal. A experiência da guerra estaria, aqui, fadada ao esquecimento por meio do registro escrito, à redução da vivência a uma única “página ressequida” (*ein dürres Blatt*). Notamos, então, que Zweig associa o termo história com algo que perde sentido referencial no presente. O autor tende a utilizar indiscriminadamente o conceito “história”, oscilando entre as seguintes ideias: (a) abstração do curso temporal, (b) registro dos acontecimentos em ordem cronológica e (c) quantidade de experiências que as pessoas teriam vivenciado como geração.

Sobre o valor testemunhal desse relato, citamos ainda um trecho da carta de Zweig a Berthold Viertel, escrita em Petrópolis, 30 de janeiro de 1942, em que o autor avalia o direito de sua geração transmitir sua experiência às demais:

Das Leben unserer Generation ist besiegelt, wir haben keine Macht, den Gang der Ereignisse zu beeinflussen, und kein Recht, der nächsten Generation Ratschläge zu geben, nachdem wir in der unsern versagt haben. Sicher erinnern Sie sich noch an unsere Gespräche: alles, was jetzt geschieht wird vielleicht für den Rest der übernächsten Generation von Hilfe sein, nicht aber mehr für die unsere, und diejenigen von uns, die still ein Ende machten, waren vielleicht die weisesten; sie hatten ein abgerundetes Leben, während wir noch an dem Schatten unserer selbst weiter hängen. (ZWEIG, 1984, p. 345).¹²⁷

Ao mesmo tempo em que o escritor admite não ter direito de aconselhar a geração seguinte, possivelmente, Zweig pretendesse deixar mais que um testemunho, um alerta para a posteridade, uma geração ainda por vir, para que esta não se deixasse seduzir por políticos belicosos e com sede de poder, para não se tolerar a violência contra as minorias, tampouco acreditar cegamente no avanço da civilização, como ele e outros de sua geração fizeram.

¹²⁷ “A vida de nossa geração está selada, nós não temos nenhum poder de influenciar o curso dos eventos, e nenhum direito de dar conselhos à próxima geração, depois que nós falhamos com a nossa. Certamente você se lembra de nossas conversas: tudo o que acontece agora será de ajuda para o resto da geração depois da seguinte, não mais para a nossa, e aqueles de nós que calmamente puseram um fim [nisso], talvez tenham sido os mais sábios; eles tiveram uma vida completa, enquanto nós ainda continuamos presos à sombra de nós mesmos.” (Tradução nossa).

2.6 “Tudo o que alguém esquece de sua própria vida, foi no fundo sentenciado por um instinto interior a ser esquecido.”¹²⁸

Quanto à parte final do Prólogo, observaremos o comportamento do autor como sujeito que reconstitui e dispõe suas memórias para o público leitor, de modo que sua obra expresse os seus ideais sobre si e sua época.

Como vimos na análise anterior (1.5), em *Die Welt von Gestern*, Zweig usa formulações retóricas para se referir às suas experiências e aos acontecimentos históricos. A limitação que a circunstância do exílio impunha a ele é uma alegação pertinente na obra, pois na época não havia acervos especializados nos Estados Unidos e no Brasil sobre acontecimentos das últimas décadas na Áustria, por exemplo.

Numa página anterior o autor relatava sofrer com a exposição a informações sobre catástrofes nos cantos mais remotos do globo; depois se queixa das condições da guerra que prejudicam a comunicação e criam um isolamento como “100 anos atrás”. Antecipando possíveis cobranças quanto à veracidade dos fatos, Zweig se justifica, dizendo valer-se exclusivamente da própria memória: “Von all meiner Vergangenheit habe ich also nichts mit mir, als was ich hinter der Stirne trage. Alles andere ist für mich in diesem Augenblick unerreichbar oder verloren.” (ZWEIG, 2017a, p. 14).¹²⁹ Zweig também afirma ter consciência das condições de sua escrita, chamando essas circunstâncias de “altamente características” (“höchst charakteristische[] Umstände”) e depois se refere vagamente à circunstância e ao local de escrita: em meio à guerra e no estrangeiro.

Ich bin mir der ungünstigen, aber für unsere Zeit höchst charakteristischen Umstände bewußt, unter denen ich diese meine Erinnerungen zu gestalten suche. Ich schreibe sie mitten im Kriege, ich schreibe sie in der Fremde und ohne den mindesten Gedächtnisbehelf. (ZWEIG, 2017a, p. 14).¹³⁰

O autor não explicita que se encontra no exílio. Aliás, a palavra “exílio” não aparecerá em *Die Welt von Gestern* antes do nono capítulo do livro, “Die ersten Stunden des Krieges von 1914”, em uma comparação entre a solidão na própria pátria durante a guerra e a solidão do exílio. Nota-se que Zweig não se posiciona imediatamente como exilado e utiliza expressões vagas que ele poderia ter julgado óbvias para o leitor de sua

¹²⁸ ZWEIG, 2018, p. 14-15 (Tradução nossa).

¹²⁹ “De todo o meu passado, portanto, só tenho comigo o que carrego atrás da testa. Todo o resto, neste momento, está inacessível ou se perdeu para mim.” (ZWEIG, 2014, p. 17).

¹³⁰ “Estou ciente das circunstâncias desfavoráveis, porém extremamente características da nossa época, nas quais procuro organizar essas minhas recordações. Escrevo-as em meio à guerra, escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio para a minha memória.” (ZWEIG, 2014, p. 17).

época, dispensando, assim, detalhes sobre o contexto de escrita. Uma hipótese para essa atitude do autor seria a de que, nesta obra, sua preocupação se concentra na lembrança do seu lugar de importância na Europa antes do nazismo. O escritor reafirma o seu pertencimento à cultura europeia bem como a sua identidade cosmopolita, internacional, por um viés positivo, sobretudo na primeira parte da obra, enquanto o exílio se configura comparativamente como o não-lugar, não-pertencimento e a perda da identidade.

Como já observado, as condições de guerra dificultam a comunicação com amigos e o acesso a informações gerais em arquivos, enciclopédias e livros de história que poderiam embasar o trabalho do memorialista. Sabemos que Goethe para começar a redigir em Weimar *Verdade e Poesia*, pediu que lhe fosse enviada quase uma biblioteca de mapas, livros, registros, etc. sobre sua infância em Frankfurt. Estar em outro continente, cercado de pessoas que falam uma língua que não se domina, pode colocar, de fato, maiores obstáculos para quem se dedica à escrita autobiográfica. No entanto, Zweig reconhece na ausência de qualquer “suporte da memória” (*Gedächtnisbehelf*) uma potencial vantagem na confecção do livro: “vielleicht wird der Verlust an Dokumentierung und Detail diesem meinem Buche sogar zum Gewinn.” (ZWEIG, 2017a, p. 14).¹³¹ Isso pode implicar a liberdade de Zweig de compor os retratos das pessoas, da sociedade, de seu tempo, de modo que as lacunas da memória sejam preenchidas, não por informações objetivas, mas pela capacidade de criação literária do escritor que estimula a imaginação do leitor com abstrações e generalizações. Ainda assim, o autor não sinaliza para o leitor que ele encontrará nas memórias episódios que Zweig não teria vivenciado e que teriam sido extraídos de jornais e de testemunhos de outras pessoas.

Segundo Galle (2018, p. 361), Zweig refletiu sobre a inconfiabilidade da memória no seu livro sobre Casanova, Stendhal e Tolstói, *Três poetas de sua vida*, e escreve que “a memória sem ser solicitada já exerceu todas as funções poéticas, que são: seleção do essencial, intensificação e redução, agrupamento orgânico”.¹³² Como ele atribui essas faculdades aos três poetas, é possível que ele concedesse a mesma licença para si mesmo. Talvez isso justifique até ficcionalizações sem que o leitor fosse notificado, como postula Galle (Ibid, loc. cit): “Er mag aus dieser Vorstellung die Berechtigung für die tendenzielle

¹³¹ “[...] quem sabe, a perda de documentos e detalhes possa vir a significar um ganho para este meu livro.” (ZWEIG, 2014, p. 18).

¹³² “Dass das Gedächtnis [...] unaufgefordert selbst schon alle dichterischen Funktionen geübt [hat], so da sind: Auslese des Wesentlichen, Verstärkung und Verschattung, organische Gruppierung.” (ZWEIG, *Drei Dichter ihres Lebens* (1928), p. 20 apud GALLE, 2018, p. 361).

Fiktionalisierung seiner Autobiografie abgeleitet haben, freilich ohne dem Leser hierüber Rechenschaft zu geben”.¹³³

Zweig assegura que a perda dos documentos não lhe causaria pesar: “Aber die gute Kunst, Verlorenem nicht nachzutruern, hat unsere Generation gründlich gelernt” (ZWEIG, 2017a, p. 14).¹³⁴ No entanto, ao longo da obra, encontramos passagens em que o autor contradiz a “boa arte” de não lamentar o que foi perdido. Ao lembrar, por exemplo, o desenho de William Blake que compunha a sua coleção de manuscritos e esboços literários, musicais e visuais, o autor expressa sua afeição pela gravura e a falta que ela fazia dentre todos os artigos que Zweig possuiu.¹³⁵ Com relação aos manuscritos e também à sua correspondência, Zweig se perguntará onde estariam estes documentos, embora ele os tivesse enviado para lugares considerados seguros. Ressaltamos não apenas a expressão da falta destes objetos, que difere do intuito explicitado pelo escritor de não se lamentar, mas também o fato de que Zweig sabia onde esses artigos estariam: a salvo em bibliotecas para as quais ele próprio enviou suas coleções e correspondências.¹³⁶ Tais objetos continham uma carga afetiva considerável e lembravam fases da vida do escritor bem como sua relação com os contemporâneos, pois grande parte dos itens da coleção de Zweig tinham sido presentes de amigos poetas, artistas e intelectuais. Esses objetos, portanto, desempenham uma importante função de caracterizar o autor na obra memorialística, são artigos que reforçam a singularidade e a relevância de Zweig no panorama cultural de sua época.

De acordo com suas declarações programáticas, o autor das memórias coloca o relato de suas experiências particulares em função de pessoas famosas e de acontecimentos históricos e culturais. Certas imprecisões, entretanto, não poderiam ser justificadas somente pela falta de material, como no caso da estreia da Oitava Sinfonia de

¹³³ “Ele pode ter deduzido desta apresentação a autorização para a ficcionalização tendenciosa de sua autobiografia, claramente sem prestar satisfação disso ao leitor.” (Tradução nossa).

¹³⁴ “Mas a nossa geração aprendeu a fundo a boa arte de não lamentar o passado [*recte* o que foi perdido. M.H.]” (ZWEIG, 2014, p. 18).

¹³⁵ “Von meinen Büchern und Bildern hat dieses eine Blatt mich mehr als dreißig Jahre begleitet, und wie oft hat der magisch-erleuchtete Blick dieses irren Königs von der Wand auf mich geblickt; von allem Verlorenen und Fernen meiner Habe ist es diese Zeichnung, welche ich auf meiner Wanderschaft am meisten misse.” (ZWEIG, 2017a, p. 178) [“Entre meus livros e desenhos, essa folha me acompanhou por mais de trinta anos, e quantas vezes o olhar mágico e iluminado desse rei louco olhou para mim da parede. De todos os meus bens perdidos e distantes, é esse desenho que mais me faz falta na minha peregrinação.” (ZWEIG, 2014, p. 151)].

¹³⁶ Zweig enviou parte de sua correspondência para a Biblioteca Nacional de Viena, como consta nas memórias (2017a, p. 377-378; 2014, p. 314-315), mas também para a Jewish National and University Library em 1933 (GELBER, 1987). Além disso, muitos dos seus artigos de coleção foram doados para a British Library (MATUSCHEK, 2018, p. 621).

Gustav Mahler, em Munique, evento em que Zweig não compareceu, embora o autor aluda o contrário.¹³⁷ O escritor se restringe a elogiar artistas consagrados da geração anterior à dele sem fornecer ao leitor uma impressão particular e minuciosa das experiências estéticas que ele tivera, tampouco relata as discussões acerca do que se produzia artisticamente na época. O autor estaria tão apegado aos grandes acontecimentos e à sua inscrição como participante nos principais eventos culturais da época que dispensa transmitir a experiência singular que pudera ter tido naqueles momentos. A representação do “mundo de ontem” feita por Zweig é subjetiva na medida em que expressa suas ilusões de grandeza diante daquele mundo e reforça o status de quem se relacionava com arte. Contudo, isso constitui uma certa atitude de consumidor de arte, em que o autor lista eventos sem entrar em detalhes sobre seu mérito estético. Dessa forma, os aspectos de sua fruição artística não se encontram acessíveis para o leitor, e, consequentemente, perde-se a noção dos afetos do escritor.

O autor, apesar de seu entusiasmo em relação à arte, deixa de manifestar seu juízo estético e sua experiência sensorial, algo predominante no livro. Quanto à falta desse apelo sensorial nos episódios relatados por Zweig, podemos lembrar as *madeleines* de Proust, de *Em busca do tempo perdido*, ao serem embebidas no chá. Elas são o paradigma de elemento disparador da “memória involuntária”, pois os elementos sensoriais possibilitam que o autor reconstrua uma cena passada com riqueza de detalhes, transportando também o leitor para o interior da experiência pessoal do escritor. Tomando um exemplo do âmbito gastronômico, ao qual pertencem as *madeleines*, não há ternura nenhuma quando Zweig fala da alcachofra e do risoto que eram servidos na casa materna.¹³⁸ A gastronomia italiana é mencionada apenas como um sinal de sua

¹³⁷ “Die von Zweig hier vermutlich gemeinten Uraufführungen fanden am 12. September 1910 in München unter Gustav Mahlers Leitung und am 26. Januar 1911 in Dresden mit Ernst von Schuch als Dirigenten statt. [...] Am 12. September 1910 befand sich Zweig in Wien und traf sich dort zum Abendessen mit Arthur Schnitzler (Schnitzler 1981, Eintrag vom 12. September 1910), am 26. Januar 1911 war er auf dem Semmering und schrieb von dort eine Postkarte an Franz Karl Ginzkey (WBR, H.I.N.-171910), er kann also, obwohl seine Formulierung es nahelegt, nicht an diesen Konzerten teilgenommen haben.” (MATUSCHEK, 2017a, p. 531) [“As estreias supostamente referidas por Zweig aconteceram em 12 de setembro de 1910, em Munique, sob regência de Gustav Mahler e em 26 de janeiro de 1911 em Dresden com Ernst von Schuch como regente. [...] Em 12 de setembro de 1910, Zweig achava-se em Viena e se encontrou com Arthur Schnitzler para o jantar [...], em 26 de janeiro de 1911 ele estava em Semmering e dali escreveu um cartão postal a Franz Karl Ginzkey [...], ele então não poderia ter assistido a esses concertos, embora sua formulação sugira isso.” (Tradução nossa)].

¹³⁸ “Risotto und die damals noch seltenen Artischocken sowie die andern Besonderheiten der südlichen Küche waren mir schon von frühester Jugend an vertraut, und wann immer ich später nach Italien kam, fühlte ich mich von der ersten Stunde zu Hause.” (ZWEIG, 2017a, p. 26) [“Jovem, eu já conhecia pratos como risoto e alcachofras, e outras especialidades da cozinha meridional, e toda vez que visitava a Itália sentia-me em casa desde o primeiro momento.” (ZWEIG, 2014, p. 26)].

“internacionalidade” e, sobre se sentir “em casa” na Itália, isso é dito sem nenhum comentário específico sobre o sabor do alimento, nenhum detalhe ou impressão individual sobre a cozinha na casa dos pais é evocado no relato. O mundo de ontem que Zweig quer reconstituir com seu livro, dessa forma, carece da plenitude vivencial que é característica na obra de Proust. Esse mundo permanece um construto de registros e declarações às vezes muito emocionais sem contar tampouco com o efeito de realidade que Roland Barthes atribui à ficção realista.¹³⁹

Nas memórias de Zweig, o autor é sempre observador do que as pessoas dizem ou fazem, de como se comportam, ele se refere à sociedade em geral ou aos gestos dos escritores. Os momentos em que ele está presente de fato e age ou interage em algum sentido com o ambiente são corriqueiros, sendo que o relato se torna autêntico pelo caráter singular e íntimo das lembranças do autobiógrafo.

Dichte und Sinnlichkeit des erlebten Moments findet sich dagegen in den unwillkürlichen Erinnerungen des episodischen Gedächtnisses, das allerdings nicht mit dem Wissenssystem vernetzt ist, was es für Proust und andere Autobiografen so schwierig macht, authentische eigene Erinnerungen zu präsentieren. Es sind aber solche episodischen Erinnerungen, die einem autobiografischen Text erst die Qualität literarischer Erzählung, insbesondere den Erlebnisscharakter verleihen. Es sei denn, der Autor hat die konkreten Situationen schlicht imaginiert, anstatt sie zu erinnern. (GALLE, 2018, p. 360).¹⁴⁰

A forma como Zweig se utiliza dos elementos de recordações pessoais confere à sua obra um aspecto artificial e faz com que o leitor enxergue apenas a *persona* do escritor. A sua compostura diante dos acontecimentos sobressai à expressão de sua individualidade e da fragilidade que tangenciam as relações afetivas. Isso se nota particularmente na ocasião da morte da mãe,¹⁴¹ em que vemos somente o ultraje pelo

¹³⁹ Cf. BARTHES, Roland. O efeito do real. In: *Literatura e Semiologia: Pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. p. 35-44.

¹⁴⁰ “Consistência e sensualismo do momento vivenciado encontram-se, ao contrário, em lembranças involuntárias da memória episódica, que de fato não estão conectadas com o sistema cognitivo, algo bem complexo que Proust e outros autobiógrafos fazem, ao apresentar lembranças próprias e autênticas. São, porém, tais lembranças episódicas que emprestam a qualidade de narrativa literária e especialmente o caráter vivencial à autobiografia. Pode ser, por isso, que o autor simplesmente imagina situações concretas em vez de relembra-las.” (Tradução nossa).

¹⁴¹ “Glücklicherweise blieb es meiner Mutter erspart, derlei Roheiten und Erniedrigungen lange mitzumachen. Sie starb wenige Monate nach der Besetzung Wiens, und ich kann nicht umhin, eine Episode festzuhalten, die mit ihrem Tode verbunden war; gerade daß solche Einzelheiten vermerkt werden, scheint mir wichtig für eine kommende Zeit, der derartige Dinge als unmöglich gelten müssen. Die vierundachtzigjährige Frau war morgens plötzlich bewußtlos geworden. [...] Nun waren weder mein Bruder noch ich, ihre einzigen Kinder, zur Stelle und konnten natürlich nicht kommen, da auch Rückkehr an das Sterbebett einer Mutter den Vertretern der deutschen Kultur als ein Verbrechen gegolten hätte.” (ZWEIG, 2017a, p. 433) [“Felizmente, minha mãe foi poupada de sofrer por mais tempo tais brutalidades e humilhações. Ela morreu poucos meses depois da ocupação de Viena, e não posso deixar de registrar um episódio ligado à sua morte. Parece-me importante registrar justo esse tipo de detalhe para um tempo futuro que necessariamente considerará impossíveis tais coisas. De manhã, a idosa de 84 anos desmaiara de

incidente com seu primo judeu e o alívio do escritor pelo fim dos sofrimentos de sua mãe antes que ela tivesse de passar pelo destino terrível dos judeus na Europa.¹⁴² Por outro lado, Zweig dá detalhes em abundância quando se trata de citar pessoas célebres. Pode-se considerar essas citações diretas uma espécie de simulação do diálogo, a não ser que se acredite que Zweig fosse capaz de lembrar literalmente conversas de décadas atrás.

Wenn Zweig an vielen Stellen wörtliche Rede benutzt, etwa um Schnitzlers (vor Jahrzehnten gehörte) Aussagen über Hofmannsthal wiederzugeben, oder die Sätze, die Theodor Herzl in verschiedenen Situationen an ihn gerichtet hatte, so darf man schon vermuten, dass diese *ipsis litteris* nicht im Gedächtnis aufbewahrt blieben, sondern hier so formuliert wurden, wie es dem Autor zur Zeit der Abfassung des Buches plausibel erschien. (GALLE, 2018, p. 360).¹⁴³

A reconstrução da fala dessas pessoas cria um efeito de autenticidade do relato e presentifica as personalidades históricas, ao mesmo tempo que agrega importância à cena e a si próprio como interlocutor. O autor também demonstra o poder de influência destas pessoas sobre sua vida e cria a impressão de proximidade, intimidade com escritores e intelectuais prestigiados, em consequência disso, Zweig é visto como um deles. No livro, encontramos falas de Schnitzler sobre Hofmannsthal, de Theodor Herzl sobre os judeus. Também consta uma passagem de Rathenau ao telefone (em que somente a voz deste é “reproduzida”), e depois, pessoalmente, Rathenau o aconselha a viajar pelo mundo. Além disso, também Bertha von Suttner (que poderia constar, junto com Ellen Key, entre os modelos elencados por Renoldner) tem uma fala aparentemente corriqueira, já mencionada, mas marcante para o autor.¹⁴⁴ Cada discurso dessas personalidades está

repente. [...] Meu irmão e eu, seus únicos filhos, não estávamos lá e não poderíamos viajar, por mesmo voltar para o leito de morte da mãe teria sido um crime para os representantes da cultura alemã.” (ZWEIG, 2014, p. 360)].

¹⁴² “Mein Vetter sei Jude, und sie als eine Frau unter fünfzig dürfe, auch bei einer Sterbenden, sich nicht gleichzeitig mit ihm unter demselben Dache über Nacht aufhalten, der Mentalität Streichers gemäß mußte ja eines Juden erster Gedanke sein, Rassenschande an ihr zu praktizieren. Selbstverständlich, sagte sie, sei ihr diese Vorschrift furchtbar peinlich, aber sie sei genötigt, sich den Gesetzen zu fügen. So war mein sechzigjähriger Vetter, nur damit die Pflegerin bei meiner sterbenden Mutter verbleiben konnte, gezwungen, abends das Haus zu verlassen; vielleicht versteht man nun, daß ich sie glücklich pries, nicht länger unter solchen Menschen leben zu müssen.” (ZWEIG, 2017a, p. 434) “[A enfermeira] Disse que o meu primo era judeu e ela, como uma mulher de menos de cinquenta anos, não poderia ficar com ele sob o mesmo teto, pois, de acordo com a mentalidade de Streicher, o primeiro pensamento de um judeu seria praticar violação racial com ela. Acrescentou que esse preceito lhe era muito desagradável, mas que ela se via obrigada a obedecer às leis. Assim, o meu primo de sessenta anos foi obrigado a deixar a casa à noite só para que a enfermeira pudesse ficar com a minha mãe moribunda; talvez se compreenda agora que eu a tenha julgado feliz de não ter que continuar vivendo entre tais seres humanos.” (ZWEIG, 2014, p. 360-361)].

¹⁴³ “Quando Zweig, em muitos lugares, utiliza o discurso direto, reproduzindo algo do testemunho de Schnitzler (ouvido décadas antes) sobre Hofmannsthal, ou as frases que Theodor Herzl em diferentes situações dirigiu a ele, então deve-se supor que essas citações *ipsis litteris* não ficaram guardadas na memória, mas foram reformuladas aqui, como parecem mais plausíveis ao autor na época da composição do livro.” (Tradução nossa).

¹⁴⁴ “Warum tut ihr nichts, ihr jungen Leute? Euch geht es vor allem an! Wehrt euch doch, schließt euch zusammen! Laßt nicht immer alles uns paar alte Frauen tun, auf die niemand hört.” (ZWEIG, 2017a, p.

posicionada de um modo que transmita ao leitor uma faceta específica do mundo intelectual de Zweig. Os exemplos que citamos, como no levantamento sobre a geração, são pessoas mais velhas que Zweig: Schnitzler (1862-1931), Herzl (1860-1904), Rathenau (1867-1922) e Suttner (1843-1914).

A fala de Schnitzler,¹⁴⁵ por exemplo, consta no capítulo “Die Schule im vorigen Jahrhundert”, o título já mostra que Zweig não tratará da sua experiência pessoal na escola, mas da estrutura institucional e da hierarquia professor-aluno. É notável que Zweig demonstre se lembrar mais do extenso relato de Schnitzler do que do rosto dos seus professores. Contudo, Zweig problematiza a própria dificuldade de se recordar dos professores como consequência da postura corporal dos alunos que deviam expressar reverência e submissão diante das autoridades.

Nichts ist mir charakteristischer für die totale Zusammenhanglosigkeit, die geistig und seelisch zwischen uns und unseren Lehrern bestand, als daß ich alle ihre Namen und Gesichter vergessen habe. Mit photographischer Schärfe bewahrt mein Gedächtnis noch das Bild des Katheders und des Klassenbuchs, in das wir immer zu schielen suchten, weil es unsere Noten enthielt; ich sehe das kleine rote Notizbuch, in dem sie die Klassifizierungen zunächst vermerkten, und den kurzen schwarzen Bleistift, der die Ziffern eintrug, ich sehe meine eigenen Hefte, übersät mit den Korrekturen des Lehrers in roter Tinte, aber ich sehe kein einziges Gesicht von all ihnen mehr vor mir – vielleicht weil wir immer mit geduckten oder gleichgültigen Augen vor ihnen gestanden. (ZWEIG, 2017a, p. 49).¹⁴⁶

228) [“Por que vocês, jovens, não fazem nada? Isso diz respeito a vocês. Resistam, unam-se! Não deixem tudo para um punhado de velhinhas a quem ninguém dá ouvidos.” (Id., 2014, p. 192)].

¹⁴⁵ “‘Nach einigen Minuten’, erzählte mir Schnitzler, ‘horchten wir plötzlich scharf auf und tauschten verwunderte, beinahe erschrockene Blicke. Verse solcher Vollendung, solcher fehlloser Plastik, solcher musikalischer Durchführtheit, hatten wir von keinem Lebenden je gehört, ja seit Goethe kaum für möglich gehalten. Aber noch wunderbarer als diese einmalige (und seitdem von niemandem in deutscher Sprache mehr erreichte) Meisterschaft der Form war die Weltkenntnis, die nur aus magischer Intuition kommen konnte, bei einem Knaben, der tagsüber auf der Schulbank saß.’ Als Hofmannsthal endete, blieben alle stumm. ‘Ich hatte’, sagte mir Schnitzler, ‘das Gefühl, zum erstenmal im Leben einem geborenen Genie begegnet zu sein, und ich habe es in meinem ganzen Leben nie mehr so überwältigend empfunden.’” (ZWEIG, 2017a, p. 64-65) [“Depois de alguns minutos’, contou-me Schnitzler, ‘apuramos o ouvido e trocamos olhares surpresos, quase assustados. Versos de tamanha perfeição, tamanha plasticidade sem erros, tamanha sensibilidade musical, jamais tínhamos escutado de nenhum escritor vivo, e quase achávamos impossíveis depois de Goethe. Mais maravilhosa do que essa maestria única – e, desde então, nunca mais atingida por ninguém de língua alemã – foi o conhecimento de mundo, que só podia provir de uma intuição mágica num rapaz que ainda frequentava os bancos escolares.’ Quando Hofmannsthal terminou, todos continuaram mudos. ‘Tive a sensação’, disse-me Schnitzler, ‘de encontrar, pela primeira vez na vida, um gênio nato, e nunca mais, em toda a minha existência, senti isso de maneira tão veemente.’” (Id., 2014, p. 59)].

¹⁴⁶ “Para mim, nada é mais característico da total falta de conexão que havia – tanto no plano intelectual quanto no emocional – entre nós e nossos professores do que o fato de eu ter esquecido os nomes e as fisionomias de todos eles. Minha memória conserva com acuidade fotográfica a imagem da cátedra e do diário de classe em que sempre tentávamos espiar nossas notas; vejo a pequena caderneta vermelha de anotações em que eles primeiro registravam as classificações e o lápis preto curtinho que desenhava as notas, vejo meus próprios cadernos, recheados de correções dos professores em tinta vermelha, mas não vejo mais nem um único rosto de nenhum deles – quem sabe porque diante deles sempre nos postávamos com os olhos baixos ou indiferentes.” (ZWEIG, 2014, p. 46).

Zweig pretende fazer uma representação da escola que se aplique à instituição nas últimas décadas do século XIX. A abrangência da data beneficia o autor, porque, no mesmo capítulo, ao introduzir a fala do renomado Arthur Schnitzler comentando com ele o surgimento do jovem Hugo von Hofmannsthal na cena literária, quando este ainda ocupava o “banco da escola”, cria-se a impressão de que Schnitzler e Zweig estivessem equiparados, falando de um terceiro que estaria ainda galgando uma posição, ou então de que Hofmannsthal e Zweig tivessem frequentado a escola no mesmo período.

No caso de Herzl, este impacta Zweig ao falar de sua missão para com o povo judeu, expondo a dificuldade de encontrar coesão e a autocobrança por não poder se dedicar exclusivamente à causa sionista (ZWEIG, 2017a, 124-125; 2014, p. 107). O autor se refere a esta conversa como a confidência de uma preocupação íntima de Herzl que consta também nos diários dele, publicados entre 1922 e 1923, em três volumes (MATUSCHEK, 2017a, p. 505). As conversas com Rathenau ao telefone¹⁴⁷ e no carro,¹⁴⁸ devem evidenciar a jovialidade e a consideração do estadista por Zweig ao lhe conceder tempo de sua agenda. E a exclamação de Suttner seria um chamado para Zweig se engajar e assumir uma posição em prol do pacifismo, que, retomando o Prólogo, será uma categoria com a qual o escritor define seu lugar de fala.

A orquestração das vozes citadas mostra, entre outras coisas, como o autor exerce controle sobre a narrativa e insere episódios em seu relato levando em conta a recepção

¹⁴⁷ “Eine zögernde Stimme antwortete: ‚Ach, da sind Sie. Aber wie schade, ich reise morgen früh um sechs nach Südafrika ...‘ Ich unterbrach: ‚Dann wollen wir uns selbstverständlich ein anderes Mal sehen.‘ Aber die Stimme setzte langsam überlegend fort: ‚Nein, warten Sie ... einen Augenblick ... Der Nachmittag ist mit Konferenzen verstellt ... Abends muß ich ins Ministerium und dann noch ein Klubdiner ... Aber könnten Sie noch um elf Uhr fünfzehn zu mir kommen?‘ Ich stimmte zu. Wir plauderten bis zwei Uhr morgens. Um sechs Uhr reiste er – wie ich später erfuhr, im Auftrag des deutschen Kaisers – nach Südwestafrika. Ich erzähle dies Detail, weil es so ungeheuer charakteristisch für Rathenau ist. (ZWEIG, 2017a, 199) [“Uma voz hesitante respondeu: ‘Ah, o senhor está aqui! Que pena, parto amanhã cedo às seis para a África do Sul...’ Eu o interrompi: ‘Então nos vemos em outra ocasião.’ Mas a voz continuou, refletindo vagarosamente: ‘Não, espere... um momento... Tenho reuniões a tarde inteira... À noite preciso ir ao ministério e depois tenho mais um jantar no clube... Mas poderia vir à minha casa às onze e quinze?’ Respondi que sim. Conversamos até as duas da manhã. Às seis, viajou – como soube mais tarde, por ordem do imperador alemão – para o Sudoeste Africano. Relato esse detalhe porque é tão característico de Rathenau.” (Id., 2014, p. 167-168)].

¹⁴⁸ “‘Sie können England nicht verstehen, solange Sie nur die Insel kennen’, sagte er mir. ‚Und nicht unseren Kontinent, solange Sie nicht mindestens einmal über ihn hinausgekommen sind. Sie sind ein freier Mensch, nützen Sie die Freiheit! Literatur ist ein wunderbarer Beruf, weil in ihm Eile überflüssig ist. Ein Jahr früher, ein Jahr später macht nichts aus bei einem wirklichen Buch. Warum fahren Sie nicht einmal nach Indien und nach Amerika?‘ Dieses zufällige Wort schlug in mich ein, und ich beschloß, sofort seinem Rat zu folgen. (ZWEIG, 2017a, p. 201) [“‘Não poderá compreender a Inglaterra enquanto conhecer apenas a ilha’, disse-me. ‘E não conhecerá o nosso continente enquanto não sair dele pelo menos uma vez. O senhor é um homem livre, aproveite a liberdade! A literatura é uma profissão maravilhosa, porque nela a pressa é supérflua. Um ano mais, um ano menos não faz diferença para um livro de verdade. Por que não viaje para a Índia e para os Estados Unidos?’ Essas palavras casuais calaram fundo em mim, e resolvi seguir imediatamente o seu conselho.” (ZWEIG, 2014, p. 169)].

futura da obra e o efeito de sua leitura no público das gerações futuras. Sobretudo, as lembranças e as recriações serão dispostas de modo que todas elas contribuam para a configuração da personalidade literária bem-sucedida de Stefan Zweig e na visão que ele tem do mundo e de si aos quase sessenta anos. A narrativa segue uma teleologia cujo objetivo é o presente, ou seja, trata-se de uma lógica introduzida no passado a partir do momento da escrita.

Der Erzähler projiziert also sein nachträgliches Wissen auf die einzelnen Episoden und lässt das erlebende Subjekt schon im Moment des Geschehens den Dingen Bedeutungen zuweisen, die erst der Verlauf der Geschichte zutage gefördert hat. Das verleiht der ganzen Erzählung Kohärenz und Fasslichkeit. Es entspricht aber nicht der prinzipiellen Offenheit des Erlebens von Gegenwart, die eben nur aus einer Perspektive *a posteriori* zu einem teleologischen Ganzen gefügt wird. (GALLE, 2018, p. 361).¹⁴⁹

Zweig mesmo declara que a perspectiva acerca de sua vida é completamente condicionada pelos acontecimentos do presente e as questões do passado teriam perdido importância. O seguinte trecho mostra a dificuldade do autor ao comparar sentimentos e pensamentos centrais ou incômodos na época anterior às preocupações e decepções posteriores que envolviam as guerras.

Ist die Zeit damals schneller gegangen als heute, da sie überfüllt ist mit Geschehnissen, die unsere Welt für Jahrhunderte von der Haut bis in die Eingeweide verändern werden? Oder erscheinen mir diese meine letzten Jugendjahre vor dem ersten europäischen Kriege nur deshalb ziemlich verschwommen, weil sie in regelmäßiger Arbeit verliefen? [...] Aber innerlich täusche ich mich keineswegs darüber, daß all das, was ich in jenen Jahren tat und schrieb, für heute ohne Belang wäre; alle unsere Ambitionen, unsere Sorgen, unsere Enttäuschungen und Erbitterungen von damals dünken mich heute recht liliputanisch. Zwangsweise haben die Dimensionen dieser Zeit unsere Optik verändert. (ZWEIG, 2017a, p. 197).¹⁵⁰

Já vimos uma colocação parecida no tocante ao critério de seleção dos episódios incorporados no livro, aqui, encontramos uma formulação do autor que qualifica a experiência subjetiva anterior como trivial ou desimportante em função do presente, em que sua ótica fica restrita aos problemas da atualidade. Apesar dessas afirmações de

¹⁴⁹ “O narrador, assim, projeta seu saber ulterior sobre os episódios pormenorizados e deixa lançar sobre sujeito da experiência, já no momento do acontecimento, os significados das coisas que só o curso da história revela. Isso empresta coerência e tangibilidade à narrativa inteira. Isso não corresponde, porém, em princípio, à franqueza da vivência do presente, que justamente se acomoda ao todo teleológico somente de uma perspectiva *a posteriori*.” (Tradução nossa).

¹⁵⁰ “Será que, naquela época, o tempo corria mais rápido do que hoje, quando está lotado de acontecimentos que modificarão o nosso mundo durante séculos, da pele às entranhas? Ou os meus últimos anos de juventude antes da Primeira Guerra me parecem tão embaçados porque transcorreram com trabalho regular? [...] No meu íntimo, contudo, não me iludo de que tudo o que fiz e escrevi naqueles anos não tem mais importância hoje; todas as ambições, nossas preocupações, nossas decepções e amarguras de então me parecem hoje bem liliputianas.” (ZWEIG, 2014, p. 166).

Zweig, o mundo de ontem permanece para ele a realidade irrefutável e todos os esforços do autor são dedicados a persuadir o leitor de que a perspectiva do presente é distorcida e desumana.

Justamente essa ilusão sobre o mundo presente, segundo Hannah Arendt, seria a contribuição do livro de Zweig como “registro histórico” da tolice e da desolação representativa de um indivíduo privilegiado diante da própria cegueira.

Daß uns Heutigen die Gitter, hinter welchen diese Menschen [die Arrivierten] ihr Leben verbrachten und denen sie ihr ungewöhnliches Sicherheitsgefühl verdankten, Gefängnis- oder auch Ghettomauern nicht sehr unähnlich erscheinen, vermindert den außerordentlichen Wert dieses Document humain nicht im mindesten. Es ist erstaunlich, ja ist es unheimlich, daß es unter uns Lebenden noch einen Menschen gegeben hat, dessen Ignoranz groß und dessen Gewissen daher rein genug war, um die Vorkriegswelt mit den Augen des Vorkriegs, den Ersten Weltkrieg mit dem ohnmächtigen und leeren Pazifismus von Genf und die trügerische Ruhe vor dem Sturm zwischen 1924 und 1933 als die Rückkehr zur Normalität zu sehen. (ARENDT, 1976, p. 77).¹⁵¹

Arendt apresenta um argumento contrário ao que Zweig comenta da sua visão sobre o presente. A filósofa considera que o escritor olha o passado com os olhos do pré-guerra [*Augen des Vorkriegs*], olhos do passado, enquanto Zweig sugere olhar o passado com os olhos do presente sob o impacto das catástrofes do século XX. A consideração de Zweig sobre a sua forma de ver e julgar os eventos confirma aquilo que Helmut Galle chamou de “*Perspektive a posteriori*”. Mas, ainda que as abordagens apresentadas sejam opostas, elas lançam luz sobre um mesmo fenômeno: a falta de historicidade e o descompasso do sujeito em relação ao tempo, seja ele presente ou passado.

No excerto, a filósofa também elogia, ironicamente, a capacidade de Zweig reconhecer a própria tolice, enquanto os judeus assimilados em geral não conseguiam perceber a conexão entre a sua tolice e o seu sofrimento. Ela evidencia a defasagem na reconstrução memorialística dos acontecimentos, apontando a compreensão limitada do autor que se manifestaria também no campo da memória. Zweig não pretendia descrever em seu relato o processo histórico, mas lidar com a sua perplexidade e falta de compreensão, organizando uma narrativa que mostra o quanto as pessoas estavam à mercê da política, embora estivessem focadas apenas no progresso e na arte. Por isso, o

¹⁵¹ “Que as grades de hoje, atrás das quais tais pessoas passam a vida e às quais elas atribuem um sentimento incomum de segurança e que não parecem muito diferentes dos muros de prisões ou também de guetos, isso não diminui nem um pouco o valor extraordinário deste documento humano. É surpreendente, sim é estranho [*unheimlich*], que tenha havido uma pessoa entre nós viventes, cuja grande ignorância e consciência [*Gewissen*] disso era tão clara para ver o mundo pré-guerra com olhos do pré-guerra, a primeira guerra com o pacifismo impotente de Genebra e a tranquilidade enganosa de antes da tempestade entre 1924 e 1933 como o retorno à normalidade.” (Tradução nossa).

esquecimento será enfatizado no Prólogo como aquilo que é dispensável, mas, ao final da obra, permanece um problema irresolvido e algo desejado pelo sujeito.

Zweig, nas últimas linhas do Prólogo, legitima seu procedimento de trabalhar sem recursos além da memória individual, apresentando a relação entre memória e esquecimento de modo positivo: “Alles, was man aus seinem eigenen Leben vergißt, war eigentlich von einem inneren Instinkt längst schon verurteilt gewesen, vergessen zu werden. Nur was ich selber bewahren will, hat ein Anrecht, für andere bewahrt zu werden.” (ZWEIG, 2017a, p. 14-15).¹⁵²

O esquecimento e, como resultado, a omissão de passagens da vida e do passado, para o autor, seguem um plano que num primeiro momento é inconsciente, mas sábio. Intuitivamente, a função do esquecimento seria extinguir tudo o que se mostrava irrelevante ou impossível de se compreender. De forma um pouco contraditória, ele afirma que seria o Eu consciente que voluntariamente decide sobre essas omissões. É provável que as lacunas do livro se devam tanto a verdadeiros esquecimentos quanto a omissões deliberadas. Trata-se de uma afirmação que sugere ao leitor que confie na memória do autor como sendo suficiente para apresentar uma versão global da história da sua geração. Zweig ainda faz transparecer uma atitude pretensiosa em relação ao próprio julgamento e à sua capacidade de julgar aquilo que é suficientemente relevante para o outro, ainda que ele próprio tenha apontado essa questão em *Die Heilung durch den Geist* [*A cura pelo espírito* (2017b)], lançado em 1931, na parte dedicada a Freud: “Daß der Mensch mehr von sich selber weiß, als er bewußt sich und andern eingesteht, war von je der Psychologie wohlbekannt, doch sie verstand nicht, an dieses Unterbewußtsein heranzukommen.” (ZWEIG, 1989, p. 51).¹⁵³ Sobre o inconsciente, Zweig procura expor a concepção psicanalítica:

[...] das Unbewußte ist durchaus nicht Abfall des seelischen Lebens, sondern der Urstoff selbst, von dem nur ein winziger Teil die Lichtfläche des Bewußtseins erreicht. [...] so wie man die Stoßkraft eines Eisbergs nicht nach dem Bruchteil einschätzen darf, der von ihm oberhalb der Wasserfläche zutage tritt (die eigentliche Wucht bleibt unter dem Spiegel verdeckt), so narrt sich selbst, wer vermeint, unsere taghellen Gedanken, unsere wissenden Energien bestimmten allein unser Fühlen und Tun. [...] jeder Augenblick schwemmt von scheinbar

¹⁵² “Tudo o que esquecemos de nossas próprias vidas, na verdade, já foi sentenciado a ser esquecido há muito tempo por um instinto interior. Só aquilo que eu quero conservar tem direito de ser conservado para outros.” (ZWEIG, 2014, p. 18).

¹⁵³ “A psicologia sempre soube que o homem sabe mais de si mesmo do que admite conscientemente para si próprio e para os outros, mas nunca conseguiu chegar perto desse inconsciente” (ZWEIG, 2017b, p. 238).

vergessenen Vergangenheiten eine Welle hinein in unseren lebendigen Tag. (ZWEIG, 1989, p. 47-48).¹⁵⁴

Essas passagens sobre o desenvolvimento das ideias freudianas, quando contrastadas com a afirmação do livro de memórias a respeito dos fatos “sentenciados” ao esquecimento ou à recordação, evidenciam uma contradição. Pois, retomando a formulação do Prólogo de *Die Welt von Gestern*, se esse “eu” que deseja guardar uma lembrança conscientemente não teria acesso a tudo aquilo que importa ser lembrado para/sobre si próprio, tampouco o seu “querer lembrar” seria suficiente para determinar aquilo que teria direito de ser lembrado/preservado para os outros. Um complicador, no caso do livro memorialístico, seria ainda o fato desta obra não se tratar apenas da biografia de Stefan Zweig, mas ter por meta lembrar uma geração inteira. Sob essa perspectiva, Zweig não poderia restringir a si e ao seu querer os acontecimentos relativos a uma memória coletiva.

Se Zweig, por um lado, reivindica a legitimidade do esquecimento em prol da seleção de lembranças relevantes para a reconstrução do passado, por outro lado, ele proclama seu direito de “esquecer” o presente. Não obstante, a palavra usada *vergessen* se refere a dois processos cognitivos diferentes, o autor a utiliza assim mesmo. Ou seja, para ele, esquecer o passado e esquecer o presente são coisas semelhantes e teriam uma conotação positiva. No final do livro memorialístico, o escritor ordena a si mesmo: esqueça!

Vergiß! sagte ich mir. Flüchte dich, flüchte dich in dein innerstes Dickicht, in deine Arbeit, in das, wo du nur dein atmendes Ich bist, nicht Staatsbürger, nicht Objekt dieses infernalischen Spiels, wo einzig dein bißchen Verstand noch vernünftig wirken kann in einer wahnsinnig gewordenen Welt. (ZWEIG, 2017a, p. 458).¹⁵⁵

Neste trecho, o esquecimento aparece como o refúgio do sujeito em sua interioridade. Zweig abdica do mundo exterior fugindo também por meio do trabalho. Ele descreve o trabalho como o lugar em que pode respirar, ser ele mesmo sem as demais funções sociais, onde ele pode ser um sujeito em vez de objeto de instâncias externas e

¹⁵⁴ “[...] o inconsciente não é de forma alguma o rejeito da vida psíquica, mas a matéria originária da qual apenas uma minúscula parte alcança a superfície iluminada do consciente. [...] assim como não se pode avaliar o impacto de um iceberg pela parte que emerge da água (o verdadeiro volume segue oculto debaixo do mar), ilude-se quem achar que nossos pensamentos são claros como o dia, nossas energias conscientes determinam sozinhas nosso sentir e nosso agir [...]; cada momento que passa traz para o nosso cotidiano vivo uma onda de um passado aparentemente esquecido. Nosso mundo superior não pertence à vontade desperta e à razão planejadora na medida magnífica que supomos” (ZWEIG, 2017b, p. 235-236).

¹⁵⁵ “Esqueça!, disse para mim mesmo. Fuja, refúgie-se na sua interioridade mais íntima, no seu trabalho, naquilo em que você é apenas o seu eu respirando, onde você não é cidadão, não é objeto desse jogo infernal, onde apenas o pouco de razão que lhe resta ainda pode ser sensato em um mundo enlouquecido.” (ZWEIG, 2014, p. 381).

superiores a ele. Assim, a própria autobiografia tem a importância de refúgio interior, de rememoração da liberdade individual e da identidade do sujeito. Além dela, houve outros projetos paralelos nos últimos anos da vida de Zweig: os perfis *Montaigne*, *Balzac*, a *Schachnovelle* e o romance *Clarissa*.¹⁵⁶ As recordações do “mundo de ontem” são, portanto, construídas numa fase em que o autor exige de si mesmo o esquecimento do presente. O imperativo do sujeito, “esqueça” [*“Vergiß!”*], seria uma forma de resistir à loucura do mundo externo.

Esta exclamação tem um paralelo em *Schachnovelle*, escrita logo após *Die Welt von Gestern*. Na novela, Dr. B., o misterioso enxadrista diletante, enfrentava o campeão mundial de xadrez, Mirko Czentovic, em um navio dos Estados Unidos em direção ao exílio na Argentina. Nas partidas de xadrez, Dr. B. se encontra à beira de um colapso nervoso, pois revivia um momento de extrema tensão emocional; ele havia sido encarcerado pela Gestapo e submetido a interrogatórios e tortura psicológica por meses. Na prisão, o xadrez funcionara como válvula de escape do isolamento enervante para um espaço imaginado, além de uma forma de esquecimento da realidade imposta a ele. Na partida decisiva contra o campeão, B. entra em crise e escapa da realidade do jogo, e então o narrador, que conhecia sua história, fala ao amigo: “*Remember!*” (ZWEIG, 2013b, p. 76). Ele diz isso a B. para que ele retorne à realidade física, ao presente de um jogo inofensivo, apesar do sadismo do campeão que percebera a instabilidade do oponente. O apelo do narrador foi crucial para que B. não sucumbisse ao isolamento do xadrez imaginário, já que estava prestes a desconectar-se da realidade exterior devido ao seu estado psíquico severamente debilitado. De todo modo, encontramos nas memórias e na última novela de Zweig, exclamações ambivalentes em relação à memória e ao esquecimento: a fuga para outra realidade (passada ou ficcional) e o retorno à realidade presente. Ambas tematizam a resistência do indivíduo a uma realidade exterior opressora.

A partir disso, observamos que Stefan Zweig expressa novamente uma ideia arbitrária, também abstrata, em relação ao controle do sujeito sobre o que ele deseja

¹⁵⁶ Na palestra de Klemens Renoldner, intitulada “Von Rio nach Wien: Zum Österreichbild in Stefan Zweigs Exilwerk ” (“Do Rio à Viena: Sobre a imagem da Áustria na obra do exílio de Stefan Zweig”), proferida 20 de setembro de 2017, no Goethe-Institut São Paulo, na Conferência Internacional Stefan Zweig: o projeto do exílio, organizada pelo Programa de Pós-Graduação de Língua e Literatura Alemã da FFLCH-USP, Stefan Zweig Centre Salzburg e a Casa Stefan Zweig (Petrópolis-RJ), o pesquisador, então diretor do Centro Stefan Zweig, apontou os componentes que aproximavam *Schachnovelle* e *Clarissa* das questões da contemporaneidade de Zweig no exílio, sendo eles, sobretudo, o estranhamento com a cultura e com a própria identidade, a crítica do totalitarismo, a relação dos indivíduos com a monarquia (no caso de *Schachnovelle*) e com a cultura estrangeira e a rigidez da estrutura familiar (no caso de *Clarissa*). Quanto a estes aspectos, poderia, inclusive, se falar de traços autobiográficos que estão presentes, ainda que de forma ensaística, em *Die Welt von Gestern*.

esquecer (suprimir, omitir) e ao que ele deseja lembrar (mencionar ou enfatizar sobre si, sua geração e sua época). Zweig se refere à memória como esse poder de seleção e organização narrativa, de modo semelhante às abstrações do destino e da história como entidades ordenadoras nos seus ensaios e em suas palestras: “Denn ich betrachte unser Gedächtnis nicht als ein das *eine* bloß zufällig behaltendes und das *andere* zufällig verlierendes Element, sondern als eine wissend ordnende und weise ausschaltende Kraft.” (ZWEIG, 2017a, p. 14).¹⁵⁷ Neste excerto e no Prólogo como um todo, o escritor não comenta especificamente o seu critério de seleção das suas lembranças, o sentido em que elas serão dispostas ou o tratamento que ele dará das suas recordações no seu relato memorialístico (aspectos que discutimos anteriormente). Zweig sugere que no livro de memórias constaria tudo o que ele se lembrava de sua vida. Nesse jogo em que a memória [*Gedächtnis*] é uma força ordenadora, o autor convoca as recordações [*Erinnerungen*] como se fossem musas do gênero épico, que pudessem conduzir o narrador em seu canto, concedendo a ele uma verdade superior e predeterminada para que seja entoada: “So spricht und wählt, ihr Erinnerungen, statt meiner, und gebt wenigstens einen Spiegelschein meines Lebens, ehe es ins Dunkel sinkt!” (Id., 2017a, p. 15).¹⁵⁸ Esta invocação do aedo zweiguiano será, inclusive, citada por Vladimir Nabokov no título de sua obra autobiográfica *Speak, memory!*, de 1951 (WEINZIERL, 2018, p. 342).

No Prólogo, Stefan Zweig se vale reiteradamente de formulações retóricas a fim de ofuscar o seu papel ativo na confecção da obra memorialística, tratando a memória como uma força autônoma e suas recordações como as narradoras da obra. Nestas últimas passagens, apesar do esforço do autor por se manter em segundo plano, ele faz uma importante revelação sobre o propósito final do livro: dar ao leitor ao menos um reflexo da sua vida. Com as análises dispostas até aqui, podemos depreender que esse reflexo é modulado no sentido de não expor a intimidade do sujeito autobiográfico e reiterar sua exterioridade, especialmente, sua função social, a fim de permanecer na memória cultural e, dessa maneira, sobreviver às transformações do mundo. É necessário levar em conta que, ainda não se tratando de um relato (auto)biográfico é um relato pessoal, calcado na memória e na articulação de um hábil escritor de literatura e, portanto, deve-se pensar com reserva a atribuição de um caráter histórico-documental da obra. Trataremos a seguir

¹⁵⁷ “Pois eu considero nossa memória um elemento que não conserva casualmente *um* ou perde *outro*, mas sim uma força que ordena cientemente e exclui com sabedoria.” (ZWEIG, 2014, p. 18).

¹⁵⁸ “Portanto, recordações, falem e escolham no meu lugar, e forneçam ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas!” (ZWEIG, 2014, p. 18).

do aspecto norteador da composição da obra e justificaria a importância dela como um legado para as gerações futuras.

2.7 “Fragmento de verdade” (*Splitter Wahrheit*)

No campo da memória, há um detalhe peculiar no discurso de Zweig: uma imagem do prólogo que reaparece transfigurada no primeiro capítulo da obra. Acreditamos que, como metáfora, ela seja uma possível chave de leitura desta obra memorialística e, por isso, comentaremos suas implicações separadamente.

A missão que Zweig se sente obrigado a cumprir com seu relato consistiria em transmitir “uma partícula” daquela cultura e daquele mundo passado, como um fragmento de escombros. Antecipando a total destruição provocada pela Segunda Guerra, seu intuito era que as gerações seguintes soubessem como havia sido o mundo *antes* do horror. A expressão que o autor utiliza é “*Splitter Wahrheit*”, um fragmento ou um estilhaço de verdade: “aber wenn wir mit unserem Zeugnis auch nur einen Splitter Wahrheit aus ihrem [der vergangenen Epoche] zerfallenen Gefüge der nächsten Generation übermitteln, so haben wir nicht ganz vergebens gewirkt.” (ZWEIG, 1968, p. 11).¹⁵⁹ A época em que Stefan Zweig viveu é retratada por ele como um edifício destruído, já derrubado, no chão, como indicado pelo participio do verbo *zerfallen*. Não passa de uma ruína.

Segundo as colocações de Zweig, a sua vida e a de sua geração só teriam sentido à medida que fosse possível preservar um fragmento desta ruína do passado, ocasionada pelos governos totalitários e pela Segunda Guerra. Do edifício que está decomposto, destruído, seria necessário preservar relíquias para gerações futuras como provas do tempo áureo (*goldenes Zeitalter*) que Zweig teria vivenciado, pois restariam apenas escombros da guerra. Nesse trecho, ainda que o autor aponte que a verdade seria parcialmente acessível, não há hesitação a respeito da verdade. A metáfora usada insinua que parte de uma realidade passada ainda pudesse ser resguardada, conservada e apresentada para o leitor como uma substância, como um fragmento arqueológico. A restrição – “um só estilhaço” – não implica que a verdade em si seja menos substancial e real que os escombros da Roma Antiga; a expressão sugere – de forma retórica – o tamanho da destruição ocorrida na Europa do século XX e a importância desse relato

¹⁵⁹ “Mas se, com nosso testemunho, pudermos transmitir à próxima geração um só estilhaço de verdade de sua [ref. à época passada] estrutura desmoronada, não teremos agido completamente em vão.” (ZWEIG, 2014, p. 17, a tradução foi adaptada ao contexto da frase anterior).

memorialístico como evidência suficiente para a reconstrução da ideia daquele mundo após ter sido arruinado.¹⁶⁰

Para Zweig, uma partícula desta verdade seria suficiente para cumprir sua missão. Ao assumir sua função de palestrante e de testemunha, Zweig se coloca como sujeito que detém a palavra, demonstrando grande confiança na memória individual e em seu poder de julgar os acontecimentos necessários para que o relato tenha valor para os leitores.

Recuperando o trecho do Prólogo que já comentamos acerca da memória, vemos que Zweig faz uma apologia da memória¹⁶¹ que ele chama de “elemento” e “faculdade” (*Kraft*) que age de maneira “consciente” (*wissend*) e “sábia” (*weise*) – atributos que cabem a um sujeito humano que, de fato, atua com consciência. O autor também fala de um “instinto interno” (*innerer Instinkt*) que “sentencia” tudo que merece ser esquecido. O escritor insinua que este instinto seja uma instância anterior à consciência do sujeito, como o processo de esquecimento deve ser considerado, por maior parte, inconsciente. Contudo, Zweig continua sua colocação reclamando para si o poder de seleção e restringindo ao seu próprio interesse aquilo que seria pertinente ou interessante para os outros: “só aquilo que *eu mesmo quero* conservar tenha direito a ser conservado para outros” (ZWEIG, 2014, p. 18, grifos nossos). Isso parece, de novo, considerar o ato de esquecimento uma ação consciente, movida pela vontade do sujeito.

O trecho citado, parece contraditório e é, pelo menos, ambíguo. A atitude geral concede à faculdade de esquecimento um valor que se aproxima à posição de Nietzsche (1999) no seu ensaio *Ueber Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben* [Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida], de 1874. Neste texto, o filósofo argumenta, contra o historicismo da sua época: “Zu allem Handeln gehört Vergessen: wie zum Leben alles Organischen nicht nur Licht, sondern auch Dunkel gehört.” (Nietzsche, 1999, p. 250).¹⁶² É sabido que a filosofia de Nietzsche era o tema mais destacado no *fin*

¹⁶⁰ Sobre a relação entre memória, ruína e coleção de gestos e rastros para recuperação da experiência anterior ao exílio, cf. KRAUSZ, Luis Sérgio. *Ruínas recompostas*. Judaísmo centro-europeu em Aharon Appelfeld, Joseph Roth e Georg Herman. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2013. 134 p.

¹⁶¹ “Denn ich betrachte unser Gedächtnis nicht als ein das *eine* bloß zufällig behaltendes und das *andere* zufällig verlierendes Element, sondern als eine wissend ordnende und weise ausschaltende Kraft. Alles, was man aus seinem eigenen Leben vergißt, war eigentlich von einem inneren Instinkt längst schon verurteilt gewesen, vergessen zu werden. Nur was ich selber bewahren will, hat ein Anrecht, für andere bewahrt zu werden.” (ZWEIG, 2017a, p. 14-15; grifos no original) [“Pois eu considero nossa memória um elemento que não conserva casualmente *um* ou perde *outro*, mas sim uma força que ordena cientemente e exclui com sabedoria. Tudo o que esquecemos de nossas próprias vidas, na verdade, já foi sentenciado a ser esquecido há muito tempo por um instinto interior. Só aquilo que eu quero conservar tem direito de ser conservado para outros.” (Id., 2014, p. 18)].

¹⁶² “A toda ação pertence o esquecimento: assim como pertence à vida de todo organismo não somente a luz, mas também a escuridão.” (NIETZSCHE, 2017, p. 36).

de siècle e nos círculos que Zweig frequentava em Viena¹⁶³ e, mais tarde, este lhe dedicou um dos seus retratos biográficos no livro *Der Kampf mit dem Dämon. Hölderlin – Kleist – Nietzsche*, de 1925. No entanto, não é claro se Zweig conhecia este livro da primeira fase do filósofo, uma vez que este não despertava uma recepção tão intensa entre contemporâneos quanto no pós-modernismo. Em todo o caso, a ênfase é diferente. Enquanto Nietzsche destaca a importância do esquecimento para a vida ativa, Zweig confia na capacidade da memória de guardar aquilo que seria relevante, sendo que tudo aquilo que, por sua vez, foi descartado seria irrelevante para si e para os outros.

Essa confiança, como já observado, é tal que os elementos guardados possuem a qualidade de resquícios do passado; isso pode ser comprovado por muitos trechos, nos quais o autor afirma lembrar-se “com nitidez extrema” (“*mit äußerster Deutlichkeit*”) (Zweig, 2017a, p. 233-234) dos acontecimentos mais remotos. Marcel Proust, a quem Zweig dedicou um breve esboço biográfico em 1925,¹⁶⁴ não partilhava essa confiança; ele sabia que o acesso às lembranças que, de fato, refletem a plenitude do momento vivenciado depende do acaso, da memória involuntária. Enquanto as memórias que estão à disposição imediata e conscientemente são aquelas que menos proporcionam a realidade passada nos seus detalhes.

Atualmente, os estudos sobre o autobiográfico partem da compreensão, já estabelecida, de que o sujeito não pode reproduzir lembranças de fatos assim como eles teriam ocorrido, ainda mais porque já a percepção do indivíduo influencia diretamente a forma como cada fato é guardado. Para além da questão da perspectiva, existe a interferência das emoções. Mais importante, porém, é o fato de os traços neuronais ativos no momento da vivência nunca mais serão ativadas de forma idêntica. Na tese *O gênero autobiográfico: Possibilidade(s), particularidades e interfaces*, Helmut Galle (2011, p. 45) elucida a tensão entre a correspondência ao real e as distorções da recordação:

As lembranças, porém, não são registros ou reconstruções idênticas da vivência; a recordação sempre acontece de forma modificada, ajustada ao presente. Isso não é necessariamente um problema, porque a adaptação à situação atual permite, talvez, uma maior adequação da lembrança ao contexto atual (e futuro). A cópia fiel da cena passada,

¹⁶³ “Nietzsche wurde von der Wiener Moderne als Motor der kulturellen Entwicklung und als Vertreter einer schwärmerischen ‚Mystik der Nerven‘ verehrt. Das Resultat war eine völlig narzisstische, asoziale Lebensphilosophie, ein Ästhetizismus, wonach das ‚Ich bin ich‘ das einzige geltende sittliche Prinzip war.” (JANIK, 2018, p. 56) [“Nietzsche foi cultuado pela modernidade vienense como motor do desenvolvimento cultural e como representante de uma ‘mística dos nervos’ passional. O resultado foi uma filosofia de vida inteiramente narcísica, antissocial, um esteticismo, segundo o qual ‘Eu sou eu’ era o único princípio moral válido.” (Tradução nossa)].

¹⁶⁴ Cf. ZWEIG, Stefan. Marcells Prousts tragischer Lebenslauf. In: *Zeit und Welt*. Gesammelte Aufsätze und Vorträge 1904-1940. Stockholm: Bermann-Fischer Verlag, 1946. p. 21-31.

pode, em certas circunstâncias, ser menos útil do que a “atualização”. No entanto, a representação tampouco pode distorcer o passado à toa, pois isso levaria à perda da função.

Nestas considerações, é introduzida a questão do tempo na relação da escrita e da recuperação da vivência passada. A lembrança é atravessada pelo presente, no caso da obra de Zweig, pelo presente de guerra. O ódio e a perseguição intensificam o retrato positivo da Europa e da Viena anterior às guerras mundiais, como um lugar de harmonia, tolerância e liberdade. Só em questões pontuais, essa categorização polarizadora entre presente e passado predominante na obra é cruzada por momentos em que o autor aponta aspectos menos positivos de sua época, sobretudo em relação à família e à liberdade sexual.

A importância que Zweig atribui ao fragmento pode ser observada na passagem de *Die Welt von Gestern*, em que o autor recorda um detalhe das casas da burguesia vienense. Segundo ele, em cada sala-de-estar se encontrava uma caixinha de joias guardando um pedaço do palco destruído do Burgtheater (que fora demolido em 1888, para ser reconstruído segundo projeto de urbanização entorno da Ringstraße).

Als das „alte“ Burgtheater, in dem Mozarts ‘Hochzeit des Figaro’ zum ersten mal erklingen, demoliert wurde, war die ganz Wiener Gesellschaft wie bei einem Begräbnis feierlich und ergriffen in den Räumen versammelt; kaum war der Vorhang gefallen, stürzte jeder auf die Bühne, um wenigstens einen *Splitter von den Brettern*, auf denen ihre geliebten Künstler gewirkt, als Reliquie nach Hause zu bringen, und in Dutzenden von Bürgerhäusern sah man noch nach Jahrzehnten diese unscheinbaren Holzsplitter in kostbarer Kassette bewahrt, wie in den Kirchen *die Splitter des heiligen Kreuzes*. (ZWEIG, 2017a, p. 32-33, grifos nossos).¹⁶⁵

Esta cena é impactante, porque mostra o fanatismo por arte (*Kunstfanatismus*, p. 74), o culto quase religioso à personalidade (*dieser fast religiöse Personenkult*, p. 31) e a adoração especificamente pelo teatro, que era um microcosmo que espelhava o macrocosmo (*es war der Mikrokosmos, der den Makrokosmos spiegelte*, p. 31) e um espaço também ligado ao reconhecimento social dos escritores e artistas em Viena.¹⁶⁶ No

¹⁶⁵ “Quando o antigo Burgtheater – onde as *Bodas de Fígaro* de Mozart foram encenadas pela primeira vez – foi demolido, a sociedade vienense inteira se reuniu em seus salões, solene e compungida, como para um enterro. Mal caiu o pano, todos acorreram ao palco para levar para casa, como relíquia, pelo menos um fragmento das tábuas sobre as quais seus queridos artistas haviam atuado, e em dezenas de casas burguesas décadas depois ainda se viam esses insignificantes fragmentos cuidadosamente guardados em valiosas caixinhas, como os fragmentos da cruz sagrada nas igrejas” (ZWEIG, 2014, p. 32).

¹⁶⁶ “Im Burgtheater gespielt zu werden, war der höchste Traum jedes Wiener Schriftstellers, weil es eine Art lebenslangen Adels bedeutete und eine Reihe von Ehrungen in sich schloß, wie Freikarten auf Lebenszeit, Einladung zu allen offiziellen Veranstaltungen; man war eben Gast in einem kaiserlichen Hause geworden, und ich erinnere mich noch an die feierliche Art, mit der meine eigene Einbeziehung geschah.” (ZWEIG, 2017a, p. 32) [“Ter suas peças levadas ao palco do Burgtheater era o sonho de todo escritor vienense, pois isso conferia uma espécie de nobreza vitalícia e gerava uma série de homenagens, como ingressos gratuitos para o resto da vida, convites para todas as festas oficiais; significava que o autor se

capítulo “Die Welt der Sicherheit”, o gesto de possuir um fragmento de madeira daquele palco mostrava que aquela família era frequentadora do teatro e isso mostrava de distinção social. Este gesto se aproxima da escrita memorialística de Zweig, pois o livro serviria para comprovar a participação do escritor no auge cultural da Áustria e, como fragmento daquele mundo, poderia tornar a realidade passada, tão distante, acessível ao leitor.

A expressão alemã utilizada por Zweig naquele episódio trata de um *Splitter von den Brettern* [fragmento, estilhaço, lasca do palco] e *Holzsplitter* [fragmento, lasca de madeira]. A mesma expressão ele utiliza no Prólogo, quando fala da ruína daquela época da qual ele quer resgatar um fragmento ou estilhaço para transmitir esse estilhaço de verdade para a posterioridade. Para ele, a época passada seria um fato tão real como o edifício antigo do Burgtheater, do qual puderam ser resgatados elementos concretos, e seu livro teria a mesma força de reconstituir o passado para si e como testemunho para as gerações futuras.

Jeanne Marie Gagnebin interpreta uma colocação do arquivo “Paris, a capital do século XIX: Exposé de 1935”, de Walter Benjamin, em suas *Passagens* (2006), de uma forma que ilustra o gesto da burguesia vienense bem como a atitude do próprio Zweig:

“Habitar significa deixar rastros”, diz Benjamin. Despossuído do sentido da vida, o indivíduo tenta, desesperadamente, deixar a marca de sua posse nos objetos pessoais: iniciais bordadas num lenço, estojos, bolsinhos, caixinhas, tantas tentativas de repetir no mundo dos objetos o ideal da moradia. Benjamin observa com humor que o veludo não é por acaso um dos materiais preferidos desta época: os dedos do proprietário deixam nele, facilmente, seu rastro. (GAGNEBIN, 1994, p. 68).

Em certa medida, o livro memorialístico de Zweig é este estilhaço de tempo, ou então, uma estante com várias caixinhas guardando fragmentos de vitrais de salões, lascas da madeira de palcos e instrumentos musicais, pedaços de manuscritos literários, pedras de construções já inexistentes no momento da escrita. Sem possibilidade de habitação no espaço, que não mais lhe pertencia, essa lasca de história tem um sentido de prolongamento de existência. E, este livro hoje equivaleria, para o autor, a uma prova de que Viena existira como cidade cosmopolita de efervescência cultural e que continua existindo como tal na memória coletiva, mesmo depois das guerras; este livro seria ainda uma evidência de Zweig como uma importante personalidade nesse contexto.

tornara hóspede de uma casa imperial, e eu ainda me lembro da maneira solene com que se deu a minha primeira inclusão nesse mundo.” (ZWEIG, 2014, p. 31)].

3. O SUJEITO AUTOBIOGRÁFICO ESQUIVO

Após a análise do Prólogo e de suas implicações para a leitura da obra, dirigimos nossa atenção a alguns aspectos constitutivos do sujeito autobiográfico nas memórias de Stefan Zweig. Num primeiro momento, recuperamos pontos da discussão entorno da noção de sujeito, que foram problematizados por contemporâneos de Zweig, de uma geração imediatamente anterior, com os quais o escritor teve contato direto: Freud, Schnitzler e Bahr (3.1). Após esse levantamento, debateremos o contexto do início da carreira de Zweig, observando a importância dos veículos midiáticos para a projeção profissional bem-sucedida de Stefan Zweig, sob influência dos valores de sua família e do grupo que o autor chamou de “burguesia judaica” vienense (3.2). Para ilustrar a cisão identitária provocada pelo antissemitismo entre o judaísmo e as culturas locais dos países europeus, Zweig apresenta escritores de natureza “anfíbia”, James Joyce, Ferruccio Busoni e René Schickele. O autor refere-se a si mesmo com essa expressão, designando identidades híbridas e expondo a tensão pessoal em relação à pátria e à condição forçada de estrangeiro (3.3). Por fim, destacamos a ideia de Zweig acerca de sua coleção como uma obra de arte, apontaremos a familiaridade da coleção e da composição memorialística (3.4).

3.1 Subjetividade segundo os intelectuais anteriores a Zweig

Já antes dos escritos psicanalíticos de Sigmund Freud, a ideia de sujeito tinha sido questionada no livro *Die Analyse der Empfindungen und das Verhältnis des Physischen zum Psychischen* (1886), de Ernst Mach, que formulava “Das Ich ist so wenig absolut beständig als die Körper. Was wir am Tode so sehr fürchten, die Vernichtung der Beständigkeit, das tritt im Leben schon in reichlichem Maße ein.” (MACH, 2000, p. 138).¹⁶⁷ Em vez de uma substância estável, o eu consiste apenas nos seus conteúdos variáveis: percepções, sensações e reflexões, entre os quais se tece uma continuidade. Esses conteúdos, com exceção de “insignificantes lembranças pessoais sem valor”,¹⁶⁸ nem sequer são propriedade exclusiva do sujeito, mas podem existir em outros indivíduos de forma equivalente. Os “conteúdos da consciência de relevância geral”, segundo Mach

¹⁶⁷ “O Eu é tão pouco absolutamente constante como o corpo. O que nós tememos tanto na morte, a destruição da continuidade, intervém na vida já em larga medida.” (Tradução nossa).

¹⁶⁸ “[...] geringfügige wertlose persönliche Erinnerungen” (MACH, 2000, p. 141).

têm, “independentemente da pessoa, a partir da qual se desenvolveram, uma vida mais geral, *impessoal, suprapessoal*”.¹⁶⁹ Mach foi um importante pesquisador de sua época, defensor do empiriocriticismo, a quem Einstein dedicou um necrológio em 1916, considerando-o um dos precursores da teoria da relatividade. Suas ideias foram divulgadas e ainda mais popularizadas por Hermann Bahr num artigo no jornal *Neues Wiener Tageblatt* de 1903 sob o título “Das unrettbare Ich” [O Eu não salvável] (2000). Para os autores do Jung-Wien que se reuniam no Café Griensteidl, Hermann Bahr atuava como um intermediador e catalizador das tendências da “Moderne” (2000), título de outro ensaio do intelectual, no qual ele despede, em 1890, o naturalismo e abre o caminho para as vanguardas.¹⁷⁰ Zweig, nas suas memórias, menciona o Café Griensteidl, o grupo Jung-Wien e Hermann Bahr, que conhecia pessoalmente assim como outros poetas da geração imediatamente anterior, porém, a sua concepção do sujeito parece não ter sido influenciada pela perspectiva inovadora desses intelectuais, principalmente no que diz respeito à sua obra autobiográfica.

Sigmund Freud, por sua vez, afirmava na virada do século que no próprio Eu [*im Ich selbst*] pode-se encontrar algo inconsciente que atua sobre o Eu de modo efetivo e demanda um trabalho especial para ser trazido ao consciente: “Wir haben im Ich selbst etwas gefunden, was auch unbewußt ist, sich geradeso benimmt wie das Verdrängte, das heißt starke Wirkungen äußert, ohne selbst bewußt zu werden, und zu dessen Bewußtmachung es einer besonderen Arbeit bedarf.” (FREUD, 1987, p. 244).¹⁷¹ O psicanalista foi uma referência intelectual fundamental com quem Zweig mantinha uma correspondência regular. Nas cartas de Freud, há comentários atenciosos sobre as

¹⁶⁹ “Bewußtseinsinhalte von allgemeiner Bedeutung durchbrechen aber diese Schranken des Individuums und führen, natürlich wieder an Individuen gebunden, unabhängig von der Person, durch die sie sich entwickelt haben, ein allgemeineres, *unpersönliches, überpersönliches* Leben fort.” (MACH, 2000, p. 142; grifos no original) [“Os conteúdos da consciência de um significado geral rompem, porém, os invólucros [*Schranken*] do indivíduo e levam, claro, independentemente da pessoa, a partir da qual se desenvolveram, uma vida mais geral, *impessoal, suprapessoal*.” (Tradução nossa)].

¹⁷⁰ “Hermann Bahr, unermüdlicher Publizist und selbsternannter Entdecker der Wiener Moderne, entwickelte seine Anregungen zu einer neuen Literatur als Gegenpart zum Naturalismus, wobei sein Standpunkt zwischen Anti-, Nach- und einem „inneren Naturalismus“ (Wunberg 2001, S. 188) changierte [...]. Der Interpretationsspielraum, den Bahr sich bei aller Eindringlichkeit des Ausdrucks bewahrt, kann als charakteristisch für das Werdende der Begriffe in dieser Zeit gelten.” (HOLMES, 2018, p. 59) [“Hermann Bahr, incansável publicista e inaugurador da *Wiener Moderne*, desenvolveu seus estímulos a uma nova literatura como contraparte ao Naturalismo, pelo que seu ponto de vista entre o Antinaturalismo, Pós-Naturalismo e o ‘Naturalismo Interior’ (Wunberg, 2001, p. 188). A margem de interpretação que Bahr mostrou eficiente em todas as ênfases da expressão pode valer como algo característico dos conceitos em transformação naquela época.” (Tradução nossa)].

¹⁷¹ “Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente.” (FREUD, 2011, p. 15).

personagens e tramas retratadas por Zweig nas novelas e biografias, de modo que elas pudessem ilustrar os conceitos que o psicanalista sistematizava na clínica. A partir de Mach, Bahr e Freud, podemos questionar a ideia do controle que Zweig declara ter sobre a escrita memorialística, afinal, a prerrogativa do relato consciente dos acontecimentos não seria mais possível desde Nietzsche e o avanço das pesquisas como as de Mach. Stefan Zweig demonstra no seu Prólogo e no desdobramento da autobiografia possuir uma visão distinta das reformulações dos conceitos centrais da filosofia do sujeito no século XX, uma visão anterior a elas. Inclusive no sentido filosófico, Zweig permaneceria identificado com a sonhada segurança do século anterior e com as formas literárias e os valores estéticos dos períodos anteriores (como se vê também na escolha dos protagonistas das biografias escritas por ele: Sebastian Castellio, Erasmo de Roterdã, Fernão de Magalhães, Joseph Fouché, Maria Antonieta, Maria Stuart, Montaigne).

No âmbito literário, Arthur Schnitzler publicou em 1900 a novela *Lieutenant Gustl* (2016), escrita na primeira pessoa do singular na forma de um monólogo interior. Nesta narrativa, inaugura-se a representação dos pensamentos em fluxo de consciência e os “acontecimentos” mentais não seguem uma ordem lógica: há digressões, interrupções, lapsos, incoerências. Os demais personagens surgem abruptamente no curso da narrativa assim que Gustl os vê, sem serem apresentados, e desaparecem quando outro assunto se impõe. O mundo exterior invade a fala contínua e cíclica de Gustl, sinalizando a movimentação do protagonista pela cidade nas poucas horas em que ele fica à deriva, pensando na reação mais apropriada ao suposto insulto que recebera de um padeiro. Suas maiores dúvidas são: se deveria desafiá-lo a um duelo para lavar sua honra e por qual motivo ele próprio não reagira imediatamente à ofensa. Nesse processo, Gustl negocia consigo mesmo, tentando se convencer de que ninguém teria ouvido o insulto, de que não seria preciso perder a vida num duelo e tampouco se suicidar. A pontuação incomum da narrativa (reticências, travessões, etc.) estabelece padrões de representação literária para a estrutura não linear e desconexa da consciência. Os pensamentos de Gustl são entrecortados, abandonados por pausas e questões não respondidas, e refletem a sua incerteza a respeito dos nomes, das suas próprias ações e do julgamento alheio. Schnitzler simula o fluxo de pensamentos conscientes de um sujeito em contradição consigo mesmo:

Um Gotteswillen, hab' ich geträumt? ... Hat er das wirklich gesagt? ... Wo ist er denn? ... Da geht er ... Ich müsst' ja den Säbel ziehen und ihn zusammenhauen – – Um Gotteswillen, es hat's doch niemand gehört? ... Nein, er hat ja nur ganz leise geredet, mir in's Ohr ... Warum geh' ich denn nicht hin und hau' ihm den Schädel auseinander? ... Nein, es geht ja nicht, es geht ja nicht ... gleich hätt' ich's tun müssen

... Warum hab' ich's denn nicht gleich getan? ... Ich hab's ja nicht können ... er hat ja den Griff nicht auslassen, und er ist zehnmal stärker als ich ... Wenn ich noch ein Wort gesagt hätt', hätt' er mir wirklich den Säbel zerbrochen ... Ich muss ja noch froh sein, dass er nicht laut geredet hat! Wenn's ein Mensch gehört hätt', so müsst' ich mich ja stante pede erschießen ... Vielleicht ist es doch ein Traum gewesen ... Warum schaut mich denn der Herr dort an der Säule so an? – hat der am End' was gehört? ... Ich werd' ihn fragen ... Fragen? – Ich bin ja verrückt! – Wie schau' ich denn aus? – Merkt man mir was an? – Ich muss ganz blass sein. (SCHNITZLER, 2016, p. 16).¹⁷²

Gustl suspeita que as pessoas teriam ouvido a ofensa e se sente recriminado pelo olhar delas, mas também duvida de si mesmo, cogitando a possibilidade de ter sonhado ou imaginado o incidente e até ter ficado louco. A cena se modifica à medida que Gustl a reinterpreta, sem nunca apresentar ao leitor as circunstâncias objetivas da sucessão de acontecimentos: ele podia apenas inferir o sentido do olhar dos outros e isto diz respeito mais à forma como Gustl se sentia consigo mesmo do que aquilo que as pessoas teriam visto, ouvido ou pensado de fato. Assim, Schnitzler experimenta representar o estranhamento e a dúvida com relação ao limite entre objetividade e subjetividade como Freud o faz nos seus ensaios clínicos.¹⁷³ Para o personagem Gustl, seu estado mental com suas inconsistências permanece “inconsciente” – somente os leitores têm acesso a isso e, dessa forma, observam a dissociação do sujeito num estudo de caso.

Em relação à obra de Schnitzler, é preciso ainda considerar a sua autobiografia, escrita entre 1915 e 1920 e intitulada *Jugend in Wien* (2006). Na obra, o autor pormenoriza casos amorosos, descreve namoradas, familiares de amigos, e comenta suas investidas no mundo literário. Na época, não era comum encontrar experimentações estilísticas em obras autobiográficas, mas, mesmo numa configuração linear e tradicional baseada nos seus diários, Schnitzler se mostra menos confiante com relação à memória e

¹⁷² “Meu Deus, será que sonhei?... Acabou de dizer tudo isso mesmo?... Para onde foi?... Por ali.... Deveria puxar a espada e dar-lhe uma surra. Meu Deus, será que ninguém ouviu nada mesmo?... Não, ele falou bem baixinho, no meu ouvido. Por que não vou atrás dele e não lhe arrebento a cabeça?... Não é possível... Devia tê-lo feito imediatamente... Por que não o fiz? ... Não pude... Ele não soltava o punho da espada e é dez vezes mais forte que eu. Se tivesse dito qualquer coisa, com certeza teria quebrado o sabre. Na realidade, tenho que ficar feliz por não ter falado alto! Se alguém tivesse escutado alguma coisa, teria de dar um tiro na minha cabeça imediatamente. Será que não foi um sonho mesmo? Por que aquele senhor encostado na pilastra está me encarando? Será que ouviu algo? ... Vou perguntar... Perguntar? Estou ficando louco! Será que alguém está notando alguma coisa em mim?” (SCHNITZLER, 2016, p. 60).

¹⁷³ “Ein weiterer Beitrag zur Entfremdung zwischen dem Subjektiven und dem Objektiven rührt von einer anderen Fähigkeit des Denkvermögens her. Die Reproduktion der Wahrnehmung in der Vorstellung ist nicht immer deren getreue Wiederholung; sie kann durch Weglassungen modifiziert, durch Verschmelzungen verschiedener Elemente verändert sein.” (FREUD, 1976, p. 14) [“Outra contribuição para a separação distintiva [*Entfremdung*] entre subjetivo e objetivo baseia-se em outra faculdade da capacidade de pensar. A reprodução da percepção na representação nem sempre é sua fiel repetição; ela pode ser modificada por omissões e ser alterada por fusões de diversos elementos.” (Id., 2018, p. 308)].

ao esquecimento do que Zweig na sua obra memorialística.¹⁷⁴ Em certo trecho, Schnitzler (2006, p. 136) inclusive destaca a diferença da perspectiva artificial do presente em relação ao passado; na sua percepção, as experiências revisitadas pelo autor parecem separadas e dispostas artificialmente em uma estrutura narrativa: “Blickt man in vorgerückten Jahren auf sein Dasein zurück, so scheinen sich, wie Kapitels eines Romans, mit kunstgerechter Absicht voneinander geschieden, die einzelnen Abschnitte aneinanderzureihen”.¹⁷⁵ Aqui o autor relativiza a sua impressão de relembrar os acontecimentos em uma ordem sucessiva, com cisões claras e delimitadas entre eles. Vemos também que a autobiografia de Schnitzler recebe um tratamento linguístico menos performático do que suas narrativas e dramas. Fatores que condicionam essa linearidade seriam: a distância temporal entre a escrita e as recordações do escritor; a necessidade de uma disposição lógica dos eventos; e a função da autobiografia literária de tornar a trajetória do artista mais acessível ao público, não sendo cabível naquela época um discurso completamente enigmático ou lúdico nesse caso. Assim, a prática literária de Arthur Schnitzler, tanto ficcional como autobiográfica, apresenta modelos do sujeito compatíveis tanto com a teoria de Mach e Bahr quanto com a psicanálise; ela nos serve de exemplo neste trabalho por indicar a distância que Zweig assume dos movimentos intelectuais de sua contemporaneidade e dos escritores que ele próprio admirava.

As considerações sobre Bahr, Freud e Schnitzler se justificam neste trabalho por auxiliarem na contextualização do debate científico quanto da produção literária em desenvolvimento desde décadas antes de Stefan Zweig se estabelecer como escritor. Além disso, os três são intelectuais tratados por Zweig com profunda admiração tanto nas cartas quanto no seu livro de memórias, eles são referências impactantes cuja amizade Zweig manteve com muito apreço e consideração pessoal. Freud e Schnitzler teriam sido fontes inspiradoras para a configuração de suas narrativas ficcionais com ênfase no conflito psicológico das personagens. Há traços de projeção e, sobretudo, de subserviência em relação à sua autoridade, embora a práxis literária de Zweig seja mais sutil em relação às discussões que a obra de Schnitzler suscitava.

¹⁷⁴ Vemos isto nas seguintes expressões: “eu me lembro que eu, não sei por que motivos [...]” (SCHNITZLER, 2015, p. 116), “mal consigo interpretar retroativamente a queixa contra um tédio que me devorava, registrada volta e meia em meu diário [...]” (Ibid., p. 123), “não consigo me recordar se falamos dessa troca ridícula de cartas alguma vez mais tarde” (SCHNITZLER, 2015, p. 137), “eu jamais fiquei sabendo, ou talvez apenas tenha esquecido [...]” (Ibid., p. 144).

¹⁷⁵ “Quando se olha retroativamente de alguns anos maduros para sua vida jovem, os períodos individuais parecem estar, assim como os capítulos de um romance, separados uns dos outros e sequenciados com uma intenção cheia de arte.” (SCHNITZLER, 2015 p. 175).

Stefan Zweig, além da admiração pessoal que nutria por Freud, dedicou-lhe um perfil biográfico, apontando a obra freudiana como um marco no desenvolvimento do pensamento europeu do século XX. Apesar disso, Zweig opta por narrar tensões subliminares e mais acessíveis ao público, diferentemente de Freud e Schnitzler, que escancaram os conflitos morais e de interesse da sociedade vienense, bem como suas patologias. Zweig recusou-se a participar de movimentos vanguardistas e evitou experimentações linguísticas, manteve um estilo tradicional calcado no século XIX, como indica Matthias Aumüller (2018, p. 625): “Stefan Zweig gilt nicht als innovativer, sondern als traditioneller Erzähler.”¹⁷⁶ Para o pesquisador,

Die häufige Verwendung des Ausdrucks [Erzählung und Novelle] in den Untertiteln könnte darauf hinweisen, dass Zweig seine Erzählungen in die Tradition des 19. Jahrhunderts einordnete und damit also nicht den von der Moderne vertretenen Anspruch anzeigte, mit der Tradition zu brechen.” (AUMÜLLER, 2018, p. 627).¹⁷⁷

Em *Die Welt von Gestern*, o autor manifesta seu desdém pelos movimentos estéticos contemporâneos, negando qualquer expectativa de participação nas vanguardas, pois isso seria para ele “adaptar-se como um macaco” (“*äffisch anzupassen*”) a uma doutrina estética. Contudo, o escritor aponta o desprezo que os expressionistas teriam por ele, ao considerá-lo integrante de uma geração anterior, já morta.¹⁷⁸ Ainda que Zweig declare certa modéstia no Prólogo, há um orgulho do autor em resistir aos movimentos ditos “passageiros”. Afinal, ser associado a escritores da geração passada consistiria em um objetivo não explicitado, mas de grande importância na construção do livro de memórias, como vimos até aqui. Ser relacionado a eles equivaleria a uma forma de alcançar a perenidade, contando entre intelectuais grandes e respeitados na sua época.

Hermann Bahr fora um desses escritores pertencentes à geração anterior que, no entanto, fomentava discussões estéticas e filosóficas sobre o modernismo de modo

¹⁷⁶ “Stefan Zweig vale não como inovador, mas como narrador tradicional.” (Tradução nossa).

¹⁷⁷ “O emprego mais frequente da expressão [conto e novela] nos subtítulos poderia apontar que Zweig classifica suas narrativas dentro da tradição do século XIX e, com isso, não sinalizava a intenção advogada pelo modernismo de quebrar com a tradição” (Tradução nossa).

¹⁷⁸ “Für die Expressionisten und – wenn ich so sagen darf – Exzessionisten war ich mit meinen sechsenddreißig Jahren schon in die ältere, in die eigentlich bereits verstorbene Generation abgerückt, weil ich mich weigerte, mich ihnen äffisch anzupassen. Meine früheren Arbeiten gefielen mir selbst nicht mehr, ich ließ keines jener Bücher aus meiner ›ästhetischen‹ Zeit mehr neu auflegen. Somit hieß es noch einmal beginnen und abwarten, bis die ungeduldige Welle all dieser ›Ismen‹ rückwärts lief, und für dieses Sich-Bescheiden kam mir mein Mangel an persönlichem Ehrgeiz förderlich zugute.” (ZWEIG, 2017a, p. 325-326) [“Para os expressionistas e – se puder chamá-los assim – os excessionistas, eu, com meus 36 anos de idade, já havia passado para a geração mais velha, a geração que, na realidade, já morrera, porque eu recusara a adaptar-me a eles como um macaco. Minhas primeiras obras já não me agradavam, nunca reeditei nenhum daqueles livros da minha fase ‘estética’. Por isso, a ordem de recomendar e esperar até que a onda impaciente de todos esses ‘ismos’ recuasse, e a minha falta de ambição pessoal foi benéfica para essa atitude de modéstia.” (ZWEIG, 2014, p. 272)].

bastante entusiasmado. Dramaturgo, crítico literário e escritor, compôs textos ensaísticos a respeito da subjetividade de uma perspectiva cética, debatendo o ideal de coesão e de unidade intelectual e emocional do ser humano. Reiterando a qualidade movediça imanente do eu, Bahr é consequente quando escreve em 1913 seu esboço autobiográfico *Selbstinventur*. Em primeira pessoa, o intelectual reflete sobre as contradições da vida que, para ele, fazem parte do movimento natural do Eu:

Warum soll ich mir nicht widersprechen? Solange wir noch in der irdischen Form sind, leben wir vom Widerspruch; er wohnt ihr ein: denn da sie sich erhalten will, zieht sie das Ich immer dichter um uns zusammen, aus dem durchzubrechen sie uns doch immer wieder geheimnisvoll nötigen muß, um uns von ihr (und vielleicht auch sich von uns) zu erlösen. (BAHR, 2011, p. 120).¹⁷⁹

Em vez de constatar a continuidade e a potência do Eu, a conclusão de Hermann Bahr é a impossibilidade de ser salvo desse jogo de forças externa e interna, de compressão da forma do Eu que, cativo, resiste e procura liberar-se. Colocamos, então, em evidência a necessidade de ponderar os conceitos usados por Zweig e questionar a sua postura defensiva. O fato de Stefan Zweig não levar em consideração os mesmos pressupostos na confecção de sua autobiografia, não quer dizer necessariamente que ele não os compreendia, já que em suas personagens de ficção, por exemplo, as ambiguidades são constitutivas e refletem incongruências pessoais do autor.¹⁸⁰ Quanto à obra *Die Welt von Gestern*, é preciso ainda avançar nesta reflexão, indagando as contradições que tangenciam a forma de expressão e de identificação do autor no projeto memorialístico.

3.2 Tensões pessoais: carreira, família, mídia e origem judaica

Considerando-se a complexidade do sujeito, como visto anteriormente, seria difícil um escritor se julgar apto a representar diferentes coletivos que, sobretudo no século XX, enfrentaram graves conflitos internos (ideológicos, religiosos) e externos (políticos e sociais). Analisaremos como as idealizações e generalizações manifestas pelo autor, quando este relata determinados episódios de sua juventude, contrastando-as com suas colocações e percepções individuais. Os capítulos sobre seus pais e a atmosfera

¹⁷⁹ “Por que eu não deveria me contradizer? Enquanto nós ainda estivermos na nossa forma terrena, nós vivemos de contradição, esta habita naquela; visto que ela [a forma] deseja se conservar, ela comprime o Eu ao redor de nós sempre mais apertado, do qual ela misteriosamente precisa nos obrigar a nos separar sempre de novo, para que dela nos salvemos (e talvez ela também de nós)” (Tradução nossa).

¹⁸⁰ Cf. MITTELMANN, H. Fragmentation and Quest for Unity. Stefan Zweig's Novellas as Tales of the Assimilationist Jewish Predicament. In: GELBER, M. G. *Stefan Zweig Reconsidered*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 163-174.

vienense, sobre a escola ou a sexualidade não expõem traços particulares do escritor e as contradições ficam mais evidentes a partir da fase mais madura da vida de Zweig. Quando o autor comenta seu início de carreira e suas ambições pessoais neste âmbito algo da sua personalidade se torna um pouco mais visível.

No capítulo *Universitas vitae*, o autor comenta a dificuldade de identificação com os judeus que aderiram ao sionismo. Zweig expõe sua insatisfação com a divergência entre as pessoas dentro do movimento, que criticavam Herzl.

Aber eine rechte Bindung wollte mir nicht gelingen; mich *befremdete* vor allem die heute wohl nicht mehr vorstellbare Art der Respektlosigkeit, mit der sich gerade die eigentlichen Parteigenossen zu Herzls Person stellten. Die östlichen warfen ihm vor, er verstehe nichts vom Judentum, er kenne ja nicht einmal seine Gebräuche, die Nationalökonomien betrachteten ihn als Feuilletonisten, jeder hatte seinen eigenen Einwand und nicht immer der respektvollsten Art. Ich wußte, wie sehr gerade damals vollkommen ergebene Menschen und besonders junge Menschen Herzl wohlgetan und notgetan hätten, und der zänkische, rechthaberische Geist dieses ständigen Opponierens, der Mangel an redlicher, herzlicher Subordination in diesem Kreise *entfremdete* mich der Bewegung, der ich mich nur um Herzls willen neugierig genährt hatte. (ZWEIG, 2017a, p. 124, grifos nossos).¹⁸¹

Neste trecho, salientamos os verbos “*befremden*” (estranhar) e “*entfremden*” (alhear-se, distanciar-se), utilizados por Zweig para descrever sua perspectiva em relação ao movimento sionista. As duas palavras contêm no seu radical a palavra “*fremd*” que pode significar estranho, estrangeiro, alheio, alienígena. A escolha desses verbos sinaliza o sentimento de Stefan Zweig com relação à postura de diferentes perfis de judeus (liberais assimilados, ortodoxos etc.) que se aproximavam do sionismo no início do século XX. O escritor manifesta claramente sua frustração diante das dissensões em torno de Theodor Herzl e, sobretudo, seu interesse exclusivo na personalidade do líder do movimento. Com isso, os comentários do autor em relação ao movimento explicitam a sua esperança de encontrar em Herzl alguém que pudesse representar os judeus e fazer convergir diferentes pontos de vista, concepções e estilos de vida dentro do judaísmo. O jovem escritor, antes curioso em se aproximar dessa personalidade influente, se indis põe com a falta de respeito dos demais pelo líder e se afasta do movimento. Sua insatisfação residia, antes, na fantasia de que a massa fosse se subordinar a Herzl de modo “honesto e

¹⁸¹ “Mas não consegui estabelecer um elo de verdade, eu estranhava acima de tudo a hoje inimaginável falta de respeito com que justo os adeptos se posicionavam em relação à pessoa de Herzl. Os que vinham do Leste acusavam-no de nada entender do judaísmo, nem mesmo conhecer seus costumes, os economistas clássicos o consideravam um mero editor de *feuilleton*, cada qual tinha sua objeção, e nem sempre a expressava do modo mais respeitoso. Eu sabia muito bem a como justo naquele momento teriam feito bem a Herzl pessoas totalmente subordinadas, sobretudo gente jovem, e esse espírito combativo, renitente, da oposição constante, a falta de subordinação honesta, afável, afastou-me do movimento, do qual só me aproximara curioso por causa de Herzl.” (ZWEIG, 2014, p. 107).

afável”, e, depois, na expectativa de que ele pudesse impor respeito e assumir efetivamente o controle do movimento, compondo uma liderança menos crítica e mais homogênea. Adiante no mesmo capítulo, outra passagem também revela o aspecto intrincado da identificação de Zweig com a comunidade onde ele crescera em Viena, caracterizada pelo autor como sendo “judaico-burguesa”. Desta vez, o escritor enfatiza seu desejo quando jovem de se opor ao controle e ao julgamento das “boas famílias” e da “boa sociedade”, que deviam ou, ao menos, procuravam exercer influência sobre ele e seus colegas.

In Wien fühlte ich mich immerhin noch an das Milieu gebunden. Die literarischen Kollegen, mit denen ich verkehrte, stammten fast alle aus der gleichen jüdisch-bürgerlichen Schicht wie ich selbst; in der engen Stadt, wo jeder von jedem wußte, blieb ich unweigerlich der Sohn aus einer ›guten‹ Familie, und ich war müde der sogenannten ›guten‹ Gesellschaft; ich wollte sogar einmal ausgesprochen ›schlechte‹ Gesellschaft, eine ungezwungene, unkontrollierte Form der Existenz. (ZWEIG, 2017a, p. 128).¹⁸²

Neste trecho, Zweig caracteriza o recorte da sociedade vienense em que ele estava inserido quando decide estudar um semestre em Berlim. Sua expectativa para essa estadia longe da família é bem diferente da expectativa que ele tinha a respeito de Theodor Herzl. Naquela passagem, ele esperava por uma união, pelo controle do líder sionista e pela submissão dos seus seguidores, enquanto, no excerto acima, Zweig desejava fugir do controle familiar e do restrito padrão social sob o qual ele vivia em sua juventude.

O controle e o status da “boa família” são fatores que influenciaram a formação da visão de mundo do escritor e podem ter propiciado a ele certa falta de distanciamento crítico acerca da sua própria experiência de vida e da sociedade. No primeiro capítulo do livro de memórias, “Die Welt der Sicherheit”, o escritor parece supor que a maioria das famílias judaicas em Viena teriam tido os mesmos valores, as mesmas oportunidades e condições de vida que ele e sua família tiveram. Nesse sentido, a visão de mundo de Zweig se mantém referida ao âmbito familiar (seja defendendo a obediência e a conformidade dos judeus sob uma liderança ou desejando rebelar-se contra os padrões sociais da burguesia).

O memorialista tematiza a força das convicções paternas em contraste com o mundo exterior e com realidade que provava a falta de sustentação dessas convicções:

¹⁸² “Em Viena, eu me sentia em todo caso ligado ao meio. Os colegas da literatura com quem privava [*recte* convivia. M.H.] eram quase todos oriundos da mesma camada judaico-burguesa da qual eu proviera. Naquela cidade estreita, em que todos sabiam de todos, eu inevitavelmente era o filho de uma ‘boa família’, e estava cansado de tal ‘boa sociedade’: queria precisamente ‘más’ companhias, uma forma não forçada e não controlada de vida.” (ZWEIG, 2014, p. 110).

“etwas in mir kann sich geheimnisvollerweise trotz aller Erkenntnis und Enttäuschung nicht ganz von ihm [ein wundervoller und edler Wahn, dem unsere Väter dienten] loslösen” (ZWEIG, 2017a, p. 21).¹⁸³ O sujeito desta frase admite não conseguir se desvencilhar da “*wundervoller und edler Wahn*”, sendo que *Wahn* pode significar mania, loucura, ilusão, alucinação e delírio. Neste ponto, o sujeito autobiográfico confessa estar atrelado ao “delírio maravilhoso e nobre” da geração de seus pais, apesar das vivências negativas de sua própria geração, e isso dará o tom da rememoração no livro.

O autor estaria, em parte, consciente de que o “mundo da segurança” era ilusório, pois ele critica e lamenta isso. Em contrapartida, Zweig procura reconstruir esse mundo no livro, adaptando-o a uma representação subjetiva da esfera cultural que ele considerava elevada e nobre. Ele mostra como essa ilusão seria admirável e problemática em face da realidade objetiva, mas, sem abandoná-la, o escritor pende para outra idealização: na descrição dos amigos de Berlim, por exemplo, o autor expressa curiosidade e fascínio pela condição de vida oposta àquela proporcionada e esperada por sua família. Nota-se a carga ligeiramente preconceituosa e romantizada na fala de Zweig sobre a privação, como se as pessoas de outras realidades econômicas e sociais fossem seres exóticos.¹⁸⁴ O fascínio do jovem Zweig por essas figuras se dá de forma também ambígua: ele quer estar próximo a elas para observá-las e, posteriormente, transformá-las em personagens, mas o autor comunica seu interesse e sua aproximação delas sem comunicar ao leitor das memórias se ele chegara, por algum momento sequer, a abandonar a conduta adequada à “boa” sociedade judaico-burguesa. Com isso, fica evidente o quanto a relação de Zweig com o microcosmo onde crescera seria importante na construção de sua carreira literária e na sua postura como pessoa pública, pois o escritor não parece jamais romper com tais laços de influência paterna. O próprio memorialista comenta sua atração pelas pessoas desamparadas, desapegadas ou descontroladas emocionalmente, e, em contraste com elas,

¹⁸³ “Algo dentro de mim não consegue se libertar daquilo [da ilusão maravilhosa e nobre, à qual serviam nossos pais], apesar de todo o conhecimento e de toda a decepção.” (ZWEIG, 2014, p. 22).

¹⁸⁴ “Alles, was ich in den realistischen Romanen kaum geglaubt hatte, schob und drängte sich in den kleinen Wirtsstuben und Cafés, in die ich eingeführt wurde, zusammen, und je schlimmer eines Menschen Ruf war, um so begehrllicher mein Interesse, seinen Träger persönlich kennenzulernen. [...] Dazu kam noch der Reiz des Exotischen, des Ausländischen; fast jeder von ihnen brachte meinem Neugierdrang ein Geschenk aus fremder Welt.” (ZWEIG, 2017a, p. 135) [“Tudo aquilo em que eu mal acreditava nos romances realistas reunia-se e apertava-se nos pequenos cafés e restaurantes aos quais eu era levado, e quanto pior a reputação de alguém, maior meu interesse em conhecer a pessoa. [...] A isso se juntava ainda a sedução pelo exótico, estrangeiro; quase todos eles trouxeram um presente de um mundo desconhecido à minha curiosidade.” (ZWEIG, 2014, p. 115)].

diagnostica a si mesmo com uma condição que ele chamou de “Complexo da Segurança”,¹⁸⁵ algo estreitamente relacionado com o contexto familiar.

Uma experiência que remonta este quadro de segurança e prestígio social é a estreia de Zweig como escritor no suplemento literário (*feuilleton*) no *Neue Freie Presse*, jornal publicado entre 1864 e 1938, cujo público-consumidor era liberal e, em sua maioria, burguês (MATUSCHEK, 2017a, p. 503).

Die eigentliche Bedeutung meines feierlichen Einlasses in das Feuilleton der ›Neuen Freien Presse‹ wirkte sich für mich im Privaten aus. *Ich gewann dadurch eine unerwartete Sicherheit gegenüber meiner Familie.* Meine Eltern befaßten sich wenig mit Literatur und maßten sich keinerlei Urteil an; für sie, wie für die ganze Wiener Bourgeoisie, war bedeutend, was in der ›Neuen Freien Presse‹ gelobt wurde, und gleichgültig, was dort ignoriert oder getadelt wurde. Was im ›Feuilleton‹ geschrieben stand, schien für sie durch höchste Autorität verbürgt, denn wer dort urteilte und richtete, forderte schon durch die bloße Position Respekt heraus. [...] Hätte ich die schönsten Gedichte Keats', Hölderlins oder Shelleys geschrieben, so würde dies nicht eine so völlige Umstellung im ganzen Umkreis bewirkt haben; wenn ich ins Theater kam, zeigte man sich diesen rätselhaften Benjamin, der auf mysteriöse Weise in das heilige Gehege der Alten und Würdigen eingedrungen war. Und da ich öfters und beinahe regelmäßig in dem Feuilleton publizierte, geriet ich bald in Gefahr, eine angesehene lokale Respektperson zu werden (ZWEIG, 2017a, p. 127-128, grifo nosso).¹⁸⁶

O relato de sua transformação em uma pessoa pública é uma passagem relevante. Nesse ponto, o escritor associa a segurança ao prestígio, sendo que este prestígio declaradamente não é associado à qualidade estética, como se vê na comparação com os poetas Keats, Hölderlin ou Shelley. Quando, na sua juventude, Zweig se torna uma pessoa pública, ele se percebe alvo da curiosidade das pessoas. Na visão do autor, isso significou

¹⁸⁵ “Vielleicht ließ mir gerade die Sphäre der Solidität, aus der ich kam, und die Tatsache, daß ich selbst bis zu einem gewissen Grade mich mit dem Komplex der ›Sicherheit‹ belastet fühlte, alle jene faszinierend erscheinen, die mit ihrem Leben, ihrer Zeit, ihrem Geld, ihrer Gesundheit ihrem guten Ruf verschwenderisch und beinahe verächtlich umgingen, diese Passionierten, diese Monomanen des bloßen Existierens ohne Ziel, und vielleicht merkt man in meinen Romanen und Novellen diese Vorliebe für alle intensiven und unbändigen Naturen.” (ZWEIG, 2017a, p. 135) [“Talvez tenha sido precisamente a esfera de solidez da qual eu provinha, e o fato de até um certo grau eu me sentir complexado pela ‘segurança’, que me fizeram parecer fascinantes todos os que quase jogavam fora com desprezo a vida, seu tempo, seu dinheiro, sua reputação – os passionais, os monomaniacos da simples existência sem objetivo, e talvez se note nos meus romances e nas novelas essa predileção por todas as figuras intensas e indômitas.” (ZWEIG, 2014, p. 115-116)].

¹⁸⁶ “A verdadeira importância do meu ingresso solene no *feuilleton* do *Neue Freie Presse* manifestou-se em minha vida particular. *Ganhei uma segurança inesperada perante minha família.* Meus pais lidavam pouco com literatura e não emitiam opiniões a respeito dela; para eles, como para toda a burguesia vienense, importava o que era elogiado no *Neue Freie Presse* e não tinha importância o que era ignorado ou criticado. Para eles, o que estava escrito no *feuilleton* parecia garantido pela máxima autoridade [...] Tivesse eu escrito os mais belos poemas de Keats, Hölderlin ou Shelley, não teria produzido em todo meu entorno uma mudança tão radical. Quando eu entrava no teatro, apontavam para esse enigmático Benjamin que misteriosamente ingressara nos sagrados domínios dos velhos e veneráveis. E, como passei a publicar com frequência e quase com regularidade no *feuilleton*, logo corri o risco de me tornar uma pessoa respeitada na cidade” (ZWEIG, 2014, p. 109).

para ele que o público o considerava em uma posição entre “velhos e veneráveis”. Constar entre escritores mais experientes e admirados é algo que sintetiza um dos efeitos produzidos na obra memorialística com a seleção dos episódios e das personalidades do livro: Zweig se consagra como um escritor ilustre entre outros escritores ilustres e mais velhos que ele. No início do excerto, o escritor comenta que ganhou “segurança” diante da família assim que conquista o interesse do público. Assim, a satisfação de Zweig com seu primeiro empreendimento literário teria sido assegurar o respeito da família ao adquirir o status de escritor e o reconhecimento do público burguês em Viena. O autor não trata como uma conquista literária a admiração dos leitores em si, pois ele estava consciente de que, na sua juventude, o valor dos seus escritos não se comparava ao dos escritores mais experientes, mas, estar entre eles era uma conquista significativa no âmbito familiar.

Apesar disso, ao descrever a sua introdução na sociedade vienense como jovem escritor, Zweig expressa uma dupla desconfiança: a desconfiança no público-leitor dos jornais, na sua capacidade de julgar a qualidade estética de uma peça literária, e a desconfiança na sua própria capacidade como escritor. Sua fala deixa transparecer que, naquela situação, não se esperava que a produção de Zweig pudesse amadurecer, já que, aos dezenove anos de idade, ele teria atingido o ápice do prestígio esperado pela família. Não seria preciso compor versos elaborados, belos nem mesmo inovadores, pois isso não fazia parte da expectativa de sua família, senão o sucesso. Neste ponto, pode-se notar algo oposto à segurança enfatizada pelo autor: a sua insegurança, sua desconfiança da família e do público leitor que manifestava apreciar a visibilidade de seus textos e não seus textos em si. Nesse sentido, nada que Zweig escrevesse buscando a aprovação familiar e da sociedade burguesa seria apreciado (ou criticado) pelo seu valor real, nem a reação do público o estimularia a desenvolver um estilo de escrita mais sofisticado e ousado.

A expressão “*Sicherheit gegenüber meiner Familie*” (“segurança perante minha família”) pode ser entendida como uma prova à família de Zweig e à “boa burguesia judaica” que, embora ser poeta não fosse uma profissão de prestígio naquele contexto social, seria possível obter sucesso e reconhecimento pessoal. Vimos nas cartas escritas na juventude que Zweig se sentia inseguro na decisão pela literatura e, provavelmente, utilizava os elogios públicos do *feuilleton* às suas primeiras publicações para refutar as possíveis objeções da família. Observamos, no excerto anterior, um misto de satisfação pessoal e de frustração, já que Zweig, ao mesmo tempo, valoriza e questiona a reação do público e de sua família, para os quais importaria mais o prestígio do veículo de

comunicação do que a qualidade do texto literário em si. Esse sucesso relativo na juventude é considerado algo “perigoso” pelo autor das memórias, já mais velho, pois isto faria com que ele tivesse se contentado com o sucesso prematuro e o amor da burguesia consumidora de *feuilleton*.

A ressalva do memorialista quanto à apreciação literária da sociedade burguesa em Viena está de acordo com as impressões do jovem Zweig manifestas na já citada carta a Karl Emil Franzos, na qual ele critica o jornalismo vienense. Apesar disso, não se pode desconsiderar que, até as primeiras décadas do século XX, o escritor dependeu do espaço de publicação jornalístico, porque boa parte dos seus poemas e das suas narrativas fora divulgada inicialmente em jornais austríacos e alemães para depois ser organizada em coletâneas. Como explica Jacques Le Rider (2018, p. 46), a relação entre a literatura e o jornalismo era estreita e indissociável, os escritores dependiam das resenhas publicadas para serem conhecidos e terem seus textos editados e lançados como livros. Assim, o jornalismo detinha poder sobre a literatura, movimentando o “mercado literário” de acordo com o gosto burguês da época.¹⁸⁷

Neste embate entre a qualidade estética e o entretenimento, tanto Theodor Herzl, redator do *feuilleton*, cuja palavra era respeitada pela burguesia, quanto Karl Kraus, escritor e jornalista crítico da manipulação de massa e da superficialidade do público leitor em geral, tiveram algo a dizer sobre Zweig. O primeiro garantiu sua estabilidade e a conquista de público e de editoras, o segundo, naturalmente, problematizava as declarações e o juízo estético de Herzl. Le Rider apresenta a discussão a respeito de um ensaio de Herzl do dia 11 de março de 1904, que Zweig menciona brevemente em *Die Welt von Gestern*, expressando gratidão pela generosidade de Herzl, pois seu nome havia sido citado em primeiro lugar na relação de jovens promissores na literatura.

Dies scheint an sich eine kleine, belanglose Episode. Aber man muß Wiener und Wiener jener Generation sein, um zu verstehen, welchen

¹⁸⁷ Cf. “Ohne die Unterstützung der großen Zeitungen, deren Bücherrezensionen und Theaterkritik über den Erfolg eines Autors entscheiden, ist es schon um die Jahrhundertwende sehr schwer, als Schriftsteller Karriere zu machen, und Wien kann man in der Beziehung keineswegs als Ausnahme betrachten. Die wachsende Dominanz der auflagenstarken Zeitungen im literarischen Feld, die neuen Bündnisse und *mesalliances* von Literatur und Journalismus, die die herkömmlichen Hierarchien der Bildung umzustößen drohen, das sind zentrale Themen der Medienkritik von Karl Kraus, der die ungeheure Macht der Wiener *Neuen Freien Presse* als die größte Gefahr für die Literatur, die Künste und die gesamte Kultur seiner Zeit bekämpfte.” (LE RIDER, 2018, p. 46) [“Sem o apoio dos grandes jornais, cujas resenhas de livros e críticas teatrais decidem o sucesso dos autores, já é muito difícil na virada de século fazer carreira como escritor, e Viena de nenhum modo pode ser tratada como uma exceção. A crescente dominância dos jornais comerciais no campo literário, as novas ligações e *mésalliances* de Literatura e Jornalismo que ameaçavam derrubar a hierarquia tradicional de formação [*Bildung*], estas são os temas centrais da crítica à mídia de Karl Kraus, que contestava o enorme poder do *Neue Freie Presse* de Viena como um grande perigo para a literatura, as artes e à cultura geral de seu tempo.” (Tradução nossa)].

Ruck nach oben diese Förderung bedeutete. Ich war damit in meinem neunzehnten Jahr über Nacht in eine Prominentenstellung aufgerückt, und Theodor Herzl, der mir von dieser ersten Stunde an gütig zugetan blieb, nutzte gleich einen zufälligen Anlaß, um in einem seiner nächsten Aufsätze zu schreiben, man solle in Wien nicht an eine Dekadenz der Kunst glauben. Im Gegenteil, es gebe neben Hofmannsthal jetzt eine Reihe junger Talente, von denen das Beste zu erwarten sei, und er nannte an erster Stelle meinen Namen. (ZWEIG, 2017a, p. 123-124).¹⁸⁸

Este “episódio pequeno e insignificante” seria significativo o suficiente para ser incluído no livro de memórias. Zweig não menciona os outros jovens escritores citados por Herzl, mas destaca a generosidade do redator por seu talento ter sido comparado ao de Hofmannsthal, ao citá-lo como um talento do mesmo nível que este. No ensaio em questão, o redator do *Neue Freie Presse* aponta a dificuldade dos demais jovens em obter visibilidade em detrimento de Hofmannsthal e menciona o “desfavor das oportunidades” [“*die Ungunst der Gelegenheiten*”], questionando a grandeza de Hofmannsthal:

Nein, ein großer Dichter ist Hugo v. Hofmannsthal nicht. Bisher noch nicht. [...] Er ist ein gewandter, liebenswürdiger, geschmackvoller, belesener Schriftsteller. [...] Junge Dichter gibt es auch jetzt, auch in Wien, trotz aller Ungunst der Gelegenheiten. Junge Dichter, die ungefähr das können, was der junge Hofmannsthal konnte, sind jetzt Stefan Zweig, Sil Vara, Hans Müller, um nur einige zu nennen, die mir in den Wurf gekommen sind. (HERZL, 1904, p. 3 apud LE RIDER, 2018, p. 46).¹⁸⁹

A atitude de Herzl em equiparar jovens escritores (dos quais, posteriormente, apenas Zweig alcançou sucesso internacional) a Hofmannsthal provoca a indignação de Karl Kraus, que reage na edição de *Die Fackel* da semana seguinte. Os nomes citados por Herzl como talentos potenciais recebem comentários depreciativos, com exceção de Hans Müller que é ignorado no fragmento krausiano, e, Hofmannsthal é exaltado como grande poeta, acima do poder de influência da mídia.

Herr Zweig ist ein Formtalentchen, Herr Sil Vara, wenn die Kaffeehausskizze, die neulich einmal die ‚Neue Freie Presse‘ am Sonntag brachte, den Gipfel seines Schaffens bedeutet, ein dürftiger Reporter. Es ist eine Frechheit, die man auch einem Judenkönig nicht ruhig hingehen lassen kann, diese armen Teufel mit Hugo von Hofmannsthal in einem Athem zu nennen. Die „großen Dichter“,

¹⁸⁸ “À primeira vista, parece um episódio pequeno e insignificante. Mas é preciso ser vienense, e vienense daquela geração, para entender que impulso esse apoio significava. Com ele, eu, aos dezenove anos, fora alçado da noite para o dia a uma posição de fama, e Theodor Herzl, que desde o primeiro momento se mostrou simpático a mim, logo se aproveitou de um ensejo casual para escrever em um de seus próximos ensaios que não se deveria acreditar em uma decadência da arte em Viena, mas que, pelo contrário, além de Hofmannsthal existia uma série de jovens talentos promissores, citando o meu nome em primeiro lugar.” (ZWEIG, 2014, p. 106).

¹⁸⁹ “Não, um grande poeta não é Hugo von Hofmannsthal. Até agora ainda não. [...] Ele é um escritor hábil, digno de apreço, elegante e culto. [...] Também há agora jovens poetas, também em Viena, a despeito do desfavor das oportunidades. Jovens poetas que podem aproximadamente o que o jovem Hofmannsthal pôde, são agora Stefan Zweig, Sil Vara, Hans Müller, para citar apenas alguns, que me ocorrem agora.” (Tradução nossa).

schätzt Herr Herzl weiter, brauche man nicht zu entdecken. (KRAUS, 1904, p. 23).¹⁹⁰

Quanto a esta depreciação ácida da personalidade de Herzl, seria um engano vincular sua atuação profissional no *Neue Freie Presse* à sua atividade intelectual no movimento sionista, porque essas duas facetas não se mesclavam. É a crítica de Kraus que, a fim de desmoralizar Herzl e depreciar suas colocações, ataca a imagem do redator, reduzindo sua opinião à instrumentalização da arte e da mídia para favorecer o sionismo. Tampouco as críticas de Kraus tratam dos textos dos jovens citados por Herzl, mas consistem em ataques externos direcionados à atividade política e social deste. Kraus acusa Herzl de mencionar apenas jovens com uma visão de mundo supostamente sionista [*sionistische Weltanschauung*] e de fomentar uma arte regionalista palestina [*palästinensische Heimatkunst*] (KRAUS, 1904, p. 23), sendo que não era este o objetivo do redator no jornal vienense, pois suas publicações e atividades sionistas paralelas eram sabidamente distintas do seu trabalho no jornal. Zweig, Hans Müller (depois Hans Müller-Einigen)¹⁹¹ e Geza Silberer (que usava o pseudônimo Sil-Vara)¹⁹² eram judeus, mas nenhum deles se engajou ativamente no sionismo. Portanto, a crítica de Kraus não tinha amparo nos textos publicados pelos jovens escritores e resumia-se a uma provocação sem fundamento contra a personalidade de Herzl.

Nas memórias, após reconhecer a importância a Herzl e expressar gratidão por seu apoio, Zweig introduz a questão do seu afastamento do sionismo. Na sua perspectiva, Herzl teria julgado o distanciamento do escritor como um gesto de ingratidão. Se participar no sionismo não era uma condição para que ele fosse publicado e elogiado no jornal burguês, por que Zweig fala em ingratidão? A atitude de Zweig em relação ao sionismo é controversa e delicada, afinal, ele se valeu das conexões e da visibilidade que Herzl lhe proporcionou ao ceder espaço de publicação, na mesma época em que Zweig procurava se envolver com o sionismo. Mas essa cena pode consistir em uma interpretação singular do autor acerca da expectativa que Herzl teria depositado sobre ele.

¹⁹⁰ “O senhor Zweig é um talentozinho formal, o senhor Sil Vara, se o esboço feito num café, que uma vez no outro dia o *Neue Freie Presse* publicou no domingo, significa o auge dos seus feitos, é um repórter mesquinho. É um atrevimento que não se pode deixar também um rei dos judeus seguir tranquilo adiante, esse pobre diabo chamar por Hugo von Hofmannsthal em um fôlego. Os "grandes poetas", estima o senhor Herzl mais adiante, não precisam ser descobertos.” (Tradução nossa).

¹⁹¹ KNIEFACZ, Katharina. Hans Müller (Müller-Einigen). In: *Gedenkbuch für die Opfer des Nationalsozialismus an der Universität Wien 1938*. Universität Wien. Disponível em: <https://gedenkbuch.univie.ac.at/index.php?id=435&no_cache=1&person_single_id=40444>. Acessado em: 15 jan. 2019.

¹⁹² VENUS, T. Silberer, Geza. In: SCHWARZ, M.; SPANNAGEL, R. *Österreichisches Biographisches Lexikon 1815–1950 (ÖBL)*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, v. Band 12, 2005. p. 261. Disponível em: <http://www.biographien.ac.at/oeb1_12/261.pdf>. Acesso em: 15 jan 2019.

Dank Herzls Feuilleton war Stefan Zweig schon berühmt, bevor er durch ein bedeutendes literarisches Werk hervorgetreten war. Dieser fulminante Karrierestart hatte jedoch den Nachteil, dass Zweig von nun an als eine von der Medienmacht konstruierte und von einer geschickten Vermarktungsstrategie getragene Größe galt, deren Erfolg nicht ausschließlich ihrem literarischen Niveau zu verdanken war. (LE RIDER, 2018, p. 47).¹⁹³

Le Rider aponta que a prática literária e o sucesso de Stefan Zweig se devem a uma hábil estratégia de mercado. Zweig zelava por sua carreira literária, sua produção e seu nome de forma empreendedora e eficiente. Esse poderia ser também um dos aspectos que teriam motivado o gesto de aproximação de Zweig com relação ao editor Theodor Herzl e, por extensão, teria aguçado sua curiosidade pelo movimento que Herzl liderava. No último encontro dos dois, Zweig não esperava ser abordado pelo intelectual sionista no parque e promete para si não o contatar novamente, a fim de poupar seu tempo de vida por amor e respeito ao redator, já que Herzl se encontrava muito doente. Zweig relata somente o que Herzl teria dito e parece ter entrelaçado dois assuntos paralelos: a indagação explícita “por que se esconde?” e um discurso sobre a importância da experiência no exterior para a elaboração das ideias sionistas (ZWEIG, 2017a, p. 127-128; 2014, p. 108). O objetivo de Herzl com aquelas palavras não fica claro no modo como Zweig narra aquele momento, mas a cena obscura confere um tom de pesar e, possivelmente, culpa do autor por ter se distanciado de Herzl tempos depois de ter sido favorecido profissionalmente por ele.

Desde o prólogo, Zweig discute a influência da mídia na vida da sua geração e também revela o desejo de não tomar qualquer posição diante dos acontecimentos difíceis do presente e de permanecer à margem, ainda que a neutralidade fosse praticamente impossível.¹⁹⁴ Theodor Herzl era um influenciador da sociedade burguesa e tinha nas mãos um veículo de seleção e promoção dos nomes que chegavam até ele em detrimento de outros. Independentemente da questão judaica, sionista ou assimilacionista, instrumentalizada por Kraus, não se pode negligenciar o sentido político e econômico que tangencia a produção e o consumo do *feuilleton* e o impacto do veículo na carreira de Zweig.

¹⁹³ “Graças ao *feuilleton* de Herzl Stefan Zweig já era famoso, antes que ele se destacasse por meio de uma obra literária significativa. Esse início fulminante de carreira teve, no entanto, a desvantagem, que Zweig dali em diante construía como um poder midiático e valia o tamanho majestoso de uma estratégia habilidosa de mercado, cujo sucesso não se devia exclusivamente ao nível literário deles.” (Tradução nossa).

¹⁹⁴ “Für unsere Generation gab es kein Entweichen, kein Sich-abseits-Stellen wie in den früheren; wir waren dank unserer neuen Organisation der Gleichzeitigkeit ständig einbezogen in die Zeit.” (ZWEIG, 2017a, p. 13) [“Para nossa geração, não havia como escapar ou permanecer à margem, como outras fizeram; graças à nossa nova organização da simultaneidade, estávamos sempre integrados à época.” (ZWEIG, 2014, p. 16-17)].

Das Hauptverdienst des Liberalismus für die Literatur der nachfolgenden Generation liegt in der Etablierung eines lebendigen Pressewesens, was durch den technischen Fortschritt ermöglicht worden war, und der Feuilletonkultur, die den Stil des Individuellen zelebrierte und der damit einhergehenden Kommerzialisierung des Schreibens Vorschub leistete. (MILLNER, 2018, p. 70).¹⁹⁵

Por um lado, Zweig expressa grande admiração por Herzl e pela sua dedicação pessoal ao cumprimento daquilo que seria sua missão de vida: restabelecer um senso de unidade entre as comunidades judaicas tão diversas, promover a identidade judaica em reação ao antissemitismo. Por outro lado, décadas depois, Zweig admite sua concepção judaica universalizante, antinacionalista¹⁹⁶ e incompatível com os ideais sionistas.

Mark Gelber supõe, no entanto, que o envolvimento de Zweig com o sionismo não teria se restringido à relação pessoal com Herzl ou ao fomento de sua carreira literária. Zweig teria participado de eventos e reuniões em que Herzl não estava presente; isso fica implícito em *Die Welt von Gestern*, quando o autor se refere às queixas das pessoas sobre o líder do movimento. O interesse de Zweig pelo sionismo, segundo Gelber, poderia ter sido fruto da busca por uma identificação mais profunda com a origem judaica, por uma diferenciação do modo de vida assimilado de seus pais, Ida e Moriz Zweig.¹⁹⁷ Mas, se considerarmos o ataque de Kraus ao ensaio de Herzl, pode-se pelo menos conceber que Zweig tinha consciência da impopularidade que sua associação ao movimento sionista acarretaria à sua carreira em Viena. Este poderia ter sido um dos motivos pelos quais Zweig se deteve em uma postura indefinida, evitando envolver-se com algo que pudesse

¹⁹⁵ "O ganho principal do liberalismo para a literatura da geração seguinte consiste no estabelecimento de uma entidade de imprensa ativa, que se tornou possível por meio do progresso técnico, e da cultura de *feuilleton*, que celebrava o estilo da individualidade e que, com isso, produziu o avanço da comercialização da escrita." (Tradução nossa).

¹⁹⁶ Numa coletiva de imprensa em Nova York, em 1935, que ocorreu na sede da Viking Press, sua editora nos Estados Unidos, Zweig nega seu engajamento com o Sionismo: "Questioned after this statement about his early literary association with Dr. Herzl and other pioneer Zionists, Dr. Zweig said he 'had never been a real Zionist'. 'I hate all kinds of nationalism. I wouldn't want the Jews to become nationalists.'" (LEVY, 1935, p. 3).

¹⁹⁷ "Es wäre also vorstellbar, daß Zweig um die Jahrhundertwende ohne Herzls Vermittlung, d. h. ohne daß Herzl dabei eine persönliche Rolle spielte, mit zionistischen Ideen und Kreisen Kontakt aufgenommen hatte. Vielleicht suchte er zu dieser Zeit eine jüdische Alternative zu der verhaßten bürgerlich-jüdischen Existenzform seiner Eltern; dies zu belegen ist jedoch nicht möglich. Wenn man annimmt, daß er doch schon als Neunzehnjähriger (vor dem 28. Nov. 1901) eine noch unentdeckte Arbeit in der NFP [Neue Freie Presse] veröffentlichte, so müßte man daraus folgern, daß Zweigs Flirt mit dem Zionismus, besonders mit der kulturell-geistigen Bewegung, viel tiefer ging und länger dauerte, als er es darstellte und als allgemein angenommen wird." (GELBER, 1987, p. 166-167) ["Seria também de se imaginar que Zweig na virada de século tivesse contato com as ideias e os círculos sionistas sem a mediação de Herzl, ou seja, sem que Herzl estivesse exercendo pessoalmente um papel. Talvez ele procurasse naquele tempo uma alternativa judaica para a forma de existência judaico-burguesa malquista de seus pais; contudo, comprovar isto não é possível. Assumindo que ele aos 19 anos (antes de 28 de novembro de 1901) já publicava um trabalho inédito no Neue Freie Presse, então se deveria considerar que o flerte de Zweig com o sionismo, especialmente com o movimento cultural-intelectual, foi muito mais profundo e duradouro do que ele figurou e como se supôs em geral." (Tradução nossa)].

comprometer a sua imagem, cujo risco seria colocar também em descrédito o sucesso econômico e a participação da sua família na sociedade vienense. Além disso, como o nome de Herzl estava a serviço de um movimento (social, cultural e também artístico) com o princípio de revalorização da identidade judaica, Zweig teve que escolher se continuaria por este caminho ou se, almejando conquistar uma fama maior, optaria por temas mais abrangentes, distanciando-se do movimento.

Neste sentido, não *apenas* a divergência entre os judeus sionistas em relação à Herzl ou a convicção supranacional de Zweig explicariam o seu recuo, mas também a influência dos ideais de sua família, como vemos na reiteração da sua qualidade “internacional” – traço de que o memorialista se orgulha bastante. Assim, podemos observar uma questão difícil que se apresentava escritor: o sionismo denunciava a impossibilidade de integração completa do judeu na sociedade austríaca diante do antissemitismo e propõe como alternativa a construção de uma pátria, apontando o esforço inócuo das famílias assimiladas que participavam dos círculos sociais de prestígio na metrópole. O ideal de assimilação pela burguesia judaica tinha como alvo a realização do sonho de segurança econômica e de liberdade social e cultural que o próprio Zweig diz não ter passado de um sonho: “heute, da das große Gewitter sie längst zerschmettert hat, wissen wir endgültig, daß jene Welt der Sicherheit ein Traumschloß gewesen.” (ZWEIG, 2017a, p. 21);¹⁹⁸ “wir, für die Behaglichkeit eine Sage geworden ist und Sicherheit ein kindlicher Traum [...]” (Ibid., p. 44).¹⁹⁹ A expressão deste sonho, que predomina na forma como o autor descreve esse mundo, seria o que, segundo Vivian Liska (2007, p. 211-221), provoca profunda indignação em Hannah Arendt a respeito da obra memorialística de Stefan Zweig:

Arendt distinguishes between the way Jews like Zweig, who wanted to be reckoned among ‘great men’, strove for more than personal success; they aspired to a social recognition that would, in the best case, turn them into parvenus. Interestingly, Arendt’s notion of the parvenu points in two directions at once. On the one hand, it distinguishes itself from the ‘conscious pariah’, the proud outsider that Arendt saw as the only valid alternative to the humiliating existence of the parvenu. On the other hand, Arendt should have sensed that this designation also functioned as an insult in the eyes of those who saw themselves as the *true* members of the society of the elect few. Like the *nouveau riche*, the parvenu is also a negative category for those who constitute the *real*, established elite, whose perspective seems to participate in Arendt’s own disdain for those “wannabes”.

¹⁹⁸ “Hoje, depois que ele foi destruído há muito pela grande intempérie, sabemos que aquele mundo de segurança não passava de um castelo de sonhos.” (ZWEIG, 2014, p. 23).

¹⁹⁹ “Nós, para quem o conforto se tornou lenda e a segurança, um sonho infantil” (ZWEIG, 2014, p. 41).

Enquanto Hannah Arendt manifesta seu desdém pelo ideal de integração do pária, Zweig defende a capacidade de assimilação como uma qualidade e uma medida para o cumprimento do que ele chama de “missão” cultural dos judeus na Europa: vincular-se à cultura local onde residissem e aprimorá-la por meio do seu esforço e de sua contribuição intelectual.²⁰⁰ O que Zweig não esperava era que ao povo judeu, com a capacidade tão elogiada pelo autor de se adaptar a qualquer lugar, cultura e circunstância no mundo, não fosse permitido estar em lugar algum. De certa forma, o memorialista parece confirmar a crença na participação da burguesia judaica na sociedade e na cultura austríaca, alemã e europeia, como uma reivindicação da valorização dos judeus, ainda que ele tivesse sido obrigado pelas circunstâncias sociais e políticas do seu tempo a admitir o quanto a burguesia judaica estava enganada. Essa oscilação é muito discreta nos primeiros capítulos e só se tornará uma questão explícita nos últimos capítulos sobre o antissemitismo e a guerra.

Para Zweig, os judeus eram responsáveis pela grandeza da cultura austríaca no mundo. Porém, Jacques Le Rider, em seu livro *A modernidade vienense e as crises de identidade*, de 1990, problematiza essas generalizações comuns na época. O argumento usado por Zweig para defender a relevância dos judeus na cultura estava também presente em falas antissemitas e com uma carga evidentemente negativa. O que para Zweig seria um orgulho, para os antissemitas era um motivo de receio e de ódio.

Falar da presença dominante dos judeus na imprensa, nos bancos e nas profissões liberais, ou evocar sem outra precisão, a amplitude da fortuna judia, demonstra exagero ou ilusão de ótica. A verificação estatística permite somente constatar uma forte presença judia nesses setores profissionais, mas essa presença permanece globalmente minoritária. [...] Ao fiar-se com demasiada espontaneidade, em determinadas ideias estabelecidas, corre-se o risco de reproduzir as afirmações polêmicas dos anti-semitas. [...] Já em torno de 1900, o tema da “onipresença judia” se tornou lugar-comum nas descrições de Viena. Poderia-se quase falar de uma visão obsedante, entretida com maior complacência. (LE RIDER, 1992, p. 327-328)

A crítica de Le Rider centra-se na estimativa descompromissada de jornalistas e escritores em relação ao contexto da comunidade judaica menos privilegiada. Zweig escreve, por exemplo, que as condições de vida da sua família eram comuns a outras “dez mil ou vinte mil” famílias que residiram em Viena. Ele não fornece um dado numérico

²⁰⁰ “Durch ihre [der Juden] leidenschaftliche Liebe zu dieser Stadt, durch ihren Willen zur Angleichung hatten sie sich vollkommen angepaßt und waren glücklich, dem Ruhme Österreichs zu dienen; sie fühlten ihr Österreichertum als eine Mission vor der Welt” (ZWEIG, 2017a, p. 40) [“Por seu [dos judeus] amor apaixonado pela cidade, por sua vontade de se integrar, eles adequaram totalmente e estavam felizes em poder servir à glória da Áustria; percebiam sua condição de austríacos como uma missão no mundo” (Ibid., 2014, p. 38)].

preciso ou proporcional sobre a população de judeus em Viena na sua época (ZWEIG, 2017a, p. 22; 2014, p. 23). No excerto a seguir, consta uma afirmação problemática do escritor, pois este refere-se à história de seus pais enfatizando que, “na verdade” [*eigentlich*], seu relato seria impessoal, pois sua família era “típica”. Quando ele generaliza características e condições particulares de sua família ou do âmbito social em que cresceu, aplicando-as em um coletivo maior e tratando esses núcleos por “os judeus em Viena” ou simplesmente “os judeus”, ele procura formatar uma identidade coesa para o coletivo ao qual ele se retrata integrado, abstraindo as diferenças.

Freilich hatten sie noch einen besonderen Windschutz: sie waren vermögende Leute, die allmählich reich und sogar sehr reich wurden, und das polsterte in jenen Zeiten verlässlich Fenster und Wand. Ihre Lebensform scheint mir dermaßen typisch für das sogenannte „gute jüdische Bürgertum“, das der Wiener Kultur so wesentliche Werte gegeben hat und zum Dank dafür völlig ausgerottet wurde, daß ich mit dem Bericht ihres gemächlichen und lautlosen Daseins eigentlich etwas Unpersönliches erzähle: so wie meine Eltern haben zehntausend oder zwanzigtausend Familien in Wien gelebt in jenem Jahrhundert der gesicherten Werte. (ZWEIG, 2017a, p. 21-22).²⁰¹

Neste trecho, o escritor comenta com certa indignação que as famílias da burguesia judaica, depois de cederem “valores essenciais” à cultura vienense, receberam como retribuição a perda dos direitos de participar daquela sociedade. O escritor expõe, com isso, uma visão dicotômica (impregnada pelo debate racial da época) entre os “vienenses” e os “judeus-vienenses” (ou, no caso de Zweig, a burguesia judaico-vienense), que haviam sido responsáveis pelo desenvolvimento cultural da cidade, porém, não seria viável nem cabível diferenciar valores culturais exclusivamente vienenses dos valores advindos da cultura judaica. Zweig defende estes “valores” [*Werte*] por terem fomentado a cultura vienense – ainda que, assim como a segurança e o progresso, consistissem em sonho ou em anacronismo, pois os escritores de sua geração (e da geração anterior) já denunciavam esses mesmos valores e buscassem liberar-se deles.

Zweig embodied for them [contemporary writers who criticized him] the persistence of a bourgeois system of values – of ideas about love, sex and gender, about war, will, and fate, and about the role of literature, its proper language, auctorial persona and audience – that was losing its credibility. This waning world of the *Bildungsbürgertum* showed for them its real face in what they considered to be Zweig’s

²⁰¹ “É verdade que eles ainda contavam com uma proteção especial: eram pessoas abastadas, que haviam enriquecido pouco a pouco, chegando a uma grande fortuna, e isso, naqueles tempos, garantia-lhes um conforto especial. Seu estilo de vida me parece tão típico para a chamada ‘boa burguesia judaica’ – a qual forneceu valores tão essenciais para a cultura vienense e em agradecimento foi totalmente exterminada –, que eu, na verdade, conto algo impessoal ao relatar sua existência confortável e quieta. Como os meus pais, viviam em Viena cerca de dez ou vinte mil famílias naquele século dos valores garantidos.” (ZWEIG, 2014, p. 23).

aesthetically fake and ideologically false invocation of literary and human grandeur. (LISKA, 2007, p. 203-204).

Liska (2007, p. 203) menciona vários escritores que atacaram Zweig publicamente nos jornais ou apenas em diários e cartas: Musil, Hesse, Schnitzler, Thomas e Klaus Mann, Kraus, Roth, Broch, Kracauer, Blei, Ludwig Marcuse, Torberg, Tucholsky, Lukács, Arendt e mais. Eles denunciavam os valores burgueses como sendo decadentes e moralistas. Arthur Schnitzler, considerado por Zweig um representante da cultura judaico-burguesa, criticava fortemente a burguesia e hoje é lembrado como expoente da literatura austríaca como um todo, não de um segmento específico. Em *Die Welt von Gestern*, Zweig expõe uma visão oblíqua acerca dos escritores de origem judaica como se eles fossem imbuídos de uma paixão, da *missão* judaica de estar a serviço de uma cultura nacional.

Denn gerade in den letzten Jahren war [...] das Wiener Judentum künstlerisch produktiv geworden, allerdings keineswegs in einer spezifisch jüdischen Weise, sondern indem es durch ein Wunder der Einfühlung dem Österreichischen, dem Wienerischen den intensivsten Ausdruck gab. [...] Durch ihre leidenschaftliche Liebe zu dieser Stadt, durch ihren Willen zur Angleichung hatten sie sich vollkommen angepaßt und waren glücklich, dem Ruhme Österreichs zu dienen; sie fühlten ihr Österreichertum als eine Mission vor der Welt, und – man muß es um der Ehrlichkeit willen wiederholen – ein Gutteil, wenn nicht das Großteil all dessen, was Europa, was Amerika als den Ausdruck einer neu aufgelebten österreichischen Kultur heute bewundert in der Musik, in der Literatur, im Theater, im Kunstgewerbe, ist aus dem Wiener Judentum geschaffen gewesen, das selbst wieder in dieser Entäußerung eine höchste Leistung seines jahrtausendalten geistigen Triebes erreichte. (ZWEIG, 2017a, p. 39-40).²⁰²

Essa missão cultural a que Zweig se refere está intimamente ligada à educação, formação [*Bildung*], que era um “substituto laico da religião” (LE RIDER, 1992, p. 321), intimamente ligado com o credo liberal e com a crise do liberalismo na Áustria em torno de 1875 (Ibid., p. 323). Como veremos adiante, desde antes do nascimento de Zweig em 1882, começou-se a questionar o conceito de *Bildung* e, na década de 1940, mesmo diante da falência completa desse ideal, Zweig o recupera e enaltece nas suas memórias. O escritor parece reagir aos ataques do nazismo com ideais próprios do século e da geração

²⁰² “Os judeus de Viena haviam se tornado produtivos em termos artísticos, não de uma maneira especificamente judaica, mas conferindo à natureza austríaca, vienense, a expressão mais intensa através do milagre da sensibilidade. [...] Por seu amor apaixonado pela cidade, por sua vontade de se integrar, eles se adequaram totalmente e estavam felizes em poder servir à glória da Áustria; percebiam sua condição de austríacos como uma missão no mundo e – é preciso repetir, por honestidade – uma boa parte, se não a maior parte de tudo o que a Europa e a América hoje admiram na música, na literatura, no teatro, no artesanato como expressão de uma cultura austríaca revivida, foi criada pelos judeus vienenses, os quais, por sua vez, ao assim se externarem atingiram a realização suprema de seu milenar anseio intelectual.” (ZWEIG, 2014, p. 37-38).

anteriores. O processo de colapso da *Bildung* como meio de integração das famílias burguesas de origem judaica é comentado por Alexandra Millner (2018, p. 68-69):

Bis ca. 1900 war diese Haltung vor allem dem Glauben an die Bildung verpflichtet, demgemäß jeder Mensch, egal welcher Herkunft, die Möglichkeit habe, sich die damit verbundenen kulturellen Werte anzueignen bzw. sich ihnen unterzuordnen – ein Prozess, der sich etwa im hohen Assimilationsgrad des jüdischen Bürgertums widerspiegelt. Mit der Zeit aber wurde diese edukative Möglichkeit der ‚Eindeutschung‘ durch eine rassistische und antisemitische Haltung verdrängt, welche die Möglichkeit der Akkulturation von Nicht-Deutschen grundsätzlich negierte. Die Vereinigungen begannen sich separatistisch zu organisieren bzw. Juden auszuschließen. Die Ansicht Zweigs, zu jener Zeit [...], widerspricht den zeitgenössischen Erfahrungen eines Arthur Schnitzler oder Felix Salten, mit denen Zweig seit Beginn des 20. Jahrhunderts bekannt war.²⁰³

Vê-se que a posição de Zweig em relação à assimilação cultural também é controversa. O escritor declara não ter tido qualquer empecilho profissional relacionado à origem judaica, embora ele tenha reiterado não possuir um “modo especificamente judeu” de escrever e tenha se afastado de movimentos relacionados à cultura judaica. Ainda assim, na carta de 20 de junho de 1939, escrita do exílio londrino a Felix Braun, Zweig expressa considerar justamente intelectuais e artistas judeus como sendo o ápice da cultura austríaca, digna de um relato memorialístico, já que, segundo o autor, Braun e ele próprio seriam as últimas testemunhas daquele mundo praticamente extinto.

Wäre es nicht vielleicht wenn Du müßige Zeit hast, das Rechte, ein Bildnis Wiens und unserer Jugend zu geben, und wenn schon in Erinnerungen zu leben, sie doch intensiv also schöpferisch auferstehen zu lassen? Ich will selbst einmal ein solches Buch zu schreiben, nicht als Autobiographie, sondern als Abgesang jener österreichisch-jüdisch-bürgerlichen Kultur, die in Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler, Freud kulminierte. Denn dieses Wien und dieses Österreich wird nie mehr sein und nie mehr kommen. Wir sind die letzten Zeugen. Vor diesem steht freilich noch ein anderes, umfangreicheres Buch, das mich anderthalb bis zwei Jahre beschäftigt. Aber im geheimen denke ich gleichzeitig daran und will nur bald mit Notizen beginnen. (ZWEIG, 2005a, p. 250).²⁰⁴

²⁰³ “Até cerca de 1900 essa atitude geral de crença na formação [*Bildung*], segundo a qual toda pessoa, não importava qual origem, teria a possibilidade de se apropriar dos valores culturais inerentes e, respectivamente, se subordinar a eles – um processo, que reflete algo do alto grau de assimilação da burguesia judaica. Com o tempo, contudo, essa possibilidade educativa de ‘germanização’ é suplantada por um comportamento racista e antissemita, que basicamente nega a possibilidade de aculturação de não-alemães. As negações começaram de modo separatista a organizar e, respectivamente, a excluir os judeus. A visão de Zweig de tal época [...] contradiz as experiências contemporâneas como de Arthur Schnitzler ou de Felix Salten, que Zweig conhecia desde o começo do século XX.” (Tradução nossa).

²⁰⁴ “Não seria o certo, talvez, tendo tempo ocioso, legar um retrato de Viena e da nossa juventude, e já se vivendo nas lembranças, deixá-las, afinal, ressurgir de forma intensa e produtiva? Eu mesmo desejo escrever um livro desses, não como autobiografia, mas como a estrofe final [*Abgesang*] da cultura burguesa-judaica-austríaca, que culminou em Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler, Freud. Porque essa Viena e essa Áustria nunca mais existirão nem voltarão mais. Nós somos as últimas testemunhas. Antes disso há, claro, ainda um outro livro extenso, que me ocupará nos próximos um ano e meio a dois anos. Mas em segredo penso simultaneamente nisso e desejo logo começar com as anotações.” (Tradução nossa).

Schnitzler, citado na carta e no livro de memórias de Zweig, em sua autobiografia *Jugend in Wien*, tematizara o antissemitismo na arbitrariedade do juízo estético de um professor e na sua forma de atribuir as notas a partir do sobrenome dos alunos. Schnitzler, porém, faz uma distinção entre o envolvimento emocional e racional do indivíduo com a ideologia antissemita:

Seine Begeisterung [des Lehrers Ludwig Blume] für Richard Wagner, den er nicht nur für den größten deutschen Musiker, sondern auch für den größten deutschen Dichter erklärte, schrieben wir, wahrscheinlich mit Recht, mehr seiner politischen als seiner ästhetischen Grundrichtung zu, und so wurzelte auch seine Abneigung gegen das Judentum mehr in seiner Gesinnung als in seinem Gefühl. (SCHNITZLER, 2006, p. 76-77).²⁰⁵

Schnitzler mencionou episódios do período escolar e indicando o antissemitismo do professor, ainda que com ressalvas. Ele atenua o preconceito, ao considerá-lo fruto de um posicionamento mais político do que pessoal, da mesma forma como a preferência do professor por Wagner não era baseada em uma percepção estética autêntica, mas simplesmente na ideologia que ele segue. Schnitzler conclui comparando a preferência estética do professor antissemita à “antipatia ao judaísmo”, que não seria algo intrínseco ao indivíduo, mas algo que fazia parte de um projeto político abrangente em que o professor acreditava. *Jugend in Wien* aponta o antissemitismo, não sem uma relativização intrincada. Zweig generaliza a sua experiência particular e protegida como algo coletivo, Schnitzler, ao contrário, particulariza a manifestação negativa do antissemitismo como uma idiossincrasia e como um perigo potencial na sociedade, mas que, na época, não era considerado uma ameaça real que pudesse se tornar a base de um regime político com influência massiva.²⁰⁶

Quando Zweig escreve suas memórias, as quatro personalidades que inspiram seu relato (Mahler, Hofmannsthal, Schnitzler e Freud) já haviam falecido. Após a morte daquela geração de artistas e intelectuais e com a manifestação política do antissemitismo, não haveria mais a possibilidade de desenvolvimento linear cultural, social e geográfico

²⁰⁵ “Seu entusiasmo [do professor Ludwig Blume] com Richard Wagner, que ele declarou ser não apenas o maior músico alemão de todos os tempos, mas também o maior poeta alemão de todos os tempos, nós creditávamos, provavelmente com razão, mais a suas inclinações políticas que a suas inclinações estéticas; e, assim, também a sua antipatia pelo judaísmo fincava raízes mais em suas convicções do que em seus sentimentos.” (SCHNITZLER, 2015, p. 94).

²⁰⁶ “Damals, es war in der Spätblütezeit des Liberalismus, existierte der Antisemitismus zwar, wie seit jeher, als Gefühlsregung in zahlreichen, dazu disponierten Seelen und als höchst entwicklungsfähige Idee; aber weder als politischer noch als sozialer Faktor spielte er eine bedeutende Rolle.” (SCHNITZLER, 2006, p. 77) [“Na época – estávamos no florescimento tardio do liberalismo –, o antissemitismo existia, como aliás desde sempre existiu, na condição de emoção sentimental, em numerosas almas predispostas a isso e como ideia capaz de se desenvolver perigosamente; na condição de fator político ou social, porém, ele não chegava a ter um papel significativo.” (Id., 2015, p. 94-95)].

dos judeus vienenses devido à perseguição. Não foi o mero “sentimento pessoal” antissemita, sugerido por Schnitzler, que cindiu a sociedade alemã e austríaca, tampouco o “sentimento de pertencimento” dos judeus à cultura nacional poderia ter garantido seus direitos e o exercício pleno de sua cidadania naquela sociedade. Ou seja, as manifestações desses escritores a respeito do “sentimento” negativo ou positivo que experimentaram na sua infância e juventude não condizem com o fenômeno social da intolerância nem da ilusão de pertencimento que pautou as escolhas políticas ou a convivência da população com uma ideologia preconceituosa.

Os autores, quando escreveram seus relatos e experiências antes da década de 1930, não podiam vislumbrar os efeitos do nazismo sobre a sociedade, a segregação, a intimidação e as diversas formas de violência que a população de origem judaica sofreu, de fato. A autobiografia de Schnitzler fora escrita entre os anos de 1915 a 1920, já Zweig, entre 1938 e 1941, não identifica em sua obra memorialística episódios ligados ao antissemitismo que ele pudesse ter sofrido na sua infância e juventude. Porém, o antissemitismo poderia ser considerado presente, de modo bastante discreto, no comentário sobre o contexto universitário: no início do capítulo *Universitas vitae*, o autor descreve o comportamento de um grupo estudantil claramente pangermanista e antissemita, embora não nomeie a ideologia por trás de suas ações. De acordo com Renoldner (2018, p. 10-11):

Bemerkenswert ist, dass Zweig das Kapitel über die Universität in *Die Welt von Gestern* mit einer besonderen Einleitung versieht, in der durchaus von eigenem Erleben die Rede ist: Bevor er darauf zu sprechen kommt, wie und in welchem Umfang er von dem Bildungsangebot der Universität Gebrauch machen konnte, berichtet er von den Umtrieben der ihm verhassten „Couleurstudenten“. Es ist die Rede von den deutschnationalen, den sogenannten „schlagenden“ Studentenverbindungen. [...] Mit dieser Passage kann auch die Ansicht widerlegt werden, Stefan Zweig habe sich in seinen Erinnerungen nicht über den Antisemitismus in Wien geäußert. Zweig beschreibt den fatalen Ehrbegriff dieser Studenten, die sich für ‚satisfaktionsfähig‘ erklärten, also ihre Duelle nur in gleicher Standeshöhe zulassen konnten.²⁰⁷

²⁰⁷ “É digno de atenção que Zweig inicie o capítulo sobre a universidade em *O mundo de ontem* com uma introdução singular, em que o discurso é absolutamente da própria vivência: Antes que ele chegue a falar de como e em qual âmbito ele pôde fazer uso da oferta de ensino da universidade, ele relata a intriga dos ‘Couleurstudenten’ [“estudantes de cor”, literalmente; ou seja: de corporações estudantis nacionalistas] odiados por ele. Esta é uma fala sobre os alemães-nacionalistas, as assim chamadas ligas estudantis ‘esmagadoras’. [...] Com essa passagem pode ser também refutada a visão de que Stefan Zweig não teria se pronunciado sobre o antissemitismo em Viena em suas memórias. Zweig descreve o conceito fatal de honra desses estudantes, que se qualificavam como ‘satisfatórios’ [‘satisfaktionsfähig’], então os seus duelos só podiam ser permitidos no mesmo nível [excluindo os judeus].” (Tradução nossa).

Na passagem em questão, Zweig diferencia apenas os estudantes que participam do movimento nacionalista e os estudantes “aplicados” (entre os quais se encontravam majoritariamente estudantes de origem judaica), sem mencionar a carga preconceituosa na intimidação dos extremistas. Zweig retrata as ações dos estudantes nacionalistas de modo brando, assim como ele parece relativizar o envolvimento de outras personalidades associadas ao antissemitismo e ao nacionalismo (Lueger, Haushofer e Lissauer, por exemplo). Em suas memórias, Zweig tende a dar enfoque à dimensão cultural da cidade de Viena e da Áustria em detrimento do aspecto político de sua realidade, porém, a relativização ou a discrição do autor com relação ao tema sensível do antissemitismo não significa que Zweig só enxergava aspectos positivos da sociedade e da sua experiência.

Como vemos no diário de Zweig, na entrada de 22 de outubro de 1931, ele expressa sentir nojo da política austríaca e ter vontade de se anular como cidadão do seu país, mas registra também a falta de um destino ideal.²⁰⁸ Nos anos seguintes a essa confissão no diário, a biografia de *Maria Antonieta* (1932) recebe graves críticas da mídia, desqualificando o trabalho literário de Zweig por conta da sua origem judaica.²⁰⁹ Sobre este caso, em 30 de novembro de 1933, em carta a Rudolf Kayser, Zweig reitera sua postura de manter-se coerente consigo mesmo e não se manifestar a este respeito, ao final da carta, contudo, ele expõe sua amargura quanto ao antissemitismo institucionalizado na Alemanha e na Áustria: “Weisestes Wort: was ein Jude heute tut, ist immer falsch” (ZWEIG, 1959, p. 75).²¹⁰ Aqui pode-se observar que, mesmo Zweig se desviando de uma crítica política explícita, a discrição do escritor não o poupou dos ataques preconceituosos da mídia regida pelo governo nazista.

²⁰⁸ “Ekel vor der österreichischen Politik. Man muß sich gewöhnen, den Staatsbürgergedanken immer wieder innerlich zu annullieren und all das, was von uns gefordert wird als illusorisch abzulehnen, nicht Gefühlskräfte zu verschwenden an eine künstlich galvanisierte Mumie. Immer wieder im Gespräche die Frage: wohin? Alle Länder sind gleich unmöglich, Europa erst wieder wohnbar, wenn es eins ist, Raum gibt und Bewegung.” (ZWEIG, 1984b, p. 344) [“Nojo da política austríaca. É preciso se acostumar a sempre e de novo anular internamente os pensamentos cívicos e tudo aquilo se fomenta por nós para rejeitar como ilusório, não desperdiçar as forças sentimentais com uma múmia galvanizada. Sempre de novo em conversa a pergunta: para onde? Todos os países estão igualmente impossíveis de se habitar na Europa novamente, se ao menos houvesse espaço e movimento.” (Tradução nossa)].

²⁰⁹ “Als Hitler Reichskanzler geworden war und sich die antisemitischen Angriffe gegen Zweigs *Marie Antoinette* (1932) in der NS-Presse häuften, bemühte er sich noch um überlegenen Spott – „unsere geliebten Hitlerianer“ (Zweig, Br IV, S. 44) nannte er die Todfeinde dem amerikanischen Verleger Ben Huebsch gegenüber am 8. Februar 1933.” (WEINZIERL, 2018, p. 348) [“Quando Hitler se tornou chanceler e acumularam-se ataques antissemitas contra *Maria Antonieta* (1932), de Zweig, na imprensa nazista, ele se incomodava com deboches mais agudos – ele chamava os inimigos mortais do editor norte-americano Ben Huebsch de ‘nosso hitlerista amado’ em 9 de fevereiro de 1933.” (Tradução nossa)].

²¹⁰ “Palavra mais sábia: o que um judeu faz hoje, é sempre errado.” (Tradução nossa).

A família de Zweig partia do pressuposto de que a discrição iria compensar a condição de *outsider*. Quando o escritor se refere ao seu pai e cita a recomendação de Goethe, de que seria necessário se valer de títulos para se proteger, Zweig declara permanecer fiel à conduta que aprendera de seu pai, obedecendo ao “pai dentro dele”.²¹¹ Em outras palavras, haveria uma força parental interiorizada que agia no escritor para que ele representasse seu papel social de modo que não levantasse suspeitas nem recorresse a favores de outras pessoas para salvar seu nome. Nessa passagem, é possível verificar também a cisão que Zweig na relação entre a honra secreta e a honra social ou a liberdade interior e a exterior. O autor descreve a característica honrosa do seu próprio pai, da modéstia e do anonimato, procura aproximar-se de sua integridade e isso reforça algo que Dines observa da construção da postura de Zweig como escritor: “Zweig não era o ‘escritor judeu’, mas o judeu escritor – cosmopolita, internacionalista, preocupado com a sorte da humanidade. A aceleração e a intensificação do furor nazista o assustaram” (DINES, 2013, p. 12). Apesar de seu esforço e zelo pessoais por manter uma conduta discreta, Zweig passa a ser estigmatizado por sua origem judaica, e, com isso, sua carreira e a sua liberdade são prejudicadas.

Na obra e nas cartas de Zweig, pode-se observar tensões pessoais entre o interior e o exterior: a pessoa pública e a sua intimidade, a conduta esperada por sua família e o seu desejo de autonomia, o envolvimento particular de Zweig com pessoas que o instigavam e o efeito disso sobre sua carreira ou sobre a forma como ele, posteriormente, se mostra ao leitor já na posição de escritor renomado; os ataques públicos do nazismo e o seu abatimento e recolhimento pessoal em detrimento da expectativa de seus contemporâneos (Joseph Roth, Klaus Mann, Hannah Arendt, por exemplo) por um posicionamento claro e público.

Essas circunstâncias conflitantes e bastante delicadas podem tocar uma pergunta que o leitor de hoje (com uma visão posterior e privilegiada da história do século XX) poderia se fazer: como agir, como se posicionar em meio a tempos difíceis? Zweig como autor não responde a esta pergunta, ele próprio se colocara esta questão, desdobrada em

²¹¹ “in einer Welt, wo man nur frei bleiben kann durch List und Flucht, und wo, wie Vater Goethe weise sagte, ‘Orden und Titel manchen Puff abhalten im Gedränge’. Aber es ist mein Vater in mir und sein heimlicher Stolz, der mich zurückzwingt, und ich darf ihm nicht Widerstand leisten; denn ihm danke ich, was ich vielleicht als meinen einzig sicheren Besitz empfinde: das Gefühl der inneren Freiheit.” (ZWEIG, 2017a, p. 25) [“em um mundo em que só se pode permanecer livre mediante a astúcia, a fuga e em que, como disse sabiamente o pai Goethe, ‘na hora do tumulto, condecorações e títulos amortecem muitos golpes’. Mas é o meu pai dentro de mim com seu orgulho secreto que me retém, e não posso me opor a ele, pois devo-lhe o que considero ser talvez a minha única posse segura: o sentimento de liberdade interior.” (Id., 2014, p. 26)].

uma série de questões no perfil dedicado a Montaigne, redigido logo na sequência de seu livro memorialístico. Observamos nessas questões a ênfase sobre a pressão exterior contra o sujeito que, diante de tantas ameaças, quer apenas se proteger contra o que lhe é imposto e ser livre:

Wie bewahre ich trotz aller Drohungen und Gefahren mir inmitten der Tollwut der Parteien die unbestechliche Klarheit des Geistes, wie die Humanität des Herzens unverstört inmitten der Bestialität? Wie entziehe ich mich den tyrannischen Forderungen, die Staat oder Kirche oder Politik mir wider meinen Willen aufzwingen wollen? Wie wehre ich mich dagegen, nicht weiter zu gehen in meinen Mitteilungen und meine Handlungen, als mein innerstes Ich innerlich will? Wie entziehe ich diese einzige, einmalige Parzelle meines Ich, die in einem einmaligen Winkel mir das Weltall spiegelt, gegen die Einstellung auf das reglementierte und das von außen dekretierte Maß? Wie bewahre ich meine ureigenste Seele und ihre nur mir gehörige Materia, meinen Körper, meine Gesundheit, meine Nerven, meine Gedanken vor der Gefahr, fremdem Wahn und fremden Interessen aufgeopfert zu werden? (ZWEIG, 2005b, p. 13).²¹²

Vemos, por fim, que, em se tratando de uma biografia de um intelectual distante historicamente, Zweig toma liberdade de postular indagações na primeira pessoa e de uma forma bastante concreta, listando os aspectos do seu ser que ele gostaria de proteger (*bewahren*), defender (*sich wehren*), livrar (*entziehen*) das pressões e dos perigos externos. E, mais uma vez, notamos a ideia de uma unidade, de uma identidade considerada pelo autor unívoca, mas que, como pudemos observar ao longo desta análise, não está livre de se contradizer em relação a temas tão sensíveis quanto a família, a cultura, a carreira e a política.

3.3 Natureza anfíbia: Joyce, Busoni e Schickele

Vimos que Zweig, em seu livro autobiográfico, procurou abordar de forma indireta as questões que lhe seriam incômodas e sofridas. Nesse sentido, a questão delicada da identificação com o judaísmo e a cultura alemã foi apresentada também por meio de uma imagem emprestada da biologia: o anfíbio. A classe de animais, cujo organismo é apto a viver tanto na terra como na água, é usada por Zweig como metáfora. Ela elucida o quão indissociável era sua natureza, assim como outros indivíduos que

²¹² “[...] como manter-me livre? Como, apesar de todas as ameaças e de todos os perigos em meio à fúria dos partidos, manter a clareza incorruptível do espírito em meio à bestialidade? Como escapar às demandas tirânicas que o Estado ou a Igreja ou a política me querem impor contra a minha vontade? Como me defender de não ir além, nas minhas informações ou ações, daquilo que o meu eu mais profundo quer interiormente? Como proteger essa parcela única e singular do meu eu contra a obediência às regras e a medidas decretadas a partir de fora?” (ZWEIG, 2013, p. 21-22).

também habitavam outros terrenos culturais fronteiriços. Em cartas e na autobiografia, o escritor austríaco chamará a si mesmo de “anfíbio”, ao lado de três figuras que Zweig julga semelhantes nesse quesito: James Joyce, Ferruccio Busoni e René Schickele (ZWEIG, 2017a, p. 297-299; 2014, p. 247-249). O retrato que Zweig faz dessas personalidades mostra a experiência concomitante de duas culturas e um modo de vida conflitante; em qualquer um desses casos haveria o apelo que eles abandonassem a cultura “de origem” para se integrar completamente a uma outra cultura, mas ambas compõem sua identidade e negar completamente qualquer uma delas não seria possível.

Quanto ao primeiro, o grande autor de *Ulysses*, Zweig atribui sua genialidade a um traço particular de *ressentimento* por sua cidade natal, Dublin, e pela língua inglesa, cujos recursos linguísticos não lhe bastavam para que ele se expressasse com satisfação.²¹³ Aos olhos de Zweig, que mantinha uma postura controlada e decorosa como escritor, Joyce incorporava sua insatisfação com a cultura e a língua inglesas como um traço de sua personalidade e desafiava a si mesmo a conquistar uma liberdade de expressão que extrapolasse os limites do próprio idioma. Joyce se recusa a se identificar com a cultura inglesa, embora ele estivesse indissociavelmente ligado a ela. A forma como Zweig caracteriza Joyce se assemelharia ao fenômeno do *Selbsthass* vienense,²¹⁴ em que o conservadorismo arraigado na sua estrutura social e o apego ao mito da cultura

²¹³ “Da saß meist allein in einer Ecke des Café Odeon ein junger Mann mit einem kleinen braunen Bärtchen, auffallend dicke Brillen vor den scharfen dunklen Augen; man sagte mir, daß es ein sehr begabter englischer Dichter sei. Als ich nach einigen Tagen James Joyce dann kennenlernte, lehnte er schroff jede Zusammengehörigkeit mit England ab. Er sei Ire. Er schreibe zwar in englischer Sprache, aber er denke nicht englisch und wolle nicht englisch denken – ‚ich möchte‘, sagte er mir damals, ‚eine Sprache, die über den Sprachen steht, eine Sprache, der sie alle dienen. In Englisch kann ich mich nicht ganz ausdrücken, ohne mich damit in eine Tradition einzuschließen.‘ [...] Eine gewisse Bitterkeit wich selten von ihm, aber ich glaube, es war eigentlich diese Gereiztheit, gerade die Kraft, die ihn innerlich vehement und produktiv machte. Sein Ressentiment gegen Dublin, gegen England, gegen gewisse Personen hatte in ihm die Form dynamischer Energie angenommen und ist tatsächlich erst im dichterischen Werke frei geworden.” (ZWEIG, 2017a, p. 297) [“Em um canto do Café Odeon costumava ficar sozinho um jovem com uma pequena barbicha castanha, óculos e lentes muito grossas diante dos olhos penetrantes e escuros; diziam que era um poeta inglês muito talentoso. Quando alguns dias mais tarde conheci pessoalmente James Joyce, este recusou de maneira incisiva qualquer relação com a Inglaterra. Disse que era irlandês. Que escrevia em língua inglesa, mas que não pensava e nem queria pensar em inglês: ‘Quero’, disse-me então, ‘uma língua que esteja acima das línguas, uma língua a que todos sirvam. Não posso me expressar totalmente em inglês sem, com isso, encerrar-me em uma tradição’. [...] Nunca deixava de exibir certa amargura, mas acredito que era precisamente essa irritação, essa força, que o tornava veemente e produtivo. Seu ressentimento contra Dublin, contra os ingleses, contra determinadas pessoas, tinha assumido dentro dele a forma de energia dinâmica, e de fato só se liberou na obra poética.” (Id., 2014, p. 247-248)].

²¹⁴ “Os vienenses mais profundamente ligados à sua cidade passam por períodos de verdadeiro desespero que Hermann Bahr apelidou de *Wiener Selbsthass*, o ódio de si próprio dos vienenses, o que também traduz a dificuldade de ser um inovador, um ‘moderno’ num meio cultural reputadamente conservador e hostil às menores audácias.” (LE RIDER, 1992, p. 29). Zweig opta por seguir a tradição literária estabelecida, todavia se queixa por carta a Ellen Key sobre a dificuldade de ser amado pelo público de Viena. Nota-se uma insatisfação em relação à cidade e, mesmo evitando experimentos literários e seguindo o gosto dos seus cidadãos, sua postura não teria sido suficiente para garantir a recepção esperada pelo escritor à época.

austríaca tornaria Viena insuportável para seus cidadãos, provocando, especialmente nos artistas e intelectuais mais inovadores, uma espécie de aversão à própria cidade. Zweig, em suas memórias, busca distinguir a Áustria da Alemanha e, ao contrário de Joyce, reafirma o que seria positivo em Viena e na Áustria e enfatiza os movimentos germânicos ou pangermanistas como uma influência negativa e ilegítima. Não obstante, Zweig também opta pelo uso abundante de estrangeirismos nos seus textos e, por carta, manifesta uma identificação especial com a França e a Itália. Só quando o autor trata do exílio, encontramos nas memórias, uma expressão ressentida pela política alemã, um lamento por cada pensamento e desejo ser formulado em alemão em prol dos países que combatiam a Alemanha e a Áustria (ZWEIG, 2017a, p. 462; 2014, p. 384).

Um mês após a conclusão de *Die Welt von Gestern*, Stefan Zweig escreve uma carta a Franz Werfel e Alma Mahler-Werfel, de Petrópolis, em 20 de novembro de 1941, justificando a partida dos Estados Unidos para o Brasil, falando sobre um “*seelisches breakdown*”. O uso dessa expressão em inglês é interessante, porque não significa apenas uma crise nervosa, *breakdown* é uma palavra inglesa cujo radical é a quebra, a fratura, e *seelisch* é um adjetivo de origem alemã que, ao contrário do estrangeirismo “psyque”, não seria traduzido de modo satisfatório por “emocional” ou “psíquico”, diz respeito à alma, ao íntimo, e contempla o que seria espiritual e intelectual. Zweig se vale de uma palavra estrangeira qualificada por uma palavra alemã para sinalizar sua condição subjetiva no exílio:

Es ist mir nicht gut gegangen, ich hatte in America eigentlich ohne Grund sondern eher aus einer Accumulation von Gründen einen regelrechten seelischen breakdown. Der tiefste Grund war der, [der] eben am Grunde unseres Lebens liegt und umso deutlicher durchscheint als die Substanz dünner wird: daß ich die Identität mit mir selbst nicht mehr fand in all den Absurditäten, die uns die Zeit auferlegt – Schriftsteller, Dichter in einer Sprache, in der er nicht schreiben darf, im andern Land abwechselnd feindlicher Ausländer und Bürger, in jedem andern auf permits, Gnaden und Bewilligungen angewiesen, losgelöst von allem was ihm Heimat war – Europa und insbesondere Frankreich, Italien, die lateinische Welt – mit Koffern und ohne seine Bücher, seine Papiere sich wälzend von Ort zu Ort und dazu mit jenem mörderischen Haß nicht nur gegen den Krieg sondern gegen die jahrelange Unvernunft die ihn ermöglicht hat: all das drückte grauenhaft auf mich (ZWEIG, 2005a, p. 325).²¹⁵

²¹⁵ “Não tem ido nada bem comigo, eu tive um colapso nervoso nos Estados Unidos não sem motivo específico, mas na verdade por causa de uma acumulação de motivos. O motivo mais profundo foi justamente aquele sobre o qual jaz a nossa vida e tanto mais claro transluz quanto mais frágil se torna a substância: que eu não encontro mais a identidade comigo mesmo em todos esses absurdos que o tempo nos inflige – escritor, poeta em uma língua, na qual ele não pode mais escrever, em outro país transformado em estrangeiro inimigo e cidadão, em qualquer outro indicado pelos vistos, clemências e concessões, destituído de tudo o que era lar para ele – Europa, sobretudo França, Itália, o mundo latino – com malas e sem seus livros, seus documentos aos reboios de um lugar a outro e, além disso, com tal ódio assassino não

Chama atenção neste excerto o uso que Zweig faz da terceira pessoa para falar de si. Ele se retrata como escritor que não teria mais permissão para publicar na própria língua e de fato, nos países de sua língua, a publicação de sua obra havia sido proibida. Nessa carta, contudo, Zweig não lamenta a perda do mundo austro-húngaro ou germânico, mas do latino, indicando que ele se sentiria mais confortável e identificado com uma cultura que não era a sua cultura nacional. O escritor confessa sofrer com ódio mortal contra a guerra (e, naturalmente, contra o nazismo na Alemanha e na Áustria), algo que encontraria um paralelo na indignação de Joyce em relação à Inglaterra, pois esta impunha sua cultura à Irlanda e a oprimia. A caracterização de James Joyce poderia ser considerada uma forma dele representar este conflito: um escritor que reagia ao desconforto de escrever numa língua que carrega um histórico de opressão.

Não só Joyce serviria para representar a condição anfíbia e o conflito de identidade, mas também dois outros amigos mencionados por Zweig logo após Joyce, que representam a cultura latina e se relacionam com a cultura germânica: Ferruccio Busoni e René Schickele. Ao introduzi-los, sua questão principal é a identificação deles com uma cultura e uma língua que não corresponderia àquelas de seu país de origem. Zweig relata que Busoni era “italiano por nascimento, e alemão por opção”, sonhava em italiano à noite, mas pensava em alemão durante o dia (ZWEIG, 2017a, p. 298; 2014, p. 248). Schickele, alsaciano, tinha seu coração devotado à França e escrevia em alemão (ZWEIG, 2017a, p. 299; 2014, p. 249). Por mais que Zweig nutrisse admiração pela Itália, país de sua mãe, ou pela França, país cuja cultura ele aprendeu a amar desde cedo, ele era austríaco e escrevia em alemão. Não haveria algo intrínseco a ele ou à condição geográfica de seu nascimento que o apartasse ou dividisse em relação a outro país, senão sua origem judaica, que fez com que seus “compatriotas” nacionalistas passassem a vê-lo como um estrangeiro com a outorga das leis antissemitas. Joyce era um irlandês que vivia sob a cultura hegemônica inglesa e odiava a capital de seu país; Busoni era um estrangeiro italiano na Alemanha; Schickele era nascido numa região fronteiriça disputada historicamente. A questão da língua e do desconforto em relação à própria língua na fala do sujeito autobiográfico aparece diretamente vinculada à identidade, como se vê na carta.

somente contra a guerra mas contra a insensatez ao longo de anos que a ele não era viável: tudo isso teve um impacto terrível sobre mim” (Tradução nossa).

O olhar pesaroso e sensível de Zweig para essas pessoas tem um apelo retórico, mas também uma forte dimensão subjetiva. Há cumplicidade e compaixão declaradas por elas:

Die ergreifendsten unter diesen Menschen waren für mich – *als ob mich schon eine Ahnung zukünftigen eigenen Schicksals berührt hätte* – die Menschen ohne Heimat oder schlimmer noch: die statt eines Vaterlandes zwei oder drei hatten und innerlich nicht wußten, zu welchem sie gehörten. (ZWEIG, 2017a, p. 296-297, grifo nosso).²¹⁶

Zweig se identifica com o conflito que esses escritores e amigos enfrentavam, sendo que, somente com a tomada de poder dos nazistas, a questão relativa à identidade judaica se tornou incontornável. Na passagem sobre os amigos anfíbios, o memorialista salienta principalmente os sentimentos de temor [*Furcht*] e de pesar pelo desmembramento da Europa. Diante disso, essas existências cindidas não assumiam formas próprias, mas passavam a viver como sombras:

In Furcht, die einen zu kompromittieren und die andern, vermieden sie, in jedweder Sprache zu sprechen und schlichen wie Schatten herum, zerstörte, zerbrochene Existenzen. Je europäischer ein Mensch in Europa gelebt, um so härter wurde er von der Faust gezüchtigt, die Europa zerschlug. (ZWEIG, 2017a, p. 299).²¹⁷

Nesta citação, Zweig também associa a confluência de diferentes origens e culturas da Europa na vida de uma pessoa como um grau de qualificação europeia. É estranha a expressão “quanto mais europeu” (*je europäischer*), como se, caso uma pessoa se identificasse com apenas uma nação ou um povo, menos europeia ela seria ou menos integrada ela estaria à cultura do continente. Também problemática é a proporção condicionante que o escritor estabelece: quanto mais europeia a pessoa, mais brutal era a destruição da Europa para ela. Obviamente, a experiência individual de alguém não estaria, de modo nenhum, condicionando a destruição. O que a colocação torna evidente seria o apego do próprio autor ao ideal de unidade e pluralidade europeias e a dor causada pela situação de exílio em detrimento da experiência de liberdade cívica e política.

Robert Braun (1959) se vale de uma reflexão etimológica de Ricarda Huch para definir a obra de Zweig, apontando que o escritor se situava numa região fronteiriça, sem tomar partido. Para Braun, o entre-lugar constituiria a “existência literária” de Stefan

²¹⁶ “As pessoas que mais me comoviam – como se já me tocassem uma intuição do meu próprio destino futuro – eram as sem pátria, ou pior ainda: as que, em vez de uma só pátria, tinham duas ou três e não sabiam em seu íntimo a qual pertenciam.” (ZWEIG, 2014, p. 247).

²¹⁷ “Temendo comprometer uns aos outros, evitavam falar qualquer língua e vagavam como sombras – existências dilaceradas, quebradas. Quanto mais europeia tinha sido uma pessoa na Europa, mais era castigada pela mão que despedaçava a Europa.” (ZWEIG, 2014, p. 249).

Zweig.²¹⁸ O teor potencialmente autorreferencial do comentário sobre a existência *anfíbia* de Joyce, Busoni e Schickele é verificável na carta já citada de Zweig a Thomas Mann, escrita em Nova York, em 29 de julho de 1940:

Ich hatte in meiner amphibischen Situation mich vom ersten Kriegstage zurückgezogen, jedem Gespräche ausweichend, in eine absolut trappistische Clausur, aber mit Sorge beobachtete ich vom ersten Tage wie die Engländer – von historischen Analogien verführt – den Krieg im Tempo und mit der Gelassenheit des Friedens führten, einzig darauf bedacht, das easy going des privaten Lebens möglichst wenig zu stören. (ZWEIG, 2005a, p. 216-317).²¹⁹

E também, no final do livro de memórias, Zweig utiliza o termo “anfíbio” para caracterizar a si mesmo por ocasião do cancelamento do Congresso P.E.N. Club que aconteceria em setembro de 1939 em Estocolmo: “Für die erste Septemberwoche 1939 war der Kongreß des Penklubs in Stockholm angesetzt, und die schwedischen Kameraden hatten mich, da ich amphibisches Wesen doch keine Nation mehr repräsentierte, als Ehrengast geladen [...]” (ZWEIG, 2017a, p. 459).²²⁰ Neste caso, o escritor teria sido o convidado de honra de um evento internacional, onde já não poderia representar nação nenhuma. Zweig estava desde 1934 exilado na Inglaterra, a Áustria estava anexada pela Alemanha, sua “nação” excluía e perseguia os indivíduos que antes eram cidadãos por conta de sua ascendência. Após solicitar uma nova cidadania no exílio inglês, ele dependia da avaliação e da concessão de documentos pelo consulado que lhe confeririam uma outra identidade, embora a identidade austríaca lhe fosse inalienável. Retomando a imagem do anfíbio, separar-se da sua nacionalidade seria também algo extremamente violento, como dissecar o corpo de um animal. No Prólogo, por exemplo, Zweig diz se assustar ao lembrar da condição de não pertencimento, não mais organicamente ligado ao

²¹⁸ “Ricarda Huch erwähnt einmal bei Besprechung des Wortes „interessant“ dessen aufschlußreiche Etymologie: es kommt vom lateinischen „interesse“, und das heißt: „dazwischensein“. Das Interessante ist nicht eigentlich ein Sein, sondern ein Zwischen-Sein. [...] Stefan Zweigs Werk erschien mir immer mit diesem Zwischenreich verbunden. Und dies nicht bloß thematisch und gestaltlich, insofern es vielleicht nicht eine einzige Zeile von ihm gibt, die nicht interessant wäre, sondern seiner ganzen literarischen Existenz nach.” (BRAUN, 1959, p. 80) [“Ricarda Huch mencionou uma vez em uma palestra a palavra ‘interessante’ com sua etimologia esclarecedora: vem da palavra latina ‘interesse’, que significa ‘ser/estar entre’. O interessante não é exatamente ser/estar, mas um ser/estar-entre. [...] A obra de Stefan Zweig me parece sempre ligada a esse entre-lugar. E ela não é meramente temática ou formal e em si não há talvez uma única frase dele que não seja interessante, senão segundo a sua existência literária completa.” (Tradução nossa)].

²¹⁹ “Eu me retraí na minha situação anfíbia desde o primeiro dia da guerra, evasivo em cada conversa, numa clausura trapista absoluta, mas, desde os primeiros dias, observo com preocupação como os ingleses – movido por analogias históricas – conduzem a guerra no ritmo e com a serenidade da paz, cuidando unicamente de perturbar o mínimo possível a tranquilidade da vida privada.” (Tradução nossa).

²²⁰ “Para a primeira semana de setembro de 1939 estava marcado o congresso do P.E.N. Clube de Estocolmo, para o qual eu fora indicado como convidado de honra pelos meus colegas suecos já que, como ser anfíbio, não representava mais nenhuma nação.” (ZWEIG, 2014, p. 382).

coletivo²²¹ [*“nicht organisch verbunden”*] e essa “organicidade” tão abstrata ganha forma na metáfora do anfíbio.

Quando Stefan Zweig afirma seu lugar de fala como austríaco, judeu, escritor, humanista e pacifista, leva-nos a ponderar a violência da guerra na dimensão existencial desses indivíduos ao provocar a cisão de sua identidade limítrofe. As características que o contexto e as instâncias políticas determinavam que fossem segregadas, precisariam ser reconciliadas por meio da narrativa autobiográfica. Isso justificaria o efeito de “unidade harmônica” identificado por Galle (2018, p. 359) diante da pretensão de Zweig de representar tais papéis.

Seine diversen Rollen „als Österreicher, als Jude, als Schriftsteller, als Humanist und Pazifist“ (S. 7) bilden eine harmonische Einheit, und die bleibt bis zum Schluss unangefochten. Das für die Wiener Moderne so emblematische ‚unrettbare Ich‘ Hermann Bahrs (1904) hat auf Stefan Zweigs Subjektkonzeption keine große Auswirkung gehabt.²²²

É justamente esse “eu não salvável” que Zweig esperava salvar, nem que fosse somente por meio da literatura – já que sua melancolia pela perda da Europa e de sua identidade culminariam na sua morte. O gesto do escritor induz o leitor a crer que o autor teria autoridade para representar esses grupos, ao se declarar uma pessoa que congrega características de origem, de ofício e de posicionamento ideológico que teriam se tornado inconciliáveis no contexto da guerra. Podemos considerar que, apesar dos exageros, a preocupação de Zweig com sua obra era reconstituir uma unidade subjetiva. Uma unidade ameaçada pelos lados da guerra e retratada por ele no livro como fragmentada e irrecuperável. Quanto às cinco características elencadas pelo autor das memórias: a Áustria é anexada à Alemanha nazista e Zweig se torna cidadão inglês; ele apresenta dificuldade de se identificar com os judeus na experiência com o sionismo e, depois, no exílio; por mais que Zweig fosse bem relacionado, dedicado à manutenção de suas amizades intelectuais e cativasse um público leitor expressivo, ele era também desprezado e alvo de críticas severas de seus contemporâneos; por fim, seus ideais de humanismo e

²²¹ “Oder daß ich ‚bei uns‘ sage und erschrocken mich erinnern muß, daß ich für die Menschen meiner Heimat längst ebensowenig dazugehöre wie für die Engländer oder für die Amerikaner, dort nicht mehr organisch verbunden und hier wiederum niemals ganz eingegliedert” (ZWEIG, 2017a, p. 11). [“Ou então digo ‘na minha terra’ e logo me assusto ao lembrar que, para as pessoas da minha pátria, faço tão pouco parte dela quanto para os ingleses ou os americanos – lá não estando mais organicamente ligado e jamais tendo sido inteiramente integrado aqui.” (ZWEIG, 2014, p. 14)].

²²² “Seus diversos papéis, como ‘austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista’ (p. 7) formam uma unidade harmônica, e ela permanece incontestada até o fim. O ‘eu não salvável’ (1904) de Hermann Bahr, tão emblemático para a *Wiener Moderne*, não teve grande influência sobre a concepção de sujeito de Stefan Zweig.” (Tradução nossa).

pacifismo eram saudosos e passivos, tanto que Hannah Arendt (1976, p. 77) chama o último de “pacifismo impotente e vazio de Genebra”.

Apesar da pressão para se posicionar publicamente contra o nazismo, Zweig reluta em criticar os regimes totalitários e as ideologias preconceituosas e extremistas. Na carta ao amigo “anfíbio” René Schickele, em 27 de agosto de 1934, Salzburg, vemos a opção do escritor por permanecer alheio ao perigo político que a Europa e que a Áustria e a Alemanha enfrentavam:

Vielleicht ist es altmodisch, in einer Welt, die ihre Lust im Herdentum sucht, noch den Begriff der Freiheit zu verteidigen; ich versuche es jedenfalls in meinem privaten Leben. Ich binde mich an keine Partei, an keine Gruppe, löse meine verlegerischen Beziehungen zu Deutschland (langsam und ohne alles Ostentative, das ich hasse)[,] gehe von Salzburg fort, aber alles was ich tue, versuche ich still zu tun und möchte lieber angegriffen werden dafür als gerühmt. Mir liegt das sogenannte Heldische nicht. Ich bin konziliant geboren und muß meiner Natur gemäß handeln. [...] Ich kann nur vom Verbindenden, vom Erklärenden her wirken, aber weder kann ich Hammer sein, noch will ich Amboß werden. So sind wir einige Wenige, die den undankbarsten und gefährlichsten Posten innehaben: in der Mitte zwischen den Schützengraben: die selber nicht schießen, sondern ackern. Unser Zusammenhalt ist ein unsichtbarer, aber darum vielleicht ein festerer als der der Parolen und Kongresse und ein geheimes Gefühl sagt mir, daß wir richtig handeln, wenn wir nur dem Menschlichen treu bleiben und dem Parteilichen entsagen. (ZWEIG, 2005a, p. 102-103).²²³

Retomamos a análise de Helmut Galle (2018) com base nas afirmações desta carta: quando Zweig fala de sua natureza e de suas características pessoais, ele não apenas se retrata como portador de uma natureza imutável que deve agir de modo coerente consigo, como também desconsidera as suas possíveis contradições internas. Como já mencionamos no início deste capítulo, tais aspectos são tratados nos textos *Das unrettbare Ich* (2000) e *Selbstinventur* (2011), de Hermann Bahr, ensaios publicados na coletânea *Inventur*, obra lida por Stefan Zweig, segundo o registro em seu diário no dia 13 de setembro de 1912.²²⁴ No dia seguinte, 14 de setembro, Zweig escreve uma carta ao

²²³ “Talvez seja antiquado em um mundo, que procura a satisfação no heroísmo, sustentar ainda o conceito da liberdade, eu procuro isto na minha vida privada a qualquer custo. Eu não me filio a nenhum partido, a nenhum grupo, perco minhas relações editoriais com a Alemanha (devagar e sem toda a ostentação que eu odeio), vou embora de Salzburg, mas tudo o que eu faço, tento fazer quieto e prefiro ser atacado por isso do que elogiado. O assim chamado heroísmo não tem a ver comigo. Eu nasci conciliador e devo me portar de acordo com a minha natureza. [...] Eu só posso produzir a partir do que é conjuntivo e esclarecedor, mas não posso ser nem martelo, nem desejo me tornar bigorna. Então somos nós alguns dos poucos, que detemos o posto mais ingrato e mais perigoso: ficar no meio entre as trincheiras: as mesmas que não atiram, mas lavram. Nossa união é incerta, mas talvez seja uma mais estreita que os slogans e congressos e um sentimento íntimo me diz, que nós agimos certo, se nós apenas permanecemos fieis ao que é humano e renunciamos o que é partidário.” (Tradução nossa).

²²⁴ “Von Bahr die ‚Inventur‘ erhalten und ihm in einem langen guten Brief gedankt, der all das aussprach, was ich für und gegen ihn am Herzen habe.” (ZWEIG, 1984, p. 11) [“De Bahr, recebi o livro *Inventur* e lhe

ensaísta, enfatizando a qualidade da obra ensaística, em que o autor de *Selbstinventur* teria feito transparecer ao leitor seu eu interior, sua essência imutável.²²⁵ Na carta elogiosa, Zweig insiste a Bahr que este escreva uma autobiografia. Entre os argumentos apresentados ao veterano estão: o colorido da riqueza de encontros e vivências; o desafio de se fazer conhecer não somente pelos contemporâneos, mas também pela posteridade; encontrar-se em uma fase propícia para uma retrospectiva, pensando na utilidade futura do relato. Além disso, Zweig ainda supõe que Bahr tenha tido a vida mais interessante de toda a sua geração e ainda provoca o escritor dizendo que seria egoísmo não compartilhar sua história pessoal. Ele faz de tudo para lisonjear Bahr, persuadi-lo a escrever, inclusive, ameaça que ele seja sancionado com o esquecimento e o julgamento moral, caso não escrevesse uma autobiografia (ZWEIG, 1995, p. 260-263). Zweig tinha 30 anos quando escreveu essa carta, quase 30 anos depois, estes mesmos argumentos ressurgem nas entrelinhas dos comentários do escritor acerca do seu próprio empreendimento autobiográfico.

Quase 15 anos depois, em 1926, Zweig formulava outra expectativa com relação a um possível livro de memórias. Motivado pelos experimentos da época e interessado pela psicanálise, Zweig escreve uma carta a Freud, em 8 de setembro daquele ano, comentando como a escrita autobiográfica seria impactada pelos princípios psicanalíticos. Zweig cogita lançar para si um desafio futuro, que não se cumprirá desta forma:

Mir ist Psychologie (Sie verstehen dies wie kein zweiter) heute eigentlich *die* Passion meines Lebens. Und ich möchte dann einmal, wenn ich weit genug bin, sie am schwersten Object üben, an mir selbst. Auch die Selbstbiographie der nachfreudischen Zeit darf klarer und kühner sein, als all die der früheren. (ZWEIG, 1989, p. 142-143).²²⁶

Mesmo com a mudança radical no contexto histórico entre 1926 e 1938, ano em que Zweig começou a esboçar sua obra memorialística, ele se mostra naquela carta ciente

agradei em uma longa e boa carta que manifestava o que eu tenho de coração a favor e contra ele.” (Tradução nossa)].

²²⁵ “Das ist alles so von innen gesagt, aus der letzten Schicht der wandellosen, so vom unabänderlichen Kern ihres Wesens, daß man das Gefühl hat, als sei alles jetzt von ihnen [!] abgeblättert, was sich seit Jahren von außen um Sie gekrustet hatte und nun erst habe man die Frucht, die nährnde, die samenzeugende, den wirklichen Bahr, den wir seit je in Ihnen liebend spürten. [...] Und nun meine Bitte. Zögern Sie nicht, beginnen Sie Ihr grosses Werk, Ihr Lebenswerk: die Selbstbiographie.” (ZWEIG, 1995, p. 261) [“Tudo isto é dito tão de dentro, da última camada imutável, tão do núcleo inalterável do seu ser, que se tem a sensação de que tudo aquilo de externo que formava uma casca teria se descolado do senhor e agora se tem o fruto, nutritivo, a semente testemunhal, o verdadeiro Bahr, que nós afetuosamente buscamos [*spürten*] no senhor. [...] E então meu pedido. Não hesite em começar sua grande obra, a obra de sua vida: sua autobiografia.” (Tradução nossa)].

²²⁶ “Para mim, a psicologia (e isso o senhor entende mais do que ninguém) hoje é, na verdade, a paixão da minha vida. E, um dia, quando me sentir pronto, gostaria de praticá-la no objeto mais difícil, em mim mesmo. Até a autobiografia na era pós-freudiana deverá ser mais clara e ousada do que todas as da era anterior.” (ZWEIG, 2017b, p. 315).

das implicações de uma autobiografia segundo as descobertas de seu tempo. O fato dele não ter feito isso poderia indicar que havia outros fatores, internos e externos, que o levaram a representar o *mundo de ontem* da forma como ele o fez. Hanns Arens, por exemplo, aponta uma “despersonalização consciente” [*bewußte Entpersönlichung*] do narrador do livro de memórias. Isso garantiria ao escritor certa segurança pessoal ante a superexposição advinda do seu sucesso, sendo uma personalidade visada com relação aos grupos que ele estaria representando, sobretudo os judeus.²²⁷

Seja pela identificação intrincada com os judeus e os austríacos, franceses e italianos ou pela compreensão teórica que ele tinha da Psicanálise, o comportamento do narrador nas memórias é diretamente influenciado pela condição psíquica do escritor no exílio. O desafio que Zweig lança na carta de 1926, imaginando um dia analisar a si mesmo freudianamente, precisa ser comparado à confissão presente em outra carta, escrita em Bath, no final do verão de 1939. Nela, Zweig expõe ao seu amigo Felix Braun a percepção que tinha sobre si e sobre a vida com a ameaça da Segunda Guerra:

... Geduld, sie ist es, die wir brauchen, unendliche demütige Geduld. Ich habe sie, weil mir das Leben und mein Leben schon im wesentlichen weggelebt erscheint; *ich fühle mich als Zuschauer* und zu meiner Schande bringe ich nicht mehr genug Mitgefühl auf: ich habe zuviel verbraucht in diesen Jahren. Ich kann nicht an die gehetzten polnischen Juden denken, an die drei Millionen die jetzt langsam verhungern werden... Nur an die Freunde kann ich denken [...]. Laß Dich nicht entmutigen. Der Gedanke, daß Du so verschlagen bist in Einsamkeit bedrückt mich. Aber es geht uns allen so. *Unser Leben ist zertrümmert. Retten wir die Reste.* (ZWEIG, 1959, p. 89-90, grifos nossos).²²⁸

Considerando o período em que esta carta foi escrita, ela coincide com o início da escrita de *Die Welt von Gestern*. Ela confirma a visão do autor acerca da necessidade de salvar os *restos*, os despojos, como a única coisa que pudesse ser feita naquele momento em que a Segunda Guerra estava prestes a irromper. Estes restos, resquícios da “vida destruída”, também poderiam se referir às próprias lembranças. As memórias conteriam

²²⁷ “Diese bewußt angestrebte Entpersönlichung hat ihren Grund in der beispielhaften menschlichen Bescheidenheit Zweigs, die organischer Bestandteil seiner persönlichen Lebensführung – und Haltung war. [...] ohne diese wache Selbstbeobachtung und Kontrolle wäre ein so vielseitig geführtes und frühzeitig in die Lichtseiten des Ruhmes gerücktes Leben nicht möglich gewesen.” (ARENS, 1959, p. 34-35). [“Essa despersonalização consciente e ambiciosa tem o seu motivo na exemplar humildade humana de Zweig, que era componente orgânico de seu estilo de vida – e atitude. [...] sem essa auto-observação vigilante e esse controle não teria sido possível uma vida segura, precoce sob os holofotes da fama e conduzida de um jeito tão multifacetado.” (Tradução nossa)].

²²⁸ “... Paciência, ela é o que precisamos, paciência humilde e infinita. Eu a tenho, porque para mim a vida e a minha vida já parece substancialmente encerrada; *eu me sinto como um espectador* e para minha vergonha não guardo compaixão suficiente: eu gastei demais nestes anos. Eu não posso pensar nos judeus poloneses, nos três milhões que agora são mortos de fome... só eu consigo pensar nos amigos [...] Não se deixe desanimar. O pensamento que você está tão retraído na solidão me aflige. Mas isso acontece com todos nós. *Nossa vida está destruída. Salvemos nós os restos.*” (Tradução e grifos nossos).

episódios, partículas da sua vida, que permaneceriam após a destruição figurada de sua vida, mas também após a morte do escritor. Esta fala nos remete à cena narrada por Zweig, em que a burguesia vienense salva os restos do palco destruído do antigo Burgtheater. A capacidade de ação naquele contexto, segundo o escritor, é bastante limitada e suscita nele apenas resignação e pesar: não havia como impedir a destruição (porque o participio *zertrümmert* indica um processo concluído) e só restaria a possibilidade de recuperar fragmentos daquilo que já perdeu sua unidade, sua estrutura. A esperança de resgate é mínima, mas, em *Die Welt von Gestern*, o autor vislumbra salvar um “fragmento de verdade” [*Splitter Wahrheit*], a partir do qual o leitor apenas reconstrói na imaginação como teriam sido Viena e outras capitais europeias antes das guerras. O testemunho, para Zweig, seria, então, uma forma de salvar uma fração muito pequena de tudo aquilo que tinha sido perdido do passado, um gesto que não seria de nenhum modo heroico, mas humilde.

Zweig se dá conta da impossibilidade de salvar a si mesmo e passa a se ver impotente e relegado à posição de espectador, de *Zuschauer*. Essa palavra poderia justificar o fato de Zweig não se propor a narrar sua própria vida, porque ele já se sentia descolado dela. A sensação exposta ao amigo Braun é significativa para o contexto da escrita autobiográfica, porque ela evidencia o quanto o autor não se considerava mais protagonista de sua própria vida. Zweig não se identifica mais consigo mesmo em decorrência da alienação que a conjuntura política lhe infligiu e, por isso, não se vê capaz de atuar em seu próprio nome. Essa distância de si mesmo que o escritor confessa na carta está também contida no tom impessoal de *Die Welt von Gestern*.

De modo ambíguo, a única alternativa de salvar esses restos acaba se tornando a tentativa de salvar a si mesmo em um projeto autobiográfico, por meio de outras personalidades que atravessaram sua biografia. Nisso, o autor se perde de vista e procura reconstruir não as suas lembranças pessoais, mas justamente as lembranças e seus ideais de um mundo perdido. A postura de Zweig passa da recusa ao protagonismo para a desistência completa de qualquer ação e, por fim, à desistência do futuro e da vida. O trecho a seguir contém a reiteração dramática (“*nie mehr*”, “nunca mais”), evidenciando a impossibilidade de recuperação da ingenuidade e da alegria vividas no passado em relação às circunstâncias históricas do presente. Mas, naquele tempo em que tudo parecia maravilhoso, o escritor não enxergara o “clarão” (“*Feuerschein*”) da Primeira Guerra Mundial prestes a estourar. Zweig, apesar de reforçar a ideia das rupturas temporais,

estaria também enfatizando que as mudanças no mundo não tinham sido tão abruptas e que ele não teria notado o prenúncio dos acontecimentos.

Nie habe ich unsere alte Erde *mehr* geliebt als in diesen letzten Jahren vor dem Ersten Weltkrieg, nie *mehr* auf Europas Einigung gehofft, nie *mehr* an seine Zukunft geglaubt als in dieser Zeit, da wir meinten, eine neue Morgenröte zu erblicken. Aber es war in Wahrheit schon der Feuerschein des nahenden Weltbrands. (ZWEIG, 2017a, p. 211, grifos do autor).²²⁹

O clarão já estava sinalizando que o mundo, “na verdade” (“*in Wahrheit*”), não condizia com aquilo que o escritor sentia naquele momento. Essa colocação reforça a invariabilidade do narrador cuja voz antecipa o presente da escrita, contrastando sempre o “ontem” e o “hoje”. Se Zweig desejava proteger a sua existência íntima, uma existência que ele chama de fraturada, *Die Welt von Gestern* seria uma colagem de fragmentos de outras pessoas a partir das quais o autor pretende se apresentar e se completar. Esse procedimento oferece ao escritor a dupla possibilidade de reafirmar sua existência e manter-se periférico ao mesmo tempo. Essa dimensão subjetiva intrincada das memórias é apontada na análise de Ganani e Issler (2014, p. 216), segundo a qual o livro seria “um mecanismo complexo de sobrevivência”:

Zweig’s desire to turn inwards should not be seen merely as a regression towards his formative fin-de-siècle years, but rather as a means of protection against an oppressive political situation. Under these new circumstances, it served him as a complex survival mechanism. The World of Yesterday, written almost a decade later, represents Zweig’s last clear attempt to carve out a subjective space of existence through a literary medium at a time of crisis.

A sobrevivência ou o recuo ao passado não diz respeito apenas à existência interior ou à subjetividade do autor. A sobrevivência do autor de *Die Welt von Gestern* é uma sobrevivência literária, é a manutenção do seu nome e a reivindicação por seu lugar entre os intelectuais que são mencionados nessa geração construída.

3.4 Memórias de um autor-colecionador

Em *Die Welt von Gestern*, a voz do narrador e a sua aparência de voz coletiva são articuladas em defesa da memória de um mundo civilizado, no qual as principais personagens são referências estéticas, não-belicosas e, sobretudo, conciliadoras como Romain Rolland, Rainer Maria Rilke e outros. As personalidades ligadas à política são

²²⁹ “Nunca amei a nossa velha terra *mais* do que nesses últimos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, nunca esperei *mais* pela unificação da Europa, nunca acreditei *mais* em seu futuro, do que nesse tempo em que julgávamos vislumbrar uma nova aurora. Mas na realidade já era o clarão do incêndio mundial que se aproximava.” (ZWEIG, 2014, p. 178, grifos do autor).

mencionadas no livro da forma mais neutra ou o menos crítica possível, como no caso de Mussolini. Quando os episódios tratam de pessoas ligadas especificamente ao nazismo, Zweig coloca em questão o quanto elas de fato estavam conscientes do impacto político de suas atitudes e pesquisas, como no caso de Haushofer.

A não-centralidade do autor em *Die Welt von Gestern* é coerente com o projeto da obra, em que o escritor adota uma atitude modesta ou tímida por diversos motivos. Contudo, há nas cartas de Zweig dos últimos anos de sua vida um apelo moral a respeito da guerra que reforçaria uma postura esquiva do autor no livro de memórias. Na carta de Zweig a Lavinia Mazzucchetti, escrita em Salzburg, 9 de janeiro de 1934, o escritor considerava necessário abstrair o seu destino pessoal em vez de tomar as injustiças contra a sua pessoa (até as injustiças contra o povo judeu) como a única injustiça no mundo.²³⁰ Talvez, por isso, no caso das figuras anfíbias, Zweig exponha personalidades de artistas com crises identitárias e questões diferentes das suas, não citando exclusivamente pessoas de origem judaica nessa passagem. Ademais, a presença de outras referências obscurece a trama da história individual do escritor e chama atenção para outras histórias.

Observamos que a coleção de episódios particulares de Zweig e dos tantos outros nomes mencionados cumpre a função de uma representação coletiva, mas de um coletivo mais restrito e seletivo do que o autor informa no Prólogo. Em *Die Welt von Gestern*, não há um cidadão comum, há cidadãos ilustres e distintos que pretendem representar um coletivo. Por meio dessa construção coletiva, Zweig expressa sua qualidade individual e reitera seu espaço e seu direito como participante desse coletivo. Isso se nota na forma como ele compreendia a atitude do colecionador.

Zweig foi colecionador desde a adolescência. Sua tarefa especial no Arquivo Militar é atribuída a ele por conta da sua “técnica de colecionador” (ZWEIG, 2017a, p. 267; 2014, p. 233). Ao longo de décadas, o escritor vai apurando sua coleção, passa de autógrafos para manuscritos, depois manuscritos raros, com a intenção de que ela continuasse em expansão após a sua morte (Id., 2017a, p. 377; 2014, p. 314). Pelo que

²³⁰ “Wenn man sich in diesen Zeiten viel mit Geschichte beschäftigt, so sieht man auch das Gegenwärtige mit einem überlegenen Blick; ich denke nicht daran, mich in eine unfruchtbare Opposition zu Tagesgeschehnissen drängen zu lassen und mir von außen das jüdische Problem als die einzige und wichtigste Frage des Lebens aufnötigen zu lassen. Man muß trachten von seinem eigenen Schicksal zu abstrahieren, nicht das persönlich erlittene Unrecht als das einzige Weltunrecht zu betrachten wie es viele meiner Kameraden tun” (ZWEIG, 2005a, p. 82) [“Quando se ocupa muito com história nesses tempos, então se vê também a contemporaneidade com um olhar superior; eu não penso em me deixar levar numa oposição infrutífera aos acontecimentos diários e deixar que me imponham o problema judaico como o única e mais importante questão da vida. É preciso mirar e abstrair o nosso próprio destino, não mirar o destino pessoal carregado de injustiça como a única injustiça no mundo como muitos camaradas fazem” (Tradução nossa)].

indica Matuschek sobre o catálogo de Zweig, o olhar do escritor-colecionador foi recuando cada vez mais para o passado.²³¹ Em *Die Welt von Gestern*, porém, Zweig atribui grande valor aos itens de sua coleção que foram presenteados por contemporâneos e amigos. Richard Friedenthal observa que existe uma conexão entre a forma como Zweig compunha sua rede de amigos e o planejamento de sua coleção de manuscritos.

Man müßte einen Katalog aller bekannter[en] Namen der geistigen Zeitgeschichte aufstellen, wenn man eine Vorstellung von der Weite seiner persönlichen Beziehungen geben wollte. [...] Fast könnte es so aussehen, als ob Zweig berühmte Namen sammelte, so wie er als Liebhaberei die Handschriften großer Männer sammelte. [...] So lebte er auch in seiner geliebten Sammlung mit den Großen aller Völker und Zeiten. (FRIEDENTHAL, 1956, p. 52-53).²³²

Além de Friedenthal, Hans Reisinger (1956, p. 105) comenta o cuidado do escritor para com seu acervo de amigos ilustres: “er pflegte diese seine Beziehungen und Freundschaften gleichsam mit einer vergeistigten Sammlersorgfalt und -passion. Sinnbildlich dafür war seine reiche Kollektion von Handschriften bedeutender Menschen”.²³³ A implicação disto em *Die Welt von Gestern* é a preocupação com a possibilidade de esquecimento destes nomes importantes, destes artistas estimados por Zweig, em função da guerra, e também a reiteração de seu valor pessoal devido à honra de contar com a amizade e a estima destas pessoas.

Ich weiß nicht, wieviel alle diese Dichter, Valéry, Verhaeren, Rilke, Pascoli, Francis Jammes, heute noch gelten, wieviel sie einer Generation sind, der statt dieser zarten Musik durch Jahre und Jahre das klappernde Mühlrad der Propaganda und zweimal der Donner der Kanonen die Ohren durchdröhnt. Ich weiß nur und fühle die Pflicht, es dankbar auszusagen, welch eine Lehre, welch eine Beglückung die Gegenwart solcher heilig der Perfektion Verschworenen inmitten einer schon sich mechanisierenden Welt für uns gewesen ist. Und rückschauend auf mein Leben, gewahre ich kaum bedeutsameren Besitz, als daß es mir erlaubt war, manchem von ihnen menschlich nahe zu sein und daß mehrfach an meine frühe Verehrung dauernde Freundschaft sich binden durfte. (ZWEIG, 2017a, p. 158-159).²³⁴

²³¹ “Sicher ist dagegen, dass Zweig seine Sammlung bald um umfangreiche Manuskripte von Schriftstellern und Komponisten ausweitete und dabei planvoller vorging. Außerdem richtete sich sein Blick von Persönlichkeiten der Gegenwart mehr und mehr in die Vergangenheit.” (MATUSCHEK, 2018, 618) [Ao contrário, é certo que Zweig logo ampliou a sua coleção com manuscritos vultuosos de escritores e compositores e atuava também de modo sistemático. Além disso, o seu olhar se dirigiu das personalidades do presente cada vez mais para o passado. (Tradução nossa)].

²³² “Seria preciso montar um catálogo de todos os nomes famosos da história intelectual de sua época, caso se deseje ter uma ideia da amplitude de suas relações pessoais. [...] Poderia quase parecer que Zweig tivesse reunido nomes célebres, como ele reunia por paixão os manuscritos de grandes homens. [...] Então ele também vivia na sua amada coleção com os grandes de todos os povos e épocas.” (Tradução nossa).

²³³ “Ele cuidava de suas relações e amizades igual, com o mesmo esmero e a mesma paixão de colecionador. Emblemático disso era a sua rica coleção de manuscritos de pessoas notáveis.” (Tradução nossa).

²³⁴ “Não sei quanto todos esses poetas, Valéry, Verhaeren, Rilke, Pascoli, Francis Jammes, ainda valem hoje, quanto valem para uma geração em cujos ouvidos ecoou por vários anos, em vez dessa suave música, o ruído da roda do moinho da propaganda e duas vezes o troar dos canhões. Só sei, e sinto o dever de exprimir com gratidão, que lição, que felicidade foi para nós a presença desses homens tão sagradamente

Zweig não era um mero espectador do debate e do círculo literário, artístico e intelectual. Ele possuía o status de integrante deste círculo e se coloca de forma, a princípio, humilde, destacando o quanto esses intelectuais e artistas foram generosos por concederem a ele atenção. Todavia, o autor expressa também que conquistara a estima deles. A reciprocidade sugerida pelo autor produz um efeito de equiparação e também legitimaria, a partir do reconhecimento dessas figuras de prestígio congregadas em seu livro, o talento e a importância de Zweig no âmbito cultural. Por mais que os manuscritos, para Zweig, tenham um valor cultural e pessoal inestimável, esses itens possuíam ainda um valor econômico estimado perceptível na escolha vocabular do escritor, por exemplo, nas palavras *gelten* (valer) e *Besitz* (propriedade ou posse). Os livros e os manuscritos dos escritores naturalmente tinham um valor de compra e venda que está presente, por exemplo, no Prólogo do livro, quando o autor se refere à sua posição no mercado literário e aos milhões de exemplares vendidos. O escritor também tende a combinar palavras de conotação objetiva, do âmbito comercial, com palavras abstratas: quanto vale o nome de um poeta, o logro ou o proveito mais significativo (*bedeutsamerer Besitz*), ou, como vemos na carta a seguir, uma aquisição substancial (*wesenhafter Besitz*). A prática da coleção de objetos e manuscritos artísticos é constituída por essa ponderação entre o valor estético, o pessoal (quando há um vínculo afetivo com tais artistas e poetas) e o valor de aquisição.

Em 1914, Zweig escrevera um texto sobre o que significava colecionar para ele e como ele planejava sua coleção, chamou-o *Die Autographensammlung als Kunstwerk* (1959) [A coleção de autógrafos como obra de arte]. Neste texto, ele lista os principais itens de seu catálogo, separando os que foram comprados em leilão dos que foram presentes de seus amigos. Ele reconhecia que estava se relacionando com pessoas importantes do seu tempo e sentia prazer e orgulho com isso. Zweig atribui o mesmo valor da coleção de manuscritos à coleção de cartas que ele envia aos cuidados do diretor da Biblioteca Nacional de Jerusalém, S. Bergmann. Sua correspondência seria, segundo o escritor, o que havia de mais substancial do contexto literário e artístico de sua época.²³⁵

devotados à perfeição em meio ao um mundo que já ia se mecanizando. Olhando em retrospecto para a minha vida, quase não percebo felicidade maior [*recte* o logro mais significativo] do que me haver sido permitido estar próximo de alguns deles e de, várias vezes, minha veneração ter se associado a uma longa amizade.” (ZWEIG, 2014, p. 135).

²³⁵ “Ich habe da eine Auslese des wahrhaft wichtigen gemacht, und sie umfaßt neben kleineren Leuten der Literatur so ziemlich alles Wesentliche unserer Epoche, Hauptmann, Roland [sic] – viele hundert Briefe –, Verhaeren, Einstein, Richard Strauss, Joyce, Gorki, Th. Mann, etc. etc. [...] Ich glaube ohne jede Überhebung, daß es eine der interessantesten Correspondenzen dieser Zeit darstellt und ein wesenhafter Besitz für Ihre, für unsere Bibliothek wäre.” (ZWEIG apud GELBER, 1985, p. 163) [“Eu fiz então uma

Pode-se verificar que a obra memorialística, a coleção de manuscritos e as correspondências pessoais de Zweig compartilham a característica de serem cada qual a composição de um todo a partir de unidades menores e individuais. Elas são objeto de cuidado e preocupação do escritor, quando este reitera a necessidade de preservação de manuscritos, cartas e nomes, quando questiona se elas resistiriam à destruição material (dos objetos) e simbólica (o esquecimento das referências artísticas que compuseram a memória cultural de uma época). A intenção de preservar a lembrança dos amigos prevalece na escrita do livro memorialístico, pois ele reconstrói, segundo seu propósito, o “acervo” de referências e amizades que o autor julga mais importantes. Assim, as menções aos itens da coleção, as perguntas retóricas de Zweig acerca do destino desses itens queridos a ele, dão peso e importância para o relato memorialístico. Atualmente sabe-se que Zweig tomara a providência de enviá-los a pessoas e instituições que se responsabilizariam por eles. Entretanto, para o escritor, separar-se de suas coleções (cartas e manuscritos) pode ter significado apartar-se daquilo que restava do mundo artístico e intelectual de sua época, um mundo ao qual ele havia se considerado plenamente integrado e que se desfez em pedaços. Por isso, Hanns Arens observa nas memórias de Zweig as suas expressões de dor com relação à coleção e ao efeito dominante disso na leitura da obra: “Wer seine Lebenserinnerungen ‘Die Welt von Gestern’ liest, der empfindet bei jedem Wort seinen Schmerz über die zerstörte und vernichtete Sammlung, an der sein Herz so sehr hing wie sonst an keinen irdischen Gütern” (ARENS, 1956, p. 184).²³⁶ A afirmação de Arens é radical, destaca o apego de Zweig por sua coleção como por nenhum outro “bem terreno”. Porque, para Zweig, estes bens não eram apenas terrenos, eles tinham uma importância religiosa, possuíam uma marca criadora divina, digna de veneração:

was ich suchte, waren die Urschriften oder Entwürfe von Dichtungen oder Kompositionen, weil mich das Problem der Entstehung eines Kunstwerks sowohl in den biographischen wie in den psychologischen Formen mehr als alles andere beschäftigte. Jene geheimnisvollste Sekunde des Übergangs, da ein Vers, eine Melodie aus dem Unsichtbaren, aus der Vision und Intuition eines Genies durch graphische Fixierung ins Irdische tritt, wo anders ist sie belauschbar, überprüfbar als auf den durchkämpften oder wie in Trance hingejagten

seleção da mais verdadeira importância, e ela abrange, ao lado de gente menor da literatura, tudo o que há de mais essencial de nossa época, Hauptmann, Rol[and] – centenas de cartas –, Verhaeren, Einstein, Richard Strauss, Joyce, Gorki, Th. Mann, etc. etc. [...] Eu acredito, sem qualquer presunção, que ela representa uma das correspondências mais interessantes desta época e seria uma aquisição substancial para a vossa, para a nossa biblioteca.” (Tradução nossa)].

²³⁶ “Quem lê as suas memórias de vida ‘O mundo de ontem’, sente a cada palavra a sua dor com relação à coleção destruída e extinta, à qual seu coração estava apegado como a nenhum outro bem terreno.” (Tradução nossa).

Urschriften der Meister? Ich weiß von einem Künstler nicht genug, wenn ich nur sein geschaffenes Werk vor mir habe (ZWEIG, 2017a, p. 181).²³⁷

Na concepção de Zweig, o artefato da coleção serviria de objeto de análise e de aproximação do gênio criador, da constituição psíquica e biográfica do artista. Por isso, ele buscava adquirir manuscritos dos gênios que admirava e cercar-se deles. Para ele, os manuscritos tinham a capacidade de fixar graficamente [*graphische Fixierung*] algo fugaz como a visão e a intuição [*Vision und Intuition*] do artista. O manuscrito, nesse contexto, torna-se uma relíquia. A dimensão religiosa do objeto é reforçada pelo uso da palavra “*Irdische*”, ele seria o suporte terreno para a inscrição do ímpeto sobrenatural ou celeste do gênio criador.

No texto *Die Autographensammlung als Kunstwerk* fica bastante explícita a ideia de Zweig sobre a composição da coleção, considerando o colecionador também um artista. O escritor também diferencia o colecionador-artista do diletante e do negociante (*Händler*):

Nur Ernst und Leidenschaft steigern den Dilettanten zum wirklichen Sammler, nur Persönlichkeit der Wahl und des Geschmacks unterscheidet ihn vom Händler. Ist der Sammler eine Persönlichkeit, so trägt die Sammlung seine individuellen Züge, ist er leer und flach, so wird sie ein Katalog. (ZWEIG, 1959, p. 44).²³⁸

O sujeito colecionador tem a sua visão de mundo impressa no projeto de composição e, dessa forma, a sua coleção manifestaria sua individualidade. Para Zweig, uma coleção de qualidade deveria idealmente expressar essa subjetividade refinada e sensível por trás da seleção dos itens que dão corpo a esse todo. Logicamente, esse corpo é novamente uma abstração, uma recriação da concepção individual, a fim de expressar o caráter artístico da reunião dos itens de autores e períodos diversos. No caso de Zweig, o projeto ambicioso de sua coleção era reconstituir uma história da literatura mundial, segundo seu critério de valor.

Ich sammle nur Handschriften literarischer Werke und vor allem nach meinem eigenen Geschmack, so daß ich mich durchaus nicht dem momentanen Marktwert unterordne, sondern ein Manuskript, das mir von besonderer literarischer Dauerhaftigkeit zu sein schein, gerne

²³⁷ “o que eu procurava eram escritos originais ou esboços de poemas ou composições, pois o que me interessava mais do que qualquer outra coisa era o problema da origem de uma obra de arte, tanto nas formas biográficas quanto nas psicológicas. Aquele misterioso segundo de transição, quando um verso, uma melodia sai do invisível e entra para a esfera terrena a partir da visão e da intuição e da fixação gráfica de um gênio: onde mais pode ser perscrutada, verificada, do que nos escritos originais feitos com muita luta ou produzidos como que em transe? Não posso conhecer um artista se tenho diante de mim apenas a sua obra já pronta [...]” (ZWEIG, 2014, p. 153).

²³⁸ “Somente a seriedade e a paixão promovem o diletante ao verdadeiro colecionador, só a personalidade da escolha e do gosto o diferencia do negociante. Se o colecionador é uma personalidade, então a coleção carrega seus traços individuais, se ela é vazia e plana, então se torna um catálogo.” (Tradução nossa).

überzahle, um andere, die momentan sehr gesucht sind, ohne Bedauern an mir vorübergehen zu lassen. Briefe, Stammbuchblätter, Unterschriften, all dies ist sehr streng von meiner Sammlung weggehalten wie Fächer und Tabakdosen, und selbst die verführerische Gelegenheit vermag mich da nicht umzustimmen, weil ich im Innersten doch weiß, daß nur die strengste Reinheit der Gattung die Einheit der Sammlung verbürgt und die materielle Zersplitterung verhütet. (ZWEIG, 1959, p. 47-48).²³⁹

Neste excerto, vemos que, além do gosto pessoal, a capacidade de uma obra durar é fundamental na seleção dos itens que Zweig adquiria, independentemente da avaliação do mercado. Zweig apostava na capacidade de uma obra perdurar por anos e, provavelmente, gerações. Ele cultivava o ideal de “unidade do mundo” com ardor.²⁴⁰ Sua afeição pelo tema, provavelmente, também impulsionaria seu interesse por colecionar fragmentos de obras literárias universais. O escritor reconhecia a impossibilidade e o desafio de seu empreendimento, mas, com as guerras, sua tentativa é descontinuada. Ele então se depara com sua coleção e seu mundo despedaçados. Em seu ensaio sobre a forma artística da coleção, o autor aponta o risco de estilhaçamento [*Zersplitterung*], referindo-se à possível falta de coesão entre os itens adquiridos advinda da falta de critério do colecionador, como Zweig aponta no texto (1959, p. 47-48). No caso do *mundo de ontem*, esse estilhaçamento teria acontecido simbolicamente com a guerra entre as nações europeias, e, de modo concreto, com o exílio do escritor de 1934 a 1942.

Quando Zweig adquiria itens para sua coleção de manuscritos, ele não se considerava o proprietário desses objetos, mas a pessoa responsável por eles, que os guardava por um período. A coleção, para o escritor, conferia a ele a noção de tempo, da mortalidade do artista, de imortalidade do objeto artístico, do manuscrito como registro relativamente perene da efemeridade do momento de criação. Na visão de Zweig, o colecionador é um *Bewahrer*, palavra derivada do verbo *bewahren* também usado na locução “*in Gedächtnis bewahren*”, “guardar na memória”. A coleção de manuscritos seria em si uma obra de arte composta de outras obras de arte, de criações de outros artistas que constituíam um todo. Para Zweig, esse todo deveria ser orgânico, estar sempre

²³⁹ “Eu coleciono apenas manuscritos de obras literárias e sobretudo segundo meu próprio gosto, posto que eu não me submeto de modo nenhum ao valor momentâneo de mercado, mas pago mais por um manuscrito, que me parece ser de uma perenidade especial, para deixar passar sem mágoa outros, que no momento são muito procurados. Cartas, folhas de livro de convidados, assinaturas, tudo isso é fortemente mantido fora da minha coleção, assim como leques e tabaqueiras, e mesmo a oportunidade mais tentadora não consegue me dobrar, porque eu sei lá no fundo, que só a pureza mais forte do gênero garante a unidade da coleção e impede o estilhaçamento material.” (Tradução nossa).

²⁴⁰ Cf. ZWEIG, Stefan. *A unidade espiritual do mundo*. Stefan Zweig; textos de Alberto Dines, Klemens Renoldner e Celso Lafer; tradução Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig. Memória Brasil, 2017c.

em transformação a partir da substituição e da inclusão de mais elementos de acordo com o projeto da composição, uma obra viva, mutável e constante.

Daß ich mich nie als den Besitzer dieser Dinge empfand, sondern nur als ihren Bewahrer in der Zeit, war selbstverständlich. Nicht das Gefühl des Habens, des Für-mich-Habens lockte mich, sondern der Reiz des Vereinens, die Gestaltung einer Sammlung zum Kunstwerk. Ich war mir bewußt, mit dieser Sammlung etwas geschaffen zu haben, was als Gesamtheit des Überdauerns würdiger war als meine eigenen Werke. Trotz vielen Angeboten zögerte ich, einen Katalog zusammenzustellen, weil ich doch noch mitten im Bau und am Werke war und ungenügsam manche Namen und manche Stücke in den vollkommensten Formen noch entbehrte. Meine wohlerzogene Absicht war, diese einmalige Sammlung nach meinem Tode demjenigen Institut zu überlassen, das meine besondere Bedingung erfüllen würde, nämlich alljährlich eine bestimmte Summe auszusetzen, um die Sammlung weiterhin in meinem Sinne zu vervollständigen. So wäre sie nicht ein starres Ganzes geblieben, sondern lebendiger Organismus, fünfzig und hundert Jahre über mein eigenes Leben hinaus sich ergänzend und vervollständigend zu einer immer schöneren Ganzheit. (ZWEIG, 2017a, p. 377).²⁴¹

Zweig planejava que sua coleção, essa obra de arte animada, crescesse no sentido de expressar seus valores estéticos. Sobre isto, Hanns Arens (1956, p. 181) ressalta a importância da coleção como um aspecto constitutivo da obra zweiguiana: “seine Sammlung war ihm nicht nur eine kultivierte private Liebhaberei, sondern vielmehr ein unentbehrlicher Spiegel oder, besser, Schlüssel in und bei seiner literarisch-dichterischen Arbeit.”²⁴² Arens aborda o conceito de coleção como o ponto central entre a vida pessoal de Zweig e sua vida profissional, como algo que reflete sua identidade e sua ideia de criação artística. Utilizando os termos de Arens, cogitamos aqui que a ideia da coleção pode servir como “espelho” ou “chave”, especialmente, para o trabalho autobiográfico de Stefan Zweig. Em *Die Welt von Gestern*, a coleção de lembranças dos artistas com quem Zweig convive serve de suporte para a projeção da personalidade do escritor sob o reflexo de seus contemporâneos. Não deve ser à toa que o capítulo “Umwege auf dem Wege zu mir selbst” não trate apenas das viagens de Zweig ao redor do mundo, mas também do início do seu investimento na coleção de manuscritos, fase em que o autor passa a se

²⁴¹ “Obviamente nunca me senti dono desses objetos, e sim o seu depositário. O que me atraía não era o sentimento de posse, e sim o encanto de reunir e de formar uma coleção para constituir uma obra de arte. Tinha consciência de, com essa coleção, ter criado algo mais digno de sobreviver do que a minha própria obra. Apesar de muitas ofertas, hesitei em organizar um catálogo, porque ainda estava no meio da obra, e muitos nomes e muitas peças ainda não tinham as formas mais perfeitas. Minha firme intenção era legar essa coleção singular depois da minha morte a um instituto que cumprisse a minha condição especial de empregar todos os anos uma soma determinada para continuar completando-a da forma como eu queria. Assim, ela nunca permaneceria estante, mas seria um organismo vivo, completando-se e aperfeiçoando-se cinquenta e cem anos depois da minha própria vida para formar um todo cada vez mais belo.” (ZWEIG, 2014, p. 314).

²⁴² “Sua coleção era para ele não apenas uma paixão particular e culta, mas muito mais um espelho indispensável ou, melhor, uma chave para e acerca de seu trabalho poético-literário.” (Tradução nossa).

cercar de referências artísticas e, nestes “desvios”, como sugere o título do capítulo, encontra um caminho para si. Essa proposição se confirma também no texto *Die Autographensammlung als Kunstwerk*, que diz: “Wie jeder rechte Künstler muß auch der Sammler seine eigene Form sich selber finden.” (ZWEIG, 1959, p. 51).²⁴³

Se *Die Welt von Gestern* é um livro com o qual Stefan Zweig pretendia fornecer ao leitor um *Splitter Wahrheit*, um fragmento de verdade do seu próprio mundo, nada mais próximo da composição autobiográfica que a sua ideia de coleção, chamada por ele de “*Fragment der ewigen Weltliteratur*”, fragmento da eterna literatura mundial (ZWEIG, 1959, p. 48).

²⁴³ “Como todo artista verdadeiro, também todo colecionador precisa encontrar sua própria forma para si mesmo” (Tradução nossa).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “POR QUE SE ESCONDE?”²⁴⁴

“No eres los otros y te ves ahora
Centro del laberinto que tramaron
Tus pasos.”
(BORGES, 1983, p. 505)

Stefan Zweig, segundo o relato de contemporâneos era um homem muito reservado no tocante aos assuntos pessoais. Essa postura é anunciada no livro de memórias desde o início e isso é justificado quando o autor trata do sucesso e de sua vida pública: o anonimato teria sido para ele uma necessidade básica (ZWEIG, 2017a, p. 209; 2014, p. 176).

O escritor manifesta seu desconforto com a fama e toca justamente no ponto da curiosidade do leitor a respeito da sua vida pessoal: “ich bin ehrlich, wenn ich sage, daß ich mich des Erfolges nur freute, solange er sich auf meine Bücher und meinen literarischen Namen bezog, daß er mir aber eher lästig wurde, wenn sich Neugier auf meine physische Person übertrug.” (Id., 2017a, p. 347).²⁴⁵ Na visão do autor, sua “pessoa física” seria mantida a uma distância segura na composição do livro. Por mais que, no livro, esteja claro o motivo pelo qual Zweig não expôs sua vida íntima, este é um aspecto do livro que costuma instigar a curiosidade de pesquisadores sobre as tensões entre a pessoa pública e a intimidade do escritor, investigando *o que* ele esconde. Neste trabalho, enfatizamos a pergunta que Zweig teria ouvido de Herzl em seu último encontro, talvez uma pergunta que o escritor faz a si mesmo quando reflete sobre seu percurso de vida e escreve sobre isso. Por isso, abordarmos as razões apresentadas pelo escritor na obra memorialística, relacionando-as às declarações nas cartas de sua juventude e da época do exílio.

A necessidade de se proteger, advinda do debatido “complexo de segurança” (Id., 2017a, p. 135; 2014, p. 115), é um aspecto determinante na relação do escritor com o seu público leitor. Zweig caracteriza a si mesmo como possuidor de uma “timidez quase patológica” que crescia quanto mais o escritor se via forçado a se manifestar publicamente devido à sua profissão,²⁴⁶ ele chama ainda de “autodesconfiança quase patológica” (Id.,

²⁴⁴ Pergunta que Theodor Herzl teria feito a Stefan Zweig no último encontro dos dois (ZWEIG, 2014, p. 108): “Warum verstecken Sie sich?” (Id., 2017a, p. 125).

²⁴⁵ “[...] sou sincero se digo que só me alegrei com o sucesso enquanto se referia aos meus livros e ao meu nome como literato, mas que me incomodava quando a curiosidade se estendia à minha pessoa.” (ZWEIG, 2014, p. 289).

²⁴⁶ “Je mehr man darum von mir Teilnahme wollte, Vorlesungen, Erscheinen bei repräsentativen Anlässen, desto mehr zog ich mich zurück, und diese fast pathologische Scheu, mit meiner Person für meinen Namen

2014, p. 285)²⁴⁷ algo que se assemelharia a uma disfunção ou uma doença psíquica, visível na carga semântica desses termos. Ao mesmo tempo, Zweig refere-se a um traço intrínseco da sua natureza: a conciliação e, decorrente dela, a incapacidade de assumir um só lado ou partido em uma situação.²⁴⁸ Na imagem do anfíbio (ZWEIG, 2017, p. 459; 2014, p. 382), essa natureza híbrida e conciliadora, ainda que metafórica, expressa um aspecto constitutivo, imanente, e demonstra a impossibilidade de separar as características que ele congrega ou de optar por ser apenas uma delas.

Justamente na passagem em que Zweig menciona o complexo da segurança, ele descreve também a pressão da “boa” sociedade judaico-burguesa e a vontade de estar junto dos boêmios de Berlim, na “má” sociedade (Id., 2017, p. 128; 2014, p. 110). A necessidade de discrição e de segurança têm, portanto, uma importante ligação com o ambiente social familiar. Seu pai zelava pela manutenção de um estilo de vida comedido e reservado, sem nunca chamar atenção para si nem depender de favores e concessões (Id., 2017, p. 25; 2014, p. 26). Zweig tematiza uma situação de conflito entre o temperamento que ele teria incorporado do pai e a sua profissão.

Nun kommt im Leben eines jedweden unweigerlich die Zeit, da er im Bilde seines Wesens dem eigenen Vater wiederbegegnet. Jener Wesenszug zum Privaten, zum Anonymen der Lebenshaltung beginnt sich in mir jetzt von Jahr zu Jahr stärker zu entwickeln, so sehr er eigentlich im Widerspruch steht zu meinem Beruf, der Name und Person gewissermaßen zwanghaft publik macht. (ZWEIG, 2017, p. 25).²⁴⁹

O anonimato e a discrição seriam uma forma ideal de vida para o pai de Zweig, sendo que, ao contrariar essas premissas e optar por uma carreira pública de sucesso pessoal, isso naturalmente gerava desconforto no filho. Esse comportamento, no entanto, não seria um traço exclusivo do pai, era também uma conduta importante no âmbito social das famílias burguesas e de origem judaica em Viena, onde o escritor crescera, já que segundo seu relato, todos naquela sociedade sabiam seus lugares e, nesse contexto, os judeus não ousavam se envolver na esfera pública. O escritor menciona ainda um “senso natural de distância” (*natürliches Distanzgefühl*), referindo-se novamente a seu pai como

einstehen zu sollen, habe ich nie überwinden können.” (ZWEIG, 2017a, p. 125) [“Quanto mais queriam que eu participasse em conferências, quanto mais queriam minha presença em ocasiões representativas, mais eu me recolhia, e nunca superei essa timidez quase patológica de ter que usar a minha pessoa para justificar o meu nome.” (Id., 2014, p. 290)].

²⁴⁷ “fast pathologischen Selbstmißtrauen” (ZWEIG, 2017a, p. 341)

²⁴⁸ Carta já citada a René Schickele, em 27 de agosto de 1934, Salzburg. (Id., 2005a, p. 102-103).

²⁴⁹ “Acontece que, na vida de qualquer pessoa, invariavelmente chega o momento em que ela reencontra o pai na imagem do próprio ser. Aquela tendência característica à privacidade, ao anonimato da vida, começa a crescer em mim com mais força a cada ano que passa, por mais que se contraponha, na verdade, à minha profissão, que por assim dizer torna obrigatoriamente públicos o nome e a pessoa.” (Id., 2014, p. 26).

representante de um comportamento comum às famílias integrantes da “burguesia judaica”, como designa o autor.²⁵⁰ Zweig dá um exemplo de postura defensiva, evidenciando uma barreira social invisível entre os judeus e a aristocracia na Viena habsburga, mas é significativo que o escritor utilize as palavras “*peinlich oder ungehörig*” (embaraçoso ou impertinente) para designar os sentimentos que seu pai suscitaria nas pessoas em volta, caso frequentasse um ambiente veladamente “interditado” para ele. Na continuação desta mesma passagem, Zweig colocará a arte como o espaço livre de barreiras e, segundo o relato, apenas neste ambiente cultural, os judeus encontrariam um lugar ao qual poderiam pertencer.

Einzig gegenüber der Kunst fühlten in Wien alle ein gleiches Recht, weil Liebe und Kunst in Wien als gemeinsame Pflicht galt, und unermesslich ist der Anteil, den die jüdische Bourgeoisie durch ihre mithelfende und fördernde Art an der Wiener Kultur genommen. Sie waren das eigentliche Publikum, sie füllten die Theater, die Konzerte, sie kauften die Bücher, die Bilder, sie besuchten die Ausstellungen (ZWEIG, 2017, p. 38).²⁵¹

Além disso, vimos também neste trabalho a perspectiva de Zweig sobre a desconfiança de diferentes grupos judaicos em Viena com relação a Theodor Herzl (Id., 2017, p. 124; 2014, p. 107). Essa postura demonstrava o quanto os judeus ditos assimilados consideravam garantidos os direitos concedidos pelo imperador Franz Josef e não criam na possibilidade de um retrocesso até o momento em que, de fato, ele aconteceu. Eles ignoravam que o império pudesse ruir e outro sistema de governo pudesse surgir, extirpando qualquer direito que possuíam. No caso dos filhos das famílias judaicas que ocupavam posições de visibilidade na imprensa e na cultura, eles encontraram em suas profissões a respeitabilidade e a liberdade individual de que tanto Zweig fala e teriam acreditado que o prestígio conquistado com seu empenho pudesse ter mais importância para o público do que a sua origem, de modo que o indivíduo não pudesse mais ser julgado

²⁵⁰ “[...] die Juden versuchten auch gar nicht, in diese privilegierten Kreise ehrgeizig vorzudringen. Mit Taktgefühl respektierten sie diese traditionellen Vorrechte als selbstverständliche; ich erinnere mich zum Beispiel, daß mein Vater es sein ganzes Leben lang vermied, bei Sacher zu speisen, und zwar nicht aus Sparsamkeit – denn die Differenz gegenüber den anderen großen Hotels war lächerlich gering –, sondern aus jenem natürlichen Distanzgefühl: es wäre ihm peinlich oder ungehörig erschienen, neben einem Prinzen Schwarzenberg oder Lobkowitz Tisch an Tisch zu sitzen.” (ZWEIG, 2017a, p. 38). “[...] os judeus nem tentaram penetrar ambiciosamente nessas esferas privilegiadas. Com bastante tato, respeitavam esses direitos tradicionais como se fossem leis naturais. Lembro, por exemplo, que meu pai evitou a vida inteira ir comer no Hotel Sacher, e não por razões econômicas – pois a diferença em relação a outros grandes hotéis era ridiculamente pequena –, mas por aquele senso natural de distância[:]. A ele, teria sido constrangedor ou mesmo descabido estar numa mesa ao lado de um príncipe Schwarzenberg ou de Lobkowitz.” (Id., 2014, p. 37)].

²⁵¹ “Só diante da arte todos em Viena sentiam-se no mesmo direito, porque amor e arte, em Viena, eram vistos como um dever comum, e é incomensurável o grau de participação da burguesia judaica pela sua maneira solidária e promotora na cultura vienense. Eram eles o verdadeiro público, enchiam os teatros e os concertos, compravam os livros, os quadros, visitavam as exposições” (Id., 2014, p. 37).

por ela, mas por seu mérito. No capítulo que antecede à entrada de Hitler no cenário político alemão, “Sonnenuntergang”, Zweig descreve a chegada do seu sucesso profissional, ele trata das tensões dos regimes na Rússia e na Itália, mas, quando se refere ao seu lar em Salzburg, destaca a sensação de plenitude advindo da aparente tranquilidade da década de 1920, ele comenta a conquista da segurança (MATUSCHEK, 2017a, p. 593-594): “Die Sicherheit, die ich in der Frühzeit meines Elternhauses gekannt und die im Kriege verlorengegangen war, sie war wiedergewonnen aus eigener Kraft. Was blieb noch zu wünschen?” (ZWEIG, 2017a, p. 380).²⁵²

Em Zweig, isso deve ter criado a ilusão de que seu prestígio como escritor servisse de fator de proteção contra o antissemitismo e de que ele jamais seria massificado nem considerado “apenas” mais um judeu. Com amargura, ele se dá conta disso, quando é criticado pela publicação de *Maria Antonieta*.²⁵³ Sua reação a isso é, por meio da autobiografia, provar a importância de artistas e intelectuais judeus na cultura ocidental.

Nesse sentido, a construção e o fortalecimento de um nome, uma marca pessoal, eram essenciais para conquistar credibilidade e superar barreiras sociais preconceituosas. Em contrapartida, tornar o nome grande representava para o escritor o perigo de trair a si mesmo. Essa tensão entre pessoa pública e pessoa privada para o escritor, que crê na unidade e na continuidade do indivíduo segundo a sua natureza, se torna um desafio que entra em choque com a visão conciliadora acerca de si mesmo.

Im normalen Zustande ist der Name, den ein Mensch trägt, nicht mehr als was das Deckblatt für die Zigarre: eine Erkennungs-marke, ein äußeres, fast belangloses Objekt, das mit dem wirklichen Subjekt, dem eigentlichen Ich, nur lose verbunden ist. Im Falle eines Erfolges schwillt nun dieser Name gleichsam an. Er löst sich los von dem Menschen, der ihn trägt und wird selbst eine Macht, eine Kraft, ein Ding an sich, ein Handelsartikel, ein Kapital, und innerlich wiederum im heftigen Rückstoß eine Kraft, die den Menschen, der ihn trägt, zu beeinflussen, zu dominieren, zu verwandeln beginnt. (ZWEIG, 2017a, p. 345).²⁵⁴

O nome, explicitamente, deixa de ser algo que se refere ao sujeito e ganha vida própria. Salientamos aqui a expressão “frouxamente ligado” (*lose verbunden*), ela demonstra que Zweig não considerava forte ou seguro o vínculo entre o nome de uma

²⁵² “A segurança que eu conhecera na casa paterna e que se perdera durante a guerra fora reconquistada com forças próprias. O que mais havia a desejar?” (ZWEIG, 2014, p. 316).

²⁵³ Carta a Rudolf Kayser, de 30 de novembro de 1933 (Id., 1959, p. 75).

²⁵⁴ “Em condições normais, o nome que alguém porta não representa mais para ele do que a etiqueta do charuto: uma marca de reconhecimento, um objeto exterior, quase sem importância, e que está frouxamente ligado ao verdadeiro sujeito, ao verdadeiro eu. No caso do sucesso, é como se o nome inchasse. Ele se liberta do indivíduo que o porta e se torna um poder, uma força, uma coisa autônoma, um artigo de comércio, um capital, e interiormente, por sua vez, em um solavanco veemente, uma força que começa a influenciar, dominar, transformar a pessoa.” (Id., 2014, p. 288).

pessoa e o seu “eu”. No processo descrito pelo autor, o sujeito se torna objeto desse nome e passa a viver em função dele, a servi-lo. Em vez de um sujeito possuir um nome, o nome parece ter se desprendido, tornando-se autônomo e assumindo o primeiro plano em relação ao sujeito. Lembramos, com isso, um trecho melancólico em que Zweig cita Grillparzer em *Die Welt von Gestern*: “Ich bin heute als Schriftsteller, [...] einer, der ‘lebend hinter seiner eigenen Leiche geht’” (ZWEIG, 2017a, p. 340).²⁵⁵ No trecho em que esta citação se insere, o memorialista reflete, desconsolado, sobre seu sucesso e a falta de liberdade frente ao contexto de destruição em meio à Segunda Guerra.

Filho e neto de empreendedores bem-sucedidos, o caçula da família Brettauer-Zweig fizera da sua carreira literária e, conseqüentemente, do seu nome próprio um grande empreendimento, reconhecido até hoje. O nome público, por sua vez, não admite contradições, já que escândalos e acusações acarretariam prejuízo à sua carreira na cultura familiar de Zweig e, posteriormente, na circunstância da perseguição política dos judeus pelos nazistas. O autor não abre espaço para confissões na sua obra memorialística ou para qualquer “má” experiência que pudesse ter tido. Em vez disso, ele retrata aquele semestre junto dos boêmios em Berlim como um episódio isolado de rebeldia, de sede de liberdade, característico da juventude, e descreve aquela “gente em situação de risco” (Id., 2014, p. 115) da posição de mero observador.

Esse ponto de vista também faz parte do “senso de distância”, da necessidade de anonimato, impedindo que o espaço público invadisse sua intimidade. Ela tem a ver ainda com a necessidade de manter uma imagem conciliável entre as esferas pública e privada. Os fatores que o levaram a uma postura esquiva teriam sido: a educação familiar orientada para a discrição; a posição social frágil que a origem judaica conferia aos indivíduos naquela sociedade, cujo preconceito existia, mas era velado ou imperceptível na ótica de Zweig; os exemplos morais de artistas que ele venerava quando jovem; o contraste entre a cultura que a burguesia consumia vorazmente e o ideal estético que fascinava Zweig; o desejo de ser como os artistas que ele venerava, a timidez.

No caso de uma obra em que Zweig deveria deixar sua história registrada, ele opta por focar em sua geração. Esse recurso é eficiente, pois dessa forma o autor mantém a sua intimidade resguardada e pode assegurar seu sucesso e sua importância cultural de uma forma, a princípio, não egocêntrica. Ao selecionar as pessoas que protagonizam episódios no livro ou são retratadas pelo autor em seu livro de memórias, Zweig compôs

²⁵⁵ “Como disse Grillparzer, como escritor sou hoje alguém ‘que segue vivo atrás do próprio cadáver’.” (ZWEIG, 2014, p. 284).

um coletivo com base nos seus ideais artísticos e, assim, consegue se mostrar integrado aos artistas, intelectuais e escritores que ele admirava.

Os contemporâneos citados por Zweig não eram precisamente da sua geração, mas de uma geração anterior. São pessoas veneradas por Zweig e modelos nos quais ele se espelha, modelos do que ele desejava se tornar como pessoa pública. Essas personalidades, assim como boa parte dos intelectuais da cultura europeia biografados por Zweig, incorporam o ideal de arte do memorialista na forma são retratadas. Cada qual tem uma missão, uma tarefa pessoal. Segundo a descrição de Zweig, por exemplo, Herzl liderava uma causa que propunha a união e a proteção dos judeus; Rilke vivia em função da beleza estética, Rolland trabalhava pela paz, Freud investigava a verdade da alma humana. Zweig refere-se a missão desses outros intelectuais, grandes e influentes em seu século, mas não identifica uma missão pessoal. O autor somente aponta uma ideia em prol da qual ele trabalharia: “a união espiritual da Europa” (ZWEIG, 2014, p. 291).²⁵⁶ Essa ideia de missão artística, ligada ao humanismo e ao pacifismo, fracassa com a barbárie e as guerras do século XX. Usando as palavras “obrigação”, “dever” e “tarefa”, ele se diz compelido a contar a história de sua geração diante da destruição e do horror.

Zweig não encontra um sentido comum em sua geração, ele se mostra deslocado em relação a ela e às experimentações artísticas da sua época. A justificativa principal para essa distância voluntária do escritor é o julgamento de que a arte desenvolvida nos movimentos estéticos modernistas da sua geração seria passageira. Zweig apreciava manifestações artísticas consideradas “imorredouras”.²⁵⁷ É justamente isso que o estimula a investir em sua coleção de manuscritos e estar cercado dos objetos que consagraram os grandes nomes da arte e que serviram de suporte para o seu gênio criador.

Queremos, com isso, frisar a relação entre o ideal artístico de Zweig, a projeção da geração imediatamente anterior como sendo uma *recomposição* da sua coleção. São manifestações que compartilham características similares, porque constituem a pessoa pública de Zweig. Compreendemos, então, a partir de dos efeitos provocados com suas memórias, que um dos objetivos do autor com esta obra também poderia ter sido: registrar

²⁵⁶ “die geistige Einigung Europas” (ZWEIG, 2017a, p. 349).

²⁵⁷ “[...] ich [konnte] Handschriften unvergänglicher Werke erwerben, Handschriften von Mozart und Bach und Beethoven, Goethe und Balzac” (ZWEIG, 2017a, p. 347), “Ich wollte von den Unsterblichen – verwegene Anmaßung! – in der Reliquie ihrer Handschrift gerade das, was sie für die Welt unsterblich gemacht hat.” (Ibid., p. 374) “[...] pude adquirir manuscritos de obras imorredouras, do punho de Mozart e Bach e Beethoven, Goethe e Balzac” (ZWEIG, 2014, p. 289), “Eu queria dos imortais – que pretensão ousada! –, na forma da relíquia de seu manuscrito, precisamente aquilo que os tornara imortais.” (Ibid., p. 311)].

seu pertencimento ao círculo artístico e intelectual das grandes personalidades de sua época, expressar sua personalidade a partir da relação com as demais.

O autor estabelece um pacto com o leitor de que ele não seria o centro das atenções e não pretendia sê-lo, mas, por meio do contato e das experiências com as pessoas presentes no relato, sua subjetividade se manifesta, como a personalidade do colecionador se manifesta por meio da sua coleção. O privilégio do escritor de conviver com essas figuras – que não eram necessariamente próximas – é o que liga diferentes episódios e pessoas. Zweig orbitava os espaços de personalidades influentes e importantes da cultura e, em seu livro, o retrato daquele mundo suscita a impressão contrária, a de que todos orbitavam ao redor dele. Além disso, como vimos na seleção de personalidades elencadas nas memórias, deve-se notar que o livro carece de retratos humanizados de pessoas comuns. Com raras exceções, Zweig se refere a pessoas simples e tende a tipificá-las, como a “velha cozinheira analfabeta” que chorava a morte da atriz que jamais vira no palco (Id., 2017a, p. 32; 2014, p. 32), o “marselhês baixinho, gordo de bochechas vermelhas” dono do pequeno hotel parisiense em que Zweig se hospedara (ZWEIG, 2017a, p. 168-169; 2014, p. 142-143), o industrial judeu desolado na agência de viagens londrina que esperava conseguir um visto para o Haiti ou Santo Domingo (Id., 2017a, p. 452-453; 2014, p. 376). Essas pessoas são anônimas e desempenham uma função coadjuvante. Zweig, assim, retrata apenas um mundo da elite intelectual europeia masculina (ARENDT, 1976).

Claramente, Stefan Zweig é o amálgama dos episódios, das pessoas e dos lugares que aparecem em *Die Welt von Gestern*. O seu poder econômico, seu cosmopolitismo, a sua liberdade individual se manifestam na narrativa, definindo o ângulo de visão expresso na obra. O fato de Zweig ter tido condições de conhecer diferentes países e culturas não quer dizer, entretanto, que ele tenha visto “o” mundo; tampouco significa que seu relato pudesse representar um fragmento que desvendaria uma verdade totalizante e unitária daquele mundo – por mais que este fosse a intenção do autor. Com este trabalho, procuramos refletir sobre esta obra justamente na sua condição fragmentária: um estilhaço incompleto e recortado de uma realidade histórica e, sobretudo, subjetiva, que, em si, também é uma composição feita de outros fragmentos, como um mosaico.

Como mediador, o autor pretende assumir uma perspectiva neutra acerca do que é apresentado. Zweig se utiliza de estratégias retóricas para minimizar o efeito de autoria, referindo-se à narrativa do livro como uma palestra, como um testemunho, e reforçando a ideia do caráter documental e da transmissão da verdade. Ao focar na sua pessoa pública,

no seu nome, e ao apresentar o fio condutor da sua vida de uma perspectiva que provocasse uma “unidade harmônica” (GALLE, 2018, p. 359), vemos que Zweig articula seu livro de memórias de modo que suas contradições pessoais, ilusões e seus erros não sejam contempladas no projeto do livro. Essa escolha do autor expressa uma postura esquiva que não deixa de ser coerente com a sua ideia, reiterada por ele diversas vezes, de que existiria um núcleo coeso, individual e íntimo do sujeito, embora isso não condiga com a reflexão e o debate desenvolvidos por seus contemporâneos, Bahr, Schnitzler e Freud.

Zweig, com sua obra autobiográfica, não apresenta sua biografia, mas se torna autor de si mesmo por meio da coleção de personalidades renomadas que compõem o seu relato. Ele faz uma apresentação pessoal de forma indireta, pois configura o mundo segundo os valores que ele espera perpetuar e resgatar e, de certo modo, se tornar imortal. Para ser lido pelas gerações futuras, seja na Europa ou no mundo, sua obra memorialística deveria representar o suficiente para que o leitor pudesse imaginar o quão positivo e estimulante fora aquele mundo antes das guerras mundiais para o desenvolvimento humano e científico cultural e, além disso, vislumbrar o quão relevante foi Zweig na sua época como intelectual.

Die Welt von Gestern é uma obra que revela a dor e a resistência do seu autor, quando este decide expor que os valores humanistas, antes considerados basais na sociedade europeia e nos quais ele próprio acreditava desde a juventude, se mostraram frágeis diante da violência e do chamado “triunfo da brutalidade” (ZWEIG, 2017a, p. 10; 2014, p. 14). No excerto seguinte, vemos o quanto Zweig reconhecia ser ilusória a atmosfera de segurança em que ele crescera, bem como a ideia de ascensão moral e social por meio da arte:

[...] wenn auch nur Wahn, so war es doch ein wundervoller und edler Wahn, dem unsere Väter dienten, menschlicher und fruchtbarer als die Parolen von heute. Und *etwas in mir kann sich geheimnisvollerweise trotz aller Erkenntnis und Enttäuschung nicht ganz von ihm loslösen*. Was ein Mensch in seiner Kindheit aus der Luft der Zeit in sein Blut genommen, bleibt unausscheidbar. Und trotz allem und allem, was jeder Tag mir in die Ohren schmettert, was ich selbst und unzählige Schicksalsgenossen an Erniedrigung und Prüfungen erfahren haben, ich vermag den Glauben meiner Jugend nicht ganz zu verleugnen, daß es wieder einmal aufwärts gehen wird trotz allem und allem. *Selbst aus dem Abgrund des Grauens, in dem wir heute halb blind herumtasten mit verstörter und zerbrochener Seele, blicke ich immer wieder auf zu jenen alten Sternbildern, die über meiner Kindheit glänzten*, und tröste mich mit dem ererbten Vertrauen, daß dieser Rückfall dereinst nur als

ein Intervall erscheinen wird in dem ewigen Rhythmus des Voran und Voran. (ZWEIG, 2017a, p. 21, grifos nossos).²⁵⁸

Zweig admite que, como outros, estava semicego, via parcialmente a brutalidade do seu tempo e que ainda estava sujeito à alguma esperança e aos ideais da infância. Nessa cegueira relativa, o que absorve seu olhar é justamente o brilho das personalidades célebres que ele venerava e considerava celestes, divinas, criadoras de uma beleza sublime e imortal. Consequentemente, seu livro de memórias está impregnado desse ponto de vista contraditório: o autor se compromete, ao mesmo tempo, em narrar o processo difícil de decadência desde o ápice cultural até o horror do nazismo e da Segunda Guerra, sem abrir mão da ideia de aquilo que ele experimentou do ambiente artístico tivesse sido um recorte muito restrito do mundo, sem abrir mão da ideia de que aquele ápice não era acessível e tampouco representava a maioria, a totalidade, “uma geração inteira” (ZWEIG, 2017a, p. 9; 2014, p. 17).

Stefan Zweig se refere do seguinte modo à sua coleção de manuscritos que ele reunira em Salzburg: “in den Stunden des Alleinseins sammelte sich um mich ein magischer Kreis erhabener Gestalten, deren Schatten und Spur zu beschwören mir allmählich gelungen war” (Id., 2017a, p. 372).²⁵⁹ Ao longo deste estudo, podemos observar como essa passagem sintetiza a confecção da obra memorialística de Zweig. Ela diz respeito ao sujeito autobiográfico que se encontrava só, exilado em Petrópolis e desprovido de amigos e de sua coleção, tentando conjurar em um único livro o mundo em que acreditava ter vivido.

²⁵⁸ “[...] ainda que tenha sido apenas uma ilusão à qual serviam os nossos pais, foi uma ilusão maravilhosa e nobre, mais humana e fértil do que as atuais palavras de ordem. E, *misteriosamente, algo dentro de mim não consegue se libertar daquilo, apesar de todo o conhecimento e de toda a decepção*. Aquilo que uma pessoa, durante sua infância, absorveu da atmosfera da sua época não pode ser simplesmente descartado. E, apesar de tudo o que cada dia me faz ressoar nos ouvidos, apesar de tudo o que eu e incontáveis companheiros de destino experimentamos em termos de humilhação e provas, não posso renegar totalmente a fé da minha juventude de que algum dia as coisas haverão de melhorar, apesar de tudo e de todos. *Mesmo a partir do precipício do terror pelo qual tateamos hoje semicegos, com a alma conturbada e destruída, sempre volto a erguer os olhos para aquelas velhas constelações que brilhavam sobre a minha infância e me consolo com a fé herdada de que este retrocesso um dia parecerá ser apenas um intervalo no eterno ritmo do sempre em frente*.” (ZWEIG, 2014, p. 23).

²⁵⁹ “nos momentos de solidão havia à minha volta um círculo mágico de figuras sublimes cuja sombra e vestígios eu conseguira conjurar pouco a pouco” (ZWEIG, 2014, p. 310).

REFERÊNCIAS

- AMÍCOLA, J. *Autobiografía como autofiguración: estrategias discursivas del yo y cuestiones de género*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora. Centro Interdisciplinario de Investigaciones de Género. Facultad de Humanidades y Ciencia de la Educación. Universidad Nacional de La Plata, 2007.
- ARENDT, H. Stefan Zweig: Jews in the World of Yesterday. In: *The Jewish writings*. New York: Schocken Books, 2007. p. 317-328.
- _____. Juden in der Welt von gestern. In: *Die verborgene Tradition: acht Essays*. Frankfurt am Mai: Suhrkamp Verlag, 1976. p. 75-87.
- ARENS, H. (Hrsg.). *Der größte Europäer Stefan Zweig*. München: Kindler Verlag, 1956. 384 p.
- ARENS, H. Der Sammler Stefan Zweig. In: ARENS, H. (Hrsg.). *Der größte Europäer Stefan Zweig*. München: Kindler Verlag, 1956. p. 180-189.
- ARFUCH, L. *Memoria y autobiografía: exploraciones en los límites*. 1ª. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ASSMANN, Aleida. Vier Grundtypen von Zeugenschaft. In: ELM, Michael; KÖßLER, Gottfried (Hrsg.). *Zeugenschaft des Holocaust Zwischen Trauma, Tradierung und Ermittlung*. Frankfurt: Campus, 2007. p. 33-51
- AUMÜLLER, M. Erzählformen. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 625-634.
- BAHR, H. Selbstinventur. In: SCHNÖDL, Gottfried (Hrsg.). *Inventur*. Weimar: VDG, 2011. doi:10.1466/20110112.06. p. 113-139
- _____. Das unrettbare Ich. In: WUNBERG, G. (Hrsg.). *Die Wiener Moderne. Literatur, Kunst und Musik zwischen 1890 und 1920*. Stuttgart: Reclam, 2000a. p. 147-148.
- _____. Die Moderne [1890]. In: WUNBERG, G. (Hrsg.). *Die Wiener Moderne. Literatur, Kunst und Musik zwischen 1890 und 1920*. Stuttgart: Reclam, 2000b. p. 191-196.
- BARBANCHO GALDÓS, I. The Self as the “Mittelpunkt”, the World as the “Hauptperson”. The “Super-Personal” Autobiography of Stefan Zweig. *Neophilologus*, v. 95, p. 110-122, 2011.
- BARRETO, Matheus Guménin. Canto de dissolução. In: *A máquina de carregar nada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. p. 15
- BARTHES, R. O efeito do real. In: *Literatura e Semiologia: Pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. p. 35-44.

BENJAMIN, W. Paris, a capital do século XIX <Exposé de 1935>. In: *Passagens*. Organização Willi Bolle; colaboração na organização Olgária Chain Féres Matos; tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte; São Paulo: EdUFMG; Imprensa Oficial, 2006. p. 39-51.

_____. Sobre o conceito de história. In: GAGNEBIN, P. J. M. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e política e história da cultura*. Obras escolhidas v.1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BERLIN, J. B. The Writer's Political Obligation in Exile: the case of Stefan Zweig. In: VANWESENBEECK, B.; GELBER, M. H. (Orgs.). *Stefan Zweig and the World Literature. Twenty-first century perspectives*. Rochester; New York: Camden House, 2014. p. 224-256.

BÍBLIA de Estudo NVI. Organizador Geral Kenneth Barker; co-organizadores Donald Burdick; [et al.]. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BORGES, Jorge Luis. No eres los otros. In: *Obra poética, 1923/1977*. 3. ed. Buenos Aires: Alianza Tres; Emecé Editores, 1983. p. 505

BRAUN, R. Erinnerung an Stefan Zweig. In: FITZBAUER, E. (Hrsg.). *Stefan Zweig. Spiegelung einer schöpferischer Persönlichkeit*. Wien: Bergland Verlag, 1959. p. 78-85.

BRITO, M. D. *Stefan Zweig - por entre traduções e olhares*. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2016.

BROD, M. Stefan Zweig zum Gedenken. In: FITZBAUER, E. (Hrsg.). *Stefan Zweig. Spiegelung einer schöpferischer Persönlichkeit*. Wien: Bergland Verlag, 1959. p. 41.

BUCHINGER, S. Zweig und die Verleger. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 892-902.

BURKE, P. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Unesp, 2017. 299 p.

DE MAN, P. Autobiography as De-Facement. *The Rethoric of Romanticism*, New York, p. 67-81, 1984.

DINES, A. (Org.). *A rede de amigos de Stefan Zweig: sua última agenda 1940-1942*. Alberto Dines, introdução; Israel Beloch, organização. Alberto Dines, Kristina Michahelles, Israel Beloch, pesquisa e textos. Petrópolis: Casa Stefan Zweig; Memória Brasil, 2014.

DINES, A. Prefácio: Stefan Zweig por ele mesmo. In: ZWEIG, S. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014a. p. 9-11.

_____. Posfácio: A biografia que se intromete na autobiografia. In: ZWEIG, S. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014b. p. 386-394.

_____. Entrevista com Alberto Dines. *IDE São Paulo*, p. 15-29, jan 2013.

_____. „Experiment Brasilien“: Die leidige Schimäre des Stefan Zweig. In: BOLLE, W.; KUPFER, E. E. *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. São Paulo: Ed. Brasileira de Arte e Cultura, 2013. Disponível em: <<http://brasil-alemanha.com/kapitel/20jh/Experiment-Brasilien.php>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

_____. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DUQUE-ESTRADA, E. M. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU; Editora PUC-Rio, 2009.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Soc. estado.*, Brasília, v. 25, p. 185-204, Aug. 2010. ISSN 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2018.

FITZBAUER, E. (Hrsg.). *Stefan Zweig. Spiegelung einer schöpferischer Persönlichkeit*. Wien: Bergland Verlag, 1959.

FONYODI-SZARKA, C. *Unter dem Deckmantel von Ich und Er. Stefan Zweig im Vergleich mit Henry Adams: Autobiographie als Geschichtsschreibung oder Geschichtsschreibung als Autobiographie?* Ontario: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://qspace.library.queensu.ca/bitstream/1974/6675/1/dissertation%20Corina%20Fonyodi-Szarka.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. *Obras completas volume 15. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). In: *Obras completas volume 12. Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 156-184.

_____. Recordar, repetir, elaborar (1914). In: FREUD, S. *Obras completas. V. 10 (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Lima e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 123-145.

_____. Das Ich und das Es. In: FREUD, S. *Gesammelte Werke. 13, Jenseits des Lustprinzips. Massenpsychologie und Ich-Analyse. Das Ich und das Es*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1987.

GAGNEBIN, J. M. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. 224 p.

GALLE, H.; OLMOS, A. C.; IZARRA, L. Z. (Orgs.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH-USP, 2009. 372 p.

GALLE, H. Die Welt von Gestern als Autobiographie, Memoirenwerk und Zeugnis. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 356-365.

_____. *O gênero autobiográfico: Possibilidade(s), particularidades e interfaces*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

GANANI, U.; ISSLER, D. The World of Yesterday versus The Turning Point: Art and the Politics of Recollection in the Autobiographical Narratives of Stefan Zweig and Klaus Mann. *Naharaim - Zeitschrift für deutsch-jüdische Literatur und Kulturgeschichte*, Berlin, p. 210–226, 2014.

GELBER, M. H. Die Welt von Gestern als Exilliteratur. In: GELBER, M. H.; ZELEWITZ, K. *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995. p. 148-166.

_____. Stefan Zweig und die Judenfrage von heute. In: GELBER, M. H. (Hrsg.). *Stefan Zweig heute*. New York; Bern; Frankfurt am Main; Paris: Peter Lang, 1987. p. 160-180.

GELBER, M. H.; ERDEM, E.; RENOLDNER, K. (Hrsg.). *Stefan Zweig Jüdische Relationen. Studien zu Werk und Biographie. Schriftenreihe des Stefan Zweig Centre Salzburg, Bd. 7*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2017.

GELBER, M. H.; ZELEWITZ, K. (Hrsg.). *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995.

GOLOMB, J. Erasmus: Stefan Zweig's Alter Ego. In: GELBER, M. G. (Hrsg.). *Stefan Zweig Reconsidered*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 21-40.

HOLMES, D. Zur Literatur des fin de siècle in Wien. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 58-64.

HU, W. *Auf der Suche nach der verlorenen Welt: Die kulturelle und die poetische Konstruktion autobiographischer Texte im Exil; am Beispiel von Stefan Zweig, Heinrich Mann und Alfred Döblin*. Frankfurt am Main, New York: Peter Lang, 2006. 204 p.

JANIK, A. Zweigs Wien: Geitige Strömungen um 1900. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 53-58.

KERSCHBAUMER, G. Stefan Zweigs Schachnovelle: seine Identitäts- und Existenzkrise. In: GELBER, M. G.; LUDEWIG, A.-D. (Hrsg.). *Stefan Zweig und Europa*. Hildesheim; Zürich; New York: Georg Olms Verlag, 2011. p. 221-230.

KESTEN, H. Stefan Zweig, der Freund. In: ARENS, H. (Hrsg.). *Der größte Europäer Stefan Zweig*. München: Kindler Verlag, 1956. p. 163-179.

KESTLER, I. M. F. A literatura em língua alemão e o período do exílio (1933-1945): a produção literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil. *Itinerários*, São Paulo, 2005. 115-135.

KNIEFACZ, K. Hans Müller (Müller-Einigen). *Gedenkbuch für die Opfer des Nationalsozialismus an der Universität Wien 1938*. Disponível em: <https://gedenkbuch.univie.ac.at/index.php?id=435&no_cache=1&person_single_id=40444>. Acesso em: 15 jan 2019.

KOCH, H. A. Ästhetischer Widerstand oder politischer Eskapismus? In: EICHER, T. (Hrsg.). *Stefan Zweig im Zeitgeschehn des 20. Jahrhunderts*. Köln; Bamberg: ATHENA-Verlag, 2003. p. 43-58.

KRAUS, K. Literat. *Die Fackel*, Wien, v. 5, n. 157, p. 23, 19. mar. 1904. Disponível em: <<https://archive.org/stream/diefackel151krauuoft#page/n193>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

KRAUSZ, L. S. *Ruínas recompostas*. Judaísmo centro-europeu em Aharon Appelfeld, Joseph Roth e Georg Herman. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2013. 134 p.

_____. *Passagens: Literatura Judaico-alemã entre Gueto e Metrópole*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2018. 1018 p.

LE RIDER, J. Stefan Zweig zwischen Tradition und Moderne. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 43-52.

_____. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. 506 p.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2014. 404 p.

LETTNER, S. Primärliteratur. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 907-913.

LEVY, H. W. Stefan Zweig Tells Plan for Review, Says Folks Don't Trust Intellectuals. *Jewish Daily Bulletin*, New York, XII, n. 3062, 31 jan 1935. p. 3.

LISKA, V. A Spectral Mirror Image. Stefan Zweig and his Critics. In: GELBER, M. G. *Stefan Zweig Reconsidered*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 203-218.

MACH, E. Antimetaphysische Vorbemerkungen. In: WUNBERG, G. (Orgs.). *Die Wiener Moderne. Literatur, Kunst und Musik zwischen 1890 und 1920*. Stuttgart: Reclam, 2000. p. 137-145.

MATUSCHEK, O. Autographensammlung. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 618-623.

_____. Kommentar. In: ZWEIG, S. *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2017a. p. 465-638.

_____. Nachwort. In: ZWEIG, S. *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2017b. p. 639-663.

_____. *Stefan Zweig. Drei Leben – Eine Biographie*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2006.

METZLER, C. *Die Poetik autobiographischen Schreibens in Stefan Zweigs Die Welt von Gestern*. Universität des Saarlandes. Kaiserslautern, p. 86. 2012.

MILLNER, A. Liberalismus und Bürgertum. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 66-72.

MITTELMANN, H. Fragmentation and Quest for Unity. Stefan Zweig's Novellas as Tales of the Assimilationist Jewish Predicament. In: GELBER, M. G. *Stefan Zweig Reconsidered*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 163-174.

MOISÉS, P. C. B. M. *Kunst des Briefes - Arte da Carta : um estudo sobre cartas de Stefan Zweig no exílio. Dissertação (Mestrado)*. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 132. 2013.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios: uma seleção*. Tradução de Rosa Freire D'ÁGUIAR. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 616 p.

MOSER, B. A história de Stefan Zweig vai muito além de seu suicídio. *Folha de São Paulo. Ilustríssima*, São Paulo, 22 jun. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/06/1473536-a-historia-da-vida-de-stefan>>. Acesso em: 02 ago. 2015. Tradução de Francesca Angiolillo.

NIETZSCHE, F. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida: Segunda consideração extemporânea*. Tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017. 146 p.

_____. Unzeitgemässe Betrachtungen. Zweites Stück. Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben. In: *Die Geburt der Tragödie. Unzeitgemässe Betrachtungen.: Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden (KSA)*. Bd. 1. München: dtv/de Gruyter, 1999. p. 243-334.

PRATER, D. *Stefan Zweig*. Tradução de Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

PROCHNIK, G. *The impossible exile. Stefan Zweig at the end of the world*. New York: Other Press, 2014.

REISINGER, H. Freundliches Erinnern. In: ARENS, H. (Org.) *Der größte Europäer Stefan Zweig*. München: Kindler Verlag, 1956. p. 104-107.

RENOLDNER, K. Biographie. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2018. p. 1-42.

_____. Reflexões sobre a última agenda de endereços de Stefan Zweig. In: DINES, A. *A rede de amigos de Stefan Zweig: sua última agenda (1940-1942)*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig; Memória Brasil, 2014a. p. 15-23.

_____. Stefan Zweig: Life in Cities of Exile. In: VANWESENBEECK, B.; GELBER, M. H. *Stefan Zweig and the World Literature. Twenty-first century perspectives*. Rochester; New York: Camden House, 2014b. p. 213-223.

RESCH, Stephan. Kunst und Politik. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 702-707.

SCHNITZLER, A. Tenente Gustl. In: SCHNITZLER, A. *O cego Geronimo e seu irmão & Tenente Gustl*. Tradução de Mariana Ribeiro de Souza. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2016. p. 104.

_____. *Juventude em Viena: uma autobiografia*. Rio de Janeiro: Record, 2015. 475 p.

_____. *Lieutenant Gustl*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2014. 100 p.

_____. *Jugend in Wien: Eine Autobiographie*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006. 381 p.

SCHORSKE, C. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Fin-de-siècle Vienna: Politics and Culture*. Kindle Edition. ed. New York: Vintage Books Edition, 1981. 432 p.

SHAKESPEARE, W. Cymbeline. In: *The Complete Works of William Shakespeare*. Ware: Wordsworth Editions, 1996. p. 1061-1100.

SPITZER, L. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 289 p.

STAROBINSKI, J. A melancolia das ruínas. In: STAROBINSKI, J. *A invenção da liberdade 1700-1789*. Tradução de Fulvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p. 200-209.

_____. The Style of Autobiography. In: CHATMAN, S. (Org.). *Literary Style: A Symposium*. Oxford: Oxford University Press, 1971. p. 73-83.

STEINMAN, L. Stefan Zweig: the legacy of World War I and the tasks of Exile. In: GELBER, M. H.; ZELEWITZ, K. *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995. p. 73-87.

TISMANEANU, V. Disgrace and honor Hannah Arendt, Stefan Zweig and central european despair. *Frontpage mag*, 17 March 2015. Disponível em: <<http://www.frontpagemag.com/fpm/253304/disgrace-and-honor-hannah-arendt-stefan-zweig-and-vladimir-tismaneanu>>. Acesso em: 05 out. 2015.

TURNER, D. Zweig und Montaigne: Ein Dialogisieren mit dem Bleistift in der Hand? In: GELBER, M. H.; ZELEWITZ, K. *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995. p. 263-278.

VANWESENBEECK, B. A Stefan Zweig Revival? In: VANWESENBEECK, B.; GELBER, M. H. *Stefan Zweig and the World Literature. Twenty-first century perspectives*. Rochester; New York: Camden House, 2014. p. 15-34.

VENUS, T. Silberer, Geza. In: SCHWARZ, M.; SPANNAGEL, R. *Österreichisches Biographisches Lexikon 1815–1950 (ÖBL)*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, v. Band 12, 2005. p. 261. Disponível em: <http://www.biographien.ac.at/oeb1_12/261.pdf>. Acesso em: 15 jan 2019.

WEINZIERL, U. (Hrsg.). *Stefan Zweig - Triumph und Tragik: Aufsätze, Tagebuchnotizen, Briefe*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1992. 206 p.

WEINZIERL, U. Autobiografie als Epochendarstellung. In: LARCATI, A.; RENOLDNER, K.; WÖRGÖTTER, M. (Hrsg.). *Stefan-Zweig-Handbuch: Leben - Werk - Wirkung*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 340-355.

ZHANG, F. Stefan Zweigs Reflexion über den Tod. In: ZHANG, Y.; GELBER, M. H. (Hrsg.). *Neue Forschung und Rezeption von Stefan Zweig im internationalen Blickwinkel*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 2015. p. 56-66.

ZOHN, H. Der tragische Lebensabend eines großen Schieters zu Stefan Zweigs Briefen im Exil. In: GELBER, M. H.; ZELEWITZ, K. (Hrsg.). *Stefan Zweig. Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995. p. 124-136.

ZWEIG, S. *Montaigne, Manuskript [Montaigne]*. *Literaturarchiv Salzburg, SZ-AAP/W4.2*. Salzburg: Literatur Archiv Salzburg, 19 p. Disponível em: <stefanzweig.digital/o:szd.werke#SZDMSK.7>. stefanzweig.digital, hg. v. Literaturarchiv Salzburg, atualizado em 08.10.2018.

_____. *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2017a.

_____. *A cura pelo espírito: Em perfis de Anton Mesmer, Mary Baker Eddy e Sigmund Freud*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2017b. 357 p.

_____. *A unidade espiritual do mundo: um grito pela paz no Brasil*. Textos de Alberto Dines, Klemens Renoldner e Celso Lafer. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig; Memória Brasil, 2017c. 200 p.

_____. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. A História como poeta. In: ZWEIG, S. *O mundo insone e outros ensaios*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 255-271.

_____. *O mundo insone e outros ensaios. Org. e textos adicionais: Alberto Dines*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 307 p.

_____. *Schachnovelle: Kommentierte Ausgabe* (Reclams Universal-Bibliothek). Ditzingen: Reclam, Philipp, 2013. 168 p.

_____. Autobiographische Notiz. In: ALTENEDER, E.; FRITZ, E.; RENOLDNER, K. *zweigheft 07*. Salzburg: Stefan Zweig Centre Salzburg, 2012. p. 15-21. Deutsche Dichterhandschriften Lehmannsche Verlagsbuchhandlung. Dresden 1922; die Schreibweise folgt dem Original.

_____. *Briefe 1932-1942 Bd. 4*. Herausgegeben von Knut Beck und Jeffrey B. Berlin. Frankfurt am Main: S. FISCHER, v. 4, 2005. 776 p.

_____. *Montaigne*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2005. 96 p.

_____. *Briefe 1897-1917 Bd. 1*. Herausgegeben von Knut Beck, Jeffrey B. Berlin und Natascha Weschenbach-Feggeler. Frankfurt am Main: S. FISCHER, v. 1, 1995. 590 p.

_____. *Über Sigmund Freud: Porträt, Briefwechsel, Gedenkworte*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1989. 253 p.

_____. *Briefe an Freunde*. Frankfurt an Main: Fischer Taschenbuch, 1984a. 421 p.

ZWEIG, S. *Tagebücher. [Hrsg., mit Anm. und einer Nachbemerkung vers. von Knut Beck]*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1984b.

_____. Die Autographensammlung als Kunstwerk. In: FITZBAUER, E. *Stefan Zweig. Spiegelung einer schöpferischer Persönlichkeit*. Wien: Bergland Verlag, 1959. p. 44-51.

_____. Die Geschichte als Dichterin. Gesammelte Aufsätze und Vorträge 1904-1940. In: *Zeit und Welt*. Stockholm: Bermann-Fischer Verlag, 1946a. p. 337-360.

_____. Marcells Prousts tragischer Lebenslauf. In: *Zeit und Welt. Gesammelte Aufsätze und Vorträge 1904-1940*. Stockholm: Bermann-Fischer Verlag, 1946b. p. 21-31.

_____. Joseph Roth: Ansprache zur Trauerfeier (1939). In: *Über Schriftsteller*. Disponível em: <<https://gutenberg.spiegel.de/buch/uber-schriftsteller-7359/26>>. Acessado em: 20 nov. 2018.

ZWEIG, S.; BECK, K. *Die schlaflose Welt: Aufsätze und Vorträge aus den Jahren 1909-1941*. Frankfurt am Main: Fischer Klassik Plus, 2012.